

**UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL**

Soraya Kullerkupp Contro

**VERTICALIZAÇÃO DO ENSINO: IMPLEMENTAÇÃO DO PROGRAMA
DE INTEGRAÇÃO ENTRE O ENSINO MÉDIO A EDUCAÇÃO
PROFISSIONAL ARTICULADO AO ENSINO SUPERIOR**

**São Caetano do Sul – SP
2024**

SORAYA KULLERKUPP CONTRO

**VERTICALIZAÇÃO DO ENSINO: IMPLEMENTAÇÃO DO PROGRAMA
DE INTEGRAÇÃO ENTRE O ENSINO MÉDIO E EDUCAÇÃO
PROFISSIONAL ARTICULADA AO ENSINO SUPERIOR**

**Trabalho Final de Curso apresentado ao
Programa de Pós-Graduação em Educação –
Mestrado Profissional - da Universidade
Municipal de São Caetano do Sul como
requisito parcial para a obtenção do título de
Mestre em Educação.**

**Área de concentração: Formação de
Professores e Gestores**

Orientador: Prof. Dr. Nonato Assis de Miranda

**São Caetano do Sul - SP
2024**

FICHA CATALOGRÁFICA

Contro, Soraya Kullerkupp

Verticalização do ensino: Implementação do programa de integração entre o Ensino Médio e Educação Profissional Articulada ao Ensino Superior/ Soraya Kullerkupp Contro; orientador Nonato de Assis Miranda. –São Caetano do Sul,2024. 276 fls.

Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Educação)– Universidade Municipal de São Caetano do Sul, 2024.

1 Gestão da educação. 2 Educação profissional. 3 Verticalização do ensino.4. Articulação médio superior. Programa de Pós - Graduação em Educação,2024.

COD.C764

**Reitor da Universidade Municipal de São Caetano do Sul
Prof. Dr. Leandro Campi Prearo**

**Pró-reitora de Pós-graduação e Pesquisa
Profa. Dra. Maria do Carmo Romeiro**

**Gestão do Programa de Pós-graduação em Educação
Profa. Dra. Ana Sílvia Moço Aparício**

Trabalho Final de Curso defendido e aprovado em 01/08/2024 pela Banca.
Examinadora constituída pelos(as) professores(as):

Prof. Dr. Nonato de Assis Miranda orientador (USCS)

Prof. Dr. Marco Wandercill da Silva titular interno (USCS)

Prof. Dr. Estéfano Vizconde Veraszto membro externo (UFSCAR)

Dedico este trabalho aos meus queridos e amados filhos, Odon e Thomas, que sempre foram os meus maiores incentivadores e companheiros nesta jornada e em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer aos meus filhos, Thomas e Odon, pela compreensão pelas minhas ausências e principalmente pelo incentivo nos momentos mais difíceis.

Ao meu orientador, Nonato Miranda de Assis, pelas orientações acadêmicas, disponibilidade e compreensão nos momentos mais difíceis de construção dos conhecimentos e nos processos na elaboração e execução da pesquisa.

A Superintendente do Centro Paula Souza, Profa. Laura Laganá, em incentivar e permitir a realização da pesquisa.

Ao Coordenador do Ensino Médio e Técnico do Centro Paula Souza, Prof. Almério Melquíades Araujo, que além de permitir a realização da pesquisa, dispendeu do seu tempo para ser entrevistado contribuindo em muito para o entendimento da proposta do programa AMS.

Aos docentes do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu - Mestrado Profissional em Educação da USCS, pelas correções e ensinamentos que me permitiram apresentar um melhor desempenho no meu processo de formação profissional.

As equipes de gestão escolar, professores e alunos das Etecs em dispender seu tempo para participar das entrevistas.

RESUMO

O presente trabalho tematiza a implementação do ensino verticalizado, mais precisamente a modalidade de ensino Articulação Médio Superior, que está sendo implementada pelo Centro Estadual de Educação Profissional Técnica e Tecnológica Paula Souza (Ceeteps). Essa nova modalidade de ensino promove, como seu nome indica, a articulação entre os níveis de Ensino Médio e Superior de uma mesma instituição de ensino público, e os alunos não necessitam passar por um exame de seleção para o ingresso no ensino superior. Nesse contexto, partiu-se da seguinte pergunta de pesquisa: Como está acontecendo o processo de implementação da verticalização do ensino, “Articulação Médio Superior” (AMS), no Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (Ceeteps) O objetivo geral da investigação foi analisar a implementação da “Articulação Médio Superior” (AMS), no Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (Ceeteps). Levando-se em conta que o ambiente da pesquisa proposta é o ambiente escolar, constituído por diferentes atores, cada um com diferentes vivências e saberes e que, conseqüentemente, podem apresentar diferentes olhares para um mesmo fato ou ação, optou-se por uma pesquisa qualitativa. Com relação aos instrumentos de coleta de dados, optou-se pela aplicação de entrevistas semiestruturadas, visto que se pretendia mapear as ações da equipe de gestão escolar, na articulação entre os indivíduos participantes do processo de implementação do ensino verticalizado os sujeitos selecionados foram Coordenador Técnico do Ensino Médio de Nível Técnico, Diretor de Etec, Coordenadores Pedagógicos, Coordenadores de Curso, Professores e alunos, que trabalhavam em tal lugar. Quanto aos dados coletados, eles foram analisados por meio da comunicação com os entrevistados, buscando os significados e sentidos de suas concepções no que concerne à implementação da verticalização do ensino. Para tanto, optou-se pelo método de análise de conteúdo, proposto por Laurence Bardin. Acerca do referencial teórico, o estudo ancorou-se nas contribuições de Lury Ribeiro, Amanda de Aquino Tavares, Danielle Cristina Silva, Blenda Cavalcante Oliveira, Margarete Quevedo, Miguel Arroyo, José M.P. Azanha, Vanessa Caires, Dermeval Saviani, Otaíza Romanelli. Os resultados mostraram que a implementação da modalidade de ensino AMS foi um desafio para todos os envolvidos, que ainda existem ajustes necessários no desenvolvimentos das práticas do cotidiano escolar na efetuação da verticalização do currículo, porém todos os entrevistados entendem como uma modalidade inovadora e que permite ao estudante em um período de 5 anos a conclusão do ensino médio, técnico e superior, sem passar por um processo classificatório de vestibular. Ademais, foi proposto um produto educacional que consiste em um Guia de Orientações e dicas de integração no desenvolvimento de um currículo verticalizado através de projetos interdisciplinares e ações integradas Etec, Fatec e Empresa parceira.

Palavras-chave: gestão da educação; educação profissional; verticalização do ensino; articulação médio superior, currículo integrado.

ABSTRACT

The present work addresses the implementation of verticalized education, specifically the Articulação Médio Superior (AMS) teaching modality, which is being implemented by the Centro Estadual de Educação Profissional Técnica e Tecnológica Paula Souza (Ceeteps). This new teaching modality promotes, as its name indicates, the articulation between the levels of secondary and higher education within the same public education institution, and students do not need to take a selection exam for entry into higher education. In this context, the following research question was posed: How is the process of implementing the verticalization of education, "Articulação Médio Superior" (AMS), happening at the Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (Ceeteps)? The general objective of the investigation was to analyze the implementation of "Articulação Médio Superior" (AMS) at the Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (Ceeteps). Considering that the proposed research environment is the school environment, comprised of different actors, each with different experiences and knowledge, and who, consequently, may present different perspectives on the same fact or action, a qualitative research approach was chosen. Regarding data collection instruments, semi-structured interviews were chosen, as the aim was to map the actions of the school management team in the articulation among the individuals participating in the implementation process of verticalized education. The selected subjects were the Technical Education Coordinator, Etec Director, Pedagogical Coordinators, Course Coordinators, Teachers, and Students working in that place. As for the collected data, they were analyzed through communication with the interviewees, seeking the meanings and senses of their conceptions concerning the implementation of education verticalization. For this, the content analysis method proposed by Laurence Bardin was chosen. Concerning the theoretical framework, the study was anchored in the contributions of Iury Ribeiro, Amanda de Aquino Tavares, Danielle Cristina Silva, Blenda Cavalcante Oliveira, Margarete Quevedo, Miguel Arroyo, José M.P. Azanha, Vanessa Caires, Dermeval Saviani, Otaíza Romanelli. The results showed that the implementation of the AMS teaching modality was a challenge for all involved, that there are still necessary adjustments in the development of daily school practices in the execution of curriculum verticalization, but all interviewees understand it as an innovative modality that allows students to complete secondary, technical, and higher education within a 5-year period without undergoing a selection process like vestibular. Additionally, an educational product was proposed, consisting of a Guide of Guidelines and Tips for integration in the development of a verticalized curriculum through interdisciplinary projects and integrated actions between Etec, Fatec, and partnering companies.

Keywords: professional education, verticalization of education, higher secondary articulation, AMS implementation, integrated curriculum.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1 Fluxograma: articulação dos níveis de ensino primário e superior | 33 |
| Figura 2 Fluxograma dos marcos regulatórios das Constituições brasileiras, de 1824 a 1988. | 40 |
| Figura 3 Fluxograma Articulação Tendencial entre os níveis de ensino, segundo a LDB. | 42 |
| Figura 4 Fluxograma - Articulação entre os níveis de ensino | 44 |
| Figura 5 Fluxograma- Percurso de formação previsto no Decreto n. 2208/97 | 49 |
| Figura 6 Figura 06. Fluxograma- Articulação entre os níveis de ensino segundo a Lei 13.415/2017 e a Resolução CNE/CPn° 01/2021 | 53 |
| Figura 7 Fluxograma: Etapas da análise, de acordo com Bardin (2004)..... | 64 |
| Figura 8 Fluxograma da elaboração do Guia de Orientações | 96 |

LISTA DE QUADROS

| | | |
|----------|---|----|
| Quadro 1 | Quadro de análise de dados..... | 67 |
| Quadro 2 | Quadro-resumo da categorização e subcategorização da dimensão 1 ... | 68 |
| Quadro 3 | Quadro-resumo da categorização e subcategorização da dimensão 2 ... | 71 |
| Quadro 4 | Quadro-resumo da categorização e subcategorização da Dimensão 3. . | 75 |
| Quadro 5 | Quadro-resumo da categoria e das subcategorias da Dimensão 4 | 81 |
| Quadro 6 | Quadro-resumo da categoria e das subcategorias da Dimensão 5 | 88 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- AMS** Articulação Médio Superior
- BNCC** Base Nacional Comum Curricular
- CBE** Resoluções da Câmara de Educação Básica
- CBO** Classificação Brasileira de Ocupações
- CC** Coordenadores de Curso
- CEE** Conselho Estadual de Educação
- CEET** Centro de Educação Tecnológica de São Paulo
- CEETEPS** Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
- CNCT** Catálogo Nacional de Cursos Técnicos
- CNE** Conselho Nacional de Educação
- CP** Coordenadores Pedagógicos
- CPN** Comissão Permanente de Negociação
- DCNEP** Diretrizes Curriculares Nacionais da Ed Profissional Técnica de Nível Médio
- EPTNM** Cursos da Educação Profissional Técnica de Nível Médio
- ETEC** Escola Técnica Estadual
- FATEC** Faculdade de Tecnologia
- GFAC** Grupo de Formulação e Análise de Currículos
- IF** Instituto Federal
- LDB** Lei de Diretrizes e Bases
- MEC** Ministério da Educação
- PROEJA** Programa de Integração Ed Profissional ao EM na modalidade de EJA
- PRODEM** Progresso e Desenvolvimento Municipal
- SECTI** Secretaria da Ciência, Tecnologia e Inovação
- SEDUC** Secretaria da Educação do Estado de São Paulo
- SENAC** Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
- SENAI** Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
- SENTEC** Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
- SNFMO** Sistema Nacional de Formação de Mão-de-Obra
- UNE** União Nacional dos Estudantes

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| MEMORIAL | 15 |
| 1 INTRODUÇÃO | 19 |
| 2 A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NO CONTEXTO DA ARTICULAÇÃO ENTRE OS NÍVEIS DE ENSINO | 27 |
| 2.1 A Educação Profissional na perspectiva das Constituições | 27 |
| 2.2 Educação Profissional na perspectiva das Leis de Diretrizes e Bases alicerçadas nas Constituições vigentes..... | 40 |
| 2.3 Marcos regulatórios posteriores à LDB 9394/96 para a Educação Profissional | 53 |
| 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS | 58 |
| 3.1 Descrição da pesquisa | 59 |
| 3.2. Caracterizando o universo da pesquisa e os sujeitos | 60 |
| 3.3 Coleta de dados | 61 |
| 3.4 Análise dos depoimentos | 63 |
| 3.4.1 A Dimensão 1: “Percepção da modalidade de ensino verticalizado” | 67 |
| 3.4.2 A Dimensão 2: “Formação do aluno ” — Construção de um clima organizacional que contribua para a promoção de uma formação global do estudante | 70 |
| 3.4.3 A Dimensão 3: “Impactos da implementação da modalidade de ensino na organização escolar” | 74 |
| 3.4.4 Dimensão 4: “Percepções sobre a implementação de um currículo verticalizado” — interdisciplinaridade entre os níveis de ensino | 80 |
| 3.4.5. Dimensão 5: “Aplicação das atividades de contextualização profissional (ACP)” – Desenvolvimento das atividades de contextualização profissional | 87 |
| 4 PRODUTO EDUCACIONAL | 95 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 97 |
| REFERÊNCIAS | 103 |
| APÊNDICES | 112 |
| ANEXO A | 269 |
| ANEXO B | 273 |
| ANEXO C | 275 |

MEMORIAL

Minha carreira na área da Educação se deu no ano de 1990, quando estava terminando a graduação em Química Industrial. No início, foi um desafio, pois não tinha licenciatura, e minha primeira experiência foi com quatro turmas do Ensino Fundamental II — à época, nas chamadas quintas séries —, na disciplina de Ciências. Depois de um período de insegurança, apaixonei-me pela profissão docente.

O tempo passou, e comecei a ministrar aulas de Química para o Ensino Médio, o que me fez retornar à faculdade para fazer a licenciatura em Ciências com habilitação em Química. Isso me propiciou o ingresso como professora efetiva do estado de São Paulo nessas duas disciplinas. Porém, novos desafios apareceram, e passei a lecionar no Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (Ceeteps), como professora por prazo indeterminado no ano 2001, ingressando na Educação Profissional.

Foi um período desafiador, haja vista a dicotomia existente entre a Educação Propedêutica e Educação Profissional. Felizmente, naquele momento, pela minha formação, tive a oportunidade de ministrar aulas tanto na Educação Básica na rede estadual de ensino, quanto na Educação Profissional, no Ceeteps, no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, instituição com história consolidada na Educação Profissional.

Nos anos que se seguiram, além de atuar em sala de aula, iniciei minha trajetória em funções administrativas, concomitantemente às aulas ministradas. Comecei como coordenadora do curso técnico em Química na ETEC Getúlio Vargas, uma das mais antigas escolas técnicas de São Paulo. Foi uma experiência enriquecedora, pois comecei a entender a importância da equipe de gestão pedagógica no desenvolvimento, execução e monitoramento das atividades e ações pedagógicas, que alicerçam o desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem.

Após um período na coordenação, recebi o convite para atuar como coordenadora de implantação da Etec de Heliópolis, inserida na maior comunidade do estado de São Paulo.

Foi um período de grande aprendizagem, visto que tive a possibilidade de não só acompanhar a construção física do prédio — uma obra do famoso arquiteto Ruy Otake —, mas também o processo de implantação de todos os setores — entre eles a Diretoria de Serviços Acadêmicos e a Diretoria de Serviços Administrativos —, de estruturação dos laboratórios das diferentes habilitações, nos diferentes eixos tecnológicos e da elaboração do projeto político-pedagógico (PPP) da escola e do plano plurianual de gestão. Em suma tive a chance de desenvolver competências e habilidades da gestão escolar.

Após esse processo inicial de implantação da unidade, em junho de 2009, fui convidada a assumir a Direção da escola recém-criada. Nela permaneci por dois mandatos, somando mais dois anos de designação *pró-tempore*, totalizando 10 anos. Devo dizer que eles foram os mais importantes da minha vida profissional, pois, trabalhando na comunidade de Heliópolis, tive a real dimensão do impacto de uma formação profissional na vida dos estudantes. Isso porque, a partir dela, os alunos são capazes de transformar suas vidas e a de suas famílias, bem como o local onde vivem.

Foram muitas histórias de conquistas desses educandos. Embora tivéssemos histórias tristes, posso dizer, pelo tempo em que estive na posição de diretora, que as histórias de sucesso se sobrepuseram. Nesse contexto, tive a certeza de que tudo passa pela Educação. Assim, se quisermos um mundo melhor, temos de proporcionar uma Educação de qualidade e criar oportunidades para que esses estudantes sejam capazes de transformar sua realidade e a dos que o cercam.

A partir dessa vivência, passei a compreender o quão importante é oportunizar aos discentes uma formação politécnica, por meio da qual adquiram os conhecimentos necessários a fim de dar continuidade aos seus estudos, ingressando no nível superior e de maneira competitiva no mundo do trabalho.

Sabemos que a transposição dos níveis na Educação não ocorre com a mesma facilidade para todos. Logo, são necessárias políticas públicas capazes de possibilitar caminhos para que esses jovens possam continuar sua trajetória acadêmica.

Acerca das políticas públicas pensadas para a Educação Básica, a Lei nº 13.415/2017, do Novo Ensino Médio, que alterou a Lei 9394/96, de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, estabeleceu mudanças na estrutura organizacional do Ensino Médio e flexibilizou o currículo, que passou a ser organizado por áreas de conhecimento, distribuídas em 5 Itinerários formativos.

Essa nova proposta acarretou uma alteração nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica e Tecnológica, por meio da Resolução, CNE/CP nº 01, de janeiro de 2021. Esta última possibilitou a articulação entre as diferentes modalidades de ensino da Educação Profissional com a Educação Básica. Entre as novas modalidades de ensino, uma delas se destacou como uma proposta inovadora: a Articulação Médio Superior (AMS – P-Tech).

Essa modalidade consiste na associação da Educação Básica integrada à Educação Profissional e articulada com o Ensino Superior, com a participação de uma ou mais empresas parceiras do setor produtivo, cujo encargo é propiciar aos estudantes novos espaços no desenvolvimento das competências de aprendizagem técnicas. Com isso, materializa-se a verticalização do ensino.

O caráter inovador da AMS instigou-me a pesquisar a verticalização do ensino na Educação Profissional. Trata-se de um aspecto que converge com o meu sentimento de possibilitar o acesso dos estudantes, mais especificamente, a transição para um curso superior sem a necessidade de se passar por um processo de seleção.

A proposta se mostra interessante, pois um aluno que ingressa no nível médio por volta dos 15 anos, aos 20, já poderá ter concluído sua formação de nível superior, podendo dar continuidade aos estudos, ingressando em uma pós-graduação. Essas possibilidades motivaram-me a realizar a presente investigação, uma vez que entendo tal modalidade como uma proposta inovadora para o Ensino Médio, que atualmente passa por uma crise de identidade, no que concerne ao que dele se espera.

Vale lembrar que tal percepção se deu pelos conhecimentos adquiridos no transcorrer da minha trajetória profissional. Em setembro de 2019, por exemplo, assumi a função de gestora de supervisão educacional da Regional Grande SP Sul e Baixada Santista, atendendo a 25 Escolas Técnicas (Etecs), 25 Classes Descentralizadas e 25 turmas de Ensino Médio Intercomplementar, em parceria com a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (Seduc). Hoje, a Regional conta com 32.000 alunos e, entre professores e servidores administrativos, são aproximadamente 3000 trabalhadores, configurando-se a maior Regional do Ceeteps.

A partir desse novo olhar, construído por intermédio dessa nova função, pude entender a variedade de modalidades de ensino ofertadas pelas instituições, bem como o impacto social que cada uma delas apresenta nas diferentes regiões onde são ofertadas.

Desse modo, sobre a AMS, recai a expectativa de uma nova possibilidade de formação dos discentes, mediante um currículo diferenciado e com a proposta de uma formação politécnica.

Por meio do exposto, ressalta-se a importância de uma escola pública de qualidade, que busque caminhos para uma formação politécnica e seja capaz de oportunizar um desenvolvimento omnilateral e facilitar a transição de níveis de ensino pelos estudantes. Por essas razões, optei por realizar a presente pesquisa, apresentada a seguir.

1 INTRODUÇÃO

A Educação Profissional tem um papel importante no desenvolvimento econômico e social do país, porém, desde sua implantação vem sofrendo mudanças em sua articulação entre os ramos e ciclos de ensino, para atender demandas políticas e econômicas. Partindo de tal premissa, foi escolhido como ponto de partida, para melhor entender a transposição de níveis de ensino pelos discentes na Educação Profissional uma análise dos marcos regulatórios, partindo da Constituição de 1824 e, como ponto de chegada, a Constituição de 1988, buscando delinear a trajetória da Educação Profissional a partir do proposto nas cartas magnas brasileiras. Seguindo essa mesma linha de pensamento, foram analisadas as quatro Leis Diretrizes e Bases da Educação, salientando os movimentos de articulação horizontal e vertical entre os níveis da Educação Básica e a Educação Profissional.

A Educação Profissional, desde sua implantação, esteve vinculada as questões econômicas, sociais e políticas, portanto, é fundamental considerar o contexto político de cada momento histórico a que ela se refere no Brasil. Por meio desta contextualização, tencionamos compreender os motivos da dicotomia existente entre a Educação Profissional e o Ensino Propedêutico, bem como a influência das políticas públicas de cada momento histórico e suas implicações na articulação entre os níveis de ensino e no ensino integrado. Neste último aspecto, aborda-se a relação entre a Educação de Nível Médio Integrada ao Técnico e sua articulação com o Ensino Superior, denominada verticalização do ensino.

Acerca da verticalização do ensino, vale lembrar que não se trata de elemento inovador na história da Educação Profissional, mais especificamente, a articulação entre os níveis de ensino na Educação ocorre desde a Reforma Capanema, porém a articulação entre o nível médio e o superior é mais recente.

A Lei 11.892, de 29 de dezembro de 2008, apresentou uma educação profissional e tecnológica, pluricurricular e multicampi, aproximando os níveis de ensino e integrando os currículos entre a Educação Básica e a Educação Profissional. Somada a isso, a Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017, apresentou o Novo Ensino Médio, propondo um currículo desse segmento composto por duas partes: a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e os Itinerários Formativos, que deveriam ser organizados em diferentes modalidades de ensino, corroborando com a implantação da modalidade de ensino foco da presente pesquisa, denominada Articulação Médio

Superior (AMS) em 2019, pelo Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (Ceeteps).

Nos Institutos Federais (IF), essa proposta só foi apresentada pelo Ministério da Educação por meio da Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (Sentec), quando do lançamento do *Projeto Verticaliza*, em 6 de abril de 2022. A iniciativa do MEC visou proporcionar aos estudantes o aproveitamento dos estudos dos cursos técnicos de nível médio para ascensão ao curso superior de tecnologia que contou com a parceria do Instituto Federal de São Paulo (IFSP).

No estado de São Paulo, o Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (Ceeteps) apresentou um projeto-piloto, em 2019, denominado Articulação Médio Superior (AMS). Esse programa de ensino busca a integração entre a Educação Básica a Educação Profissional de nível médio e promove a articulação entre os níveis de ensino verticalmente com a Educação Superior. Tenciona-se, portanto, promover uma formação global do aluno, bem como integrar empresas privadas, que ingressam nessa iniciativa com o propósito de ampliar a formação discente no que concerne às competências profissionais. Segundo Kuenzer (2006)

Para que a integração entre a Educação Básica, à Educação Profissional articulada ao Ensino Superior ocorra com efetividade social e garantia de Direitos, existe a necessidade de se romper com a dualidade, fragmentação e baixa oferta de vagas, no que diz respeito a educação profissional, bem como, se faz necessário uma confluência entre as políticas públicas propostas pelos órgãos que deliberam sobre as políticas educacionais para as escolas das redes federais, estaduais e municipais (Kuenzer,2006, p.311).

A partir da confluência dessas políticas públicas e visando a implementação da verticalização do ensino na Educação Profissional, foi elaborado pelo Grupo de Formulação e Análise de Currículos(Gfac) do Ceeteps um Plano de Curso para essa ser aplicada neste programa.

Apresentou um currículo integrado, que atende às Diretrizes Curriculares propostas para a Educação Básica, as Diretrizes da Educação Profissional, a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) e o Catálogo Nacional de Cursos Técnicos (CNTC). Há, ainda, uma Matriz de Referência, que apresenta as competências e habilidades técnicas a serem desenvolvidas nas atividades de contextualização profissional, consideradas pré-requisito para o ingresso do aluno no nível superior.

Essa Matriz de Referência foi elaborada a partir de uma articulação entre a instituição de ensino e a empresa privada parceira, contendo uma carga horária de atividades de contextualização profissional (ACP) que totaliza 200 horas, que devem ser realizadas no transcorrer das três séries do Ensino Médio Integrado ao Técnico.

Vale ressaltar que o cumprimento das 200 horas dessas atividades (ACP) pelos discentes é o pré-requisito necessário para que os estudantes possam ingressar em um curso de nível superior (Graduação) correlato à habilitação técnica de nível médio cursada, sem a obrigatoriedade de realizar um processo seletivo (vestibular).

Nota-se que, tanto em âmbito Federal quanto em âmbito Estadual, existem propostas de articulação entre a Educação Básica, a Educação Profissional e a Educação Superior. Sendo assim, cabe uma análise dessas propostas com vistas a compreender a implementação dessa articulação entre os diferentes níveis de ensino e os desafios para a implementação do programa AMS que busca novos caminhos para a formação dos discentes.

A formação politécnica procura romper com as diferenças entre a formação técnica e propedêutica, busca desenvolver no discente todas as potencialidades humanas, integrando todas as áreas dos conhecimentos, ciência, cultura, humanismo e tecnologia, visando uma formação omnilateral (Ciavatta; Frigotto, 2005, p.37).

É oportuno salientar que o Ceeteps apresenta condições organizacionais e estruturais que o colocam em uma situação que o favorece a implementação da verticalização do ensino. Trata-se de uma autarquia do Governo do Estado de São Paulo, vinculada à Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação (Secti). Presente em 363 municípios, a instituição administra 224 Escolas Técnicas e 76 Faculdades de Tecnologia (Fatecs), com mais de 316 mil alunos em cursos técnicos de nível médio, cursos de graduação (tecnológicos), pós-graduação, atualização tecnológica, extensão e mestrado profissional (São Paulo [s.d]).

Hoje, as Etecs contam com aproximadamente 226 mil alunos, distribuídos nos Ensinos Técnico e Integrado em diferentes modalidades de ensino. São oferecidos 186 cursos técnicos e 75 cursos integrados, pertencentes a três modalidades, Médio Integrado ao Técnico – período Integral (M-Tec-PI); Médio Integrado ao Técnico (M-Tec); e Articulação da Formação Profissional Médio e Superior (AMS).

Essa diversidade de modalidades de ensino permite uma articulação vertical entre a Educação Básica de Nível Médio Integrada ao Técnico e o Ensino Superior, a já mencionada verticalização do ensino.

Esse processo, que ocorre entre a Educação Básica Integrada a Educação Profissional de nível Médio Articulada com o Ensino Superior (AMS) requer um currículo que atenda à formação básica e à formação técnica. Ademais, precisa contemplar as competências e habilidades necessárias para o também já referido ingresso do aluno no Ensino Superior correlato à habilitação profissional do curso técnico, sem realizar processo de seleção.

Segundo Pacheco (2011, p. 24), “A verticalização, por seu turno, extrapola a simples oferta simultânea de cursos em diferentes níveis, existe uma preocupação em organizar os conteúdos curriculares de forma a permitir um diálogo rico e diverso entre as formações”. Essa integração entre a formação técnica e formação propedêutica do estudante não se dá de forma isolada; pelo contrário, depende de uma série de fatores, entre eles, o currículo que será proposto e o trabalho do professor na aplicação desse currículo.

Logo, justifica-se a realização de uma pesquisa sobre: como está sendo desenvolvido esse currículo na prática do cotidiano escolar; como os trabalhos multidisciplinares estão sendo acompanhados pela equipe pedagógica visando verificar o desenvolvimento das habilidades ,competências técnicas, cognitivas e socioemocionais nos discentes, em atendimento a uma formação plena, tanto no que tange à sua formação técnica quanto à de uma efetiva formação cidadã.

A Verticalização do ensino passa a fazer sentido quando observamos a proposta curricular, ou seja, o currículo apresenta a quebra da hierarquização dos saberes entre a formação técnica e a formação propedêutica, promovendo um diálogo e uma integração entre os saberes, científicos, tecnológicos, sociais e humanísticos e as habilidades e competências da formação técnica. Essa proposta se apresenta como um grande desafio para educação básica (Pacheco, 2011, p.22).

No que tange ao currículo, a proposta da articulação entre a Educação Básica, o Ensino Superior e o mundo do trabalho têm a incumbência de formar estudantes qualificados para ingresso no mercado de trabalho, além do compromisso de uma formação global e cidadã. Para tal, exige um currículo muito bem elaborado e o acompanhamento pedagógico da sua execução, incluindo-se, nesse processo, as 200

horas de contextualização profissional, que qualificam o estudante para o ingresso no ensino superior.

A inquietação que passou a fazer parte do meu cotidiano foi a de delimitar o papel do gestor de supervisão escolar dentro deste contexto amplo. Tal questionamento se fazia mais pujante à medida que as demandas do cotidiano do trabalho fugiam do âmbito; do mesmo modo, interessava-me saber como estão sendo desenvolvidas as 200 horas de contextualização profissional nas escolas que ofertam o programa Articulação dos Ensinos Médio, Técnico e Superior (AMS).

Em face do exposto, formulou-se a seguinte pergunta de pesquisa: Como ocorre o processo de implementação da Articulação Médio Superior (AMS), no Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (Ceeteps)?

Com vistas a responder a tal indagação, o objetivo geral do trabalho foi a de identificar e analisar os processos realizados pela equipe de gestão na implementação da Articulação Médio Superior (AMS), no Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (Ceeteps).

Em termos de objetivos específicos, buscamos:

- Descrever a trajetória da Educação Profissional na perspectiva dos marcos regulatórios;
- Analisar a implementação das atividades de contextualização profissional;
- Analisar as concepções dos diretores, coordenadores pedagógicos e coordenadores de curso acerca da implementação dessa modalidade de ensino;
- Elaborar um guia de procedimentos de implementação das atividades de contextualização.

A modalidade aqui investigada foi escolhida devido ao fato de ser uma proposta recente. Ademais, porque foi implantada para atender à dimensão vertical, propondo-se a atenuar o processo de estratificação dos sistemas educacionais, como uma possibilidade de ampliação das chances de estudantes completarem sua transição educacional.

A temática de uma nova proposta para o Ensino Médio tem ocupado a mídia de maneira significativa nos últimos anos e se intensificou nos últimos meses após o ministro da Educação, Camilo Santana, anunciar a suspensão, por 60 dias, da implementação da reforma do Ensino Médio.

Tal decisão nos instiga a uma reflexão mais profunda a respeito das modalidades de ensino integrado e das articulações entre os diferentes níveis de ensino, o que não deixa de ser uma proposta real para o segmento em questão em nosso país.

Nesta conjuntura, surgiu o interesse em empreender uma pesquisa sobre a verticalização do ensino e sua contribuição para ampliação da ascensão dos estudantes ao nível superior. Antes de mencionar os trabalhos pesquisados, é importante salientar que não existem muitos estudos sobre a verticalização do Ensino Técnico de nível médio articulado ao Ensino Superior, haja vista a recente publicação das leis que possibilitam a implantação dessa modalidade de ensino.

Ressalvo que não é requisito obrigatório ser a mesma instituição de ensino a ofertar essa articulação, porém, após pesquisas nas plataformas IBDT e Oasis.com, não foram encontradas pesquisas referentes a essa articulação entre instituições diferentes.

As pesquisas já realizadas ocorreram nos Institutos Federais, que ofertam tanto o Ensino Médio quanto o Ensino Superior, portanto, existe a facilidade da oferta do Ensino Médio articulado ao Ensino Superior (AMS). Os autores pesquisados abordam, em sua maioria, a verticalização do ensino sob um olhar voltado para as questões da carreira docente e formação do professor. Esses estudos, mesmo não tendo o foco direto no processo de ensino-aprendizagem, contemplam, em capítulos ou mesmo subcapítulos, a questão da verticalização do ensino e o currículo proposto.

Ribeiro (2022) descreve a trajetória da Educação Profissional na rede federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, iniciando sua análise a partir da criação das Escolas de Aprendizes Artífices no início do séc. XX e perpassando as cinco institucionalidades, em atendimento às políticas públicas de cada momento histórico, que visavam a atender muito mais às demandas políticas e econômicas do que às sociais. Além disso, faz referência à Lei nº11.892/2008, que possibilita promover a integração e verticalização da educação básica à educação profissional. Nesse trabalho, afirma-se que a verticalização do ensino promove aos alunos uma educação para a vida e para atuarem em vários setores da economia.

O autor realiza um estudo de caso que aborda a verticalização do ensino com um olhar voltado para os alunos egressos do Ensino Médio e sua permanência no Ensino Superior, associando essa permanência ao perfil socioeconômico desses estudantes.

Conclui-se que os alunos do curso médio integrado apresentam uma formação humana, integral e omnilateral, bem como condições de acessar e permanecer no Ensino Superior.

Tavares (2018) aborda o processo de expansão da rede federal de ensino a partir da Lei nº11.892/2008. Em sua pesquisa, apresenta o tema da verticalização do ensino, porém com foco nos profissionais que atuam na educação profissional tecnológica. Destaca-se o desenvolvimento das atividades pedagógicas, pois entende-se que os profissionais dessa modalidade de ensino precisam se manter atualizados para atender aos alunos dos diferentes níveis de ensino.

Silva (2017) trata dos impactos da verticalização do ensino, por meio do desempenho docente. Dissertando sobre os desafios do professor que se vê diante de uma diversidade de conteúdos e alunos de diferentes faixas etárias, salienta-se a necessidade de um profissional mais bem qualificado para suprir essa nova demanda. A mesma temática é explorada por Oliveira (2016), porém, em sua investigação contempla aspectos das políticas públicas que criaram os Institutos Federais, desde o período do escravismo até o período industrial em nosso país.

Quevedo (2016), por sua vez, concentra-se nos desafios concernentes à implantação da verticalização do ensino na rede federal. Para tanto, realiza uma análise documental das normativas internas e a escuta dos sujeitos envolvidos no processo de implantação do ensino verticalizado, com o intuito de entender a operacionalização dessa modalidade de ensino, que envolve uma relação direta entre a educação e o trabalho.

A partir da leitura dos trabalhos de pesquisa sobre o tema, pude constatar a ausência de um recorte mais próximo ao aqui proposto. Assim, no que tange à perspectiva teórica, busquei o apoio nos marcos regulatórios que apresentam e possibilitam a integração e articulação entre os níveis de ensino, levando em conta o contexto político, econômico e social do nosso país. Foram analisadas as Constituições e as Leis de Diretrizes e Bases, a fim de estabelecer uma trajetória de como se deu, no transcorrer dos séculos XIX, XX e XXI, a articulação horizontal e vertical entre os níveis de ensino, bem como de elencar os requisitos necessários para esses movimentos dos estudantes em sua vida escola.

Nesse sentido, baseei-me em Kuenzer (2006), que se coloca a favor de uma Educação Profissional integrada à Educação Básica, articulada com o Ensino Superior, frisando a importância de consolidar a articulação entre os níveis de ensino

nas três esferas públicas — Municipal, Estadual e Federal. Já Ciavatta; Frigotto (2006), apresentam o ideário de uma formação politécnica, resgatando princípios de formação humana e a integrada ao ensino da cultura e tecnologia.

No que tange aos avanços da verticalização, Pacheco (2011), um estudioso da Educação Profissional, aborda a importância de um currículo bem construído para que essa integração possa elevar a uma nova identidade na última etapa da Educação Básica. Para contrapor alguns conceitos desse autor, embasei-me na obra de Cunha (2000), que tece algumas críticas a respeito da junção entre a Educação Propedêutica e o Ensino Profissional.

Além desses autores, merecem destaque: Arroyo (2011), Azanha (1994), Caires (2016), Saviane (2003), Romanelli (1986), Mont'alvão (2011); Minhoto (2000), Moreira (2000), Oliveira (2003), entre outros. Todos eles foram consultados e serviram de base teórica para fundamentar a presente investigação.

Com relação à estrutura, a dissertação está organizada em um tema central que aborda a História da Educação Profissional no Contexto da Articulação entre os níveis de Ensino, em seguida está dividida em subseções, sendo que na primeira subseção é apresentada a organização entre os níveis de ensino a partir das oito Constituições Brasileiras, abordando a articulação e a integração entre a Educação Básica e a Educação Profissional.

Na segunda subseção são abordadas as 3 Leis de Diretrizes e Bases e suas implicações na educação básica integrada a educação profissional e a sua articulação entre os níveis de ensino. Em sua última subseção são apresentados os marcos regulatórios da Educação Profissional posteriores a última Lei de Diretrizes e Bases 9394/96.

Em seguida, apresento a metodologia que foi utilizada para a realização da pesquisa, o produto desenvolvido, que consiste em um guia com orientações e diretrizes para equipe pedagógica, a partir da constatação das dificuldades apresentadas para o cumprimento das 200 horas de contextualização profissional

2 A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NO CONTEXTO DA ARTICULAÇÃO ENTRE OS NÍVEIS DE ENSINO

A Educação Profissional em nosso país esteve presente em toda a trajetória de construção de Leis e Decretos para a Educação; em alguns momentos, de maneira explícita, enquanto em outros implicitamente. Essa percepção se dá em muito pelo contexto social, político e econômico em que essas legislações foram elaboradas e implementadas, e a quais grupos se pretendia atender na ocasião.

Na presente seção, pretendo analisar as relações existentes entre os níveis de ensino, tanto no que concerne ao movimento horizontal — ou seja, a integração entre a Educação Básica e a Educação Profissional de nível médio —, quanto à verticalização entre os níveis de ensino na Educação Básica, e entre a Educação Básica e o Nível Superior. Fecham-se, assim, os movimentos dentro de uma esfera política na Educação Profissional, que vem sendo, ao longo dos séculos, determinada por políticas educacionais que objetivam a contemplar a formação politécnica do aluno.

Para tanto, examinou-se as Constituições brasileiras e Leis de Diretrizes e Bases propostas desde o séc. XIX até o Séc. XXI. O intuito foi o de compreender os movimentos ocorridos através dos séculos entre os níveis de ensino, até se chegar à proposta atual de uma verticalização do ensino entre a Educação Básica e o Ensino Superior.

2.1 A Educação Profissional na perspectiva das Constituições

A primeira Constituição do Brasil foi outorgada em 25 de março de 1824, com o propósito de atender aos interesses do imperador D. Pedro I. O contexto político mundial à época influenciou na redação de nossa primeira Carta Magna, pois ela foi concebida em plena Revolução Francesa, que apresentava o ideário de liberdade, igualdade e fraternidade. Entretanto, é preciso ressaltar que, embora nossa primeira Constituição tencionasse garantir os direitos civis e políticos dos cidadãos brasileiros, mantinha-se a escravidão no país. Na ocasião,

Iniciou-se a implantação de atividades e de empreendimentos industriais estatais e privados para subsidiar o comércio que interessava a metrópole. Ao mesmo tempo, gestou-se a formação do Estado Nacional e a constituição do aparelho educacional escolar, que persistiu por mais de um século, basicamente com a mesma estrutura (Cunha, 2000, p.91).

Foi um período de grandes transformações econômicas e políticas, pois o Brasil deixou de ter sua economia pautada somente na agricultura e voltou-se também para o sistema colonial de trocas. Nesse contexto, social, político e econômico, teve início a implantação das primeiras instituições públicas voltadas para a educação.

A Carta Magna de 1824 aborda, de maneira pulverizada e sem intenções claras e objetivas, a educação pensada para o país. Apenas cita, em seu art.179, mais especificamente na redação dos itens 32 e 33:

- XXXII. A Instrução primaria, e gratuita a todos os Cidadãos.
- XXXIII. Collegios, e Universidades, onde serão ensinados os elementos das Sciencias, Bellas Letras, e Artes (Brasil, 1824).

Em virtude da manutenção do regime escravocrata, gerava-se dissonância com a possibilidade de educação primária gratuita, pois se mantinha a segregação social (Cunha, 2000). Ademais, o período mostrou-se tão conturbado, que culminou, em 1831, com a abdicação de Dom Pedro, em favor de seu filho menor, Pedro de Alcântara, resultando na instituição da regência trina, que aprovou o Ato Adicional de 1834. Nas palavras de Azevedo (1996 p. 568): “Foi esse estado de inorganização social que dificultou a unificação política e impediu a consolidação educacional num sistema de ensino público, se não uniforme e centralizado, ao menos subordinado a diretrizes comuns”.

Um dos pontos citados por Azevedo (1996) foi a desarticulação entre os níveis de ensino, ocorrida no período. Ou seja, não havia uma trajetória definida, a ser seguida pelos estudantes partindo do ensino primário até ensino superior, como nos dias de hoje. É notório que a Educação, apesar de se apresentar necessária, não recebia a atenção que lhe cabia.

Devido às grandes dificuldades sociais, políticas e econômicas de nosso país naquele período, foi preciso instaurar o Ato Adicional de 1834 que, no contexto escolar, brasileiro, tinha a finalidade de descentralizar o ensino. O governo delegou às províncias a responsabilidade de promover o ensino gratuito, ficando a cargo do primeiro somente o ensino superior.

Assim, cada província passou a ter autonomia para definir as políticas públicas para educação. Segundo Azevedo (1996, p. 556), “a instrução pública elementar arrastou-se no século XIX, de maneira inorganizada, anárquica, incessantemente desagregada” (Azevedo, 1996, p.556). Ademais,

Houve a tentativa de uma reorganização das aulas régias que já estavam estabelecidas sob um novo olhar, porém não uma nova forma, criando os Liceus Provinciais. Porém a falta de recursos financeiros das províncias acabou não favorecendo a organização de um sistema educacional, ficando o ensino primário público abandonado e, portanto, abrindo caminho para a iniciativa privada abarcar o ensino primário em nosso país, que reforçou a estratificação social (Romanelli, 1986, p. 40).

Nesse momento, observa-se que o acesso à educação de nível secundário era um privilégio da parcela da população economicamente mais favorecida, haja vista a ineficiência do Estado em implementação de uma rede organizada de ensino secundário. Portanto, a sua inabilidade em organizar e estruturar a educação oportunizou o fortalecimento da educação acadêmica e a desvalorização da educação técnica, que acabou sendo imputada ao menos favorecidos de recursos financeiros. Isso porque não havia vagas disponíveis para atender a todos os alunos que almejavam o ingresso no nível secundário nas escolas públicas.

Vale ressaltar que, nessa época, a educação estava subdividida em três níveis de ensino: ensino das primeiras letras (ofertado por poucas escolas); ensino secundário propedêutico para o acesso ao nível superior, excludente, uma vez que a maioria das escolas era privada; e o Ensino Superior, com o propósito de uma formação para atividades com vistas a atender à burocracia do Estado.

Não se verifica, portanto, de maneira clara, a dualidade entre a Educação Profissional e Educação Propedêutica. As políticas apresentadas apontam para essa separação entre os níveis de ensino — primeiras letras, ensino secundário e o Ensino Superior —, mas não consolidam como se dá a articulação entre esses níveis, percebe-se é que as condições socioeconômicas das famílias determinaram ou não a continuidade dos estudos dos alunos.

Nas décadas que se seguiram, principalmente entre os anos de 1840 até meados da década de 1860, foram criadas 10 casas de educandos artífices, que atendiam a jovens órfãos, mendigos, escravizados e expostos (pessoas mais suscetíveis a se envolver em suborno ou corrupção)

Esses jovens recebiam uma instrução profissional e a instrução referente ao Primeiro Grau, com o objetivo de torná-los úteis à sociedade; o foco era “educá-los” para o convívio social.

Em razão do processo produtivo, essas instituições passaram a ter contribuições cada vez maiores do governo e de empresas privadas, que estavam em expansão de suas produções. Por conseguinte, ocorreu a criação dos Liceus de Artes

e Ofícios, que deveriam atender às novas demandas por mão de obra dos setores produtivos da época.

Nesse contexto, foi publicado, em 1879, o Decreto nº 7.247, denominado “Reforma Leôncio de Carvalho”. Ele instituiu um currículo nas escolas do Segundo Grau, determinando a prática de ofícios manuais para os meninos e trabalhos com agulha para as meninas. De acordo com Xavier (1994, p. 87):

No Período Imperial a sociedade brasileira dava sinais de que passaria por transformações, pois já se apontavam os movimentos abolicionistas, os processos imigratórios, de urbanização e industrialização, principalmente na Região Sudeste. Região essa que despontava com suas incitações para a ampliação do ensino superior e que atuava em defesa de um ensino popular profissionalizante, esse movimento acabou corroborando com a discussão sobre o ensino profissional, que até então não tinha sido contemplado com uma legislação específica.

A abolição da escravidão, por meio da Lei Áurea, em 1888, e a Proclamação da República, em 1889, foram fatores determinantes para uma nova redação da Constituição. A nova Carta Magna, de 1891, foi considerada um marco histórico, pois instaurava uma nova era no Brasil. Saía-se de um regime de Monarquia para um regime republicano, fundamentado na democracia; começa, portanto, um novo período socioeconômico da produção e da organização do trabalho.

Na ocasião, estabeleceu-se a separação entre o ensino profissional, destinado ao povo, e o ensino secundário, acadêmico, destinado à elite. Todavia, o primeiro difere daquele ministrado nas escolas de ofícios entre 1840 e 1865; no caso, ele deixa de focalizar questões de assistencialismo social, e passa a ser destinado à preparação de operários para o exercício profissional, pois o setor produtivo demandava mão de obra qualificada.

Em 1909, pelo Decreto 7.566, assinado pelo então presidente Nilo Peçanha, foram criadas as escolas de aprendizes. As dezenove unidades foram instaladas em todos os estados do país e destinadas ao ensino profissional e primário gratuitos. Quanto às despesas, elas eram custeadas pelo próprio Estado e subordinadas ao Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio (Brasil, 1909).

Vale ressaltar que foi a primeira rede de ensino a ter uma legislação específica, diferenciada das demais redes privadas e públicas existentes no país.

Nos dizeres de Kuenzer (2006): “A Constituição de 1934 foi a primeira a delinear diretrizes para a educação em nosso país”. Podemos dizer que foi a primeira

Constituição que tratou de maneira exitosa o teor social em sua redação. No que diz respeito à Educação, já no Capítulo I, Título IV, art. 139, a Carta Magna versa sobre a Ordem Econômica e Social:

Toda empresa industrial ou agrícola, fora dos centros escolares, e onde trabalharem mais de cinquenta pessoas, perfazendo estas e os seus filhos, pelo menos, dez analfabetos, será obrigada a lhes proporcionar ensino primário gratuito (Brasil, 1934).

Trata-se da primeira referência constitucional que articula a Educação ao mundo produtivo, implicando a obrigatoriedade do aporte das empresas para atender aos trabalhadores e seus familiares não alfabetizados. Contudo, não explicita como seriam estabelecidas essas ações para a alfabetização dessas pessoas.

É, portanto, a primeira Constituição que apresenta, em sua redação, o direito à Educação para todos, elevando-a à categoria de direito subjetivo público. Isso foi posto na redação do art. 149:

A educação é direito de todos e deve ser ministrada, pela família e pelos Poderes Públicos, cumprindo a estes proporcioná-la a brasileiros e a estrangeiros domiciliados no País, de modo que possibilite eficientes fatores da vida moral e econômica da Nação, e desenvolva num espírito brasileiro a consciência da solidariedade humana (Brasil, 1934).

O mais contraditório nesse período é o fato de que, ao mesmo tempo que se pregava para o mundo que as “raças conviviam em harmonia no Brasil”, internamente, criava-se uma política da intolerância. A política institucional do Estado brasileiro se baseava em estimular a educação eugênica, conforme estabelecia o artigo 138, b, da Constituição de 1934. Somam-se a isso os debates da Constituinte de 34, nos quais se defendeu que: “(...) jamais seremos uma grande nação se não cuidarmos de defender e melhorar a nossa raça.” É visível que os caminhos propostos para a educação estavam atrelados ao que se apresentava como um caminho para a eficiência moral e econômica da nação.

Entretanto, ressalto que a Constituição de 1934 foi a primeira a dedicar um capítulo somente para abordar a Educação e a Cultura, ficando sob a responsabilidade do Conselho Federal de Educação a elaboração do Plano Nacional de Educação. A construção do plano deveria seguir normas específicas, dispostas no art. 150, que versa sobre o que compete à União:

A consolidação do plano nacional de educação e a fiscalização da sua implantação, bem como, a do reconhecimento oficial dos estabelecimentos de ensino secundário e superior, e a inspeção sobre esses estabelecimentos e exercer ação supletiva e de estimular a educação no país (Brasil, 1934).

Observa-se que, nessa Constituição, é responsabilidade da União consolidar as bases e traçar as instruções para a educação em todo o país. Aos estados, competiria a colaboração para que os pais cumprissem com o dever de educar seus filhos.

Também foram apresentadas, nesse documento, as normas para elaboração do Plano Nacional de Educação.

Determina o ensino primário integral e gratuito e de frequência obrigatória, o ensino imediato ao primário com a proposta de gratuidade, impondo a oferta de vagas a limitação da capacidade didática do estabelecimento e através de provas de inteligência. O reconhecimento dos estabelecimentos de ensino público se dá quando da estabilidade e remuneração digna dos professores (Brasil, 1934).

Vale lembrar que, embora apresentado na Constituição de 1934, o Plano Nacional de Educação só foi elaborado em 1962, na vigência da nossa primeira Lei de Diretrizes e Bases, a Lei nº.4024, de 1961.

Quanto à Constituição de 1937, de modo geral, não houve grandes contribuições no que tange à Educação. Todavia, ela foi a primeira a explanar sobre o Ensino Profissional, atribuindo à União a obrigação de ofertá-lo. Ademais, era dever dos estados e municípios assegurar a fundação de instituições públicas de todos os graus de ensino. Do mesmo modo, as indústrias e sindicatos tornaram-se responsáveis pela criação de escolas de aprendizes. Por fim, a educação primária passou a ser obrigatória e gratuita aos menos favorecidos. De acordo com o art. 129:

Fica destinado a Nação ofertar as crianças e aos jovens menos favorecidos economicamente, que não lhes permitem o ingresso em instituições particulares, a assegurar em instituições públicas o ensino voltado para suas aptidões vocacionais, ou seja, o ensino pré-vocacional. Fica delegado as indústrias e dos sindicatos econômicos a criação dentro das suas áreas de atuação econômica. As escolas de aprendiz, objetivando a formação dos filhos dos operários (Brasil, 1937).

Nesse artigo, expressa-se um posicionamento muito claro em relação à Educação Profissional, determinando, como primeiro dever do Estado, o oferecimento de tal modalidade de ensino.

A partir dessa abertura e sob o comando do então ministro Gustavo Capanema, que estava à frente do Ministério da Educação e Saúde, houve a propositura de um conjunto de decretos-lei. Eles ficaram conhecidos como Leis Orgânicas do Ensino Brasileiro (1942-1946) e, à época, nortearam a Educação Profissional no país.

O processo de articulação entre os níveis de ensino e a estratificação da educação se deram a partir do Decreto-Lei n. 4.073, de 30 de janeiro de 1942, que propunha a organização do Ensino Industrial. Essa lei promoveu a articulação entre os ramos e ciclos de Ensino (Figura 1).

Figura 1 – Fluxograma: articulação dos níveis de ensino primário e superior



Fonte: Adaptada de Cunha (2000, p. 39).

O Ensino Primário era comum a todos os alunos, porém, para ascender ao próximo nível de ensino, o aluno obrigatoriamente deveria passar pelo crivo do exame de admissão, que tinha como pré-requisito os seguintes pontos:

- ter idade mínima de 11 anos;
- ser aprovado no exame de admissão com classificação suficiente, determinada pela instituição de ensino;
- ter carteirinha de vacinação antivariólica;
- pagar a taxa de inscrição;
- concorrer em um único estabelecimento de ensino.

À época, os certificados expedidos pelas instituições públicas eram válidos para o ingresso em qualquer ginásio, porém as instituições públicas existentes não supriam as demandas por vagas, aumentando o número de solicitações de abertura de escolas pelo setor privado. Segundo Minhoto (2008, p.454): “O sucesso em uma faixa de escolaridade mais elevada — no caso, o ginásio — esteve ligado significativamente ao percurso escolar anterior.” Além disso,

No período, houve um movimento crescente das escolas primárias privadas no sentido de ampliar o atendimento a seus alunos. Elas passaram a criar cursos ginasiais e a solicitar, cada vez mais do governo federal, a inspeção preliminar, necessária à equiparação de seus cursos ao ginásio oficial (Minhoto, 2008, p.454).

O exame de admissão como pré-requisito para o ingresso ao 1º Ciclo acabou contribuindo para uma seleção dos alunos que acessavam essa etapa, haja vista que o número de vagas era restrito. Isso acabou atingindo principalmente os estudantes oriundos das camadas mais pobres da população, que não tinham acesso às escolas particulares, as quais preparavam seus alunos para realizar a prova.

Os jovens promovidos no exame de admissão ingressavam no Ensino Médio 1º Ciclo, na opção escolhida à época do exame. Os cursos oferecidos eram

- Ginásial Secundário;
- Normal;
- Básicos: Industrial, Comercial e Agrícola

Ressalto que apenas os alunos oriundos do Curso Ginásial Secundário podiam escolher qualquer curso oferecido no 2º Ciclo do Ensino Médio, bem como ingressar em qualquer curso superior. Aos demais, oriundos dos Cursos Básicos e Normal, o acesso estava restrito ao curso do ramo escolhido, limitando a sua liberdade de escolha, tanto no ingresso na nova etapa quanto no Ensino Superior. Esse fato acabou desencorajando os estudantes a tentar o ingresso aos níveis de estudo em continuidade.

A estratificação societária na educação se apresenta na articulação entre os ramos e ciclos de ensino propostos, uma vez que o Decreto-Lei n. 4.073, de 30 de janeiro de 1942, acentuou o acesso ao ensino superior a um pequeno grupo de estudantes. Segundo Cunha (2000c), o documento reforçou uma organização escolar que fortalecia a dualidade entre o ensino secundário, destinado aos economicamente mais favorecidos, e o ensino profissional, designado aos menos favorecidos. Vale

ressaltar que o processo de seleção ainda era mantido mesmo entre os menos favorecidos socialmente, diminuindo ainda mais a possibilidade da continuidade dos estudos.

O Decreto-Lei nº 4119, de 21 de fevereiro de 1942, reforçava a dualidade entre Educação Propedêutica e Educação Profissional, por meio dos currículos a serem ofertados. No Curso Secundário, a formação proposta era mais ampla, integral, humanística, intelectual e patriótica, ao passo que, nos Cursos Técnicos, os currículos se destinavam a uma formação para preparação profissional mais específica, atendendo mais às atividades inerentes às áreas da indústria, comércio e agricultura.

Merece destaque o fato de que, em decorrência da II Guerra Mundial, o país passou por uma expansão na produção industrial e na exportação de produtos para o exterior. Logo, houve a necessidade de uma expansão da Educação Profissional e, para suprir a demanda por profissionais qualificados, foi criado o Serviço Nacional de Aprendizagem dos Industriários, hoje denominado Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), sob a direção da Confederação Nacional da Indústria (CNI). A partir de sua fundação, estabeleceu-se um envolvimento mais concreto entre os setores público e o privado, enunciando uma divisão social do trabalho, reforçada pela necessidade de gerar mão de obra qualificada.

Diante do exposto, constata-se que, no período do Estado Novo (1937-1945), o governo se posicionou de maneira a conciliar, mesmo que de maneira precária, uma educação intelectual e humanística para as classes sociais economicamente mais favorecidas e destinou o Ensino Profissional às camadas mais pobres da população.

Nada mais inadequado do que uma escola que, para realizar o trabalho pedagógico assim definido, se organizasse de forma rigidamente hierarquizada e centralizada para assegurar o pré-disciplinamento necessário à vida social e produtiva. E mais, que se organizasse em duas versões, uma para formação dos dirigentes, e outra para formação de trabalhadores, determinando os que teriam acesso ao ensino superior e aos que ficariam relegados a uma formação de segunda linha na maioria das vezes, (honrosa exceção a alguns técnicos) (Kuenzer, 2000, p.119).

Segundo Oliveira (2003, p.33) a criação do Senai e Senac foi uma imposição de Getúlio Vargas, pois os empresários não queriam vincular trabalho a escola, tampouco eram favoráveis a capacitar trabalhadores e se opunham à remunerar os trabalhadores-aprendizes.

Nesse contexto, deu-se a promulgação da Lei nº1.076.31, de março de 1950, que passou a permitir que os estudantes concluintes da educação profissional, organizados nos termos das Leis Orgânicas do Ensino Profissional, pudessem continuar com seus estudos no ensino superior. O Art. 1º diz: “Aos estudantes que concluírem curso de primeiro ciclo do ensino comercial, industrial ou agrícola, de acordo com a legislação vigente ficava assegurado o direito à matrícula no curso clássico, bem como no científico” (Brasil, 1950).

Observa-se que essa lei abriu a possibilidade da ascensão entre os níveis de ensino para os alunos que haviam optado pelo ensino profissional. No entanto, ainda havia a necessidade de se realizar um exame para comprovação de conhecimentos oferecidos nos cursos clássico e científico; portanto, faltava uma legislação de equivalência para a ascensão dos estudantes a níveis mais elevados de educação.

A fim de suprir a necessidade de se apresentar uma resolução para os exames de admissão que já não faziam mais sentido, em razão da oferta de vagas para o ensino de 1º Grau, foi apresentada a Lei 1.821, de 12 de março de 1953, que trata da equivalência de estudos entre diversos cursos de grau médio para efeito de matrícula, no ciclo colegial, a todos os alunos. O Art. 1ª afirma que os estudantes dos cursos ginásial, normal, comercial, industrial ou agrícola poderão se matricular no curso clássico, ou científico, desde que mediante exame das disciplinas que complementem a formação do curso ginásial (Brasil, 1953). Na visão de Cunha (2000c, p.158), a partir das transformações ocorridas nos currículos básicos, que passaram a ter conteúdos mais gerais, acabou ocorrendo o esvaziamento da “lei de equivalência,” contribuindo para sua extinção.

Como se pode verificar, no processo de verticalização do ensino, à medida que o currículo foi alterado, o Ensino Profissional passou a oferecer componentes curriculares até então ofertados apenas aos alunos que tinham acesso a uma formação mais propedêutica. Por meio da “lei de equivalência”, o currículo passou a contemplar essa mesma formação para os estudantes da Educação Profissional, tornando sua formação um pouco mais igualitária. No art. 2º, determina-se que o estudante, oriundo do curso secundário clássico ou científico, bem como dos cursos técnicos de três anos, terá direito ao ingresso em qualquer curso superior (Brasil, 1953).

Essa lei foi regulamentada pelo Decreto nº 34.330, de 21 de outubro de 1953, porém só foi implantada no ano seguinte. Por isso, o ano de 1954 passou a ser considerado símbolo do início da equivalência de estudos desenvolvidos com valor formativo similar, da mesma natureza.

Com a eleição do presidente Juscelino Kubitschek, em 1955, cuja campanha tinha o *slogan* “50 anos em 5”, foi lançado um Plano de Metas audacioso para a época.

O plano apresentava um programa de industrialização e modernização do país, abrindo a economia para o capital estrangeiro atraindo investidores, principalmente do setor automobilístico — Ford, General Motors, Volkswagen, dentre outras.

Tendo em vista a necessidade de mão de obra qualificada para atender ao crescimento industrial que se enunciava, tornou-se urgente a formação de profissionais de nível técnico no país. Foi nesse momento que as escolas industriais e técnicas vinculadas ao Ministério da Educação e Cultura (MEC) foram transformadas em escolas técnicas federais.

A Lei nº 3.552, de 16 de fevereiro de 1959, que dispõe sobre a nova organização escolar e administrativa dos estabelecimentos de Ensino Industrial do Ministério da Educação e Cultura, e dá outras providências, institui as escolas técnicas federais como autarquias, a partir das escolas industriais e técnicas mantidas pelo Governo Federal. Nesse contexto, foi apresentado o Manifesto de 1959, que revisitava o Manifesto dos Pioneiros de 1932, visando a reconstruir a Educação, no sentido de torná-la integral, universal, obrigatória, laica e gratuita.

Vale ressaltar que, em 1962, o Conselho Nacional de Educação foi substituído pelo Conselho Federal de Educação. Ademais, foram criados os Conselhos Estaduais de Educação e o Plano Nacional de Educação (PNE) com vigência de 1962/1970. Entretanto, em 1964, o governo do país passou para as mãos dos militares e, como não poderia deixar de ser, muitas mudanças políticas ocorreram. Na educação, merecem destaque alguns fatos, entre eles a Lei nº4.464, conhecida como Lei Suplicy, que elimina a representação estudantil em nível nacional, extinguindo a União Nacional dos Estudantes (UNE). Nos dizeres de Frigotto (1993. p. 41): “a educação passa, então, a constituir-se num dos fatores fundamentais para explicar economicamente as diferenças de capacidade de trabalho e, conseqüentemente, as diferenças de produtividade e renda”.

No mesmo ano, iniciam-se os acordos entre o MEC e a Usaid (United States Agency for International Development), sem muitas explicações do propósito desses

acordos; apenas era informado o propósito de aperfeiçoar o ensino primário. Segundo Miringuella (1968, *apud* Pina, 2008) a parceria MEC/Usaid tinha como propósito a implantação do sistema de ensino norte-americano no Brasil, que fortalecia a exclusão dos menos favorecidos ao Ensino Superior.

Nesse contexto, o governo brasileiro criou um grupo de trabalho, no Ministério da Educação e Cultura, que passou a pensar os caminhos a serem seguidos para atualizar e expandir o Ensino Fundamental e o Colegial. Ressalvo que esse trabalho resultou na LDB de 1971, Lei nº. 5692/71, que unificou o Ensino Secundário ao Técnico, ou seja, uma escola única profissionalizante.

Segundo Romanelli (1986, p.238), o ensino foi dividido em 1º Grau, de 8 anos de duração e obrigatório, e o Ensino de 2º Grau, ensino profissionalizante. Essa proposta perdurou por toda década de 1980. O período foi de pouca evolução na Educação do Brasil, e novas mudanças só correram após a promulgação da Constituição de 1988, cujo texto propunha a redemocratização.

A Carta Magna de 1988 prevê a igualdade de condições para o acesso e permanência dos estudantes na escola, gratuidade e pluralismo de ideias, entre outras questões não menos importantes, abordadas mais à frente, em conjunto com as Leis de Diretrizes e Bases da Educação.

Percorrendo as Constituições do nosso país, observa-se que a Educação Profissional passou por vários momentos. A princípio, denominava-se Ensino Profissionalizante, o saber fazer, que atendia apenas às demandas de ofícios específicos, conforme os interesses dos senhores do Império. A visão que se tinha desse segmento educacional era a de um ensino de segunda linha, voltado aos menos favorecidos. Esse descaso fica claro quando se delega às províncias a educação primária, ficando o Estado isento dessa obrigação.

A seguir, na Constituição Republicana de 1891, apresenta-se como proposta o ensino leigo nos estabelecimentos públicos. E aqui se nota o descaso com a Educação do povo. A preocupação do Congresso Nacional é implantar o Ensino Superior e Secundário, destinado à classe mais rica da sociedade. Portanto, praticamente nada mudou na Educação brasileira.

A Constituição de 1934 manteve a gratuidade do ensino; foi a primeira a dispor de um capítulo para o tema e propôs uma organização das redes de ensino. No entanto, sem um orçamento adequado, a proposta ficou no limbo, sem concretude. Essa Carta Magna não apresentou grandes modificações na proposta para Educação

como um todo, porém, no que se refere à Educação Profissional, em seu art. 129, houve um posicionamento claro, delegando ao Estado a sua oferta.

Mais adiante, nas Constituições de 1937 e 1946, a Educação Profissional passou por uma reformulação, por meio das chamadas Leis Orgânicas – Reforma de Capanema, que impactaram o crescimento da oferta da educação profissional.

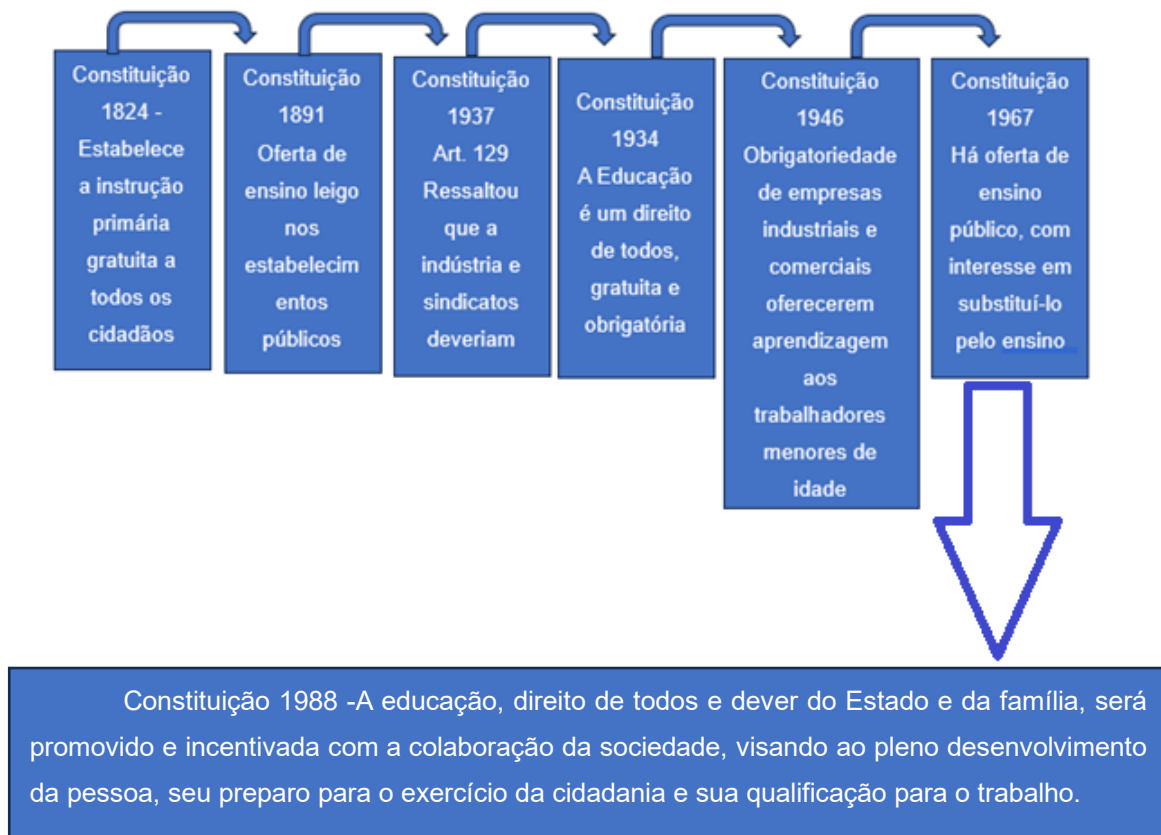
Na segunda República, foi promulgada a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Ocorreu a descentralização do Ensino Profissional, que passou a atender à classe média, deixando de ser relegado aos menos favorecidos ou aos desvalidos da sociedade.

A próxima Constituição, de 1967, pensada para atender a um governo militar, repressor e cuja proposta era destituir o caráter de formação mais humanística e cultural da Educação Profissional, retomando a concepção de formação profissional voltada para uma proposta capitalista de execução de tarefas desvinculadas do conhecimento intelectual. Isso foi reforçado pela Lei nº5.692/71, de ensino de 2º grau profissionalizante.

A Carta Magna atual, elaborada com bases mais democráticas, possibilitou novos caminhos para a Educação. Ademais, a nova LDB 9394/96 propiciou a elaboração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Profissional Técnica de Nível Médio, mudando a proposta de uma formação exclusivamente técnica e caminhando para a formação politécnica. Esse movimento de formação politécnica, a partir das Leis de Diretrizes e Bases, serão elucidados no próximo subitem.

Encerra-se aqui um período no qual a organização da educação brasileira estava atrelada única e exclusivamente às Constituições vigentes, complementadas por leis e decretos, que visavam a suprir as necessidades de um país que estava se construindo como nação, bem como para efetivar as ações nos ambientes escolares, muito mais atreladas a questões sociais, econômicas e políticas do que voltadas para a formação politécnica. Na próxima figura, está representada a sequência dos itens que considero importantes no transcorrer da Educação Profissional na perspectiva das Constituições brasileiras.

Figura 2 - Fluxograma dos marcos regulatórios das Constituições brasileiras, de 1824 a 1988.



Fonte: Elaboração própria

2.2 Educação Profissional na perspectiva das Leis de Diretrizes e Bases alicerçadas nas Constituições vigentes

Inicia-se uma nova fase para a educação e para a escola pública do Brasil. Após várias décadas, apresenta-se a primeira Lei de Diretrizes e Bases para a Educação, sob a exegese da Constituição de 1946. Segundo Saviani (2010, p.29),

escola pública é aquela organizada e mantida integralmente pelo estado abrangendo todos os seus graus e ramos de ensino.” Porém, a história da educação até aqui apresentada, nos mostrou um poder público muito tímido em suas ações, principalmente no que concerne a sua responsabilidade mediante a escola pública.

A escola pública se apresentava pouco eficaz, de baixa qualidade, não atingia toda a população em idade escolar, o que colaborava para o crescimento contínuo do analfabetismo no Brasil. Essa realidade passou a ser conflituosa com o desencadear da industrialização. Segundo Romanelli (1986, p.86), são os países subdesenvolvidos os que mais necessitam da educação para a ascensão social do seu povo.

Nesse contexto socioeconômico, foi publicado o Manifesto dos Educadores, redigido por Fernando de Azevedo e assinado por um grupo de intelectuais preocupados com as questões pedagógico-didáticas, entre eles Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Florestan Fernandes e Paulo Freire.

O texto contribuiu para a elaboração da primeira Lei de Diretrizes e Bases, nº4.024/61, do país. À época, destacava-se a importância de estabelecer a democracia no país, aspecto preponderante para a formação do cidadão eleitor, para o trabalho e para a cidadania.

Contudo, a LDB nº4.024/61 teve sua aprovação postergada por mais de dez anos. Nesse período, afirma Azanha (1994, p. 311), o país passou por muitas mudanças, deixando de ser exclusivamente agrícola e caminhando rumo à industrialização, o que criava a necessidade de se instruir o povo, embora a legislação em foco não acompanhasse essa evolução, mostrando-se, portanto, anacrônica.

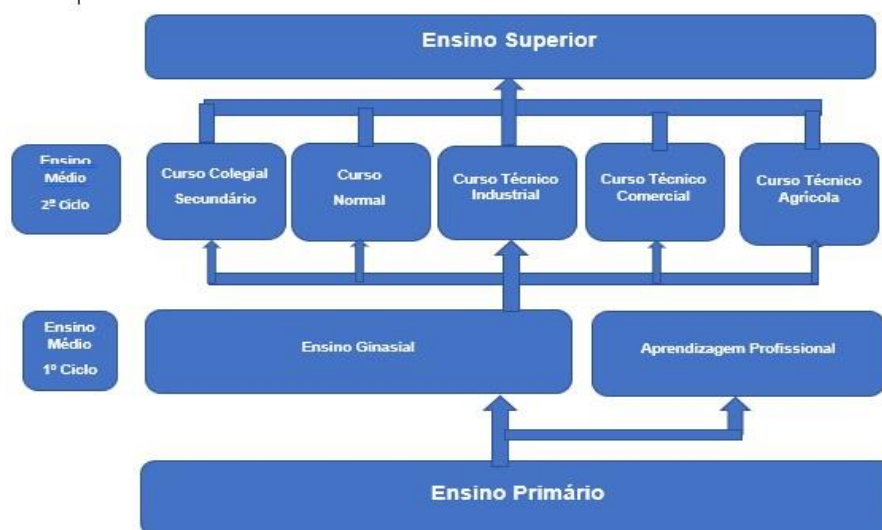
Diante disso, aprovou-se a Lei nº 4024/61, de 20 de dezembro de 1961, a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Segundo Cordão (2017, p 44), “Essa primeira LDB equiparou o ensino profissional técnico ao ensino acadêmico, quanto à equivalência e às possibilidades de continuidade dos estudos, desde que seus componentes curriculares contassem com o valor formativo similar”. A proposta de uma educação politécnica se apresenta novamente como uma possibilidade.

O art.12 da LDB nº 4024/61 dispõe: “Os sistemas de ensino atenderão à variedade dos cursos, à flexibilidade dos currículos e à articulação dos diversos graus e ramos”. Mesmo explicitando a articulação nos diversos graus e ramos, observa-se, no art. 36, a obrigatoriedade do exame de admissão, conforme pode ser observado na sequência,

O ingresso na primeira série do 1º ciclo dos cursos de ensino médio depende de aprovação em exame de admissão, em que fique demonstrada satisfatória educação primária, desde que o educando tenha onze anos completos ou venha a alcançar essa idade no correr do ano letivo (Brasil, 1996).

Segundo Caires (2017, p. 71), a partir da LDB/1961, estabeleceu-se uma nova configuração entre os níveis de ensino (Figura 3), bem como a equivalência entre os cursos técnicos e o Ensino Secundário, para o ingresso do Ensino Superior.

Figura 3 - Fluxograma Articulação Tendencial entre os níveis de ensino, segundo a LDB.



Fonte: Adaptada de Cunha (2000, p. 166).

Observa-se a horizontalidade entre os níveis de ensino Técnico e Secundário quando é apresentada a equivalência entre eles para o ingresso no Ensino Superior. Trata-se de um ganho notório para os estudantes que queriam dar continuidade aos seus estudos. Um segundo ponto muito importante foi a implantação de um currículo único para o 1º Ciclo do Ensino Médio, propiciando aos alunos dos Cursos Técnicos uma formação propedêutica.

Existem posições divergentes entre os autores quando debatem a LDBEN/61. Segundo Cury (1982, p. 20), não houve nenhuma mudança positiva para o ensino técnico por conta da nova Lei. Porém, Kuenzer (2000, p.16) tem outra visão. Para a autora:

A equivalência estabelecida pela Lei 1024/61, em que pese não superar a dualidade estrutural, posto que permanecem duas redes, e a reconhecida socialmente continua a ser a que passa pelo secundário, sem sombra de dúvida trouxe significativo avanço para democratização do ensino.

Os anos que se seguiram à promulgação da LDB/61 foram politicamente bastante conturbados, em virtude da instauração do Regime Militar, por meio do Golpe Militar de 1964, que viabilizou a entrada de capital estrangeiro, inserindo o Brasil na primazia do capital internacional, sob o ideário da “acumulação capitalista”. Isso acarretou o fortalecimento da teoria tecnicista no país.

Outro fator preponderante foi a substituição da Constituição Democrática de 1946 pela Constituição promulgada em janeiro de 1967. No novo documento, lê-se:

Art 168 - A educação é direito de todos e será dada no lar e na escola; assegurada a igualdade de oportunidade, deve inspirar-se no princípio da unidade nacional e nos ideais de liberdade e de solidariedade humana (Brasil, 1967).

No que concerne à Educação Profissional, a nova Constituição teve reflexos nas reformas posteriores à promulgação da Constituição de 1967 e que afetaram a LDBEN/61. A Lei nº 5540, de 28 de novembro de 1968, em seu art. 1º, diz: "O ensino superior tem por objetivo a pesquisa, o desenvolvimento das ciências, letras e artes e a formação de profissionais de nível universitário".

O artigo disposto possibilita a oferta de cursos superiores destinados à formação de tecnólogos. Na gestão do governador Roberto de Abreu Sodré (1967-1971) nasceu o Centro Estadual de Educação Tecnológica (Ceeteps), com o intuito de gerar os primeiros cursos superiores de tecnologia, expandindo o Ensino Profissional na área tecnológica para diferentes regiões do estado de São Paulo. Em 1970, o nome da instituição foi alterado para Centro de Educação Tecnológica de São Paulo (Ceet). A Lei nº 5692, de 11 de agosto de 1971, regulamentou o então ensino de primeiro e segundo graus, que acabou alterando em parte a LDEBEN/1961. Assim,

[...] reconhece a integração completa do ensino profissional ao sistema regular de ensino, estabelecendo-se a plena equivalência entre os cursos profissionais e propedêuticos, para fins de prosseguimento nos estudos (Kuenzer, 2007, p. 29).

A LDB 4024/61 foi decisiva no que concerne ao currículo, pois, a partir dessa lei de equivalência, os conteúdos propostos para os alunos dos cursos básicos de indústria, comércio e agricultura deixaram de ser exclusivamente profissionais e passaram a ter conteúdos mais gerais e abrangentes. Isso contribuiu para a extinção dos exames de complementação e favoreceu o ingresso dos alunos oriundos das escolas industriais nas escolas de engenharia, mostrando uma concepção mais democrática, mais consentânea com a realidade da época.

O Art.12 da LDB nº 4024, dispõe sobre "Os sistemas de ensino atenderão à variedade dos cursos, à flexibilidade dos currículos e à articulação dos diversos graus e ramos".

Art. 35. Em cada ciclo haverá disciplinas e práticas educativas, obrigatórias e optativas.

§ 3º O currículo das duas primeiras séries do 1º ciclo será comum a todos os cursos de ensino médio no que se refere às matérias obrigatórias (Brasil, 1961).

Vale ressaltar que essa LDB deu a liberdade de os estabelecimentos de ensino realizarem projetos pedagógicos experimentais, usufruindo de uma autonomia na construção de um projeto político-pedagógico que se apresenta como um instrumento de trabalho coletivo. Após esse período, vale salientar que a Lei 5.540, de 28 de novembro de 1968, fixou normas para o Ensino Superior, permitindo a oferta de cursos superiores de tecnologia.

Segundo a Lei 5692/1971, a articulação entre os níveis de ensino passou a promover a extinção da dualidade educacional, permanecendo somente o exame de vestibular para o ingresso no curso superior. Ademais, a articulação entre os níveis de ensino em sua verticalidade ocorreria somente com um processo de seleção na transição médio-superior (Figura 4).

Figura 4 - Fluxograma - Articulação entre os níveis de ensino



Fonte: Adaptada de Caires (2016, p. 80).

Segundo Cury (1982, p.40), a proposta da Lei 5692/1971, que determinou a integração entre o Ensino Propedêutico e a formação técnica no 2º grau pela primeira vez na história da educação brasileira, desconceituou a formação propedêutica de 2º grau e buscou configurá-la aos objetivos específicos da formação profissional.

Art. 1º O ensino de 1º e 2º graus tem por objetivo geral proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de autorrealização, qualificação para o trabalho e preparo para o exercício consciente da cidadania (Brasil, 1971).

Nas palavras de Cordão (2017, p. 46): “Essa lei tornou obrigatório o ensino profissional integrado ao ensino secundário, num dos mais retumbantes equívocos dos governos militares no campo educacional”.

Naquele momento, todas as instituições públicas e privadas passaram a ofertar a educação profissional. Verifica-se que o aumento da demanda de oferta para a educação do 1º Grau e a profissionalização obrigatória para o 2º Grau contribuíram para a deterioração da qualidade do ensino ofertado, principalmente devido à falta de professores da área profissional e à escassez de laboratórios e equipamentos para a realização das aulas práticas.

Ainda de acordo com Cordão (2017, p.50), a Lei nº 5692/1971 foi passando por modificações sistemáticas, até que a Lei nº 7044, de 18 de outubro de 1981, trocou, em seu art. 1º, a expressão “qualificação para o trabalho” pela “expressão “preparação para o trabalho”. No art. 4º, apresenta-se um núcleo comum para os currículos do ensino de 1º e 2º graus de caráter nacional, incluindo, em seus incisos, a preparação para o trabalho como elemento de formação integral, ficando a critério da instituição de ensino as habilitações profissionais a serem ofertadas (Brasil, 1981).

A Lei nº 5692/1971, em seu § 2º, passou a dar liberdade para o estabelecimento de ensino escolher a oferta ou não da habilitação profissional, restabelecendo a oferta de uma educação de cunho não profissionalizante.

Na década de 1970, destaca-se o Programa de Desenvolvimento do Ensino Médio (Prodem), instituído pelo Decreto n. 73.681, de 18 de fevereiro de 1974, que acabou provocando a necessidade da criação de um órgão para acompanhar as atividades de formação profissional. O Decreto n.77.362, de 1º de abril de 1976, concebeu o Sistema Nacional de Formação de Mão de Obra (SNFMO), que englobou o Senai, o Senac, as empresas e outros organismos que eventualmente colaborassem em processos de preparo profissional. Uma de suas funções era elaborar planos nacionais de políticas de formação de mão de obra.

Na década seguinte, no estado de São Paulo, houve a inclusão do Ensino Técnico no Centro Paula Souza, com a incorporação de seis escolas técnicas que faziam parte de um convênio firmado entre os governos federal, estadual e municipal. Nesse momento, criaram-se as primeiras escolas técnicas, iniciando-se um programa para levar professores à Alemanha e à Bélgica, a fim de realizar estágios em instituições de ensino técnico e tecnológico.

Nota-se que a articulação entre os níveis de ensino acompanha os interesses políticos e econômicos do país, porém a dualidade histórica da educação brasileira não deixou de existir. Isso se deu principalmente pela falta de estrutura e de recursos humanos para suprir as demandas necessárias à formação desses estudantes.

Devido a tantas controvérsias, foi promulgado o Decreto n.7044/82, com uma nova redação da LDB 5692/71, que flexibilizou a oferta compulsória de Educação Profissional, passando, com o transcorrer dos anos, a ser oferecida na rede federal, no Sistema S e, em São Paulo, pelo Ceeteps.

Diante das dificuldades econômicas e políticas do Brasil em meados dos anos 1980 — o esvaziamento da euforia da população pelo então denominado “milagre brasileiro”, a instalação de uma crise mundial do capitalismo e o desgaste de um governo militar conservador —, veio à tona a insatisfação da sociedade civil. Passou-se a exigir mudanças e o retorno do estado democrático de direito, culminando, em 1985, numa transição progressiva para a democracia.

Em 1988, entrou em vigor a nova Constituição Federal, denominada “Constituição Cidadã”. A Educação Profissional não é tratada em nenhum momento, porém é importante salientar que o art. 205 estabelece:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (Brasil, 1988).

A Educação, no novo documento, apresentava-se como um grande desafio, haja vista, que o projeto educacional proposto a considerava direito de todos, devendo propiciar uma formação humana, cidadã e voltada para o trabalho. Posto isso, estabeleceu-se a dificuldade de organizar as diretrizes para a educação no país, principalmente no que tange às relações entre a formação propedêutica e a técnica, dando continuidade a uma histórica desarticulação entre o Ensino Médio e a Educação Profissional.

Iniciou-se a discussão entre a articulação entre os níveis de ensino, pensando-se que, naquele momento, o acesso ao Ensino Superior era garantido a todos, apesar das controversas existentes com relação aos currículos e na efetiva formação que ambos os ensinos ofereciam aos estudantes. A Constituição propõe a integração entre o Educação Básica e Educação Profissional e articulada com o Ensino Superior,

apresentando a possibilidade da verticalização do ensino, porém sem dar orientações de como deveriam proceder para efetivar essa articulação entre os níveis de ensino.

Sendo assim, após a promulgação da Carta Magna de 1988, novos caminhos começaram a ser pensados para a educação no país. Mais especificamente, começaram os primeiros debates sobre a nova LDB.

Frigotto, Ciavatta e Ramos (2005, p. 45) afirmam que “a integração do ensino médio com o ensino técnico é uma necessidade conjuntural – social e histórica – para que a educação tecnológica se efetive para os filhos dos trabalhadores”. Adicionalmente, segundo Ciavatta (2006, p.42), observava-se a proposta de um ensino politécnico, apresentado como uma formação integral do ser humano e, por conseguinte, uma superação da dualidade educacional e de classes sociais.

Para Saviani (2003, p.140), a noção de politécnica se encaminha para superação da dicotomia entre trabalho manual e intelectual e diz respeito ao domínio dos fundamentos científicos das diferentes técnicas que caracterizam o processo de trabalho produtivo moderno.

Nos anos subsequentes, havia um movimento para a elaboração de uma nova Lei de Diretrizes e Bases, devido ao descontentamento da sociedade com os rumos da educação básica no país.

Nesse contexto, criaram-se dois projetos, um na Câmara, proposto pelo deputado Otávio Elísio em 1988, que tinha uma redação voltada para promoção da justiça social, e outro proposto pelo senador Darci Ribeiro em 1993, não tão divulgado à época, mas que, em sua redação, apresentava os interesses das empresas privadas, especialmente no campo da educação profissional.

Portanto, a Lei proposta resulta de um diálogo entre esses dois projetos, com avanços e retrocessos para a Educação Profissional. É importante citar que a relação entre trabalho e educação se apresenta nessa nova lei de maneira ampliada, sendo que a expressão “mercado de trabalho” é substituída por “mundo do trabalho”, abarcando outras fronteiras existentes de produção da existência humana.

A redação da LDB também passou a prever a Educação Profissional, tanto no ensino básico quanto no Ensino Superior, deixando livre a possibilidade do Ensino Médio Integrado ao Técnico ou não. Abrem-se, com isso, as possibilidades de os estudantes terem acesso ao ensino e subsequente, ampliando o seu leque de escolhas de caminhos para sua formação. É o que se vê no art. 39 da LDB:

A educação profissional, integrada às diferentes formas de educação, ao trabalho, à ciência e à tecnologia, conduz ao permanente desenvolvimento de aptidões para a vida produtiva. Parágrafo único. O aluno matriculado ou egresso do ensino fundamental, médio e superior, bem como o trabalhador em geral, jovem ou adulto, contará com a possibilidade de acesso à educação profissional (Brasil, 1996).

Também é apresentada, nos art. 40 e 41, a possibilidade da oferta da Educação Profissional para além dos espaços escolares.

Art. 40. A educação profissional será desenvolvida em articulação com o ensino regular ou por diferentes estratégias de educação continuada, em instituições especializadas ou no ambiente de trabalho.

Art. 41. O conhecimento adquirido na educação profissional, inclusive no trabalho, poderá ser objeto de avaliação, reconhecimento e certificação para prosseguimento ou conclusão de estudos. Parágrafo único. Os diplomas de cursos de educação profissional de nível médio, quando registrados, terão validade nacional (Brasil, 1996).

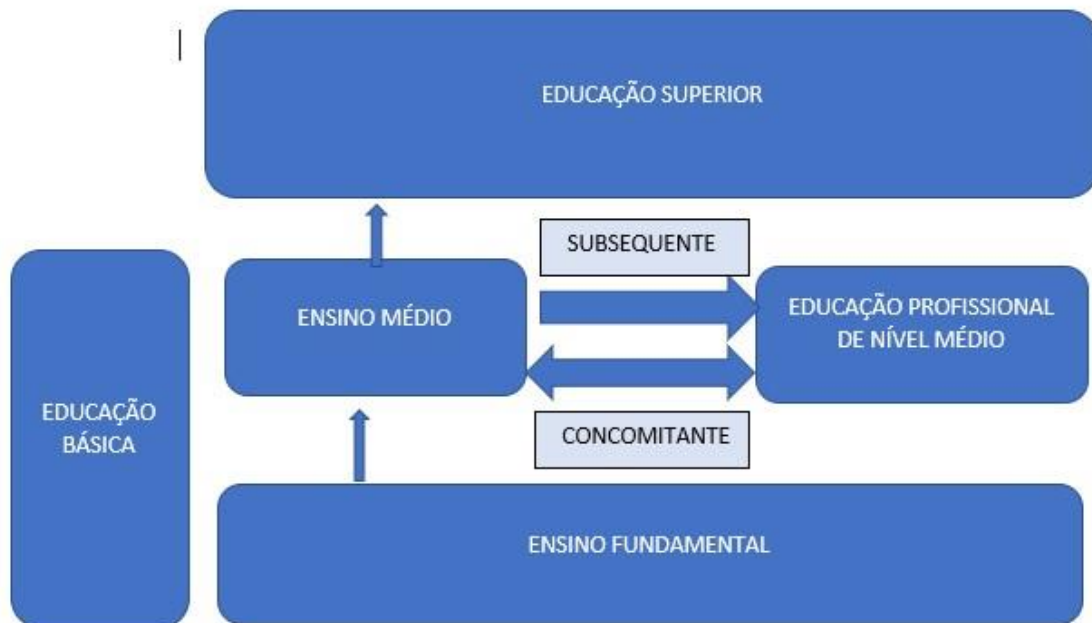
A LDBEN/1996, apesar de ter destinado um capítulo para a Educação Profissional, acabou por deixar um caminho aberto para novas reformas previstas para o segmento. O Decreto n. 2208, de 17 de abril de 1997, que estabeleceu a Reforma do Ensino Técnico, inviabilizou o Ensino Profissional integrado ao Ensino Médio. Entretanto, uma vez que, na LDBEN 9394/96, era proposta uma “articulação”, foi possível publicar o Decreto n.2.208/1997, que, em seu art. 2º versa sobre a articulação entre o ensino regular, em modalidades de ensino de educação continuada, nos espaços escolares, em instituições especializadas ou em ambientes de trabalho. Desse modo, amplia-se essa articulação entre os níveis básico, técnico e tecnológico, promovendo a verticalização do ensino.

Nota-se que a integração entre o Ensino Médio e a Educação Profissional volta a apresentar uma divisão, resgatando a dualidade estrutural entre a formação técnica e propedêutica.

Comparando-se a articulação entre os níveis de ensinos propostos pela Lei n. 5662/1071 e a Lei 9394/96, com o Decreto n.2208-1997, verifica-se que a dualidade existente entre o Ensino Médio e a Educação Profissional sofreu uma ruptura, ou seja, a proposta de uma formação politécnica fica ainda mais distante de ser concretizada.

Todavia, o Ensino Médio passou a ser correquisito para o ingresso nos cursos de Educação Profissional na forma concomitante e pré-requisito na forma subsequente (figura 5). Vale lembrar que ao aluno eram conferidas duas matrículas.

Figura 5 - Fluxograma- Percurso de formação previsto no Decreto n. 2208/97



Fonte: Elaboração própria.

No que tange à formação do aluno, é importante frisar que a ele foi garantida a formação propedêutica, pois existe a obrigatoriedade do cumprimento de 2400 horas de formação geral do Ensino Médio para que o estudante tenha direito a uma certificação profissional. Em contrapartida, o Ensino Técnico foi destituído da integralidade formativa, impondo ao aluno uma dupla jornada, quando sua opção era cursar de forma concomitante.

As políticas públicas para a Educação Profissional nesse período atendiam às indicações do Banco Mundial. Por exemplo, a Lei n. 9.649, de 27 de maio de 1998, que alterou o art. 3º da Lei n.8.948/1994 e instituiu a cefetização das escolas técnicas, versa sobre a ampliação da oferta de educação profissional, mediante parcerias entre a União, estados, municípios, Distrito Federal e setor produtivo ou organizações não-governamentais, responsáveis pela manutenção dos estabelecimentos de ensino. Essas medidas, tomadas pelo Governo Federal, à época, sob liderança de Fernando Henrique Cardoso, condiziam com as ideias neoliberais de cunho monetarista e privatistas.

Seguindo esse pensamento, ocorreu a elaboração das diretrizes curriculares nacionais para a educação profissional técnica de nível médio, definidas pela Resolução CNE/CEB nº 4/99, com fundamentado do Parecer CNE/CBE Nº16/99.

Vale ressaltar que esse momento foi muito atribulado, devido à dúvida a respeito do nível de ensino no qual se encaixariam os cursos tecnológicos. Havia um grupo que defendia que esses cursos seriam “cursos sequenciais, por campos do saber”, segundo o inciso I do art. 44 da LDB/96. Porém, o CNE entendia que os cursos de tecnologia se caracterizavam como cursos superiores de tecnologia.

Para a Educação Profissional de nível médio, o CNE/CBE n.4, de 8 de dezembro de 1999, definiu as Diretrizes Curriculares Nacionais, estabelecendo o desenvolvimento das competências profissionais, indo ao encontro às demandas do setor produtivo. Esse tema será abordado em seção específica.

Nos anos seguintes, as discussões acerca da Educação Profissional foram muitas, pois grupos de educadores queriam a revogação do exposto no Decreto n. 2.208/1997. Atendendo a uma necessidade de articulação entre os diferentes segmentos da sociedade civil e o Estado, foi criado o Fórum Nacional de Educação Profissional e Tecnológica, presidido pelo então ministro da Educação Cristovam Buarque (Brasil, 2003).

Foi a partir das discussões desse Fórum que o SEMTEC publicou um texto intitulado “Políticas Públicas para Educação Profissional e Tecnológica”, que contribuiu para que o Decreto n. 2.208/1997 fosse revogado pelo Decreto n.5.154, de 23 de julho de 2004. Este último propiciou uma nova articulação entre os níveis de ensino para Educação Profissional, oportunizando a oferta do Ensino Médio integrado à Educação Profissional Técnica.

Mantiveram-se, ainda, as modalidades subsequente e concomitante, ampliando-se a oferta da Educação Profissional em diferentes níveis. Logo, o novo decreto foi entendido como um avanço para a redução da dualidade entre a Educação Propedêutica e Educação Profissional e o retorno da perspectiva de uma formação politécnica.

O decreto também consolidou a articulação entre o Ensino Médio e a Educação Profissional Tecnológica, acarretando a necessidade de uma alteração nas DCN para a Educação Profissional de Nível Técnico. Ademais, deu sustentação para a criação do Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (Proeja), integração consolidada por meio do Decreto n.5.478, de 24 de junho de 2005, que veio a complementar a formação continuada dos trabalhadores nos espaços dos Institutos Federais e Escolas Técnicas, visando à escolarização dos menos favorecidos socialmente.

Novas ações foram tomadas pelo Governo Federal, por exemplo, a publicação da Lei n.11.195, de 19 de novembro de 2005, alterando a Lei n.8.948/1994 e permitindo ao atual governo a ampliação da rede de escolas públicas de Ensino Profissional. A nova legislação permitiu a ampliação da Rede Federal de Educação Tecnológica, fato também ocorrido com as Escolas Técnicas Estaduais; criaram-se mais 42 unidades, entre Escolas Técnicas, Agrotécnicas e Unidades de Ensino Descentralizadas (Brasil, 2005).

Essa expansão igualmente ocorreu no estado de São Paulo, com maior intensidade a partir de 2007. Atualmente, o Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza está presente em 345 municípios; a instituição administra 228 Escolas Técnicas (Etecs) e 79 Faculdades de Tecnologia (Fatecs) estaduais, com mais de 317 mil alunos em cursos técnicos de nível médio e superior tecnológico.

Outro momento importante para a Educação Profissional foi a elaboração do Catálogo Nacional para os Cursos Técnicos (CNCT), implantado mediante a Resolução CNE/CEB n. 3, de 9 de julho de 2008. Esse catálogo foi construído a partir de discussões promovidas pela comissão, composta de profissionais da área da Educação Profissional, de cujas reuniões realizadas em São Bernardo do Campo pude participar como representante do Ceeteps, contribuindo para os cursos da habilitação em Química.

Ao fim dos trabalhos, foi elaborado o catálogo, que organizou os cursos técnicos em 12 eixos tecnológicos e explicou 185 possibilidades de formação técnica, revogando o artigo 5º da Resolução CNE/CEB n. 4/1999. (Brasil, 2008 d). Ressalto que o CNCT é instituído anualmente por Portaria Ministerial e organizado por eixos tecnológicos (Cordão, 2017, p.51).

Uma alteração relevante deu-se a partir da Resolução nº6, de 20 de setembro de 2012, que trata das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio. Elas postulam a formação técnica de nível médio de maneira integrada, com vistas à formação integral do aluno. Essa articulação já havia ocorrido em outros momentos na história da Educação, mas dentre os princípios apresentados pela resolução, vale salientar alguns pontos. Ela preconiza o desenvolvimento integral do estudante, pois expõe uma proposta de educação que promova o desenvolvimento para a vida social e profissional, o que não foi percebido na Lei nº5.692/71, na qual a preocupação era com a formação técnica exclusivamente.

A proposta de um projeto político-pedagógico, elaborado de maneira a integrar ciência, tecnologia e cultura, mostra a preocupação com a formação global do estudante, o que é confirmado pela Resolução CNE/CEB nº6, de 20 de setembro de 2012. Por meio dela, propõe-se a interdisciplinaridade como orientação pedagógica, integrando saberes entre as áreas de conhecimento, a fim de se obter uma compreensão sistêmica do objeto de estudo.

Segundo Pacheco (2015, p.198), a metodologia de projetos promove uma correlação entre a realidade do cotidiano do estudante e a escola, confluindo para uma formação omnilateral. Ressalto também que essa resolução abre possibilidades de integração entre os currículos a partir dos eixos tecnológicos, que futuramente permitiram a articulação horizontal entre as diferentes modalidades de ensino da Educação Profissional.

Junior (2021, p.11) sinaliza a importância da construção de um currículo com bases consolidadas de componentes curriculares que se sustentem. Desse modo, é possível fundamentar a transversalidade entre os componentes curriculares, de maneira a se concretizar a formação que se objetiva.

A resolução também prevê a integração entre a Educação Básica e a Educação Profissional, por intermédio de um núcleo politécnico comum de cada eixo tecnológico, articulando as áreas de Ciências da Natureza, Ciências Humanas e Matemática, sendo as disciplinas propedêuticas que compõem a BNCC e os componentes curriculares da base técnica. Por conseguinte, tem-se o Ensino Técnico de Nível Médio Integrado, que se propõe a desenvolver uma formação politécnica do discente.

A reforma do Ensino Médio, proposta pela Lei nº13.415/2017, igualmente impactou a Educação Profissional Técnica de Nível Médio, ao apresentar a formação técnica como um dos itinerários formativos, o que também teve efeitos sobre a forma de articulação com a Educação Básica. Prova disso é que o Conselho Nacional de Educação teve de atualizar as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Profissional, Resolução CNE/CP nº01/2021.

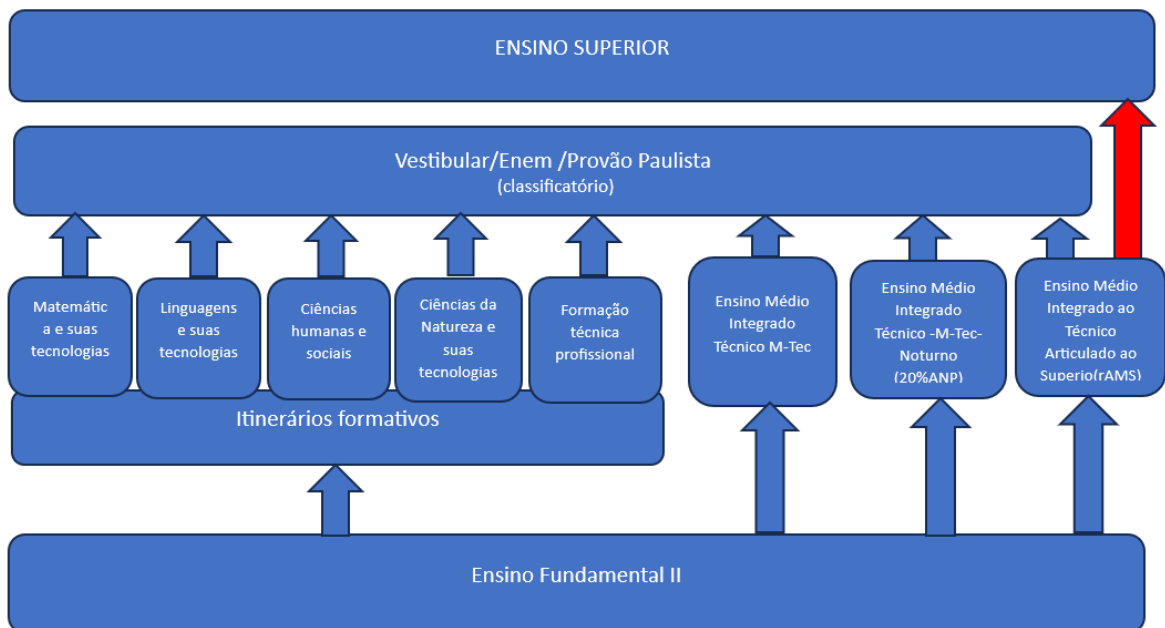
Da mesma forma, as modalidades de ensino da educação profissional precisaram adequar seus currículos à nova proposta para o Ensino Médio, tendo como teto as 1800 horas para os componentes curriculares da BNCC, porém sem deixar de contemplar as horas previstas para formação técnica determinadas no CNCT.

Acerca dos princípios norteadores da Resolução CNE/CP nº01/2021, em seu art. 3º, versa-se sobre a possibilidade da articulação entre o setor produtivo e os

itinerários formativos, visando à formação profissional contextualizada. Já no art. 6º, menciona-se a possibilidade de articulação das etapas e das modalidades de ensino da Educação Básica e da Educação Profissional de nível médio e nível superior, credenciando uma ligação entre a Educação Básica, a formação técnica e uma complementação profissional em um ambiente de trabalho.

Nessa perspectiva, o Ceeteps apresentou a modalidade de ensino AMS, que pode ser traduzida como uma modalidade de Ensino Médio Integrado ao Técnico articulado ao Superior, com a participação de uma ou mais empresas privadas que atuam na composição curricular das 200 horas de contextualização profissional, foco da presente pesquisa. A figura a seguir representa as modalidades de ensino integradas ao Ensino Médio, dentre elas a AMS, na qual o estudante passa do nível médio para o superior sem a necessidade de um exame de seleção.

Figura 6 - Figura 06. Fluxograma- Articulação entre os níveis de ensino segundo a Lei 13.415/2017 e a Resolução CNE/CPnº 01/2021



Fonte: Elaboração própria.

2.3 Marcos regulatórios posteriores à LDB 9394/96 para a Educação Profissional

Com a aprovação da Emenda Constitucional nº 53 (2006) e nº 59 (2009) respectivamente, houve uma alteração significativa da Constituição, no que diz respeito à Educação. Essas emendas impulsionaram o processo de expansão da oferta em todos os segmentos, da Educação Básica ao Ensino Superior, propiciando

a expansão de matrículas nos diferentes níveis educacionais e mudanças na estrutura de distribuição. Por conseguinte, oportunizou-se a participação de grupos em situação de desvantagem social, que passaram a ingressar nos diferentes níveis de ensino ofertados, promovendo-se uma maior equidade nas oportunidades de acesso aos diferentes níveis da educação (Brasil, 2006; 2009).

A estratificação na dimensão vertical dos sistemas educacionais vem sendo discutida por alguns autores, cujas opiniões divergem quanto à melhoria do acesso ao Ensino Superior e da qualidade da Educação Básica, no que concerne ao desenvolvimento cognitivo e à formação cidadã.

O foco principal das análises está na dimensão “vertical” dos processos de estratificação, ou seja, no estudo do efeito das origens sociais sobre o alcance educacional ou sobre as chances de estudantes completarem as transições educacionais (Mont’Alvão, 2011, p.13).

A modalidade de ensino AMS, ofertada pelo Ceeteps possibilita a articulação entre o Ensino Médio e Ensino Superior, atendendo a essa dimensão vertical, embasada na Resolução CNE/CPN^o1, de 5 de janeiro de 2021, que, em seu art. 6^o, estabelece:

A Educação Profissional e Tecnológica pode se desenvolver em articulação com as etapas e as modalidades da Educação Básica, bem como da Educação Superior ou por diferentes estratégias de formação continuada, em instituições devidamente credenciadas para sua oferta ou no ambiente de trabalho (Brasil, 2021, p. 4).

No que tange à formação técnica proposta nos Governos Lula e Dilma, buscou-se superar a dualidade da formação do trabalhador, integrando os saberes da Educação Básica à Educação Profissional Tecnológica, por meio da Resolução n.º 6, de 20 de setembro de 2012, que definiu as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Profissional Técnica de Nível Médio (DCNEP).

Após quase dez anos, ocorreu uma atualização das Diretrizes Curriculares da Educação Profissional e Tecnológica proposta na Resolução, mediante a CNE/CP n^o1, de janeiro de 2021, que aborda, mais claramente, a articulação da Educação Profissional com o desenvolvimento socioeconômico e os arranjos produtivos locais, que apresentam uma demanda por profissionais qualificados. Corrobora-se, pois, a premissa de uma expansão da oferta da Educação Profissional no país, que visa a uma aproximação da Educação Profissional. A Portaria n^o 314, de 2 de maio de 2022,

por sua vez, dispõe sobre a autorização para a oferta de cursos técnicos por instituições privadas de Ensino Superior.

Nesse contexto, em que a abertura e a expansão da oferta da educação profissional vêm se consolidando e firmando parcerias com empresas privadas, é importante pesquisar as interconexões entre a gestão escolar e o desenvolvimento de um currículo sob a influência de ideias e ações de grupos empresariais na educação pública. De acordo com Libâneo (2009, p. 33):

A formulação de finalidades educativas para o sistema escolar é uma exigência prioritária no planejamento e execução de ações públicas no campo da educação, pois elas estabelecem as orientações básicas para as políticas educacionais e, daí, para a elaboração dos currículos e sua operacionalização nas escolas e salas de aula (Libâneo, 2009, p. 33).

Portanto, a construção do currículo perpassa pelas políticas educacionais e, por conseguinte, não se pode deixar de levar em conta o caráter político do currículo, tampouco é possível analisá-lo fora do contexto da sua constituição social e histórica. Além disso, a escola se caracteriza como lugar de ações socioeducativas mais amplas, e sua gestão deve ser pautada na democracia.

Libâneo (2009) salienta que qualquer política curricular implantada disputa com as finalidades da escola e dá lugar a um espaço político, ideológico e pedagógico contraditório. Logo, o acompanhamento da implantação do currículo escolar pela equipe de gestão pedagógica poderá garantir que os estudantes se apropriem dos saberes instituídos pela humanidade e, por meio deles, se desenvolvam cognitivamente, emocional e eticamente. Nas palavras de Arroyo (2011, p. 262):

Apresenta o currículo através de dois pontos distintos, porém de importância mútua. O currículo teórico oficial proposto aos sujeitos da ação educativa e a discricionariedade desse currículo nos espaços escolares, sobre a pressão dos coletivos populares, que não lutam mais pela escolarização em si, aprendendo pouco do que lhe é apresentado.

Arroyo (2011) e Libâneo (2009) apresentam o currículo sob uma perspectiva histórico-crítica, focalizando-o em defesa do saber objetivo como ponto central de sua organização. Contudo, existe um movimento contrário ao currículo voltado para o desenvolvimento do saber objetivo, seguindo uma perspectiva da teoria pós-crítica. Nessa perspectiva, Apple (1982, p. 12 *apud* Moreira, 2000), assim se manifesta:

De quem são os significados reunidos e distribuídos, através dos currículos declarados e ocultos nas escolas?" Posteriormente, ressaltam-se as

contradições, as resistências e as lutas que ocorreram no processo escolar e discute-se como organizá-lo a favor da emancipação individual e coletiva.

Essas afirmações podem ser atualizadas ao considerarmos que, hoje, estão sempre em luta os interesses dos grupos tradicionais, dos educadores progressistas e dos empresários. Raymond Williams, nos anos de 1960, já argumentava que, na área do currículo, um campo de disputas, estão sempre em conflito os interesses dos “velhos humanistas, dos educadores públicos e dos industriais” (Williams, 1963, p.163, *apud* Moreira, 2000).

Existe, portanto, uma compreensão antagônica do que se espera do currículo, e qual a sua finalidade nas escolas. Soma-se a isto contexto em que ele será trabalhado, lembrando ainda que existe a sua interpretação pelo gestor escolar e sua comunidade.

No caso da modalidade de ensino a ser pesquisada, há um currículo que está sendo elaborado em de maneira verticalizada, ou seja o currículo proposto pela Educação Básica, integrado a Educação Profissional e articulado com o Ensino Superior, sendo que neste último existe a necessidade de que não ocorra um sobreposição curricular dos componentes técnicos., além disso existe a parceria com empresas privadas que deverá proporcionar aos alunos atividades embasadas em a uma Matriz de Referência de 200 horas.

Esta última compõe o Plano de curso elaborado para a habilitação técnica integrada ao Ensino Médio, no programa de ensino AMS. Nela, estão descritas as competências e habilidades a serem desenvolvidas através de atividades diferenciadas.

Ao longo desta seção, reconstruiu-se a trajetória da Educação Profissional do séc. XIX até os dias de hoje. Nesse percurso, observou-se que a Educação Profissional passou por vários momentos; em alguns deles era vista como uma modalidade de ensino que tinha fim em si mesma, e o mais importante era o saber fazer desvinculado do conhecimento propedêutico.

Porém, no transcorrer dos séculos, o ensino profissional que se apresentava com uma formação limitada para os alunos passou por um processo de atualização, com currículos cada vez mais bem elaborados e que começaram a contemplar uma formação global.

Hoje contamos com muitas modalidades de ensino dentro da Educação Profissional, porém a pesquisa, como já dito, focalizou a AMS, cuja proposta é a de

uma formação politécnica do aluno, permitindo o seu ingresso ao nível superior sem a necessidade de um processo seletivo. Ou seja, ele tem possibilidade de dar continuidade aos seus estudos chegando ao Ensino Superior e podendo ascender ao *stricto sensu*.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, destaca-se a importância da justeza na escolha do método de pesquisa a ser utilizado, uma vez que, por meio dele, serão percorridos caminhos próprios de um estudo aprofundado e complexo, com vistas a compreender fatos da realidade.

No caso da presente investigação, a opção metodológica deu-se a partir da pergunta-problema e dos objetivos propostos. Estes últimos permeiam a participação humana no processo de ensino-aprendizagem, seja na compreensão dos fatos, seja na execução de atividades, que, de alguma maneira, contribuam para a construção de uma resposta fidedigna à pergunta inicialmente instaurada. Assim, o estudo aqui apresentado pode ser classificado como qualitativo, aplicado e de caráter exploratório, realizado mediante entrevistas semiestruturadas.

A escolha pela pesquisa qualitativa se deu porque foi “conduzida em um ambiente natural onde os participantes vivenciam a questão ou problema em estudo.” (Creswell, 2014, p. 50). Levando em conta que o ambiente do estudo é o escolar, constituído por diferentes atores e no qual cada um deles tem vivências diferentes, é possível que esses sujeitos manifestem diferentes olhares para um mesmo fato ou ação, tornando difícil a quantificação de dados. Por isso, optou-se pela realização de uma pesquisa qualitativa descritivo-analítica

Marconi e Lakatos (1999) apresentam a pesquisa qualitativa como a realizada em um contexto no qual não é possível se quantificar, haja vista que, nesse tipo de estudo, os dados coletados são a partir de atitudes, valores, e aspirações dos participantes.

Ademais, este trabalho se qualifica como uma pesquisa aplicada. Sobre esse tipo de investigação, é oportuno sinalizar que:

A pesquisa aplicada, por sua vez, apresenta muitos pontos de contato com a pesquisa pura, pois depende de suas descobertas e se enriquece com o seu desenvolvimento; todavia, tem como característica fundamental o interesse na aplicação, utilização e consequências práticas dos conhecimentos (Gil, 2019, p.26).

Como se pode notar, esse tipo de pesquisa converge com a propositura da identificação de problemas e elaboração de diagnósticos, com vistas à aquisição de novos conhecimentos e com objetivos práticos. Segundo Gil (2019, p. 18), abrange

estudos elaborados com a finalidade de resolver problemas identificados no âmbito das sociedades em que os pesquisadores vivem.

Entre outros aspectos, a opção por essa abordagem deu-se pelo entendimento de que a pesquisa qualitativa, embora decorrente de múltiplas tradições, se baseia no pressuposto de que a realidade pode ser vista por múltiplas perspectivas.

De acordo com Gil (2019), é possível divergir no que concerne às expectativas dos atores envolvidos no processo de implantação e acompanhamento do currículo escolar.

Duarte (2004, p.214) enumera, entre os métodos utilizados para a realização de uma pesquisa qualitativa, os seguintes: *checklists*, questionários, grupos focais, entrevistas etc. Após a análise desses instrumentos, optou-se pelas entrevistas, pois desejava-se mapear práticas, sistemas classificatórios de avaliação e valores, bem como delinear conflitos e contradições que, muitas vezes, não são claros. Assim, a entrevista foi considerada um método adequado para se conseguirem as informações necessárias para uma boa análise e a elaboração de um constructo, promovendo novos conhecimentos e teorias.

Ainda na visão de Duarte (2004, p.215), a utilização de entrevistas para a realização de uma pesquisa acadêmica pode se apresentar aparentemente como um procedimento mais simples. No entanto, o autor ressalta que a realização de entrevista não é um simples “bate-papo”; deve ser executada de maneira regrada.

Já para Manzini (2004), o instrumento “entrevista” pode ser classificado de três maneiras: estruturada, semiestruturada e não estruturada.

Partindo de tal premissa, decidiu-se utilizar a forma semiestruturada, uma vez que ela permite a elaboração de um roteiro de perguntas. Essa possibilidade auxilia a encaminhar a entrevista, no sentido de assegurar que o participante não se distancia do objeto investigado.

3.1 Descrição da pesquisa

Como já informado, a presente investigação partiu do seguinte problema: Como ocorre o processo de implementação da Articulação Médio Superior (AMS), no Centro de Educação Tecnológica Paula Souza? Desse modo, pretende-se analisar a implementação da Articulação Médio Superior (AMS), no Centro de Educação Tecnológica Paula Souza.

Nota-se, portanto, que a finalidade do estudo é “descobrir respostas para questões, mediante a aplicação de métodos científicos” (Selltiz *et al.*, 1965, p.5, *apud* Marconi; Lakatos, 1999, p. 18). Estes últimos são entendidos como caminhos a serem seguidos com o intuito de se obterem respostas fidedignas, coerentes e concisas, chegando-se a um resultado capaz de propiciar a construção de novos conhecimentos.

A partir desses pressupostos, propõe-se análise qualitativa das atividades de contextualização profissional propostas pelas empresas parceiras para o desenvolvimento das competências técnicas e socioemocionais previstas na Matriz de Referência, proposta no Plano de Curso do programa de ensino Articulação Médio Superior (AMS). Para tanto, utilizam-se as concepções e percepções dos diretores, coordenadores pedagógicos, coordenadores de cursos, professores e alunos acerca da implementação dessa modalidade de ensino.

De modo mais específico, com esta pesquisa, buscou-se adquirir conhecimento das práticas e ações realizadas no cotidiano escolar pela equipe de gestão, professores e alunos, no que se entende como vantagens e desvantagens no desenvolvimento cognitivo e socioemocional dos alunos, na busca por uma formação politécnica em uma modalidade de ensino verticalizado.

A proposta, então, foi a de investigar a implementação do ensino verticalizado, na modalidade citada, que envolve, além de ensino integrado e articulado entre níveis de ensino, uma parceria com empresas privadas que coadjuvam do processo de formação dos alunos, visando a uma formação global. Ademais, a decisão por uma pesquisa qualitativa se fundamenta pelo fato de esse tipo de estudo ser classificado como descritivo-analítico, uma vez que será utilizado, como método, a entrevista semiestruturada

3.2. Caracterizando o universo da pesquisa e os sujeitos

De acordo com Marconi e Lakatos (2007), podemos denominar “população” o conjunto de seres que apresentam uma ou mais características em comum. Logo, essa definição atende à proposta da pesquisa, em que a população investigada se constitui pelos atores que passaram simultaneamente pelo processo de implementação de uma nova modalidade de ensino.

Seguindo a linha dos autores, que nomeiam o subconjunto dessa população de “*amostra*”, podemos delimitar nossa população em uma amostra que represente fidedignamente a população a ser estudada. Assim, foi realizada uma análise das unidades escolares do Centro Paula Souza que implementaram a modalidade AMS entre os anos de 2019 e 2023, porém, para estabelecer a amostra, inicialmente se observaram quais escolas já tinham turmas de alunos concluintes de terceira série, pois poderíamos analisar todo o processo de implementação. Do mesmo modo, levou-se em conta se as instituições contavam com empresas parceiras, responsáveis por aplicar as atividades propostas que comporão as 200 horas de ACP.

Após essa análise, os sujeitos escolhidos para compor a amostra dessa pesquisa foram:

- Coordenador do Ensino Médio e Técnico: 1 entrevistado;
- Diretores de Etec: 2 entrevistados;
- Coordenador de Curso Etec: 2 entrevistados;
- Coordenador Pedagógico Etec: 2 entrevistados;
- Professores: 2 entrevistados.
- Alunos: 2 entrevistados

A pluralidade de opiniões sobre o objeto investigado, assim como a pesquisa bibliográfica nos permitiram entender alguns elementos constitutivos da articulação do Ensino Médio com o Superior, no sentido de gerar avanços e/ou retrocessos ao processo formativo no âmbito da Educação Profissional Técnica de nível médio.

3.3 Coleta de dados

Como apresentado anteriormente, a pesquisa realizada foi qualitativa, e o instrumento utilizado foram entrevistas semiestruturadas. “A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional.” (Marconi; Lakatos, 1999, p. 94).

Alguns cuidados foram tomados ao realizar a investigação, com base nas orientações de Creswell (2014, p. 137), por ocasião das entrevistas. Em suma, consideraram-se os seguintes aspectos:

✓ **Local:** As entrevistas foram realizadas presencialmente, que propiciou uma flexibilidade maior dos horários e dias para que os encontros

ocorressem sem distrações e interrupções que poderiam desviar a atenção ou promover a perda da linha de raciocínio do entrevistado.

✓ **Consentimento:** Antes do início da entrevista, foi apresentada e explicada a carta convite de pesquisa (Apêndice A), com informações relevantes sobre o estudo, entre elas, tema, justificativa, objetivos e demais informações. Ressalto aqui que foi informado ao entrevistado que, se não se sentisse confortável em responder algum questionamento, poderia manifestar esse desconforto ou até mesmo declinar de continuar participando do processo.

✓ **Técnicas:** A técnica utilizada foi a proposta por Creswell (2014, p.137), segundo a qual devem ser feitas poucas perguntas, porém conduzindo-se a entrevista de modo a não perder o foco. O autor também ressalta a importância de uma postura amável para com o entrevistado, construindo-se uma relação de respeito e não extrapolando o tempo estipulado.

✓ **Ouvinte:** Segundo Creswell (2014, p.137), um bom entrevistador é um bom ouvinte, "mais do que um participante frequente durante uma entrevista". Nesse sentido, buscou-se deixar o entrevistado livre para expressar suas percepções a respeito do tema proposto e, apenas quando ele se afastava muito do foco da pesquisa, fazia-se algum questionamento com o propósito de redirecioná-lo para o tema.

Ademais, foi enviado aos participantes o Registro do Termo de Livre Esclarecido, para apreciação e aceite em participar da entrevista. Do mesmo modo, foi apresentada a proposta da pesquisa pessoalmente aos sujeitos, em momentos distintos da entrevista.

Em síntese, foram entrevistadas doze pessoas que exercem funções diferentes, pois entendeu-se que deveríamos ouvir todos os atores envolvidos no processo. Reforçando a opção pela pesquisa qualitativa, vale mencionar André e Gatti (2010, p. 9), que apresentam o cotidiano escolar como um dos meios de investigação que mais contribuem para o avanço do conhecimento em Educação.

Para designar os respondentes, foi utilizado um código, informado a seguir:

- A 1: estudante cursante da 3^o série da modalidade de ensino Articulação Médio Superior;
- A 2: estudante cursante da 3^o série da modalidade de ensino Articulação Médio Superior;

- P1 Professor que ministra aulas dos componentes curriculares técnicos na modalidade de ensino Articulação Médio Superior em diferentes séries;
- P2 Professor que ministra aulas do componente curriculares da BNCC na modalidade de ensino Articulação Médio Superior em diferentes séries;
- CC 1 Coordenador de Curso da Habilitação Técnica de Nível Médio;
- CC 2 Coordenador de Curso da Habilitação Técnica de Nível Médio;
- CP 1 Coordenador Pedagógico da Unidade Escolar;
- CP 2 Coordenador Pedagógico da Unidade Escolar;
- D 1 Diretor da Unidade Escolar;
- D 2 Diretora da Unidade Escolar;
- CTEM Coordenador do Ensino Médio E Técnico.

Os códigos foram pensados mediante a posição do sujeito em relação ao estudo, isto é, permitindo analisar o perfil do entrevistado, com base em algumas características do papel que desempenha no processo de implementação da modalidade em foco. A escolha para a segunda fase se deu pelo ano de participação, e a ordem das entrevistas se deu a partir da disponibilidade dos entrevistados e dentro de um calendário previsto para a consolidação dos resultados.

3.4 Análise dos depoimentos

Diferentemente de uma pesquisa quantitativa, na pesquisa qualitativa, a análise inicia-se no próprio campo de coleta, o que independe do método de coleta utilizado. (Gibbs, 2009). Esse autor menciona a necessidade de se construir um conjunto de recursos, de maneira meticulosa, a serem utilizados como norteadores para uma precisa análise de dados qualitativos — “ações como gerar notas de campo e ter um diário são formas de coletar dados e iniciar sua análise” (Gibbs, 2009, p. 18).

Bardin (1977, p.43), por sua vez, propõe uma análise de conteúdo trabalhando as palavras com um olhar mais amplo. Nesse caso, o foco não recai apenas sobre o seu significado, mas destina-se a compreender o olhar dos atores ou ambientes de uma determinada situação.

Com base nessa última proposta, realizou-se uma leitura superficial da transcrição das entrevistas com o intuito de organizar o material coletado,

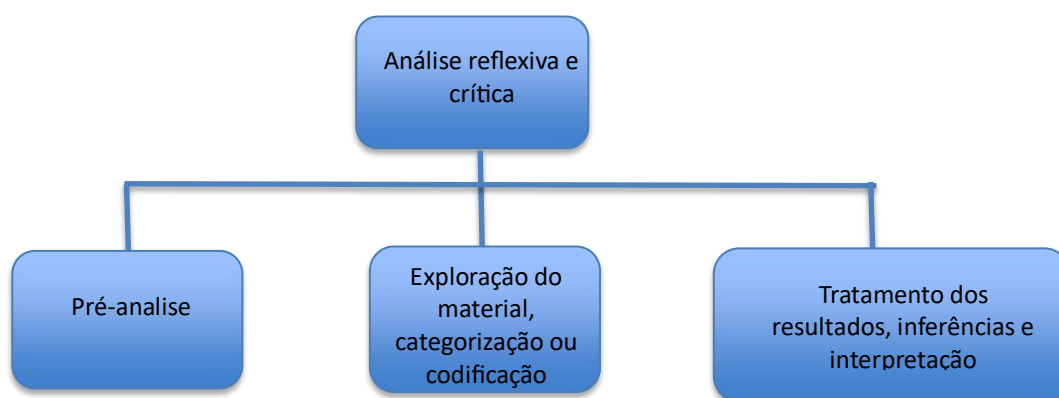
procedendo-se a uma ordenação das ideias, a fim de avaliar os documentos e escolher o que seria analisado. Para Bardin (2004), a partir dessa leitura, é possível propor hipóteses relacionadas objetivo da pesquisa e, em seguida, é preciso buscar indicadores, ou seja, os temas que se apresentam mais vezes nessa análise.

Segundo Duarte (2004, p.220), a transcrição da entrevista deve ser realizada com muita acuidade. Mais especificamente, deve ocorrer logo após o encontro e passar por uma verificação axiomática, para que não ocorram deturpações, interjeições e inflexões.

Na perspectiva de Bardin (2004), a próxima fase consiste na exploração do material, que corresponde à criação de códigos, visando a uma classificação por meio de grupos (rubricas) que apresentam características comuns. Segue-se então para a categorização por segmentos de mensagens, considerada pela autora uma das etapas mais importantes, pois é a partir dela que se ampliam as possibilidades de inferências. Concluindo o processo, terceira etapa consiste na interpretação e dedução a partir de uma análise reflexiva e crítica, que compreende três fases:

- 1) pré-análise;
- 2) exploração do material, categorização ou codificação;
- 3) tratamento dos resultados, inferências e interpretação.

Figura 7 – Fluxograma: Etapas da análise, de acordo com Bardin (2004)



Fonte: Elaboração própria.

Com o propósito de descrever e interpretar o conteúdo dos dados coletados, obtidos por meio das entrevistas com os diferentes atores que participaram do processo de implementação da modalidade de ensino AMS, optou-se pela análise de conteúdo visando a atingir níveis de compreensão que apresentassem significados

para além de uma simples leitura. Tencionava-se, portanto, um maior aprofundamento na subjetividade das construções humanas.

Acerca do caminho mais fidedigno para análise, levou-se em consideração que a educação é permeada por subjetividade. Assim, entendeu-se que a análise de conteúdo poderia apresentar uma melhor compreensão do processo de implementação de uma nova modalidade de ensino, pois, sendo nova, não existem pré-conceitos dos processos e desenvolvimentos das atividades pelos participantes.

As entrevistas com respondentes de diversos segmentos tiveram o objetivo de fornecer dados consubstanciados que, tratados de maneira adequada, poderiam contribuir para a melhoria dos processos de implementação dessa modalidade de ensino em outras unidades escolares. Mais especificamente, auxiliando em sua consolidação como modalidade de articulação entre os diferentes níveis de ensino (verticalização) e colaborando para a propositura de outras integrações e articulações na EPT.

Segundo Bardin (2004), a pré-análise é composta por etapas de organização da análise de conteúdo, que promovem a sistematização de ideias., partindo de uma leitura-flutuante, que auxilia na escolha dos documentos, viabilizando possíveis reformulações de objetivos que contribuem para a categorização e codificação, promovendo inferências e interpretações adequadas do material coletado.

Partindo desse pressuposto, iniciou-se o processo de pré-análise dos dados obtidos nas entrevistas realizadas, objetivando-se realizar uma reorganização do material coletado, a fim de tornar a análise mais operacional e sistematizada. Primeiramente foi realizada uma leitura flutuante de todo o material coletado, com o fito de validar as entrevistas realizadas. Essa validação foi embasada nas falas dos respondentes: se elas estavam de acordo com a proposta da investigação; e se o entrevistado não fugiu do tema central. Após essa leitura, das quinze (15) entrevistas realizadas, onze (11) foram aprovadas para figurar como dados a serem tratados e analisados.

Neste processo de pré-análise, deu-se início à exploração do material coletado e, para melhor organização e entendimento dos pontos mais relevantes, realizou-se o processo de identificação dos constructos nos dados coletados. Esses constructos foram os norteadores no processo de construção das dimensões, categorias e subcategorias que conduziram o tratamento dado aos resultados, proporcionando

inferências a respeito do processo de implementação da modalidade de ensino foco deste estudo.

Na sequência, teve início o processo de decodificação dos documentos (entrevistas), visando a captar o significado mais profundo e substanciado nas entrelinhas da fala dos entrevistados.

Vale lembrar que o procedimento escolhido para análise do conteúdo levou em consideração o material examinado e sua interlocução com o escopo do trabalho, aliados à posição ideológica e social do analisador (Chizzotti, 2006, p. 98).

Após a pré-análise na fase de exploração do material, optou-se pela divisão do conteúdo dos dados obtidos. Ela foi estabelecida a partir da especificidade de unidades de registros apresentada nas entrevistas para uma análise coerente. Logo, partindo dessa premissa, foi elaborado um quadro de critérios, subdividido em dimensão, categorias, subcategorias e unidades de sentido

As dimensões propostas pretenderam direcionar a investigação no que tange às falas recorrentes dos entrevistados no transcorrer da entrevista, que despontavam como elementos constitutivos de uma analogia significativa da pesquisa e estavam de acordo com a proposta pensada para a modalidade de ensino em questão.

Assim, decidiu-se dividi-la em cinco dimensões, a saber:

1. **Percepção da modalidade de ensino verticalizado;**
2. **Se a modalidade de ensino promove uma formação global dos alunos** (Construção de um clima organizacional que contribua para a promoção de uma formação global do aluno);
3. **Os impactos da implementação da modalidade de ensino na organização escolar** (Simbiose entre os gestores escolares — Fatec e Etec — e mentores das empresas Integração Etec, Fatec e Empresa);
4. **Percepções sobre a implementação de um currículo verticalizado** (Interdisciplinaridade entre os níveis de ensino);
5. **Relevância das atividades de contextualização profissional (ACT)** (Desenvolvimento do currículo e das Atividades de Contextualização Profissional).

Vale lembrar que as cinco dimensões levam em conta os objetivos da pesquisa, relacionados ao processo de implementação da verticalização do ensino, com foco na formação do aluno, na oportunidade de transição educacional e nos caminhos que

gestão escolar construiu para o desenvolvimento das atividades de integração na parceria empresa/ escola.

Partindo para a organização dos dados, após a primeira etapa da análise, elaborou-se um quadro com as dimensões propostas, além das categorias e subcategorias criadas com o propósito de uma análise mais fidedigna dos dados coletados.

Quadro 1 - Quadro de análise de dados

| Dimensão | Categoria | Subcategoria |
|---|--|---|
| 1. Percepção da modalidade do ensino verticalizado. | 1. 1 Reconhecimento da modalidade de ensino como inovação e contribuição para a transposição de nível educacional pelo aluno. | 1.1.1 Redução do tempo de formação. 1.1.2 Oportunidade de transição de nível educacional 1.1.3 Integração curricular |
| 2 Formação do aluno - Construção de um clima organizacional que contribua para a promoção de uma formação global do aluno; | 2.1. Potencialidade para uma formação global do aluno | 2.1.1.Desenvolvimento dos componentes curriculares da BNCC; 2.1.2.Desenvolvimento dos componentes curriculares da parte técnica; 2.1.3. Desenvolvimento de uma formação integrada |
| 3- Impactos da implementação da modalidade de ensino na organização escolar - Simbiose entre os gestores escolares (Fatec e Etec) e mentores das empresas; - Integração Etec, Fatec e Empresa | 3.1 Impressões sobre a forma como o processo de implementação da modalidade de ensino impactou a organização escolar 3.2 Alterações sentidas na organização da infraestrutura escolar | 3.1.1 Impressões dos atores da escolas sobre a organização das atividades pedagógicas: 3.2.1. Impressões doas atores da escola sobre a infraestrutura |
| 4- Percepções sobre a implementação de um currículo verticalizado Interdisciplinaridade entre os níveis de ensino | 4.1 Impressões sobre a forma como o processo de aplicação do currículo se deu na organização escolar 4.2 Cultura da escola | 4.1.1 Impressões dos atores da escolas sobre o Clima/Ambiente escolar 4.2.2 Trabalho colaborativo 4.2.3 participação dos professores 4.2.4 Participação dos pais |
| 5- Aplicação das ACP -Desenvolvimento do currículo e das Atividades de Contextualização Profissional. | 5.1 Impressões sobre a elaboração, acompanhamento e avaliação das ACP 5.2 Cultura da escola | 5.1.1 Escolha das atividades a serem realizadas 5.1.2 Acompanhamento e avaliação das atividades realizadas 5.1.3 Trabalho colaborativo |

Fonte: Elaboração própria.

3.4.1 A Dimensão 1: “Percepção da modalidade de ensino verticalizado”

A análise da primeira dimensão proposta tinha por objetivo entender se os atores envolvidos na implementação dessa nova modalidade de ensino a reconhecem

como um diferencial sobre as demais modalidades da Educação Profissional Técnica (EPT). Porém, à medida que análise dos dados era realizada, verificou-se a necessidade de subcategorias para melhor entender o que o interlocutor estava querendo dizer nas entrelinhas. Essa subcategorização se deu da seguinte maneira:

- 1.1.1 Redução do tempo de formação;
- 1.1.2 Oportunidade de transição de nível educacional;
- 1.1.3 Integração curricular.

Assim, mais especificamente, tencionava-se compreender se os atores envolvidos consideram que a modalidade proporciona ao aluno a transposição de nível de ensino (verticalização), ou seja, a transposição de nível educacional sem passar pelo processo de vestibular. Ademais, buscou-se conhecer a opinião deles a respeito da integração curricular, que possibilita a formação técnica integrada à formação básica, articulada com a formação superior, contribuindo para uma redução da carga horária total de seis para cinco anos e conferindo ao estudante três certificações — Ensino Médio, Ensino Técnico e Graduação — e possibilitando-lhe continuar seus estudos *lato e stricto sensu*.

Quadro 2 - Quadro-resumo da categorização e subcategorização da dimensão 1

| 1- Categoria | 1.1 -Subcategoria | Unidade (entrevistado/subcategoria) |
|---|--|---|
| 1. 1 Reconhecimento da modalidade de ensino como inovação e contribuição para a transposição de nível educacional pelo aluno. | 1.1.1 Redução do tempo de formação. 1.1.2 Oportunidade de transição de nível educacional 1.1.3 Integração curricular | <i>P.2 (1.1.1.) "Você pode fazer uma outra universidade, você pode fazer uma especialização". P2(1.1.1.) "...pessoal a melhor parte é o seguinte: se vocês fizerem tudo direitinho, com 19 / 20 anos, vocês já estão formados numa faculdade". CP1(1.1.2) "...esse programa de verticalização do curso, voltado a esse público, que já tem uma preparação, que já tem uma base aqui. É pra eles, além de economizar tempo, acho que diminuiu um semestre. Eu não lembro". A 1(1.1.2) "E acabei vendo que tinha esse curso que dava o direito de ingressar no curso superior...". A 2(1.1.2) "...eu estudava na escola normal e estava pensando em fazer um Senai, eu achei melhor ir para Etec, que lá eu ia ter também a oportunidade de ter uma faculdade, isso ajudou muito nessa escolha". 1.1.2 e 1.1.3 CP1 "... acho que essas duas características principais do programa que seria, a verticalização e a prática profissional...". P1 (1.1.3)"eu vi com eles, que têm algumas matérias que eles acabam eliminando, o período, a duração do curso é reduzida..."</i> |

| | | |
|--|--|--|
| | | |
|--|--|--|

Fonte: Elaboração própria.

Analisando as falas dos entrevistados A1 (1.1.1.), “...e acabei vendo que tinha esse curso que dava o direito de ingressar no curso superior” e A 2(1.1.1.), “.... eu estudava na escola normal e estava pensando em fazer um Senai, eu achei melhor ir para Etec, que ia ter também a oportunidade de ter uma faculdade isso ajudou muito nessa escolha”, observa-se que ambos consideram o ensino verticalizado um atrativo para os alunos, uma vez que estes últimos entendem, como vantagem, o ingresso direto em um curso superior.

Já na fala do entrevistado P2(1.1.2) — “...pessoal a melhor parte é o seguinte: se vocês fizerem tudo direitinho, com 19 e 20 anos, vocês já estão formados em uma faculdade” —, evidencia-se a redução de anos para obtenção de uma formação completa. Ademais, deixa-se subentendido que os alunos estarão jovens e terão mais tempo para arriscar outras possibilidades ou dar continuidade aos estudos. Mais adiante, o participante reforça a possibilidade da continuidade dos estudos por parte dos alunos: “...vocês podem fazer uma outra universidade, vocês podem fazer uma especialização...” (P2 (1.1.1)).

Na fala do professor, explicita-se o entendimento de que o aluno, ao terminar o curso, estará ainda muito jovem e terá a possibilidade de ampliar seus conhecimentos dando continuidade em seus estudos. Essa fala é importante, pois mostra que o docente entende que a formação é reduzida, porém é consistente e ampla, propiciando a escolha de outros caminhos profissionais em sua vida, caso queira. Logo, não estará limitado a uma única formação profissional.

Outro entrevistado, P1(1.1.2), assim se manifesta: “...eu vi com eles, que têm algumas matérias que eles acabam eliminando, o período, a duração do curso é reduzida...”. Nessa fala, percebe-se, de maneira subjetiva, que o currículo sofreu uma alteração, mas não é muito clara a amplitude dessa mudança — “algumas matérias”. De todo modo, essa mesma mudança confere ao aluno uma redução significativa em anos. Além disso, quando o entrevistado diz “o curso é reduzido”, essa redução não é mencionada de maneira negativa; pelo contrário, é positiva para o discente, uma vez que o respondente enfatiza a possibilidade de continuar os estudos.

Na fala dos entrevistados A1 e A2 (1.1.1.), nota-se que ambos sabem que a modalidade lhes permite uma transposição de nível de ensino, evidenciando que a continuidade dos estudos foi um fator que contribuiu para o ingresso nessa modalidade.

A seu turno, o entrevistado CP 1 (1.1.1. e 1.1.2) diz: *“esse programa de verticalização do curso, voltado a esse público, que já tem uma preparação, que já tem uma base aqui. É pra eles, além de economizar tempo, acho que diminuiu um semestre. Eu não lembro...”*.

Percebe-se aqui o entendimento da redução do tempo de formação. Do mesmo modo, o participante afirma que a formação inicial confere ao aluno um base de conhecimentos adquirido nos anos iniciais.

No próximo trecho, *“acho que essas duas características principais do programa que seria, a verticalização e a prática profissional”*, CP1 (1.1.1 e 1.1.2) refere-se à parceria escola/empresa, pois nela é proposto um conjunto de atividades de contextualização profissional (ACT), visando ao desenvolvimento das competências socioemocionais e técnicas.

Segundo Pacheco (2011), quando falamos da possibilidade de transposição de nível de ensino (verticalização), sob um novo olhar para a Educação Profissional, passa-se a pensar para além das fronteiras entre os níveis de ensino. Entende-se que essa estrutura compõe estágios distintos de formação, integrados à formação do conhecimento universalizado ao conhecimento técnico do mundo do trabalho e expandidos a partir da articulação com a pesquisa e a inovação tecnológica.

No que concerne ao currículo, os entrevistados não verbalizaram quais seriam efetivamente as mudanças. Logo, entende-se que a compreensão da organização curricular é segmentada. Os respondentes entendem as dinâmicas do próprio componente curricular, contudo não demonstraram conhecimento mais aprofundado da proposta do currículo integrado e articulado.

3.4.2 A Dimensão 2: “Formação do aluno ” — Construção de um clima organizacional que contribua para a promoção de uma formação global do estudante

Uma vez analisados os itens do quadro anterior, busca-se agora entender se a proposta dessa modalidade de ensino contribui para uma formação global dos alunos,

em observância ao que propõe a LDB 9394/96 em seu art. 22: “desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores” (Brasil, 1996).

No entanto, à medida que análise dos dados era realizada, constatou-se a necessidade de criar subcategorias, a fim de melhor entender o que o interlocutor estava querendo dizer nas entrelinhas da conversa. Essa subcategorização se deu da seguinte maneira:

2.1.1.Desenvolvimento dos componentes curriculares da BNCC;

2.1.2.Desenvolvimento dos componentes curriculares da parte técnica;

2.1.3.Desenvolvimento de uma formação integrada.

Assim, tencionava-se compreender: como o currículo estava sendo desenvolvido nas escolas; se estavam sendo trabalhados projetos interdisciplinares, multidisciplinares; se existia integração entre os professores da BNCC e professores da parte técnica; se os professores da parte técnica tinham alguma integração com os professores da parte técnica da Fatec; se existia alguma integração entre os três parceiros — Etec, Fatec e empresa — em atividades conjuntas; e quais didáticas de ensino estavam sendo aplicadas no transcorrer do curso,

Em síntese a Dimensão 2 foi pensada com o objetivo de entender os caminhos didático-pedagógicos propostos aos alunos pelos diferentes atores que interagem entre si, com o propósito gerar condições efetivas de aprendizagem para a consolidação de uma formação plena do aluno.

Quadro 3 - Quadro-resumo da categorização e subcategorização da dimensão 2

| 1- Categoria | 1.1 -Subcategoria | Unidade (entrevistado/subcategoria) |
|--|--|---|
| 2.1 Potencialidade para promover o desenvolvimento global dos alunos | 2.1.1.Desenvolvimento dos componentes curriculares da BNCC; 2.1.2.Desenvolvimento dos componentes curriculares da parte técnica 2.1.3.Desenvolvimento de uma formação integrada. | P 2. (2.1.2) <i>“Eu penso nos alunos, eles aparentam que não, mas todo mundo está preocupado em arrumar um emprego sim!! Trabalhar!”</i> , demonstra que o ensino integrado pode corroborar para uma inserção do aluno no mundo do trabalho, pois esses jovens têm essa preocupação, mesmo que não de maneira tão explícita”. CC 1 (2.1.3.) <i>“eu acho que está tão tranquilo, a base comum e a técnica, se casam, entendeu! Bem tranquilo mesmo”</i> . P.2. (2.1.2.) <i>“eles têm liberdade para perguntar o que eles quiserem e eles</i> |

| | | |
|--|--|---|
| | | <p><i>perguntam, eles fazem, eles fazem à mais do que eu peço.</i></p> <p>CP 1(2.1.2) <i>“Ela [professora] chorou na apresentação de um Trabalho de Conclusão de Curso, foi bem legal mesmo, ver o amadurecimento desses alunos, é um processo bem legal, bem legal mesmo. Porque a resposta dos alunos, foi algo, a altura da expectativa dos representantes das empresas”.</i></p> <p>CP 1 (2.1.2) <i>“..Eles [alunos] queriam a parte técnica, estavam sedentos por isso. Mesmo assim, a postura que eles tinham, as intervenções que eles faziam durante as palestras, o fato de agradecer no final o palestrante de dar um feedback, feedback real que eles realmente pensavam. Eu gostei de ver, a postura deles...”</i></p> <p>CC-2(2.1.3) <i>“eu sempre acreditei muito nessa formação integrada...”</i></p> <p>CC-2 (2.1.2) <i>“É uma formação acelerada. É, mas ela já engaja o aluno como profissional, ingressando muito cedo no mercado”.</i></p> |
|--|--|---|

Fonte: Elaboração própria.

Segundo Frigotto. (2003, p.173), podemos entender a amplitude do termo politécnico como um conjunto de categorias filosóficas e pedagógicas articuladas para a construção de uma formação não só para instrumentalizar um segmento de alunos, mas também para contribuir para a sua formação intelectual.

Na fala do entrevistado P 2. (2.1.1.) — *“Eu penso nos alunos, eles aparentam que não, mas todo mundo está preocupado em arrumar um emprego sim!! Trabalhar!”* — compreende-se que o ensino integrado pode contribuir para uma inserção dos alunos no mundo do trabalho, pois os jovens têm essa preocupação, mesmo que não de maneira tão explícita. Ademais, subentende-se que existe uma confluência entre a formação cognitiva e a formação técnica, apontando para um futuro com mais opções de ingresso no mundo do trabalho.

Na fala do CC 1 (2.1.3.) — *“eu acho que está tão tranquilo, a base comum e a técnica, se casam, entendeu! Bem tranquilo mesmo”* —, cuja atribuição é acompanhar o desenvolvimento das atividades pedagógicas dos professores dos diferentes componentes curriculares, tanto dos técnicos quanto dos da BNCC, evidencia-se que os estudantes desenvolvem bem esse currículo integrado. Entende-se, pois, que lhes são ofertados conhecimentos que abrangem tanto a formação técnica quanto a formação cognitiva, caminhos para promover uma formação global.

Na fala do entrevistado CP 1 (2.1.3) podemos perceber mais claramente a dimensão dessa integração: *“...ela [professora] chorou na apresentação de um Trabalho de Conclusão de Curso, foi bem legal mesmo, ver o amadurecimento desses alunos, é um processo bem legal, bem legal mesmo. Porque a resposta dos alunos, foi algo, a altura da expectativa dos representantes das empresas”*. Nesse trecho, mostra-se que o aluno teve uma performance muito boa, causando surpresa às pessoas que ali estavam. Isso revela que o jovem desenvolveu as competências e habilidades necessárias, ou seja, demonstrou ter conhecimentos cognitivo e técnicos, haja vista que a apresentação de um TCC envolve vários saberes.

O entrevistado CP1(2.1.3), por sua vez, afirma: *“...Eles [alunos] queriam a parte técnica, estavam sedentos por isso. Mesmo assim, a postura que eles tinham, as intervenções que eles faziam durante as palestras, o fato de agradecer no final o palestrante de dar um feedback, feedback real que eles realmente pensavam.*

Eu gostei de ver, a postura deles...”. Nesse fragmento, registra o comportamento de um estudante que se mostra comprometido com o outro, respeitando o que foi proposto, mas questionando, de forma adequada, a necessidade daquela informação. Trata-se de um indício de formação crítica, pois, segundo a fala do CP 1” *...eles queriam atividades técnicas e não o que estava sendo apresentados pelos parceiros, porém se mostraram “maduros” e participaram da atividade de maneira respeitosa e comprometida”*. Essa afirmação evidencia o desenvolvimento das competências socioemocionais, requeridas pela sociedade de hoje.

Segundo Saviani (2003a, p. 136), “a noção de politecnia se encaminha na direção da superação da dicotomia entre trabalho manual e trabalho intelectual, entre instrução profissional e instrução geral”. O autor a considera uma integração entre a ciência e a técnica, unindo os aspectos intelectuais e manuais de maneira a se apresentarem como uma mistura homogênea.

Na fala do P1 (2.1.2) — *“O aluno poder... foi o que você falou, ter uma formação plena para poder entrar no mercado de trabalho e conseguir trabalhar, ganhar seu dinheiro e ser feliz né?! não tem muito segredo “* —, é possível constatar que a formação para o trabalho é uma prioridade: “ter emprego e ser feliz”. Com base nessa afirmação, pode-se inferir nem todos os envolvidos no processo entendem uma formação para além do mercado de trabalho. O mesmo se verifica na fala de A 2 (2. 1.3.): *“...o curso foi uma ótima porta de entrada para o mercado de trabalho para mim. E daqui para frente, eu tenho que pegar tudo isso que aprendi e ir seguindo, mas eu*

acho que o curso me deu um ótimo direcionamento, tanto para o trabalho, quanto para continuar meus estudos.

Estabelecendo-se um paralelo entre a definição de Frigotto (2003,p.173) — sobre a amplitude do termo politécnico —, a fala dos professores — sobre “a preocupação do aluno em ingressar no mundo do trabalho” e sobre “o amadurecimento do aluno, que fez com que a professora ficasse emocionada com a desenvoltura desse aluno” — e a própria fala do aluno — “... o curso me deu um ótimo direcionamento, tanto para o trabalho, quanto para continuar meus estudos...” —, conclui-se que, na perspectiva do autor, o estudante desenvolveu não somente as competências e habilidades técnicas, mas também uma formação intelectual.

Vale ressaltar que a verticalização como processo educativo não condiz com uma formação fragmentada; pelo contrário, contribui para uma formação de conhecimentos integrados, pois os jovens buscam a formação técnica para se estabelecer em uma sociedade que necessita de profissionais qualificados. No entanto, eles também precisam pensar em seu futuro como cidadãos ativos economicamente na sociedade, com um olhar crítico, para a construção de uma sociedade mais justa.

3.4.3 A Dimensão 3: “Impactos da implementação da modalidade de ensino na organização escolar”

A Dimensão 3 visou a compreender como ocorrem as articulações entre os integrantes da equipe de gestão escolar, professores, alunos, empresas e faculdade parceira. Essa dimensão é bastante ampla, pois são muitos atores envolvidos em diferentes contextos do cotidiano escolar, que impactam diretamente o desenvolvimento das atividades didático -pedagógicas.

Vale lembrar que, para a implementação dessa nova modalidade de ensino, inicialmente, é preciso entender se o que está sendo trabalhado pelas entidades envolvidas contempla o que é previsto no Plano de Curso, haja vista que a AMS e a participação da empresa parceira se complementam, a fim de que o processo de verticalização do ensino seja conquistado plenamente. Para tanto, é necessário integrar os envolvidos, com vistas a um resultado positivo, ou seja, que o aluno seja atendido em suas necessidades para uma formação plena. Nesse sentido, a integração e confluência de objetivos entre as entidades envolvidas é fundamental.

Vale ressaltar o pensamento de Freire (1997), para quem os gestores escolares devem atentar para o clima organizacional, pois, quando as pessoas interagem, elas crescem juntas, favorecendo toda comunidade escolar. O autor também ressalta a importância de a gestão escolar propiciar situações que estimulem os diferentes segmentos visando a um clima de liderança (Silva, 2021).

Para uma melhor análise, a dimensão foi categorizada e subcategorizada da seguinte maneira:

- 3.1.1. Horário em que o curso de graduação é ofertado;
- 3.1.2. Integração entre as equipes de gestão pedagógica da Etec /Fatec;
- 3.1.3. Integração com a empresa parceira.

O quadro a seguir resume a categorização e a subcategorização da Dimensão 3.

Quadro 4 – Quadro-resumo da categorização e subcategorização da Dimensão 3.

| 3- Categoria | 3.1 -Subcategoria | Unidade (entrevistado/subcategoria) |
|---|--|---|
| 3.1 Impressões sobre a forma como o processo de implementação da modalidade de ensino impactou na organização das atividades pedagógicas da escolar | 3.1.1. Horário que o curso é ofertado 3.1.2. Integração Etec /Fatec 3.1.3. Integração com a empresa parceira | P1 (3.1.1) <i>“Então eu percebo que talvez o horário do curso, por ser à tarde, a procura não seja tão grande”.</i> CC 1 (3.1.1.) <i>“Fat muita gente querendo desistir do que estão fazendo por conta de horário”.</i> CC 1 (3.1.1.) <i>“Mas o horário do curso, ele também não favorece o nosso aluno né?!”</i> CP 1 (3.1.1.) <i>“Outra coisa também que eu achei que atrapalhou bastante, foi a intransigência de mudar o horário do curso. Que deu vários problemas. Que impossibilitavam o aluno de fazer estágio ou qualquer coisa assim. As outras Fatecs parecem que adequaram o horário”.</i> CP 1 (3.1.1.) <i>“Mas se quando um aluno fosse para Fatec, o curso fosse à noite, eu acho que aí era o mundo, era um mundo maravilhoso”</i> CP-2(3.1.2.) <i>“Quando eles entram na FATEC a gente perde o contato com os alunos, mesmo com essa formação do aluno.”</i> P2 (3.1.1.) <i>“entende.....eu acho que o AMS tem tudo para dar certo independente do horário, se fosse de manhã, se fosse à tarde enfim...”</i> CP-2 (3.1.2.) <i>“Quando eles entram na Fatec, a gente perde o contato com os alunos, mesmo com essa formação do aluno”.</i> P-2 (3.1.3) <i>“...o que está faltando ali é você ajustar, é isso mesmo. Porque o aluno, ele está lá porque ele quer, ele quer ir mais na empresa parceira, ele quer ir mais da Fatec, e infelizmente não depende dele...”.</i> |

| | | |
|--|--|---|
| | | <p>CP-02 (3.1.3.)... <i>“Que houvesse mais parcerias para a gente poder já começar as atividades...”</i>.</p> <p>P-2 (3.1.3) P-1 <i>“...mas parece que teve um período aí. Não sei se foi alguma das empresas que acabou saindo. Tiveram algumas desencontros assim, de coisas que iriam acontecer”</i>.</p> <p>P-1 (3.1.3) <i>“...tinha alguma coisa em alguma das empresas, os professores da Base Nacional Comum eram convidados para estar participando...”</i>.</p> <p>CP-1 (3.1.3.) <i>“Não houve tempo de planejamento prévio, por parte da escola, isso acabou afetando a organização do curso”</i>.</p> <p>CC-2(3.1.3.) <i>“é que as empresas não conseguem atender todos os alunos ao mesmo tempo, precisa dividir esses alunos em grupos e, portanto, a necessidade de mais professores para acompanhar esses alunos, segundo o entrevistado...”</i>.</p> <p>CP-2 (3.1.3.) <i>“...a empresa, ela atende um número fixo de por vez, então precisa de mais professores para poder acompanhar esses alunos, tem que ter alguém que organize todo esse cronograma. É o lanche...é tudo. Porque eles vão ficar o dia inteiro....”</i>.</p> <p>CP-1 (3.1.3.) <i>“Então, quando a direção acredita no projeto, isso é um facilitador, sem dúvida”</i>.</p> <p>CP-2 (3.1.3.) <i>“...O número de atividades das empresas não é tão grande, então a gente não consegue, por exemplo, iniciar na primeira série iniciar”</i>.</p> |
|--|--|---|

Fonte: Elaboração própria.

Com base no exposto, entende-se a necessidade de compreender como ocorre a integração entre as gestões desses diferentes parceiros. Por isso, o entrevistador motivou os participantes a se manifestar sobre a ação da gestão escolar nessa integração entre os parceiros. Dentre os diversos pontos abordados, alguns chamaram a atenção e são contemplados a seguir.

Segundo o entrevistado CC 1 (3.1.1.), *“muita gente querendo desistir do curso que estão fazendo na Fatec por conta de horário”*. Na mesma direção, CP 1 (3.1.1.) diz: *“outra coisa também que eu achei que atrapalhou bastante, foi a intransigência de mudar o horário do curso. Que deu vários problemas. Que impossibilitavam o aluno de fazer estágio ou qualquer coisa assim. As outras Fatecs parecem que adequaram o horário”*.

Pode-se observar que mais de um dos atores envolvidos comenta o horário das aulas na Fatec. Em linhas gerais, ele deveria ser pensado no sentido de possibilitar o estágio aos estudantes, haja vista que eles têm muitas oportunidades dessa natureza. Logo, o curso de graduação ofertado no período vespertino é visto por alguns como um fator complicador.

No entanto, o entrevistado P2 (3.1.1.) afirma: *“...eu acho que o AMS tem tudo para dar certo independente do horário, se fosse de manhã, se fosse à tarde enfim...”*. Analisando as falas dos respondentes, observa-se que o horário depende da integração entre as equipes de gestão da Etec e da Fatec, no sentido de propor horários mais condizentes com a disponibilidade de espaços físicos nas UE. Para tal, é necessária uma escuta ativa no que concerne às solicitações dos alunos e à possibilidade de estágios na região

Na fala do entrevistado P2(3.1.2) *“... O ponto negativo, aí você entra no que a gente conversou agora. Não tem integração, Etec e Fatec. CC 2 ... Eles têm o sábado aberto da Fatec. Eles poderiam falar para os alunos da Etec irem participar para conhecer os trabalhos dos alunos da Fatec, criar uma relação mais próxima”*. Já CC-1(3.1.2.) afirma: *“É porque na verdade a gente não faz parte desse convívio deles dentro da Fatec”*.

A integração, para os entrevistados, seria uma maneira de trabalhar o currículo de forma mais produtiva em ambos os níveis de ensino, bem como de ganho de conhecimento para os alunos. Assim, poderia lhes proporcionar um sentimento de pertencimento aos espaços do *campus* da faculdade, o que contribuiria para que quisessem continuar seus estudos na Fatec. Isso está presente, por exemplo, na fala do CC-1: *“Olha na outra Etec os alunos estão tendo aula dentro da Fatec. Isso seria bom para essa integração”*. Portanto, essa integração se apresenta como um desafio às equipes de gestão de ambas as entidades.

Outro ponto mencionado foi a perda de contato com os alunos que ingressam na Fatec, como se vê na fala da entrevistada CP-2: *“Quando eles entram na Fatec a gente perde o contato com os alunos, mesmo com essa formação do aluno. Aqui...”*. Fica evidente a existência de uma preocupação, por parte dos respondentes, de construir essa integração, porém ainda não foram desvendados os caminhos para tal. De todo modo, entende-se a necessidade e constata-se a boa vontade de que isso aconteça.

Assim, é nítido, nas falas transcritas, que essa integração seria proveitosa para todos, pois o currículo do curso integrado colaboraria para um aprofundamento dos conhecimentos pelos alunos na graduação. Os respondentes também mencionaram a necessidade de momentos de integração entre os professores da Fatec e os alunos da Etec, com mais palestras, bem como momentos de integração para que os jovens já fossem se sentindo pertencentes aos espaços da Fatec. Isso poderia ocorrer por meio de ações pedagógicas, por exemplo: feiras tecnológicas, palestras, atividades integradas e até pesquisas em conjunto, entre outras atividades ofertadas pelas universidades.

Já no que concerne à atuação de parceria com a empresa, identificaram-se três momentos. Primeiramente, ressaltou-se a dificuldade de se ter uma empresa parceira, pois o chamamento público demorou, causando um atraso na conversa entre escola-empresa para a construção conjunta das atividades de contextualização profissional. É o que se vê na fala de CP-02(3.1.3.) “... *Que houvesse mais parcerias para a gente poder já começar as atividades...*”.

O CP-1(3.1.3.), por sua vez, destacou um outro ponto sensível da gestão escolar: os trâmites para se ter a empresa parceira. Em suas palavras: “... *e o nosso parceiro que, por questões até formais, demorou para se fazer o acordo de cooperação E como eu disse, esse acordo aconteceu, um dia antes da abertura do vestibulinho e foi só aí que foi confirmada a nossa participação. Segundo o relator essa situação acabou impactando na organização da escola, ou seja, segundo o relator*”. Ademais, o participante diz: “*Não houve tempo de planejamento prévio, por parte da escola, isso acabou afetando a organização do curso*”.

Nos fragmentos, menciona-se mais um desafio para equipe de gestão: ter uma empresa parceira. Hoje, as empresas precisam participar de um chamamento público a fim de assinar o termo de cooperação para, depois, entrar em contato com a escola. Todavia, seguem outros problemas: o processo de escolha das atividades ofertadas aos alunos, bem como a construção do cronograma de atividades pedagógicas a serem trabalhadas em parceria.

A gestão escolar, por si só, já é um grande desafio, porém, quando pensamos na implementação de uma nova modalidade de ensino, cujo diferencial é a articulação curricular entre níveis de ensino, além de uma complementação curricular com uma parceira privada, o desafio se mostra ainda maior. Entretanto, não se pode deixar de compreender que, a partir do trabalho da equipe de gestão escolar, o processo de

implementação de um novo curso se tornará efetivo. A necessidade de envolvimento de todos fica clara nos dizeres do entrevistado P-2 (3.1.2) “...o que está faltando ali é você ajustar, é isso mesmo. Porque o aluno, ele está lá porque ele quer, ele quer ir mais na empresa parceira, ele quer ir mais da Fatec, e infelizmente não depende dele...”.

Em um segundo momento, já com a parceria regularizada entre escola e empresa, em todos os segmentos de entrevistados, ressaltou-se a importância da empresa parceira, principalmente no que concerne às possibilidades de o aluno conhecer o universo empresarial e ao quanto isso tem contribuído para a formação dos estudantes, tanto do ponto de vista técnico quanto do desenvolvimento das competências socioemocionais.

Em várias ocasiões, os participantes manifestaram as dificuldades de se iniciar essa parceria e alinhar as atividades, porém sempre mostravam os benefícios dessa parceria. Um dos pontos levantados por CC-2(3.1.3.) é o fato de as empresas não conseguirem atender a todos os alunos ao mesmo tempo. É necessário dividi-los em grupo, o que requer mais professores para acompanhá-los: “...por isso mais de uma empresa parceira seria interessante também neste sentido. Nas palavras de CP-2 (3.1.3.) “...a empresa, ela atende um número fixo de por vez, então precisa de mais professores para poder acompanhar esses alunos, tem que ter alguém que organize todo esse cronograma. É o lanche...é tudo. Porque eles vão ficar o dia inteiro....”.

Nesses excertos, subentende-se a necessidade de mais horas para os coordenadores poderem organizar e acompanhar esses alunos nessas atividades.

Outro aspecto mencionado é que as empresas poderiam incluir os demais professores — tanto da parte técnica quanto da parte comum — nas atividades. Entende-se que seria um ganho para todos, uma vez que os docentes também teriam a possibilidade de ampliar seus conhecimentos e contribuir para as ações das empresas no desenvolvimento de um currículo mais integrado e interdisciplinar, promovendo uma formação global. Ademais, os respondentes aludiram a uma maior integração entre os mentores da empresa e todos os professores que ministram aulas nessa modalidade de ensino, mediante encontros e rodas de conversa, a serem realizados pelo menos uma vez no semestre.

Na fala de outro entrevistado — CP-1 (3.1.3.) “Então, quando a direção acredita no projeto, isso é um facilitador, sem dúvida” —, percebe-se que, quando há uma integração entre a equipe de gestão da Etec e os coordenadores e professores que

atuam no curso, tudo fica mais fácil. Isso se estende desde o processo de organização das atividades de contextualização profissional, até os momentos de ações com os alunos.

Os participantes consideram que essa integração entre as equipes de gestão deve ocorrer também entre Etec, Fatec e empresa, pois não existem momentos nos quais todos possam discutir o currículo proposto, a fim de que sua implementação não caia em repetições de ações. Isso porque, na busca de desenvolver determinadas competências e habilidades, acabam ficando de lado outras igualmente necessárias. Portanto, essa integração se apresenta como um desafio a ser vencido pelos três parceiros no desenvolvimento desse currículo.

Os respondentes também afirmaram a importância de o coordenador do curso ter mais horas só para cuidar dessa modalidade de ensino, pois entende-se que, para que essa integração entre os parceiros ocorra de maneira mais assertiva, é necessário um ponto focal na escola para analisar com maior acuidade as atividades propostas pela empresa. Além do mais, é preciso realizar um acompanhamento mais analítico das atividades de contextualização profissional e desenvolver ações de integração entre os parceiros, com vistas a um melhor monitoramento do desenvolvimento curricular

Outro ponto interessante levantado pela CP-2 (3.1.3.) foi: “...O número de atividades das empresas não é tão grande, então a gente não consegue, por exemplo, iniciar na primeira série iniciar”. Essa fala corrobora a possibilidade de a escola ter mais de uma parceira, o que seria relevante tanto para o cumprimento da quantidade mínima de 200 horas, quanto para a ampliação dos conhecimentos adquiridos pelos alunos.

3.4.4 Dimensão 4: “Percepções sobre a implementação de um currículo verticalizado” — interdisciplinaridade entre os níveis de ensino

Nessa dimensão, buscou-se entender a discricionariedade do currículo proposto pelas equipes pedagógicas das diferentes instituições envolvidas no desenvolvimento de um currículo verticalizado, com a atuação de uma empresa, visando a contribuições significativas para a formação do aluno.

Para tanto, foram criadas as seguintes subcategorias:

4.1.1 Impressões sobre a forma como o processo de aplicação do currículo se deu na organização escolar ;

4.1.2 interdisciplinaridade;

4.1.3. Integração;

4.1.4 Percepção da aprendizagem

Segundo Machado (2006, p. 64), os currículos integrados, especificamente, os que asseguram o diálogo entre o Ensino Técnico e o Ensino Médio, se constituem como ricas oportunidades “[...] para explorar as potencialidades multidimensionais da educação, para superar a visão utilitarista do ensino, para desenvolver as capacidades de pensar, sentir e agir dos alunos, para realizar o objetivo da educação integral.”. De acordo com a autora, é preciso que a proposta pedagógica abarque alternativas e ações que efetivamente colaborem para: a ampliação dos conhecimentos dos alunos; a compreensão dos determinantes sociais, econômicos e políticos das situações de suas vidas e de suas atividades de trabalho; e a discussão das possibilidades que se apresentam para a melhoria dessas condições.

Na sequência, apresenta-se um quadro que resume as categorias e subcategorias da Dimensão 4.

Quadro 5- Quadro-resumo da categoria e das subcategorias da Dimensão 4

| 4- Categoria | 4.1 -Subcategoria | Unidade (entrevistado/subcategoria) |
|---|---|---|
| Percepções sobre a implementação de um currículo verticalizado. | 4.1.1. Conhecimento currículo; Impressões sobre a implementação do currículo; 4.1.2. Formação do aluno; 4.1.3 interdisciplinaridade 4.1.4. Integração | CC-2 (4.1.1.) <i>“O currículo atualizado, o currículo plano de curso quando a gente recebe que eu leio bonitinho, né, que eu vejo, ainda mais agora que ele veio com as diretrizes”.</i> CC-2 (4.1.1.) <i>“Na verdade, deveria ter acesso ao plano de curso já integrado (Etec/Fatec)”.</i> CC 2- (4.1.1.) <i>“E o esse ano, que a Diretora me deu, aí eu tive acesso ao plano de curso”.</i> CC 2- (4.1.1.) <i>“Aí eu tive, e aí eu analisei ,no que eu analisei, eu falei assim, atropeli os cara, porque eles(alunos) vão chegar sabendo tudo isso, eles gostaram da minha turma”.</i> CC 1- (4.1.1.) <i>“O livro é o mesmo o que você dá no ensino técnico”.</i> CC-1 .4.1.1) <i>“Ó professora, tudo o que a senhora deu a gente está aprendendo de novo”.</i> CC 1-(4.1.3) <i>“Não, não sei nem quais são os componentes que eles têm”.</i> CC 1 (4.1.1).- <i>“Seria interessante porque de repente eles estão dando as mesmas coisas que a gente está dando aqui”.</i> CC 1(4.1.1.) <i>“...dependendo do que eles tiverem no currículo deles, você pode</i> |

| | | |
|--|--|---|
| | | <p><i>abordar de uma maneira, às vezes mais simples no técnico e aprofundar em outras coisas que eles não, não vão ter lá(4.3) né?”.</i></p> <p><i>CC-1(4.1.1.) “Não sei, seria bem interessante que nós tivéssemos contato com esse plano”.</i></p> <p><i>P-2 (4.1.4.)“ ...evidencia a importância da integração entre as instituições de ensino. Se nós montamos um projeto, onde o aluno vai pra um curso superior e nós criamos um currículo, que ele só precisa de 2 anos, para poder ter o mesmo diploma do aluno que fica 3 anos, você parte do princípio do que ele aprendeu no técnico. Faz toda a diferença no curso superior. Então essa integração seria muito mais importante do que a integração com a Empresa. E essa integração com a Fatec nós não temos, em um primeiro momento, parece ser até que seria mais fácil, porque é a mesma instituição, a nossa divisão ali é um muro, que tem até uma porta para nós ali”.</i></p> <p><i>A-1(4.1.3.) “Muitas pessoas falam que você precisa de inglês na área de computação, inglês avançado, e como na área de computação os termos, são basicamente todos em Inglês. Seria bom se o professor de inglês (BNCC) trabalhasse esses termos da computação juntos com a gente. A 1 O relato demonstra que os alunos entendem que projetos interdisciplinares corroboram para o aprendizado dos aluno”.</i></p> <p><i>D-1 (4.1.3) “...para uma real integração precisaria que todos se reunissem em algum momento...”.</i></p> <p><i>A-1 (4.1.2) “Ou que pelo menos, focasse no terceiro segundo ano. Ficando fresca na memória”.</i></p> <p><i>A-2 (4.1.2) “...que o fato de não ter o componente de química naquele ano prejudicou ele na realização do provão paulista, pois já fazia quase um ano que ele havia estudado química”.</i></p> <p><i>A-2 (4.1.2) “E como eu fiquei um ano inteiro sem química e física, tive dificuldade de fazer essas questões...”.</i></p> |
|--|--|---|

Fonte: Elaboração própria.

Para entender como o currículo estava sendo desenvolvido, a primeira indagação feita aos participantes da pesquisa foi se conheciam o Plano de Curso e a Matriz Curricular. De acordo com o entrevistado CC-2 (4.1.1.) “...o currículo atualizado, o plano de curso quando a gente recebe, eu leio bonitinho, eu vejo, ainda mais agora que ele veio com as diretrizes”.

Nesse fragmento, fica claro que o coordenador teve acesso ao Plano de Curso, proposto para as três séries a serem cursadas pelos estudantes na Etec, e o leu com acuidade. Essa ação é importante, pois o coordenador de curso é quem acompanha e, com o coordenador pedagógico, orienta as ações didático-pedagógicas desenvolvida pelos professores.

Na sua fala, a participante C C-2(4.1.1.) reforça: “... *na verdade, deveria ter acesso ao plano de curso já integrado (Etec/Fatec)*”. A profissional considera muito relevante o acesso ao currículo da graduação, haja vista que poderiam trabalhar com os alunos de uma maneira mais coerente. Em continuidade, a respondente assim se manifesta: “... *esse ano, a Diretora me deu, aí eu tive acesso ao plano de curso da Fatec, analisei, no que eu analisei, eu falei assim, atropeli os cara, porque eles (alunos) vão chegar sabendo tudo isso*. No excerto, evidencia-se que as bases tecnológicas previstas para serem desenvolvidas na graduação já haviam sido trabalhadas no curso técnico.

Sobre o assunto, CC-1 (4.1.1.) verbaliza: “*o aluno me disse ‘o livro é o mesmo o que você dá no ensino técnico’, e completa a frase “‘Ó professora, tudo o que a senhora deu a gente está aprendendo de novo’”*. Já P-2 (4.1.1.) reflete: “*O professor da graduação tinha que saber o que está acontecendo no técnico, para quando o aluno chegar na Graduação ele dá continuidade da melhor maneira possível né?! É lógico que geralmente dá certo, mas a gente não pode deixar isso assim “Ah vai dar certo”, a gente tem que planejar, tem que ser organizado”*”.

Com base nos trechos, a questão pode ser abordada em dois momentos. O primeiro consiste no conhecimento do currículo verticalizado, pois tanto professores quanto coordenadores mostraram desconhecer integralmente esse currículo. Em suas falas, fica claro o conhecimento do Plano de Curso das séries iniciais, porém o mesmo não ocorre com as duas séries finais. Repetidamente, afirma-se a necessidade desse conhecimento para organizar o trabalho de todos os professores envolvidos, tanto do técnico quanto da graduação.

Os docentes demonstram conhecer o currículo do Ensino Médio integrado ao técnico, porém não conheciam o currículo da graduação. A seu ver, seria importante ter esse conhecimento para que pudessem preparar suas aulas com foco maior nas competências e habilidades que não seriam abordadas no curso superior ou no desenvolvimento de competências e habilidades que poderiam contribuir para o

desenvolvimento do currículo ofertado pelas disciplinas da graduação. Isso contribuiria para uma melhor formação profissional desses alunos.

Na fala do CP-1(4.1.1.) — “... *Porque não precisa ficar recolocando conceitos, retrabalhando conceitos que os alunos tiveram, modéstia à parte, muito bem aqui na ETEC*” —, reitera-se a importância da integração para não ocorrer repetição de conceitos apresentados, ou seja, o sobreamento curricular.

Segundo Ramos (2010, p. 51), o currículo integrado vai além da soma de cargas horárias da Educação Básica e da Educação Profissional. É fundamental correlacionar a organização curricular ao propósito de se desenvolver o processo de ensino-aprendizagem dos conhecimentos gerais e específicos, cultura e trabalho, humanismo e tecnologia. Além disso, o ensino integrado e articulado entre níveis de ensino se mostra ainda mais importante a indissociabilidade do ensino.

Quanto ao segundo momento, observou-se a necessidade de uma maior integração entre os professores da Educação Básica, da Educação Profissional Técnica de Nível Médio e da graduação, no sentido de dialogarem a respeito do currículo e de seu desenvolvimento. Isso porque os membros das equipes de gestão envolvidas no processo manifestaram a necessidade de momentos nos quais os docentes de diferentes níveis de ensino pudessem se reunir, visando a uma formação ainda mais concisa dos alunos, se não garantindo, pelo menos, minimizando os impactos de uma descontinuidade curricular: D1 (4.1.1.) “...*para uma real integração precisaria que todos se reunissem em algum momento...*”.

A fala do entrevistado P-2 (4.1.4.) evidencia a importância da integração entre as instituições de ensino: “*Se nós montamos um projeto, aonde o aluno vai pra um curso superior e nós criamos um currículo, que ele só precisa de 2 anos, para poder ter o mesmo diploma do aluno que fica 3 anos, você parte do princípio do que ele aprendeu no técnico. Faz toda a diferença no curso superior. Então essa integração seria muito mais importante do que a integração com a Empresa. E essa integração com a Fatec nós não temos, em um primeiro momento, parece ser até que seria mais fácil, porque é a mesma instituição, a nossa divisão ali é um muro, que tem até uma porta para nós ali*”.

Como se vê, é ponto pacífico a necessidade de integração entre os professores dos diferentes níveis de ensino, além da participação dos mentores das empresas que atuam com os alunos, a fim de contemplar o que foi pensado pelos envolvidos no processo de implantação e implementação dessa modalidade de ensino.

Quando pensamos em uma formação integrada e articulada entre os níveis de ensino, procuramos garantir aos discentes a uma formação global, a fim de estar apto a realizar uma leitura do mundo de maneira crítica e atuante, como um cidadão pertencente a uma nação e integrado acertadamente à sociedade política. Pressupõe-se, portanto, a compreensão das relações sociais subjacentes a todos os fenômenos (Ciavatta, 2005, p. 85).

Na visão do entrevistado A-1 (4.1.2), “...*muitas pessoas falam que você precisa de inglês na área de computação, inglês avançado, e como na área de computação os termos, são basicamente todos em Inglês. Seria bom se o professor de inglês (BNCC) trabalhasse esses termos da computação juntos com a gente*”. O relato mostra que os discentes compreendem que projetos interdisciplinares auxiliam o seu aprendizado

No que tange ao desenvolvimento do currículo de forma interdisciplinar entre os componentes da BNCC e a parte técnica, os entrevistados afirmaram que projetos interdisciplinares ainda não são tão frequentes, principalmente entre os professores dos componentes da BNCC e os dos componentes técnicos. Mais especificamente, existe uma interdisciplinaridade maior entre os componentes técnicos, principalmente no que diz respeito aos trabalhos de conclusão de curso, que têm essa integração como proposta. Todos entendem que projetos interdisciplinares são essenciais, mas encontram dificuldades em desenvolvê-los pela falta de tempo e pelos raros encontros entre os docentes para se discutirem possíveis projetos.

Nas palavras de P-2 (4.1.2) “*Essa ligação entre nós e a Base Nacional Comum é complicada viu? Parece ser fácil, mas não é, mas não é todo o professor que está aberto a ter essa ligação*”. Assim, quando o tema é interdisciplinaridade entre componentes da BNCC e da parte técnica, a relação se torna conturbada.

Por isso, são necessárias ações que propiciem momentos entre os professores, a fim de socializarem experiências que poderiam contribuir para uma aproximação entre eles. A fala de P-1-(4.1.2.) — “*Mas o da Base Nacional Comum ele já fica ‘nervosinho’. Ele faz, mas ele já não gosta de fazer. Então se a gente colocar alguma coisa sei lá na reunião pedagógica, e criando dentro do nosso calendário, junto com a empresa parceira né?!*” — salienta a dificuldade em pauta.

Quando o entrevistado foi interpelado a respeito das avaliações externas, algumas questões de relevo emergiram. Na opinião de A-1 (4.1.4), “*se a gente não tem no primeiro e passa a ter no segundo e terceiro, ficaria mais recente o*

aprendizado para prestar o vestibular, esse ano fui prestar o Enem". Aqui se verifica que o fato de ele não ter determinados componentes curriculares nas três séries dificultou a realização da avaliação externa. Nesse sentido, ele propõe: *"Ou que pelo menos, focasse no terceiro segundo ano, ficando fresca na memória"*. E, na sequência, complementa: *"...E das matérias de base curricular comum, eu acho que mudaria o foco de algumas matérias e levaria para o 2º e 3º anos"*.

Na percepção dos alunos, a aprendizagem é significativa principalmente da parte técnica, porém a falta de alguns componentes da BNCC em algumas séries não é positiva. Nas palavras de A-2 (4.1.4), *"... o fato de não ter o componente de química naquele ano prejudicou na realização do provão paulista, pois já fazia quase um ano que ele havia estudado química. E como eu fiquei um ano inteiro sem química e física, tive dificuldade de fazer essas questões"*. O jovem entende que as aulas são boas, mas o fato de intercalar Química, Física e Biologia prejudica no momento das avaliações externas, como Provão Paulista e Enem. Também comentou que os conteúdos estudados não foram os solicitados no Provão Paulista: *"das matérias de base curricular comum, eu acho que mudaria o foco de algumas matérias e levaria para o 2º e 3º anos"*, ressaltando que mudaria a organização curricular. O comentário destaca um ponto importante no que concerne ao currículo proposto: em virtude de o Provão Paulista passar a ser seriado, esse currículo deve ser revisitado para quem sabe realizar algumas adequações

Nas palavras de A-2 (4.1.4): *"A gente aprendeu muito com os professores dos diferentes componentes curriculares, principalmente os componentes técnicos E eu acho que dá parte técnica, eu não tenho do que reclamar foi excelente"*. Como vemos, os alunos entrevistados reiteram a necessidade de um maior aprofundamento dos conteúdos da BNCC e entendem que precisariam de mais aulas para tal.

A-2 (4.1.4.), por sua vez, diz: *"...É, eu acho que os conteúdos são muito rasos, poderiam ser aprofundados. Tem conteúdos apresentados que não são tão importantes e outros que são mais cobrados nos vestibulares não são apresentados"*. A partir dessa fala, nota-se a necessidade de rever o currículo proposto e verificar se os professores estão atentos ao currículo a ser trabalhado. Esse é um questionamento que requer um momento específico para análise.

O entrevistado A-1 (4.1.4.) reforça a questão das bases desenvolvidas nas aulas e as bases cobradas nas avaliações externas: A-1 (4.1.4) *"... que foi proposto, mas acho que é mais na escolha de quais temas devem ser apresentados, assim teve*

uns conteúdos que eu, por exemplo, eu vi esse ano e não caiu muito no Enem, sabia. Aí as outras coisas (conteúdos) poderiam ser dadas, entendeu? por exemplo, as disciplinas se unem, daí se consegue aprofundar mais”.

Nessa toada, A-1 (4.4.1) afirma: “... O aluno, tem que pegar tudo que ele recebeu, professor enviou, não consegue absorver, então ele precisaria mais tempo, ser mais bem distribuído. Aqui fica evidente a necessidade de um tempo maior para o desenvolvimento do conhecimento cognitivo, uma vez que são muitas informações em um período curto. No que consiste ao desenvolvimento do currículo, vale questionar se o tempo é curto para tanto conteúdo ou se o que está sendo apresentado para o aluno não está em consonância com o currículo proposto.

3.4.5. Dimensão 5: “Aplicação das atividades de contextualização profissional (ACP)” – Desenvolvimento das atividades de contextualização profissional

Segundo um dos idealizadores da proposta de verticalização do ensino na instituição, a criação das atividades de contextualização profissional deu-se a partir de um histórico não muito positivo do estágio. Isso porque se verificou a inexistência de um acompanhamento efetivo, pois ele sequer era avaliado.

Diante desse cenário, surgiu a proposta de a empresa ofertar 200 horas de ACP, que não fossem encaradas como “visitas técnicas para se ganharem brindes”. Pelo contrário, deveriam figurar como complemento na formação do aluno e tampouco caberia uma avaliação de componentes curriculares como Matemática, Física, entre outros.

A partir de tal entendimento, pensou-se que as empresas parceiras poderiam se aprofundar no desenvolvimento das competências socioemocionais, que já faziam parte do currículo proposto para as habilitações ofertadas nessa modalidade de ensino. Dito de outro modo, seriam trabalhadas as competências relacionadas à vivência numa empresa.

A princípio, essas atividades não faziam parte do currículo, pois entendia-se que seria um piloto de 5 anos. Ademais, as dinâmicas das empresas mudam no transcorrer dos anos, o que poderia causar alguns contratemplos na aplicação das atividades propostas.

Assim, as ACP são apresentadas por meio de uma Matriz de Referência, cujo objetivo é nortear as atividades a serem aplicadas pela empresa em parceria com a equipe de gestão da escola e acompanhadas por ela. Essas atividades visam a desenvolver as competências socioemocionais podendo, em alguns momentos, permear a formação técnica, mas na busca por uma formação global do aluno.

Para uma melhor análise, a categoria foi subdividida em:

5.1.1 Impressões sobre a proposta das ACP;

5.1.2 dificuldades apresentadas no desenvolvimento das ACP.

5.1.3 Como é feito o acompanhamento e a avaliação das ACT.

Quadro 6 - Quadro-resumo da categoria e das subcategorias da Dimensão 5

| 5- Categoria | 5.1 Subcategoria | Unidade (entrevistado/subcategoria) |
|---|--|---|
| Aplicação das ACP Desenvolvimento das Atividades de Contextualização Profissional. | 5.1.1 Impressões sobre a proposta das ACP; 5.1.2 dificuldades apresentadas no desenvolvimento das ACP. 5.1.3. Como é feito o acompanhamento e a avaliação das ACT. | <p><i>CP 1 (5.1.1.) "...Pontos positivos Da prática profissional, é uma coisa muito legal né? O aluno ter essa vivência durante o período acadêmico, eu acho essencial".</i></p> <p><i>CP- 1 (5.1.1.) "...acho que são 120 horas, não lembro direito.(são 200 horas) De prática profissional, que é essa ligação, mais firme, com o setor produtivo que, para os alunos eu acho essencial. Garantir a inserção do aluno no mercado de trabalho concomitante ao desenvolvimento das atividades acadêmicas e só tem vantagens para esse processo, só tem vantagens para todos os lados".</i></p> <p><i>CP-1 5.1.1. "Garantir a inserção do aluno no mercado de trabalho concomitante ao desenvolvimento das atividades acadêmicas só tem vantagens para esse processo, só tem vantagens para todos os lados".</i></p> <p><i>5.1.2 CP- 1 "Esses encontros são no contraturno, o professor tinha aula em outras turmas neste momento. Uma outra dificuldade apresentada pelo..."</i></p> <p><i>CP-1(5.1.2) "...a empresa demorou para entender como trabalhar com esses alunos adolescentes, pois vale ressaltar que os alunos ingressam nessa modalidade de ensino com 14 ou 15 anos, portanto muito jovens".</i></p> <p><i>CP -1 (5.1.3) "A integração com a responsável pelo programa na empresa foi muito boa, no que conferiu a construção de um programa de atividades pensadas e apropriadas para o desenvolvimento dos alunos e o cumprimento das 200 horas de contextualização profissional".</i></p> <p><i>CC- 1 (5.1.3.) "...o acompanhamento das atividades de contextualização profissional se dá através de certificados de horas de palestras técnicas, emitidos pela empresa".</i></p> |

| | | |
|--|--|--|
| | | <p>CC-1 (5.1.3.) “o acompanhamento das atividades de contextualização profissional se dá através de certificados de horas de palestras técnicas, emitidos pela empresa parceira”.</p> <p>A-1(5.1.2.) “... a maioria das palestras são sobre as softskills (saúde, educação física, parte sobre empresas) mas segundo o entrevistado são muitas palestras, cansa”.</p> <p>A1(5.1.2.) “a conexão aluno empresa foi fraco, não visitamos os departamentos da empresa, olhar a infraestrutura, não teve nem uma visita técnica”.</p> <p>A-2 (5.1.3.) “alguns professores entregavam formulários pra gente responder sobre as palestras que participamos, isso aconteceu no 1º ano, porém, no 2º e 3ºanos isso deixou de acontecer...”.</p> <p>CP- 2 (5.1.4.)”...essas planilhas de controle propostas pelo CPS, e que a gente está achando, assim, que está um pouco excessivo é que todas as ações têm que ir para o prontuário do aluno, então está bem excessivo”.</p> <p>CP-2(5.1.3. “Já basta os documentos necessários que devem ser preenchidos para o acompanhamento do aluno..”</p> <p>CP- 2(5.1.3.) “...a empresa sempre emite um certificado e, são cobrados relatórios dos alunos, para evidenciar até a relação do que eles observaram na visita e o que eles aprendem, nas palestras voltadas para o técnico ou mesmo formação socioemocional”.</p> <p>CP-1 (5.3.1.) “...Foram essas atividades diferenciadas que acabaram trazendo para o aluno, um entrosamento mais rápido assim, com o Programa”.</p> <p>CP-1 (5.3.1.) “...documentos para comprovar a participação do aluno sobre o controle das monitorias. nas atividades. Tipo o aluno fazer um portfólio dele. Mas a gente não tinha o controle de quem estava participando, quando que estava participando”.</p> <p>CP-1 (5.3.1) “...e pra gente ter o controle de que aluno estava participando, que dias que foram feitos esses encontros, quanto tempo duravam os encontros”.</p> <p>CC-2 (5.3.1.) “... o relatório precisa existir, o certificado ele precisa existir, então tudo isso fica no prontuário do aluno”.</p> |
|--|--|--|

Fonte: Elaboração própria.

Nas palavras do CP 2 (5.1.1.): “... pontos positivos...Da prática profissional, é uma coisa muito legal né? O aluno ter essa vivência durante o período acadêmico, eu acho essencial”. A seguir, na fala de CP-1 (5.1.1), reitera-se a importância dessa

vivência nesse momento acadêmico dos alunos “...acho que são 120 horas, não lembro direito.(são 200 horas) De prática profissional, que é essa ligação, mais firme, com o setor produtivo que, para os alunos eu acho essencial. Garantir a inserção do aluno no mercado de trabalho concomitante ao desenvolvimento das atividades acadêmicas e só tem vantagens para esse processo, só tem vantagens para todos os lados”.

Observa-se, em ambos os fragmentos, que esse momento concomitante escola-empresa é enriquecedor na formação discente, confluindo com a proposta das atividades de contextualização. Portanto, fica evidente que a vivência do aluno no mundo do trabalho faz diferença em sua vida. É o que se pode ver também neste outro excerto, no qual o participante se manifesta favorável à ação: “Garantir a inserção do aluno no mercado de trabalho concomitante ao desenvolvimento das atividades acadêmicas só tem vantagens para esse processo, só tem vantagens para todos os lados” CP-1 (5.1.1).

Todavia, no que concerne à organização das atividades, algumas questões foram levantadas pelos entrevistados. Dentre as dificuldades mencionadas pelo CP 1 e CP-2 (5.1.2), destaca-se o horário dessas atividades, em contraturno; logo, o professor coordenador não pode participar desse momento: “Esses encontros são no contraturno, o professor tinha aula em outras turmas neste momento” (CP1 5.1.2).

Outra dificuldade manifestada pelo CP-1(5.1.2) foi a seguinte: “a empresa demorou para entender como trabalhar com esses alunos adolescentes”. Vale ressaltar que os estudantes ingressam nessa modalidade de ensino com 14 ou 15 anos, portanto, muito jovens. A questão foi também apontada pelo entrevistado CTEM: trabalhar com alunos tão jovens será um desafio para uma grande empresa

Na fala do CP -2 (5.1.3) — “A integração com a responsável pelo programa na empresa foi muito boa, no que conferiu a construção de um programa de atividades pensadas e apropriadas para o desenvolvimento dos alunos e o cumprimento das 200 horas de contextualização profissional” —, fica claro que a integração, quando ocorre, é frutífera para todos os envolvidos.

Já para a CC 1 (5.1.1.), “o acompanhamento das atividades de contextualização profissional se dá através de certificados de horas de palestras técnicas, emitidos pela empresa parceira”. Nesse fragmento, subliminarmente se entende que são palestras técnicas realizadas remotamente pelo aluno. Este último recebe um certificado à medida que vai cumprindo todas as atividades propostas.

Todavia, esse formato não atende plenamente àquilo que foi pensado, haja vista que o contato presencial é fundamental para o desenvolvimento de competências comportamentais.

Sobre isso, o CC 2 (5.1.1.), a seu turno, declarou: “*essas ACP são desenvolvidas através de projetos, que já estavam em andamento na escola e a empresa oferece cursos de 20 a 60 horas, também oferecem palestras com profissionais da área e também palestras que atendem o desenvolvimento das competências socioemocionais*”

Vale ressaltar que os cronogramas das atividades a serem desenvolvidas com os alunos, bem como os conteúdos das ACP propostos variam entre as UE. Conforme observamos, a maioria das atividades consiste, para algumas instituições, em palestras e cursos de curta duração. Em outras, contudo, as visitas monitoradas são recorrentes. Logo, cada escola desenvolve essas atividades segundo as disponibilidades dos parceiros.

Para o entrevistado A-1(5.1.3.). “*...a maioria das palestras são sobre as Softskills (saúde, educação física, parte sobre empresas) ...são muitas palestras, cansa*”. Assim, por serem repetitivas, causam desinteresse e, por conseguinte, é necessário refletir sobre as metodologias e temas escolhidos para serem trabalhados. Mais especificamente, ao se construir o cronograma com a empresa, o responsável pelo acompanhamento precisa diversificar as metodologias e interações, a fim de que os estudantes se sintam mais interessados e, portanto, mais participativos, uma vez o protagonismo discente em seu desenvolvimento cognitivo e socioemocional é fundamental.

O entrevistado A- 1(5.1.2.) declarou: “*... a conexão aluno empresa foi fraco, não visitamos os departamentos da empresa, olhar a infraestrutura, não teve nem uma visita técnica*”. Nesse trecho, percebe-se que existe a expectativa de haver atividades nos espaços da empresa parceira, o que proporcionaria aos alunos o entendimento das relações entre os funcionários no cotidiano das empresas.

No caso de outra UE, a CC-2(5.1.3.) informou que a empresa não tem um local fixo. Por ser uma empresa virtual, não havia possibilidade de visitas presenciais, porém foi ofertada uma série de minicursos, além de bate papos com o CEO e palestras com os mentores. E aqui vale ponderar se as empresas virtuais atendem ao pensado para essas atividades, pois a avaliação comportamental pode ficar prejudicada.

O entrevistado A-2 (5.1.3.), por sua vez, afirmou: “... *alguns professores entregavam formulários pra gente responder sobre as palestras que participamos, isso aconteceu no 1º ano, porém, no 2º e 3º anos isso deixou de acontecer*”. Nesse relato, mencionam-se os registros do acompanhamento pedagógico das ACP, no caso, a falta de realização desses registros. Eles poderiam ser analisados a fim de verificar se o que é proposto no cronograma está sendo desenvolvido. Ademais, não existe um *feedback* por parte do aluno a respeito de quais competências e habilidades ele está conseguindo desenvolver por intermédio.

Para o participante A-2(5.1.3.), “*as palestras causaram controvérsia entre os alunos, pois a maioria prefere palestras técnicas à socioemocionais*”. Ressalto, mais uma vez, que, para essa modalidade de ensino, a Matriz de Referência preconiza atividades com vistas a desenvolver as competências socioemocionais. Entretanto, como se vê no trecho, as atividades “socioemocionais são repetitivas”. Diante disso, é preciso compreender quais atividades estão sendo propostas, se são diversificadas e se contemplam uma integração com os discentes que, no presente estudo, reivindicam atividades mais dinâmicas. Como vimos, a maioria dos relatos alude a palestras e cursos de curta duração; logo, é preciso salientar a relevância das metodologias utilizadas.

O respondente A-2 (5.1.3.) reforçou que a prática se perdeu no transcorrer dos anos: “... *no primeiro ano a professora pedia um feedback das atividades(palestras)*”. Ademais, disse que não havia discussões após as palestras. Já o entrevistado CP-1(5.3.1.) verbalizou: “... *nós tivemos sorte, de encontrar uma pessoa lá, muito proativa e interessada no Programa, e a gente conseguiu assim, aos poucos, ir se entrosando, ir se acertando, montando cronograma de atividades*”. Observa-se aqui a importância da integração entre a equipe pedagógica da escola e a equipe da empresa para pensar, em conjunto, as ACP.

Nas palavras de CP- 2 (5.1.4.): “...*essas planilhas de controle propostas pelo CPS, e que a gente está achando, assim, que está um pouco excessivo é que todas as ações têm que ir para o prontuário do aluno, então está bem excessivo. (5.1.3.) Já basta os documentos necessários que devem ser preenchidos para o acompanhamento do aluno*”. Vale lembrar que os participantes externaram a existência de um grande número de atividades que devem ser realizadas nessa

modalidade de ensino e, portanto, são necessárias mais horas de coordenação ou mesmo um coordenador só para acompanhar essas ACP.

Outro entrevistado, CP- 2(5.1.3.), por sua vez, afirmou: “... *a empresa sempre emite um certificado e, são cobrados relatórios dos alunos, para evidenciar até a relação do que eles observaram na visita e o que eles aprendem, nas palestras voltadas para o técnico ou mesmo formação socioemocional.* Como se nota, nessa outra UE, já existe a prática de entrega de registros das atividades de contextualização profissional realizadas pelos alunos, o que é de extrema importância para se ter um acompanhamento pedagógico adequado

Ainda sobre esse aspecto, merecem destaque os seguintes excertos:

CP-1 (5.3.1.)Foram essas atividades diferenciadas que acabaram trazendo para o aluno, um entrosamento mais rápido assim, com o Programa.

CP-1 (5.3.1.).... documentos para comprovar a participação do aluno sobre o controle das monitorias. nas atividades. Tipo o aluno fazer um portfólio dele. Mas a gente não tinha o controle de quem estava participando, quando que estava participando

53.1 CP-1 e pra gente ter o controle de que aluno estava participando, que dias que foram feitos esses encontros, quanto tempo duravam os encontros.

CC-2 (5.3.1.) O relatório precisa existir, o certificado ele precisa existir, então tudo isso fica no prontuário do aluno.

Nas falas dos integrantes da equipe de gestão e dos professores, evidencia-se a necessidade de realizar registros dessas atividades, para se ter um acompanhamento mais próximo do desenvolvimento cognitivo e socioemocional dos aprendizes. No entanto, nota-se que nem sempre elas são acompanhadas pelos CP e CC das U.E.

Por fim, é válido ressaltar esta outra fala 5.1.3.....A 1*acho que essa parte é a mais polêmica, inclusive entre os próprios alunos da sala, é porque teve muitas palestras que foram bem interessantes, agregaram bastante, muitas palestras que tinham um conteúdo mais técnicos, mas as palestras, que tinham um caráter mais, de coisas mais as socioemocionais, foi esse o problema, porque são repetitivas, tinham sempre o mesmo tema Soft skills.*

Nesse caso, é notório que os educandos não gostam muito dessas atividades. Embora reconheçamos a importância do desenvolvimento das *softskills*, é essencial

analisar quais metodologias estão sendo propostas, com o objetivo de se tornarem mais atrativas e de contemplarem o que se propõe na Matriz de Referência.

4 PRODUTO EDUCACIONAL

A proposta de produto consiste na elaboração de um guia do qual constem a apresentação e definição de verticalização do ensino, apresentação dos leis que regem o programa AMS, apresentação do Plano de Curso, além de propor sugestões para a elaboração do Plano de Trabalho Docente(PTD). Assim, pretende-se que este último dialogue com as atividades de contextualização profissional, contribuindo para o desenvolvimento politécnico do aluno.

Mais especificamente, essas etapas visam a orientar e nortear as ações da equipe de gestão pedagógica da escola, no que concerne à elaboração das atividades pedagógicas, em parceria com a empresa parceira. Do mesmo modo, pretende-se auxiliar o acompanhamento pedagógico dessas atividades mediante os registros acadêmicos, o currículo em ação e a escuta ativa dos discentes. Ademais, serão apresentadas propostas de avaliação por competências, com o intuito de acompanhar o desenvolvimento cognitivo dos aprendizes.

Vale mencionar que a ideia de se elaborar um guia surgiu da dificuldade com a qual me deparo em meu trabalho, no sentido de haver registros relacionados às ações pedagógicas preconizadas no Plano de Curso proposto para a AMS. Logo, trata-se de uma ferramenta útil no que se refere à aplicação e avaliação das 200 horas de atividades de contextualização profissional, apresentadas na Matriz de Referência e que é o pré-requisito para o estudante ingressar no curso superior sem a realização do vestibular.

Também é válido informar que, em 2022, cerca de 30% dos discentes eletivos não cumpriram a quantidade de horas necessárias no transcorrer das três séries do Ensino Médio Integrado ao Técnico, o que os tornou inaptos ao ingresso no Ensino Superior. Essa situação revela as inconsistências no processo e, portanto, justifica o produto aqui proposto

Em um primeiro momento, o guia irá elucidar o leitor a respeito da verticalização do ensino na Educação Profissional, por meio de conceitos embasados em autores que estudam o tema na atualidade. Em seguida, serão apresentadas análises de algumas atividades de contextualização, a fim de que o leitor seja capaz de identificar os percursos a serem seguidos para se realizar uma avaliação por competências. Então, será proposto o alinhamento entre a atividade, a metodologia e a escolha da

avaliação a ser aplicada, com a enumeração dos critérios avaliativos para se atribuir uma menção ao estudante.

Do mesmo modo, pretende-se fornecer roteiros com atividades diversificadas, que promovam o desenvolvimento das competências determinadas na Matriz de Referência. A nosso ver, trata-se de uma maneira de orientar a equipe de gestão no processo de escolha, aplicação e avaliação dos discentes e, neste último aspecto, na comprovação do desenvolvimento das competências e habilidades técnicas e socioemocionais.

O guia pode ser apresentado por meio de formação presencial ou *on-line*, destinado a coordenadores pedagógicos e coordenadores de curso. O intuito é que eles possam se apropriar do material e sejam capazes de utilizar o guia no acompanhamento das atividades apresentadas pela empresa parceira e na avaliação da aprendizagem dos alunos quando da realização dessas atividades.

Em suma, a proposta está representada na figura a seguir.

Figura 8 - Fluxograma da elaboração do Guia de Orientações



Fonte: Elaboração própria.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta desta pesquisa foi levantar elementos que nos mostrassem como está se desenvolvendo a implementação da modalidade de ensino verticalizado no Ceeteps. Isso porque, há mais de 30 anos, já se discutia a possibilidade da implementação da verticalização do ensino na EPT.

Essas discussões advinham principalmente de uma ruptura da continuidade dos estudos dentro da Educação Profissional. Mais especificamente, o aluno que cursava, na Etec, o Técnico de Nível Médio, em uma determinada habilitação, acabava não optando pela continuidade de seus estudos em uma Fatec.

Segundo dados apresentados pelo entrevistado CTNM, em média, 15% a 18% dos alunos oriundos da Etec não dão continuidade dos seus estudos nas Fatecs. No presente estudo, o entrevistado CTNM expressou que o motivo desse baixo percentual era, sobretudo, o sobreamento curricular. Em outras palavras, o estudante, ao ingressar no curso superior, tinha uma repetição de conhecimentos já adquiridos na formação Técnica de Nível Médio, causando desinteresse em dar continuidade a seus estudos no curso superior de tecnólogo oferecido pelas Fatecs.

Com a retomada da proposta do ensino verticalizado na Educação Profissional Tecnológica (EPT)— por meio da modalidade de ensino denominada “Ensino Médio com Habilitação Profissional Técnica em (nome da habilitação) (Programa de Articulação da Formação Profissional Média e Superior – AMS)”, cuja sigla é AMS. —, entendeu-se que seria importante pesquisar como estava ocorrendo a discricionariedade da proposta apresentada pelos atores que compõem os espaços escolares. Vale ressaltar que eles são efetivamente as pessoas às quais se atribui a maneira de executar as práxis metodológicas do currículo proposto para esse programa.

A partir desses pressupostos, a investigação se deu mediante entrevistas semiestruturadas, cujos dados foram submetidos à análise, embasada, por sua vez, pelo referencial teórico. As considerações feitas doravante seguiram a ordem das dimensões exaradas no exame dos dados.

Assim, a Dimensão 1 visava a entender a “Percepção da modalidade de ensino verticalizado”, nas seguintes subcategorias: 1.1.1 Redução do tempo de formação; 1.1.2 Oportunidade de transição de nível educacional; e 1.1.3 Integração curricular. Nesse caso, observou-se que tanto a redução do tempo de formação quanto a

oportunidade de ingresso na faculdade sem a realização de um processo classificatório (vestibular) são conhecidas por todos os respondentes. Em algum momento das entrevistas, esses aspectos eram mencionados como um diferencial e uma vantagem dos estudantes desse programa sobre as demais modalidades de ensino. Logo, evidencia-se que o curso tem um diferencial e acredita-se que, à medida que esse programa de ensino se tornar mais conhecido entre os jovens, a procura por ela aumentará.

No que se refere às questões do currículo propriamente ditas, ainda há muitas dúvidas. Os entrevistados que faziam parte da equipe pedagógica alegaram conhecer o Plano de Curso das três primeiras séries, porém não têm acesso ao currículo proposto para a graduação — somente uma coordenadora de curso informou que, no fim de 2023, conseguiu acessar o documento. Isso salienta a necessidade do acesso a esta informação por parte da equipe pedagógica, pois se trata de um conhecimento fundamental, partindo-se da premissa de que um dos principais motivos de desistência dos alunos é o sombreamento curricular. Assim, se as equipes pedagógicas não tiverem tal conhecimento, o problema muito provavelmente ocorrerá.

A Dimensão 2 — “Potencialidade para uma formação que contribua para o desenvolvimento global do aluno” —, por sua vez, buscou entender como os atores envolvidos no processo anuem e asseveram uma formação global do aluno. Para tanto, foram determinadas as seguintes subdivisões: 2.1.1. Desenvolvimento dos componentes curriculares da BNCC; 2.1.2. Desenvolvimento dos componentes curriculares da parte técnica; e 2.1.3. Desenvolvimento de uma formação integrada.

Nas falas dos entrevistados, direta ou indiretamente, constata-se que a formação técnica integrada ao médio e articulada ao superior é um ganho para o aluno, que sairá da instituição com uma formação global. Uma das falas que chamou a atenção — e reproduz aquilo em que acreditamos — mencionou uma professora que, na apresentação do TCC de um aluno, ficou tão emocionada que chegou a chorar.

A expressão facial e timbre da voz do entrevistado, evidenciaram não se tratar apenas do conhecimento específico (técnico) adquirido pelo educando, mas de um conjunto de competências e habilidades técnicas e socioemocionais necessárias para que, mesmo sob pressão e questionamentos de conceitos técnicos, o discente mostrou domínio técnico e socioemocional.

Nessa e em outras falas, de forma direta ou indireta, a equipe escolar entende que a formação do aluno é global, porém existem falhas e é necessário corrigi-las. Dentre os pontos apontados como frágeis, foram levantados os seguintes: melhorar a integração entre as equipes; ampliar as atividades interdisciplinares e integradas para uma formação mais dilatada do aluno; revisar o currículo; e analisar mais detalhadamente o que está sendo desenvolvido em sala de aula, a fim de que os discentes sejam contemplados em sua formação propedêutica, melhorando seus resultados em avaliações externas.

A Dimensão 3 — “Impressões sobre a forma como o processo de implementação da modalidade de ensino impactou na organização escolar” — tencionava compreender como as equipes de gestão atuam na discricionariedade da proposta da nova modalidade de ensino, haja vista a inexistência de modelos anteriores para espelharem suas ações. Para tal, a categoria foi subdividida em: 3.1.1. Horário em que o curso de graduação é ofertado; 3.1.2. Integração entre as equipes de gestão pedagógica da Etec /Fatec; 3.1.3. Integração com a empresa parceira.

A questão do horário da oferta do curso na graduação apareceu em 73% dos entrevistados, ou seja, dos 11, 8 se referiram a esse assunto. O ponto focal da discordância é o fato de aluno não conseguir fazer o estágio na empresa, o que se deu principalmente em uma das UE mencionadas. Todavia, verificou-se que os participantes não sabiam plenamente a respeito da disponibilidade de espaços físicos para atender aos aprendizes no período entendido como melhor — pelo menos nesse primeiro momento de implementação da modalidade.

Segundo o entrevistado CTEM, o horário do curso contemplava o período no qual havia espaços ociosos das Fatecs, pois, a princípio, a proposta era a de que as aulas ocorressem nos *campi* das Fatecs.

No entanto, por conta da falta de cozinha e quadra em alguns desses *campi*, os alunos foram alocados nas Etecs, até que a estrutura seja construída em cumprimento da legislação da Educação Básica.

Vale destacar que mesmo os entrevistados insatisfeitos com o horário falaram que isso pode ser resolvido com o tempo. Ademais, não é um fator para que os cursos não sejam implementados. A seu ver, inclusive, devem ser oferecidos nos três períodos.

No que concerne à integração, como já dito, do total de respondentes, 10 mencionaram a necessidade de uma maior integração entre Etec e Fatec. Nesse

sentido, solicitaram a inclusão, na proposta do curso, de pelo menos uma reunião de planejamento pedagógico unificado, isto é, entre coordenadores e professores da Etec e Fatec, prevista em calendário escolar.

Acerca da parceria com a empresa, notou-se que, para a execução das ACP, existiria a necessidade de mais horas para o professor coordenador ou de um professor que fosse designado com tais horas, a fim de organizar o cronograma com o coordenador de curso. Além disso, ele seria o responsável por acompanhar os estudantes nas atividades propostas, bem como por realizar os registros de comprovação do cumprimento das 200 horas e elaborar um *feedback* do desenvolvimento das competências e habilidades desenvolvidas na proposta apresentada pela empresa parceira. Nesse quesito, todos os entrevistados consideram tal parceria muito positiva e apontam a necessidade de agilizar o processo de assinatura da parceria; de disponibilizar um professor para melhor acompanhar as ACP; e de a empresa oferecer pelo menos um momento de integração com todos os professores que ministram aulas no curso.

A Dimensão 4 — “Percepções sobre a implementação de um currículo verticalizado” – Interdisciplinaridade entre os níveis de ensino —, a seu turno, objetivou compreender a discricionariedade do currículo proposto pelas equipes pedagógicas das diferentes instituições envolvidas no desenvolvimento de um currículo verticalizado. Mais especificamente, a atuação de uma empresa, com contribuições significativas na formação discente. Nesse caso, foram designadas as seguintes subcategorias: 4.1.1 Impressões sobre a forma como o processo de aplicação do currículo se deram na organização escolar; 4.1.2 interdisciplinaridade; 4.1.3. Integração; 4.1.4 Percepção da aprendizagem.

Nas falas dos entrevistados, verificaram-se a interpretação e a escolha, por parte dos atores envolvidos no desenvolvimento das atividades propostas no Plano de Curso e no cumprimento das orientações da supervisão.

Contudo, a discricionariedade pertence ao executor, pois é o responsável pela elaboração das atividades. Deparamo-nos com profissionais preocupados em realizar suas atividades em consonância com a proposta, porém cada um tem sua percepção e entendimento do fazer pedagógico, embora esses aspectos confluem nos depoimentos.

Com relação aos pontos de convergência, merece destaque a necessidade de uma maior integração entre as equipes pedagógicas da Etec e Fatec, a fim de não haver sobreposição do currículo quando do ingresso do estudante na graduação

Do mesmo modo, verificou-se que a interdisciplinaridade ocorre, mas é uma metodologia que depende de momentos de conversa e integração entre os professores, e essas ocasiões são raras. No que diz respeito à percepção do processo de ensino-aprendizagem, os respondentes afirmaram que os alunos que frequentam o curso têm mais chances de aprofundar o desenvolvimento de conhecimentos, competências e habilidades tanto cognitivas quanto socioemocionais. Todavia, existem pontos a serem pensados para melhorar a formação desses alunos

Por fim, a Dimensão 5 — “Aplicação das Atividades de Contextualização Profissional (ACP) – Desenvolvimento das Atividades de Contextualização Profissional” versa sobre as atividades de contextualização profissional. Vale lembrar que elas são preconizadas por uma Matriz de Referência, cujo escopo é nortear as atividades a serem aplicadas pela empresa, em parceria com a equipe de gestão escolar e por ela acompanhadas. Essas atividades de contextualização profissional visam ao desenvolvimento das competências socioemocionais podendo, em alguns momentos, permear a formação técnica, mas sempre na busca por uma formação global. Para uma melhor análise, a categoria foi subdividida em: 5.1.1 Impressões sobre a proposta das ACP; 5.1.2 Dificuldades apresentadas no desenvolvimento das ACP; 5.1.3. Como são feitos o acompanhamento e a avaliação das ACT.

Acerca das ACP, os entrevistados entendem que são um diferencial para os alunos dessa modalidade. Ademais, essas atividades propiciam uma visão de mundo diferente. Por conseguinte, eles amadurecem mais rápido que os dos outros cursos, tornando-se mais focados. Nesse sentido, muitos pontos positivos foram levantados e corroboram a importância da empresa parceira nessa proposta de verticalização do ensino. Entretanto, há ajustes a serem realizados, bem como propostas a serem pensadas e, se possível, viabilizadas.

O primeiro ponto, já citado anteriormente, é a necessidade de um professor para realizar o acompanhamento das ACP, tanto no que concerne ao acompanhamento dos alunos, quanto à realização dos registros e à avaliação das atividades desenvolvidas pelos estudantes.

Um segundo ponto é a possibilidade de se ter mais de uma empresa parceira, a fim de que os discentes tenham vivências diferenciadas, abrindo-se o leque de

conhecimentos adquiridos. O terceiro ponto consiste na agilização do processo de assinatura da parceria, para que a escola consiga planejar melhor suas atividades.

Em síntese, verificou-se, nas análises dos dados oriundos das entrevistas, que a proposta de verticalização do ensino está atendendo às expectativas dos segmentos entrevistados — diretores, coordenadores pedagógicos, coordenadores de curso, professores e alunos. Existe o entendimento de que a modalidade de ensino tem um diferencial em relação às demais propostas para Educação Básica integrada à Educação Profissional. E esse diferencial se manifesta por meio da compreensão de que o estudante que frequenta o curso tem sua postura modificada logo na primeira série, diferenciando-se dos demais alunos, das outras modalidades de ensino.

E aqui recorremos a Pacheco (2011), para quem os alunos, os professores, coordenadores, mentores e equipes de gestão pedagógica compõem o conjunto de trabalhadores do conhecimento. A eles é atribuído o papel da discricionariedade da transformação técnica do trabalho e da produção de conhecimento. Ademais, como produtos das experiências de verticalização, as parcerias podem entregar um melhor entendimento da educação, da ciência e da tecnologia, assim como do trabalho e da produção, reproduzindo processos interdependentes na construção do desenvolvimento social. Isso posto, é importante ter em mente que a verticalização, como processo educativo, não se compatibiliza com a formação de jovens e adultos em repartições fechadas e separadas entre si. Ao contrário, está fundamentada na construção do conhecimento arrojado, sem monopólio e sem armazenamentos

Ainda é precoce determinar se a modalidade de ensino AMS, implementada no Ceeteps, se consolidará como divisor de águas na EPT. Embora o caminho tenha sido aberto, são necessários ajustes, pois a implementação é recente — como já informado, a primeira turma que seguiu a modalidade formou-se na graduação em 2023. Cientes das lacunas existentes e para além do que foi apresentado nesta dissertação, acreditamos que outras investigações precisam ser realizadas no intuito de compreender como essa modalidade de ensino pode minimizar a estratificação educacional em nosso país, contribuindo para uma formação global de nossos alunos, na busca por uma sociedade mais igualitária e justa.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Elisa Dalmazo Afonso de. Textos, contextos e significados: algumas questões na análise de dados qualitativos. **Cadernos de Pesquisa**, nº 45, maio, 1983, p. 66-71.

ARROYO, Miguel. **Currículo, território em disputa**. Petrópolis: Vozes, 2011. 374p.

AZANHA, José M.P. **A formação do professor e outros escritos**. São Paulo,: Companhia Editora Nacional, 1994.

AZEVEDO, Fernando de. **A cultura brasileira**. Brasília: UNB; Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edição 2004].

BRASIL. **Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil, de 16 de julho de 1934**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm. Acesso em: 13 fev.2023.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1967**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao67.htm. Acesso em: 10 fev. 2023.

BRASIL. **Constituição dos Estados Unidos do Brasil, de 10 de novembro de 1937**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao37.htm. Acesso em: 20 fev. 2023.

BRASIL. **Constituição dos Estados Unidos do Brasil, de 18 de setembro de 1946**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao46.htm. Acesso em: 12 jan. 2023.

BRASIL. **Constituição Política do Império do Brasil de 1824**. Registrada na Secretaria de Estado dos Negócios do Império do Brasil a fls. 17 do Liv. 4º de Leis, Alvarás e Cartas Imperiais. Rio de Janeiro em 22 de abril de 1824. Disponível em: http://planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao24.htm. Acesso em: 9 fev.2023.

BRASIL. **Decreto n.º 7.247, de 19 de 1879**. Disponível em:
<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-7247-19-abrilhttps://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-7247-19-abril-1879-547933-publicacaooriginal-62862-pe.html>1879-547933-publicacaooriginal-62862-pe.html. Acesso em 10: fev. 2023.

BRASIL. **Decreto n.º 7.566, de 23 de setembro de 1909**. Disponível em:
<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1900-1909/decreto-7566-23setembro-1909-525411-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 10 fev. 2023.

BRASIL. **Decreto-lei n.º 4.073. De 30 de janeiro de 1942**. Lei orgânica do ensino industrial. Disponível em:
<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4073-30-janeiro-1942-414503-publicacaooriginal-1-pe.html>1949/decreto-lei-4073-30-janeiro-1942-414503-publicacaooriginal-1-pe.html. Acesso em: 12 fev. 2023.

BRASIL. **Decreto n.º 2.208/1997**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/dec2208.pdf>. Acesso em: 13 fev.2023.

BRASIL. **Decreto n. 5.159, de 258 de julho de 2004**. Disponível em:
https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Decreto/D5159.htm. Acesso em: 25 jan. 2023.

BRASIL. **Emenda Constitucional n. 53, de 19 de dezembro de 2006**. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc53.htm. Acesso em: 10 set. 2022.

BRASIL. **Emenda Constitucional n.59, de 11 de novembro de 2009**. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc59.htm. Acesso em: 10 set. 2022.

BRASIL. **Lei nº105, de 12 de maio de 1840**. Disponível em:
<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/leimp/1824-1899/lei-105-12-maio-1840532610-publicacaooriginal-14882-pl.html>. Acesso em: 25 jan. 2023.

BRASIL. **Lei nº1.076,31 de março de 1950**. Disponível em:
<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1950-1959/lei-1076-31-marco-1950https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1950-1959/lei-1076-31-marco-1950-363480-norma-pl.html>363480-norma-pl.html. Acesso em: 25 jan. 2023.

BRASIL. **Lei nº1.821 de 12 de março de 1953**. Disponível em:

<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1950-1959/lei-1821-12-marco-1953366631-normaatualizada-pl.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2023.

BRASIL. **Lei n. 3.552, de 16 de fevereiro de 1959.** Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l3552.htm. Acesso em: 23 fev. 2023.

BRASIL. **Lei n.º 4.024, de 20 de dezembro de 1961.** Lei de Diretrizes e bases. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-publicacaooriginal-1-pl.htmldezembro-1961-353722-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 02 fev. 2023.

BRASIL. **Lei n.º 5.692, de 11 de agosto de 1971.** Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html357752-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 10 fev.2023.

BRASIL. **Lei nº 7.044, de 18 de Outubro de 1982.** Altera dispositivos da Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, referentes a profissionalização do ensino de 2º grau. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1980-1987/leihttps://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1980-1987/lei-7044-18-outubro-1982-357120-publicacaooriginal-1-pl.html7044-18-outubro-1982-357120-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 09 fev. 2023.

BRASIL. **Lei n.º11.892, de 29 de dezembro de 2008.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11892.htm Acesso em: 10 set. 2022.

BRASIL. **Lei nº 11.195, de 18 de novembro de 2005.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/lei/l11195.htm. Acesso em: 23 jan. 2023.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Lei n. 9.394/96.1996 Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 10 nov. 2022.

BRASIL. **Resolução CNE/CEB n. 4/1999.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/escola-de-gestores-da-educacao-basica/323http://portal.mec.gov.br/escola-de-gestores-da-educacao-basica/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/13203-resolucao-ceb-1999secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/13203-resolucao->

ceb<http://portal.mec.gov.br/escola-de-gestores-da-educacao-basica/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/13203-resolucao-ceb-19991999#:~:text=Resolu%C3%A7%C3%A3o%20CNE%2FCEB%20n%C2%BA%204,Educa%C3%A7%C3%A3o%20Profissional%20de%20N%C3%ADvel%20%C3%A9cnico>. Acesso em :12 fev. 2023.

BRASIL. **Parecer CNE/CEB n.º11,12 de abril de 2012**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=10579-pceb010-12&category_slug=abril-2012-pdf&Itemid=30192. Acesso em 12 fev.2023.

BRASIL. **Portaria MEC n.3621, de 4 de dezembro de 2003**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/P3621.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2023.

BRASIL. **Portaria de nº314, de 2 de maio de 2022**. Disponível em: <https://www.semesp.org.br/legislacao/portaria-no-314-de-2-de-maio-de-2022/>. Acesso em 03 fev. 2023.

BRASIL. **Resolução CNE/CEB n. 4/1999**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/escola-de-gestores-da-educacao-basica/323http://portal.mec.gov.br/escola-de-gestores-da-educacao-basica/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/13203-resolucao-ceb-1999secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/13203-resolucao-cebhttp://portal.mec.gov.br/escola-de-gestores-da-educacao-basica/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/13203-resolucao-ceb-19991999#:~:text=Resolu%C3%A7%C3%A3o%20CNE%2FCEB%20n%C2%BA%204,Educa%C3%A7%C3%A3o%20Profissional%20de%20N%C3%ADvel%20%C3%A9cnico>. Acesso em: 12 fev. 2023.

BRASIL. **Resolução CNE/CEB n.º 06, de 20 de setembro 2012**. Disponível em: https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_RES_CNECEBN62012.pdf?query=diretrizes%20curriculares%20complementares. Acesso em: 15 fev.2023.

BRASIL. **Resolução CNE/CP n.º 1, de 5 janeiro de 2021**. Disponível em: <https://www.in.gov.br/web/dou/-/resolucao-cne/cp-n-1-de-5-de-janeiro-de-2021https://www.in.gov.br/web/dou/-/resolucao-cne/cp-n-1-de-5-de-janeiro-de-2021-297767578297767578>. Acesso em: 20 de fev.2023.

CAIRES, Vanessa G.; OLIVEIRA, Maria A.M.; **Educação Profissional Brasileira: Da Colônia ao PNE 2014-2024**. Petrópolis: Vozes, 2016.

CHIZOTTI, Antonio **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

ClAVATTA, Maria. A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade. *In*: RAMOS, Marise; FRIGOTTO, Gaudêncio; ClAVATTA, Maria. (org.). **Ensino Médio Integrado: concepção e contradições**. São Paulo: Cortez, 2005. pp. 83-105.

ClAVATTA, M.; FRIGOTTO, G. Ensino Médio Integrado à Educação Profissional. **Boletim eletrônico**, 07, mai-jun, 2006.

CORDÃO, Aparecido L.; MORAES, Francisco. **Educação Profissional no Brasil: Síntese Histórica e Perspectiva**. São Paulo: Editora Senac, 2017.

CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa**: escolhendo entre cinco abordagens. Trad. Sandra M. da Rosa. Rev. tec. Dirceu da Silva. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

CUNHA, Luis Antonio. **O Ensino de Ofícios Nos Primórdios**. 2000. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/382102790/CUNHA-2000-o-Ensino-de-Oficios><https://pt.scribd.com/document/382102790/CUNHA-2000-o-Ensino-de-Oficios-Nos-Primordios>. Acesso em: 03.fev.2023 .

CUNHA, Luis Antônio. O ensino industrial-manufatureiro no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, n. 14, p. 97-98, maio/jun./jul.ago. 2000

CURY, Carlos.R. J. *et al.* **A Profissionalização do Ensino na Lei n. 5692/71**. Brasília: Inep, 1982.

DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 24, p. 213-225, 2004.

ETEC (CENTRO EDUCACIONAL PAULA SOUZA). **Informações gerais sobre a ETE e seus cursos**. Disponível em <http://www.ceeteps.br/Cursos/ETE/Cursos.html>. Acesso em: 28 dez. 2006.

FONSECA, Celso Suckow da. **História do ensino industrial no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: SENAI-DN, 1986.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A produtividade da escola improdutiva**. Um (re) exame das relações entre educação e estrutura econômico-social capitalista. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS Marlise. A política de educação profissional no Governo Lula: um percurso histórico controvertido. **Revista Educação & Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 92, out. 2005.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. **Ensino médio integrado: concepção e contradições**. São Paulo: Cortez, 2005.

GATTI, Bernadete. A. Estudos quantitativos em educação. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 30, n. 1, p. 11-30, jan./abr. 2004.

GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos**. Trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

JUNIOR, Neri Emílio Soares. BORGES, Livia Freitas Fonseca. As políticas curriculares da educação profissional e o trabalho docente. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 47, e222664, p. 10-12, 2021.

KUENZER, Acacia Zeneida. **Exclusão Incluyente e Inclusão Excludente: A nova forma de dualidade estrutural que objetiva as novas relações entre educação e trabalho**. 2007. Disponível em: http://forumeja.org.br/go/files/13%20Exclusao%20Includente%20Acacia%20Kuenzer_1.pdf Acesso em: 08 jun. 2022.

KUENZER, Acacia Zeneida. **Ensino Médio e Profissionalizante: as políticas do Estado Neoliberal**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

KUENZER, Acacia Zeneida. GRABOWSKI, Gabriel. Educação Profissional: desafios para a construção de um projeto para os que vivem do trabalho. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 24, n. 1, p. 297-318, jan/jun. 2006.

LIBÂNIO, José C., **Didática**. 29. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

MACHADO, L. Ensino médio e técnico com currículos integrados: propostas de ação didática para uma relação não fantasiosa. In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância. **Ensino médio integrado à educação profissional**. Brasília: SEED/TV Escola/Salto para o Futuro, 2006.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MANZINI, E. J. **Entrevista**: definição e classificação. Marília: Unesp, 2004. 4 transparência. P&b, 39 cm x 15 cm.

MONT' ALVÃO, A. Estratificação educacional no Brasil do século XXI. **Dados** – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v. 54, n 1-2, p. 389-430, 2011.

MINHOTO, Maria Angélica Pedra. Articulação entre primário e secundário na era Vargas: Coríntica do papel do estado. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.34, n.3, p. 449-463, set./dez. 2000.

MOREIRA, Antônio Flávio B. Currículo, utopia e pós-modernidade. In: MOREIRA, Antônio Flávio B. (org.) **Currículo**: questões atuais. Campinas, SP: Papirus, 2000. p.9-28.

OLIVEIRA, Ramos de. **A(des)qualificação da Educação Profissional brasileira**. v.101, São Paulo: Cortez,2003.

OLIVEIRA, Blenda Cavalcante. **O trabalho docente na verticalização do Instituto Federal de Brasília**. 2016. 170f. Dissertação (Mestrado Educação) — Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2016.

RIBEIRO, Iury. **A Política de verticalização do ensino no Instituto Federal Goiano: campus Trindade e as possibilidades de Itinerários Formativos**. 2022. 194f. Dissertação (Mestrado em Educação_ — Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2022.

PACHECO, Eliezer Moreira (org.). **Institutos Federais: uma revolução na educação profissional e tecnológica**. Brasília; São Paulo: Moderna, 2011.

PACHECO, Eliezer Moreira (org.). **Fundamentos políticos e pedagógicos dos Institutos Federais**: diretrizes para uma educação profissional e tecnológica transformadora. Natal: Editora IFRN, 2015.

PINA, Fabiana. Acordo MEC-Usaid: ações e reações (1966-1968). *In*: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA: PODER, VIOLÊNCIA E EXCLUSÃO, 19., 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ANPUH/SP-USP, 08 a 12, set. 2008.

P-TECH, IBM. Disponível em: Open P-TECH | Aprendizado digital gratuito sobre as habilidades do futuro! (ptech.org) Acesso em dezembro 22.10.2022

QUEVEDO, Margarete. **Verticalização nos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia: Concepção(ões) e Desafios no IFRS.** 2016. 154f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2016.

RAMOS, M. Ensino médio integrado: ciência, trabalho e cultura na relação entre educação profissional e educação básica. *In*: MOLL, Jaqueline. *et al.* (org.). **Educação profissional e tecnológica no Brasil contemporâneo: desafios, tensões e possibilidades.** Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 42-57.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil.** 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

SÃO PAULO. Secretaria de Desenvolvimento Econômico do Estado de São Paulo. **Centro Paula Souza.** Disponível em: <https://www.cps.sp.gov.br/centropaula-souza/> . Acesso em: 19 set. 2022.

SAVIANI, Dermeval. O choque teórico da politecnicidade. **Trabalho, Educação e Saúde,** v. 1, n. 1, p. 131-152, 2003.

SAVIANI, Dermeval. O Estado e a promiscuidade entre o público e privado na história da educação brasileira. *In*: SAVIANI, Dermeval. (org.). **Estado e políticas educacionais na história da educação brasileira.** Vitória: Edufes, 2010. p. 15-44.

SILVA, Danielle Cristina. **A Verticalização do ensino nos Institutos Federais: uma abordagem a partir da percepção do Trabalho Docente no IFTM.** 2017. 104f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Politécnico do Porto, Porto, 2017.

TAVARES, Amanda de Aquino. A verticalização do Ensino e seus reflexos no trabalho dos docentes do Instituto Federal do Ceará – *campus* Crato. **Dissertação (Mestrado em Educação)** — Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2018.

XAVIER, Maria Elizabete; RIBEIRO, Maria Luisa; NORONHA,Olinda. **História da Educação:** a escola no Brasil. São Paulo: FTD, 1994. 304 p.

APÊNDICE A - ENTREVISTA ALUNO 1

AMS: cursando Ensino Técnico de Nível Médio Articulado ao Ensino Superior em uma Etec na região do ABC.

UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL
PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU-PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

PROJETO DE PESQUISA: VERTICALIZAÇÃO DO ENSINO:IMPLEMENTAÇÃO DO
PROGRAMA DE INTEGRAÇÃO ENTRE O ENSINO MÉDIO A EDUCAÇÃO
PROFISSIONAL ARTICULADO AO ENSINO SUPERIOR

Aluno 1:aluno de 17 anos , cursando 3º série do Ensino Médio Integrado ao Técnico Articulado ao Superior, em uma Escola Técnica – Região do ABC

Pesquisadora: Bom dia A-1, mais uma vez, obrigada pela sua participação. Como já havia conversado com você quando apresentei o Termo Livre Esclarecido, a proposta da pesquisa é sobre a verticalização do ensino através da modalidade de ensino AMS.

O objetivo é buscar a visão de todos os atores que efetivamente atuam no desenvolvimento de implementação dessa nova modalidade de ensino.

Não precisa ficar preocupado em apontar pontos negativos, pois não serão divulgados os nomes das pessoas que estarão participando da pesquisa, com o intuito de preservar sua imagem.

Eu quero entender o seu olhar para o curso, e quando eu falo do seu olhar, a princípio é fala da sua visão das atividades pedagógica, ou seja, como são as aulas, quais são as atividades de contextualização profissional que a empresa parceira desenvolve, da parceria com a Fatec. Como foram esses contatos e quais foram as suas percepções. Segundo o seu olhar. Colocando os pontos positivos, os pontos negativos. É apresentar em palavras a sua percepção dessa modalidade de ensino.

Você pode começar apresentando o porquê da sua escolha por esse curso?

Foram seus pais, qual foi o caminho para a sua escolha?

A-1: O meu amigo me falou ,é ele me falou, ele havia pesquisado o curso onde havia integração com a faculdade. Ele falou que era sobre computação e programação.

Como era uma Etec, então tinha ensino técnico integrado e como eu estudava na escola normal e estava pensando em fazer um SENAI, eu achei melhor ir para Etec, que ia ter também a oportunidade de ter uma faculdade isso ajudou muito nessa escolha.(1.1.1.e 1.1.2),

E eu fiquei bastante feliz, eu verifiquei um pouco mais sobre o curso, e programação era um assunto que eu já gostava, eu já havia feito uns cursos antes. E isso me incentivou e aí você fez a escolha

Pesquisadora: Então você fez a escolha mesmo por conta do seu colega que mostrou está opção de curso?E aí você falou, não, é isso que eu quero também.

E quando você ingressou no curso, qual era a sua expectativa?

O que você esperava do curso?

E a partir disso, o que você esperava, se concretizou ou não?

Ou é você esperava uma coisa e foi de outra maneira o curso?

A-1: Quando eu entrei, eu pensei, já vou entrar programando, mas no primeiro ano, bom vou falar, aprendi o básico do básico, depois foi evoluindo.

Eu entrei com uma expectativa, não muito alta, mas também, achei que eu iria aprender a programar em várias linguagens.

Era o que eu queria aprender, programa em várias linguagens, e com o passar dos anos, as pessoas(professores) foram ensinando várias linguagens.

Java, HPV, aprendi no final do terceiro ano, dai eu senti mesmo que eu sei programar

A-1: Você entende que você teve uma boa formação dos componentes, matemática, física, química, biologia, português. Enfim, que você poderia dizer dos componentes curriculares da BNCC?

A-1: Tá bom, é o que poderia melhorar mais, eu acho que o fato de cortar algumas matérias, deixou uma certa defasagem.(BNCC) Cortar a matéria em sí, não agrava tanto. Eu acho que o que agrava mais, seria a distribuição, como eu acho que igual no primeiro e no segundo ano a gente teve química e física.(4.1)

Eu acho que se fosse assim, se a gente não tem no primeiro e passa a ter no segundo e terceiro, ficaria mais recente o aprendizado para prestar o vestibular(4.1.4) Esse ano foi prestar ENEM.

E como eu fiquei um ano inteiro sem química e física, tive dificuldade de fazer essas questões.(4.1.3)

Pesquisadora: Entendi então o ideal seria que tivesse todos os componentes. Nas três séries? É isso?

A-1: Ou que pelo menos, focasse no terceiro segundo ano. ficando fresca na memória(4.1.2.)

Pesquisadora E dos componentes da parte técnica?

A-1: Fenomenal, mesmo sendo online, com todas as dificuldades que tinha que abrir o Teams remoto, as vezes o professor não está ali para acompanhar direito.

Eu acho que mesmo assim, eu consegui me sair bem, a professora passava lição Eu me focava mais. A gente estudava e quando passou a ser presencial foi ainda melhor, porque sempre tem um professor para acompanhar, falar, porque eu estou com uma dúvida aqui, pode mostrar como funciona(2.1.4) Isso aqui, mas eu não sei o que fazer. Eu acho que no na parte do técnico eu não tenho o que reclamar nem nada.

Eu acho que os três anos foram muito bem divididos.

Pesquisadora E das atividades de contextualização profissional, o que você pode me falar? Que são aquelas atividades que a empresa oferece.

A-1: Bom, eu acho que a maioria das palestras que são sobre as soft skills, foram muito repetitivas(5.3) Foram muitas, muitas e repetidas, cansa E chega uma hora que você cansa, você para de prestar mais atenção. Sobre saúde, educação física, e parte sobre a empresa.

Mesmo sobre o dia a dia, não foram tantas que a gente fez.

Eu acho que isso é um ponto sim, que poderia ter sido melhor (Relação empresa /aluno).

Essa conexão entre nós e a empresa foi fraco, o fato de a gente não ter ido lá também.(5.6)

Pesquisadora Vocês foram quantas vezes na empresa?

A-1: Uma vez só, e foi o Dia da Família, foi só andar e ver algumas coisas mais simples(5.6) É o dia que o funcionário leva a família e amigos para visitam a fábrica, mas é só andar e ver alguns processos meio superficiais.

É, não foi algo focado, olhar os departamentos, olhar a estrutura, não teve uma visita técnica, a conexão aluno empresa foi fraco, não visitamos os departamentos da empresa, olhar a infraestrutura, não teve nem uma visita técnica.

Pesquisadora: E das palestras vocês faziam algum relatório, algum registro ou depois que termina a palestra, vocês tinham alguma discussão sobre o tema ?

A-1: Eu não.

No primeiro ano sim, a professora, ela sempre mandava a gente falar sobre o assunto, sobre quem tínhamos aprendido, tudo mais, mas no segundo e terceiros anos foi ficando de lado isso. (5.5)

Alguns professores entregavam formulários pra gente responder sobre as palestras que participamos, isso aconteceu no 1º ano, porém, no 2º e 3ºanos isso deixou de acontecer...(5.1.3)

A-1:Aquela palestra que iria atender o que gostávamos, mas era bem rápido, mas no primeiro ano eram mais frequentes, era tipo, quase toda as palestras a gente tinha que falar umas coisas sobre ela. (5.5)

No segundo e terceiro anos, foram alguns formulários esporádicos.

Pesquisadora: E com a Fatec, qual foi a relação de vocês com a Fatec?

A-1:: Com relação a Fatec, nós fomos poucas vezes lá, assim como eles, vieram poucas vezes aqui.(1.1.5) A gente começou a ir lá mais esse ano em algumas palestras, eles também vieram um pouco aqui, gente começou a ter mais esse contato.(1.1.5)

Pesquisadora: Você acha que o currículo da parte técnica ele te dá uma segurança para ingressar no mercado de trabalho como técnico antes de ir para o Tecnólogo?

A-1:: A eu, eu acho assim, acho também que estudar nesta instituição ajuda muito.(4.1)

A-1:: Quando você vai fazer uma entrevista e fala que estudou na Etec/Fatec, ter feito um curso técnico de informática, eu acho que isso ajuda muito.(1.1)

Eu acho que porque é uma escola técnica, já sendo formado eu me sinto mais seguro.

Pesquisadora: O que você mudaria para morar o curso?

A-1:Bom, eu não mudaria nada da parte técnica. (4.1)

Eu acho que as distribuições das matérias são boas e estão bem relacionadas.

E das matérias de base curricular comum, eu acho que mudaria o foco de algumas matérias e levaria para o 2º e 3º anos.(4.1.4.)

Como eu falei antes, e eu acho que o que eu mais mudaria mesmo, seria o contato entre a gente(escola) e a Empresa(1.1.5).Com relação a Fatec, a gente ter um maior contato com eles do que a gente teve durante o primeiro e o segundo anos, no 3º ano, foi mais presente, é algo que eu queria muito que acontecesse.(1.1.4)

Pesquisadora: Vocês tiveram momentos em os professores fizeram projetos juntos e a menção foi utilizada pelos dois ou mais professores? Projeto interdisciplinar?

A-1:: Bom, não, não teve, não teve

Pesquisadora: E você acha que isso ajudaria?

A-1:A eu acho que seria interessante. Acho que ajudaria bastante, com a gente aprender relacionar mais sobre os assuntos. Muitas pessoas falam que você precisa de inglês na área de computação, inglês avançado, e como na área de computação os termos, são basicamente todos em Inglês. Seria bom se o professor de inglês (BNCC)trabalhasse esses termos da computação juntos com a gente.(4.1.2.)

Pesquisadora: Vocês chegaram, por exemplo, o professor de inglês dar um texto da área de informática para vocês traduzirem ou é apresentar algum um seminário com, por exemplo ?

A-1:Não, pelo que eu me lembro. Seria bacana

Pesquisadora: Você percebe se os professores da BNCC, têm o conhecimento do diferencial do curso de vocês?

A-1:: Não, não todos, mas o que sabem, sempre falam da importância do curso.Quando tem um tempinho na aula eles conversam falam da importância do que a gente está fazendo que é importante para a gente, estar ali.

Pesquisadora: Tá certo, se você tivesse que dar uma nota pro curso, qual nota você daria de zero a 10?

A-1: Daria 9

Pesquisadora: E o que mais que você gostaria de falar do curso da das aulas, do conteúdo? Se você pudesse voltar no tempo, depois de já ter feito curso, se pudesse voltar, você escolheria fazer o curso?

A-1:Ah escolheria sim, eu escolheria, o que eu tive no curso é algo que eu gosto de fazer e eu aprendi muito, então por mais queira sair e fazer coisas diferentes, eu aprendi muito e criei relação às amizades, aos professores e funcionários.

Pesquisadora: A gente fica contente também, rrsrs

Então, você recomendaria o curso?

Aluno Vinicius: Já até recomendei a minha vizinha para fazer teste, eu falei, vai ter processo seletivo do Vestibulinho. E aí eu te aviso, quando.

Pesquisadora: Bom, Vinicius era essa conversa que eu queria ter com você.

Pesquisadora: Eu vou transcrever tudo isso e provavelmente a gente depois conversa pessoalmente para gente complementar e acho que vou chamar você e o Vítor. Eu já agradeço muito,

Pesquisadora: Você ter disponibilizado esse tempo para conversar comigo. Eu sei que vocês estão aí estudando. Enfim, eu sei que é uma fase corrida para vocês e eu agradeço, de você participar, agradeço a sua família ter permitido você para estar participando aqui comigo.

Pesquisadora: Obrigada a boa prova para você não é amanhã e quinta-feira e qualquer coisa, eu também estou à sua disposição aqui, tá bom?

Aluno Vinicius: Muito obrigado.

APÊNDICE B - ENTREVISTA ALUNO 2

M-Tec AMS: cursando Ensino Técnico de Nível Médio Médio Articulado ao Ensino Superior em uma Etec na região do ABC.

UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL
PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU-PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

PROJETO DE PESQUISA: VERTICALIZAÇÃO DO ENSINO:IMPLEMENTAÇÃO DO
PROGRAMA DE INTEGRAÇÃO ENTRE O ENSINO MÉDIO A EDUCAÇÃO
PROFISSIONAL ARTICULADO AO ENSINO SUPERIOR

Aluno 2:aluno de 17 anos, cursando Ensino Médio Integrado ao Técnico Articulado ao Superior, em uma Escola Técnica – Região do ABC.

Pesquisadora: Bom dia A-2, mais uma vez, obrigada pela sua participação. Como já havia conversado com você quando apresentei o Termo Livre Esclarecido, a proposta da pesquisa é sobre a verticalização do ensino através da modalidade de ensino MAS.

O objetivo é buscar a visão de todos os atores que efetivamente atuam no desenvolvimento de implementação dessa nova modalidade de ensino.

Não precisa ficar preocupado em apontar pontos negativos, pois não serão divulgados os nomes das pessoas que participarão da pesquisa, com o intuito de preservar sua imagem.

Eu quero entender o seu olhar para o curso, e quando eu falo do seu olhar, a princípio é fala da sua visão das atividades pedagógica, ou seja, como são as aulas, quais são as atividades de contextualização profissional que a empresa parceira desenvolve, da parceria com a Fatec. Como foram esses contatos e quais foram as suas percepções. Segundo o seu olhar. Colocando os pontos positivos, os pontos negativos. É apresentar em palavras a sua percepção dessa modalidade de ensino.

Você pode começar apresentando o porquê da sua escolha por esse curso?

Foram seus pais, qual foi o caminho para a sua escolha?

Aluno: A-2

Eu não tinha muita noção de como era curso, não conhecia cursos técnicos, fiz uma pesquisa de cursos na área de tecnologia (TI)

E acabei vendo que tinha esse curso que dava o direito de ingressar no curso superior e que era de tecnologia também, eu acabei optando por ele. Eu ví que nesta modalidade de curso, gente, eu vi que tinha outros dois cursos também. O PTech, que era o da IBM, que era na Etec do interior, e também tinha AMS Química, mas não me lembro aonde. (1.1)

Eu me interessei muito por fazer AMS de química, só que eu optei de Desenvolvimento de Sistemas que era mais perto da minha casa.

Pesquisadora: Bom, aí depois de ter feito a sua escolha, me conta como é que foi sua trajetória ao longo desses anos, o que que você pode me contar da sua trajetória no curso?

A-2: O primeiro ano teve toda a questão da Pandemia do Covid. As aulas eram todas no computador, todo o conteúdo foi passado ali. Nós conseguimos assistir as aulas, a dinâmica das aulas foram boas pelo Teams e conseguimos acompanhar.

A parte técnica também não foi difícil acompanhar, conseguia fazer, conseguiu desenvolver muito bem. Então, o primeiro ano, por mais que tenha tido a pandemia, foi bem tranquila.

A dinâmica com o pessoal da sala, foi muito boa, pelo Teams também, eles (professores) forçavam bastante. A gente aprendeu muito com os professores dos diferentes componentes curriculares, principalmente os componentes técnicos(4.1.4.)

Pesquisadora: Dos componentes da BNCC, que é português, matemática, física e da parte técnica, você entende que o que você teve de conteúdo nesses 3 anos atendeu suas expectativas?

A-2: E eu acho que dá parte técnica, eu não tenho do que reclamar foi excelente.(4.1.4.)

).E como eu fiquei um ano inteiro sem química e física, tive dificuldade de fazer essas questões(4.1.2.)

Pesquisadora: Bom, então você, pelo que eu entendi, tanto a BNCC quanto a parte técnica, elas caminharam bem, mas você acha que elas preparam você, por exemplo, para o vestibular?

A-2 Os componentes da BNCC são um pouco fracos.4.4.

Pesquisadora: Então a parte da BNCC você entende que é fraca, o que você entende por fraca? O que deveria ter mais nas aulas dos componentes da BNCC?

Aluno Victor: É, eu acho que os conteúdos são muito rasos, poderiam ser aprofundados. Tem conteúdos apresentados que não são tão importantes e outros que são mais cobrados nos vestibulares não são apresentados(4.1.4)., o fato de não ter o componente de química naquele ano prejudicou ele na realização do provão paulista, pois já fazia quase um ano que ele havia estudado química. (4.1.2.)

A-2: Nos componentes técnicos, acho que alguns conteúdos ficam mais fáceis de serem fixados, tem muito mais foco.(4.6)

Pesquisadora: Certo, então os conteúdos dos componentes da BNCC são ao seu olhar rasos, os professores deveriam se aprofundar melhor, é isso?

A-2Também, mas acho que é mais na escolha de quais temas devem ser apresentados, assim teve uns conteúdos que eu, por exemplo, eu vi esse ano e não caiu muito no Enem, sabia. Aí as outras coisas(contéúdos) poderiam serem dadas, entendeu?(4..1.4))

Pesquisadora: Entendi.

Pesquisadora: Você acha que com projetos interdisciplinares ajudaria, ou não?

A-2É também, mas eu acho que assim, é mais um olhar, por exemplo, as disciplinas se unem, daí se consegue aprofundar mais (41.4)

Pesquisadora: Vocês tiveram algum projeto que os professores da parte técnica trabalhavam com os professores da BNCC?

A-2É, olha, eu não lembro exatamente agora, mas eu acho que isso aconteceu com alguns professores no ano, que teve alguns trabalhos que foram

Pesquisadora: A tá então não é comum.

Então, por exemplo, um projeto apresentado por dois ou mais professores, da BNCC ou Técnico, para acontecer durante o semestre, em momentos de parceria e avaliação conjunta, aconteceu?

A-2: Não tinha algo assim, pensado, era em alguns momentos, é isso.4.4.1

Pesquisadora: Você acharia interessante que integrasse os componentes da BNCC,

A-2: Olha, eu acho muito interessante porque é assim, tem muitas coisas que você problematiza e nas matérias da BNCC, podem ser resolvidos com as tecnologias aprendidas nas disciplinas técnicas.2.4.1.

Esta dinâmica é muito bacana, então acho que sim, que complementaria bastante.

Pesquisadora: Com relação ao currículo, pensando no currículo da parte técnica, você entende que o que você aprendeu te dá segurança para ingressar no mercado de trabalho?

A-2: É, eu acho que o conteúdo ele dá uma ótima abordagem na parte de TI para começar, uma carreira.

Eu também concordo que todo esse conteúdo que a gente recebe é muito denso, o aluno não consegue pegar tudo de uma vez só. O aluno, tem que pegar tudo que ele recebeu, professor enviou, não consegue absorver, então ele precisaria mais tempo, ser melhor distribuído.4.1

Pesquisadora: Então você entende que o conteúdo da parte técnica é denso, então também existe a necessidade do aluno se empenhar e de buscar mais informações para o seu entendimento. É isso?

A-2: Sim

Pesquisadora: Com relação as atividades de contextualização profissional que a empresa oferece. Você entende que elas são importantes e que elas contribuíram para a sua formação?

A-2 É, acho que essa parte é a mais polêmica, inclusive entre os próprios alunos da sala, é porque teve muitas palestras que foram bem interessantes, agregaram bastante, muitas palestras que tinham um conteúdo mais técnico 5.1.3

Mas as palestras, que tinham um caráter mais, de coisas mais competências, não(5.3)

Pesquisadora: Vocês tiveram mais palestras técnicas ou mais palestras que abordavam as competência sócio emocionais?

A-2: Mais as socioemocionais, foi esse o problema, porque são repetitivas.5.3

Ficou cansativo. Tinham dinâmicas, eles davam um espaço pra gente fazer pergunta, interagir, mas as pessoas tinham sempre o mesmo tema Soft skills5.3

Pesquisadora: É dessas atividades de contextualização, vocês faziam algum relatório, algum registro, alguma apresentação, discussão a respeito do tema, um fechamento?

A-2:Uma discussão com envolvimento de todos não teve,5.1 o que a gente tinha era fazer uma pergunta no chat da reunião, aí, outra pessoa interagia, outro aluno, interagia com minha pergunta. Mas essa discussão, assim como você disse, realmente não teve.

Pesquisadora: Certo, vocês receberão certificado de horas, dessas palestras?

A-2: Como assim, de horas?

Pesquisadora: Vocês participavam de uma palestra, ao término vocês recebiam um certificado onde continha a quantidade de horas que levou para acontecer a palestra?

A-2: Não, ficava por conta do professor, do coordenador, que estivesse com a gente.

Pesquisadora: Certo, o que você melhoraria nessas atividades de contextualização profissional?

A-2: Eu tentaria trazer essas atividades com foco na área do curso, Quer dizer mais profissionais da área de TI para conversar com os alunos Eu acho que isso seria uma outra proximidade do aluno com a carreira profissional dele e Futura, né, em uma empresa.

Pesquisadora: E visitas, visitas na empresa aconteceram?

A-2: É a visita na empresa, para mim foi um problemão, porque era para ela ter acontecido.3.5

Acho que tinha a possibilidade de acontecer no final do primeiro ano, não aconteceu.

No segundo ano também teve possibilidade, mas também não aconteceu.

Consegui só recentemente, é no último bimestre do 3ª ano, foi reservado para a família dos funcionários e nós participamos

Foi muito insuficiente nesse quesito, foi só no último bimestre do ano e com a família.

Pesquisadora: Então os momentos de interação foram na escola e pelo Teams, certo?

A-2: Sim

Pesquisadora: E com a Fatec, quais foram as atividades, interação, visitas e palestras. Que aconteceram nesses três anos?

A-2: A gente foi pra Fatec., e tivemos Palestras com conteúdo para gente (conteúdos técnicos), foram muito boas. 2.1 Legal, isso é muito legal, enfim, foram excelentes. Pesquisadora: Palestras com conteúdo técnicos?

A-2: Exato.

Pesquisadora: De uma maneira geral, o que você acha que faltou no curso?

A-2: Um aprofundamento e atualização do conteúdo

Pesquisadora: Você gostaria de colocar algum outro ponto, dizer algo que você acha que não tá bom, que poderia melhorar e também o que você achou positivo?

A-2: O curso foi uma ótima porta de entrada para o mercado de trabalho mim. E daqui pra frente, eu tenho que pegar tudo isso que aprendi e ir seguindo, mas eu acho que o curso me deu um ótimo direcionamento, tanto para o trabalho, quanto para continuar meus estudos.2.1.2

A-2: Eu te agradeço pelo convite, eu acho muito importante para mim, poder fazer parte da sua pesquisa, de poder falar pelo curso.

Achei muito bacana.

Pesquisadora: Eu que lhe agradeço pela enorme contribuição, de ter disponibilizado seu tempo para conversar comigo. M

APÊNDICE C - ENTREVISTA PROFESSOR 1

- M-Tec AMS: Ministrando aulas dos Componentes Curriculares na Base Técnica na Modalidade de Ensino: Ensino Técnico de Nível Médio Articulado ao Ensino Superior em uma Etec na região do ABC.

UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU-PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

PROJETO DE PESQUISA: VERTICALIZAÇÃO DO ENSINO:IMPLEMENTAÇÃO DO PROGRAMA DE INTEGRAÇÃO ENTRE O ENSINO MÉDIO A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL ARTICULADO AO ENSINO SUPERIOR

Professor 1: Professor Licenciado, ministrando aulas nos componentes técnicos na modalidade de ensino Ensino Técnico de Nível Médio Articulado ao Ensino Superior em uma Etec na região do ABC.

Pesquisadora: O AMS, pela IDM, nesses 26 países, eles começam a trabalhar com os alunos no nono ano. Eles dão palestras para esses alunos. Quando esses alunos, vamos usar o exemplo de Estados Unidos, eles vão para *High School*, eles são acompanhados para essa empresa. Eles vão até essa empresa, eles têm aulas da Universidade, alguns componentes curriculares, que vão ser créditos para quando eles ingressarem no curso superior. Mas eles têm créditos dentro daquela graduação, daquela habilitação e ele não pode mudar. E tem um diferencial muito grande do nosso, que esse aluno, lá nos Estados Unidos, quando ele termina essa graduação, ele só tem uma graduação profissional.

Ele não tem uma graduação, como os nossos alunos, que podem dar continuidade nos estudos de pós-graduação, mestrado e doutorado. Ou se eles quiserem fazer uma outra graduação, eles podem fazer uma outra graduação, lá não. Eles têm o certificado de uma graduação “técnica”. Então se eles quiserem fazer uma outra universidade, eles vão ter que fazer adaptações, quer dizer não é como no nosso caso. Entende o aluno?! Eu entendo ser muito mais ampla nossa proposta.

P-1: Sim, claro!

Pesquisadora: Quem teve esse, pelo meu entendimento, ainda vou conversar com o professor Almério, que eu vou fazer também uma entrevista com ele. Mas pelo que eu já conversei com ele, ele uniu essas duas informações. Nós já tínhamos o ensino

médio integrado integral ao técnico, e aí, como nós temos as FATECs, ele articulou ao Ensino Médio e nossa luta. Ele faz a primeira, segunda e terceira série e ele também pode ir para outra Instituição e também pode, depois que terminar uma AMS completa, ele pode fazer mestrado, doutorado, na área que ele quiser. Então é um diferencial de que não tem outro lugar, pelo menos eu não achei nada, em nenhum outro lugar do mundo.

P-1: Entendi!

Pesquisadora: E quem tem um projeto acho que em 2012 ou 2011, foi a Federal, onde o governo implantou um Verticaliza. Porque a Federal, ela é o mesmo Campus, então, pra eles, é mais fácil.

P-1: Sim, verdade!

Pesquisadora: Eles fizeram né, essa integração. Os professores da graduação dão aula no técnico. Então existe um movimento dos professores até o nosso plano de carreira. Esse novo plano de carreira proposto, ele está pensando nisso !Em verticalizar!

P-1: Sim, sim!! Quando você fala em Federais, são as Universidades Federais?

Pesquisadora: Isso!

P-1: O Instituto Federal já é desse jeito! O professor quando ele entra ,ele dá aula tanto no técnico, quanto na graduação. Ele já fica transitando entre essas duas esferas. E eles também conseguem verticalizar! Porque o aluno consegue fazer o técnico com ele e depois fazer a graduação também se ele quiser!

Pesquisadora: É, porque agora eles também têm uma articulação! Não é igual a nossa

P-1: Não! Mas pelo menos o aluno já sabe o que vai acontecer no primeiro ano !

Pesquisadora: Isso....e lá não! Não necessariamente!! Ele passa por uma seleção, e no nosso caso, nós só temos as 200 horas! De contextualização profissional, que garante o aluno acesso à graduação. Ele vai fazer a graduação, então ele tem uma formação que qualifica realmente ele, tanto na educação técnica quanto na educação propedêutica mesmo! No ensino propedêutico melhor dizendo! Então esse é o Panorama e mediante esse Panorama e ser uma nova modalidade de ensino, aí a minha pesquisa, eu falei “Não, quero pesquisar o processo de implementação, as atividades de contextualização profissional como acontecem e ter o olhar de todos os segmentos”. Então eu estou falando com o professor, com aluno, com coordenador, com o diretor, com o coordenador pedagógico e com o professor Almério.

P-1: Entendi!!

Pesquisadora: Para traçar uma trajetória que a gente tenha entendimento do olhar! De cada segmento, para esta modalidade de ensino com dois objetivos. Tem o objetivo prático, de supervisão mesmo, de acompanhamento pedagógico no sentido de qualidade e de propostas de políticas públicas mesmo. Porque se a gente for pensar, é uma modalidade de ensino nova e se essa modalidade de ensino é conseguir formar o nosso aluno com uma formação Politécnica! Tanto técnico quanto a educação propedêutica de qualidade, realmente a gente está formando um ser completo. dependendo da informação, então a ideia da pesquisa é essa, eu agradeço a sua participação e caso você se sinta, assim, de repente constrangido com alguma pergunta, não precisa responder está bom?! Mas a ideia da entrevista é deixar você falar, é ter a ideia do seu olhar! Porque você é professor do curso. Você está na coordenação também ou não?

P-1: Estou na coordenação mas de outro curso. O coordenador da AMS é a Inês.

Pesquisadora: Ah tá. E você está como coordenador do AMS?

P-1: Isso, de manhã e a tarde.

Pesquisadora: De qual habilitação?

P-1: O meu é o eixo de informática, de manhã é meu e a tarde o de informática também é meu.

Pesquisadora: Então o bacana é que você consegue até comparar o aluno do AMS com um aluno do AMS Então, isso também é bacana porque é quando o professor ministra aula ! em mais de uma modalidade de ensino, ele consegue comparar o desenvolvimento do aluno, o comprometimento ! Então isso é bem bacana!! Então eu queria que você me falasse o seu nome completo para já ficar gravado, a sua formação, um pouquinho da sua história e aí falar da AMS, do seu olhar enquanto professor do curso e fazendo esses paralelos.

P-1: Ah sim. Meu nome é Alessandro Garcia dos Santos Sartori. A minha formação é ciências da computação e depois eu fiz licenciatura em informática. Já estou ministrando aulas no Centro Paula Souza há 9 anos e como professor oficialmente mesmo, estou há 12 anos como professor. Na verdade eu sempre tive vontade de ser professor mas eu nunca achei que iria ser a minha profissão principal. Aí quando eu cheguei aos 40 eu decidi assumir de vez o sonho e desde então estou ministrando aulas! E o técnico é maravilhoso! Falar a verdade, o Centro Paula Souza tem um diferencial que não dá para comparar. Eu já dei aula naquele projeto nosso do híbrido,

que a gente tinha. A gente tem lá a nossa parceria com o Bonifácio, e longe de mim parecer muito crítico, mas a comparação, não dá pra comparar o nível do nosso aluno ele é muito maior. Claro, a seleção não é só de você pensar já no Vestibulinho, já faz diferença! Não tem. Tudo bem, eu concordo, que todo mundo deveria ter a chance de ter uma vaga. Concordo! Mas o Vestibulinho ele funciona muito bem na hora de você classificar o aluno ! Então imagino também que já seria um passo ! Ele já começa a entender como é que funciona o jogo, como é que funciona o mercado, como é que funciona o mundo só através do Vestibulinho ! Falar a verdade, independente do curso, o Vestibulinho já te classifica e já te coloca numa posição que você almejou! Então acho que isso é interessante você vir falar do AMS é uma escolha! Porque o aluno na nossa escola tem 3 opções: ele pode escolher a qual ele quiser e ele escolhe o AMS justamente por isso. Ele busca ! Eu acho que ele já busca uma colocação no mercado ! Eu penso nos alunos, eles aparentam que não, mas todo mundo está preocupado em arrumar um emprego sim!! Trabalhar!!

Pesquisadora: É necessário! Não tem como! Todo ser humano vai chegar um momento que vai ter que trabalhar.

P-1: Sim. Então eu vejo, talvez se o nosso curso fosse de manhã a procura seja maior, porque eu acho que o aluno já tem um hábito! Aí já faz parte do cotidiano dele, de estudar de manhã. Então eu percebo que talvez o horário do curso por ser à tarde, a procura não seja tão grande. 3.1 Não é à toa que é o curso mais concorrido da ETEC é o DS manhã ! O DS manhã, se não me engano, esse ano, nós estamos com quase 14 por vaga !

Pesquisadora: Nossa, não vi isso!! Não tinha olhado a demanda.

P-1: O nosso DS de manhã, tá “vento em poupa” e o nosso AMS, se eu não me engano está com 7 por vaga. Por ser um curso de tarde! Um vespertino, ele é o meu é o curso mais concorrido. Então, o aluno busca mesmo! Ele tá, ele quer ter a formação técnica, ele quer fazer o ensino médio com a gente, ele quer ter essa possibilidade de ir para a FATEC ! Pra fazer um curso superior. E quando eu dou aula para eles, eu sempre falo “Pessoal a melhor parte é o seguinte: se vocês fizerem tudo direitinho, com 19 e 20 anos, vocês já estão formados uma faculdade. 1.1.1 Vocês já podem entrar no mercado de trabalho e já pode pensar em fazer alguma coisa. Você pode fazer uma outra universidade, você pode fazer uma especialização. 1.1.2 E você é novo ainda, você consegue já entender o que você gosta e o que você não gosta. Para que lado qual é a direção que você vai tomar !” Então é que eu percebo o que proporciona isso.

E eu também já ouvi aluno falando que “não, é eu não vou para a FATEC, que eu acabei entrando aqui porque minha mãe que me obrigou. Mas no final ele vai para a FATEC, ele pega gosto pela formação 2.2.1 aliás. A minha área eu sou até suspeito de dizer, mas é a área que mais cresce. Eu acho os alunos são interessados. Eu vejo que tanto de manhã, o DS de manhã, quanto o DS do AMS a tarde, o perfil do aluno diferente ! Vamos supor, o meu curso. Eu tenho um curso de informática a tarde. Ali eu já vejo que o aluno não é parecido com o meu aluno da manhã e o do AMS. O interesse é, “Só quero fazer a ETEC e eu estou prestando porque foi mais fácil sabe. Já é um curso com uma procura menor. Mas os cursos com uma procura maior, o aluno já vem com o objetivo. Eu vejo no AMS, eu dou aula para meia turma esse ano, e eu dou a mesma aula em outros cursos, eu tenho uma matéria específica, uma disciplina específica, que eu ministro em cursos diferentes. No AMS eu consegui ir mais além, eu consegui ensinar mais! E os alunos comigo, têm uma liberdade muito grande. Se eu percebo que a sala ela está empenhada eu já sou um cara que eu não dou prova. Eu não sei, eu não sou a favor da prova. Quer dizer, não é que eu não sou a favor. Eu me adapto. Vamos supor, se meu aluno está interessado, ele está fazendo o que eu estou pedindo, independente de eu fazer prova ou não, eu percebo que a equipe quer aprender, eu faço. E o meu negócio é projeto, atividades valendo nota todo dia! E eles adoram! Você ver como que é. Eu dou aula à noite também e se eu não dou prova, os alunos não vão na escola, na ETEC mesmo. Se eu não falo para os alunos “Oh, semana que vem é prova”, ninguém vem na escola. Então você tem que ver que é um perfil diferente de aluno, de discente ! Mas o AMS, pelo menos as turmas com quem eu me relacionei até hoje, o interesse é muito grande 1.1.2. Eles são mais focados, eles são mais dedicados! Esse primeiro ano, deste ano, a molecada tá “Olha!”, é impressionante! Eu posso dizer que pelo menos nas disciplinas que estou ministrando é a melhor turma para quem eu dou aula esse ano ! E fora também, as que eu nunca sei o nome, mas é os caras, as pessoas falam do soft skills! 2.1

Pesquisadora: Ah sim, hard skill...socioemocionais também.

P-1: Eu percebo que o aluno ele tem isso. 2.1. Então vamos supor, ele se relaciona muito bem, o jeito que eles falam comigo, são alunos educados. Eles estão interessados, eles perguntam, eles questionam! Eles têm 14, 15 anos. Eu tenho aluno meu que não abre a boca ! E lá com eles, com o AMS, eles têm liberdade para perguntar o que eles quiserem e eles perguntam, eles fazem, eles fazem a mais do que eu peço 2.1. Tem coisas que eles fazem, que tem momentos que eu também não

sei. Eu falo “Nossa você fez isso?” “É professor pesquisei aqui. Achei uma coisa, gostei”. Falei : “Oh pessoal, aqui a dupla fez tal coisa”, eu já trago para minha aula também. Eu não tenho essa vaidade de achar que eu sou o rei da sala!

Pesquisadora: Ainda mais na área de vocês! Porque na área de vocês todo dia surge alguma coisa nova!

P-1: É isso mesmo. Então ali os meus alunos, eu também não sei se foi uma sintonia, eu não sei! Eu sei que tá dando certo com eles. Eles trazem coisas novas para mim também! A gente compartilha! Eu já coloco na pauta, eu improviso! Já coloco na pauta do dia! Se alguém traz alguma coisa que eu acho interessante, eu já coloco para discutir, para debater. Então nesse momento assim, o AMS eu acho que é sucesso.¹ Eu acho que a minha preocupação maior é o seguinte: talvez alguns alunos ou alguns pais, eles ainda na hora de fazer o Vestibulinho, eles não entendam o que que é o AMS ou a e AMS E aí que entra o negócio! Então você vê o aluno que tá lá, até ele fazer a inscrição. Ele leu direitinho, ele entendeu o que estava sendo ofertado, e ele percebeu o benefício.^{1.1.1. e1.1.2} Ele foi lá e se inscreveu. Mas eu acho que tem alunos lá e alunos meus, da parte da manhã, mesmo sendo um curso concorrido, que ele não entendia o que era o AMS ! Então o cara, fez a inscrição de manhã porque ele tá acostumado a estudar de manhã. Ele queria fazer informática mas aí com o tempo que ele vai entendendo, como que funciona o AMS, que ele começa a ver que ele perdeu uma oportunidade ! Porque se ele entrou em um curso mais concorrido, ele teria entrado no curso da tarde! De maneira tranquila. E eu tenho esses casos que eles falam pra mim: “Professor o nosso curso, nós vamos pra FATEC depois?” Eu fico pensando “Nossa que absurdo!” O aluno está aqui no meio do ano, do curso DS de manhã, ele ainda não entendeu que o meu curso não é AMS ! Então talvez, a gente tem que trabalhar um pouco também a parte de divulgação. ^{3.1}Eu não sei, é eu não sei, se esse nome é fácil para eles. Para nós é fácil, eu agora estou acostumado com ele, com essa obrigação a AMS! Mas a gente tem que fazer alguma coisa, aí eu tô falando em relação a como divulgar melhor nossa instituição. Aí tem que fazer alguma coisa pro aluno entender o que está acontecendo. Mas o AMS é sucesso, o que eu sinto assim, quem está na FATEC agora, a primeira turma se forma agora!

Pesquisadora: É, eu vou conversar com o aluno da FATEC! Pra ter o olhar deles!!

P-1: Sim, o neto do Peruzze, ele tá essa nessa turma.

Pesquisadora: Isso eu vou conversar com ele.

P-1: Ah, você escolheu uma pessoa certa, porque parece que o neto dele tá fazendo engenharia também ! Porque o Peruzze ali também não deixa mole também não. Então, o que acontece, eu acho que o aluno que é pra FATEC, ele começa a entender o curso superior. Eu acho sinceramente pesquisadora, que o AMS tem tudo para dar certo. É claro no STREET agora é o AMS na minha área. Mas eu já imagino o AMS em administração, já imagino o AMS em outras áreas, em outras empresas parceiras!

Pesquisadora: É, vai abrir em química. Vai abrir acho que na área de automação industrial, tem outras habilitações! Que começaram a implantar, porque vocês foram pioneiros! Foi a partir da experiência de vocês que as demais unidades vão começar a trabalhar. Qual seu olhar em relação a empresa parceira?

P-1: Então, agora, como eu não acompanho muito, eu não participo muito dos eventos na empresa parceira. Em algum momento eu participei mais. Se não me engano, foi no primeiro ano eu participei mais. Aí eu posso falar abertamente com você então!

Pesquisadora: Lógico!

P-1: A Empresa no começo, ela só entrou, por que parecia uma obrigação de participar tá?!3.7 Eu acho que é comparando com a outra ETEC. Se não me engano, a outra ETEC também tem o AMS. Eles tinham convênio com a IBM diretamente e nós ficamos com a Empresa porque é em São Bernardo. Eu percebi que a Empresa, num primeiro momento, ela só estava cumprindo tabela tá3.4?! E aí aparentemente esse ano outras pessoas! Independentemente da posição da Empresa, eu acho que da área de tecnologia, que começaram a se dedicar ao curso do AMS. Eu acredito que agora a Empresa vai entrar bem forte. Se não me engano foi uma pessoa, eu não sei, porque não participei disso. Mas foi uma pessoa da Empresa, eu não sei qual a posição dela na América Latina, não era nem nível Brasil, era nível América Latina. Ela era de tecnologia. Ela foi lá, Madalena recebeu, e ela perguntou do curso. E aí, ela ficou sabendo, que nós temos três cursos de tecnologia. Você vê como que é as coisas: ela ficou interessada no AMS, mas ela ficou mais feliz ainda em saber que nós tínhamos mais 6 turmas, ou seja, são 9 turmas na área de informática, na área da computação e ela se interessou por todas. Então eu deduzi que o projeto da Empresa! Começando esse ano para o ano que vem, vai ser bem dedicado ao nosso curso. Os alunos vão ter um retorno interessante. Teve muita cobrança dos pais! Porque eu vendo de fora como professor, se você tem um curso que tem parceria com uma empresa, se a empresa está preocupada e está envolvida, o que que você espera?

“Opa, a Empresa vai contratar meu filho? ou vai contratar o melhor? ou vai contratar alguns? ou de alguma maneira vai ajudar os alunos a entrarem no mercado de trabalho?” e a Empresa não está fazendo isso. E ficava bem claro para nós, “Não, a gente só está aqui! Participando como parceiro, mas nós, na nossa área de tecnologia pelo menos em São Bernardo, ela não é tão forte, a gente não precisa de funcionário, então quer dizer, acho que esse tipo de postura deixou um pouco tudo dar certo. Do jeito que está indo acho que agora o curso vai deslanchar. Porque o aluno já está focado, ele já veio pensando nisso, ele já veio pensando na faculdade, ele veio pensando que vai ter um emprego, pelo menos vai ter alguma oportunidade de emprego, aí você chega para ele e fala: “Olha a Empresa não vai te oferecer nada tá?! Você só vai lá participar vai ter um tutor, vai ter os mentores, mas eles vão te ajudar em nada” Aí é meio desanimador sabe?!

Pesquisadora: Eu concordo! E nesse ponto, nesse contexto, e estágio? Você escutou algum comentário de estágio ou não?!

P-1: De estágio eu lembro que comentei, porque eu não sei, também eu lembro que a Márcia falava muito sobre isso. É por causa do horário do curso na FATEC **O horário do curso na Fatec parece que é no meio da tarde até o comecinho da noite.** Eu nunca entrei nesses detalhes, mas enfim, eu conheço aluno da FATEC que trabalha de manhã, das 8 ao meio-dia ou das 8 às 14h enfim, eu não sei como que é o mercado de trabalho hoje nesse ponto. Mas o horário do curso, ele também não favorece o nosso aluno! Aí é uma briga também ,mas aparentemente FATEC não tem espaço a noite ! Não é só pedir para fazer. É que nem a gente, você tem que ter um espaço para colocar mais um curso **Mas se quando um aluno fosse para FATEC, o curso fosse à noite, eu acho que aí era o mundo, era um mundo maravilhoso.** Ele teria grandes oportunidades. Mas estágio, estágio, eu não ouvi ninguém falando sobre isso tá ?! Não houve aluno falando sobre isso. O neto do Peruzi, ele está fazendo outra faculdade, acho que ele não está trabalhando, então os que eu conheço eu não ouvi falando sobre o estágio. Ah, minto, outro dia encontrei uma menina que eu dei aula para ela na ETEC. Até conversei com ela um pouquinho, ela não está fazendo estágio, ela está trabalhando! Ela é do AMS que até perguntei pra ela: “ Mas só tem você lá fora?” “Eu já consegui emprego, trabalho home Office” Tava toda feliz. O namorado dela que também era aluno, é, o namorado dela também é aluno do AMS, que não estava trabalhando. Ela já estava! então isso é interessante. Então tem aluno já se colocando no mercado de trabalho e tem aluno fazendo outras faculdades. Eu acho

que a oportunidade foi dada né pesquisadora?! É o aluno, nesse ponto o aluno que tem que começar a buscar.

Pesquisadora: Mesmo que a empresa seja parceira, não vai conseguir todo ano E contratar 40 todo ano, 40 todo ano. A gente sabe que isso não é possível mais.

P-1: No imaginário do pai, ele já deduz. Até então até eu, como uma pessoa de fora, mas voltou fora assim, eu Alessandro, professor da ETEC, do Centro Paula Souza, é uma coisa que eu esperaria que fosse feita entendeu!

Pesquisadora: A gente fica na expectativa mesmo.

P-1: E aí quando não acontece a decepção é muito grande viu?!

Pesquisadora: É, é verdade! É informação mesmo do que é o curso. Porque essa integração médio superior, pra quem é da educação também não conhece. O meu orientador, ele custou a entender! Ele falou, mas do que você tá falando que eu nunca escutei falar? E aí que eu fui explicando, explicando pra ele e aí que ele foi entendendo! Então você isso imagina o pai ! que não é da área de educação? É mais difícil ainda !

Eu percebo na sua fala assim, uma ausência de acolhimento do professor para se envolver mais na modalidade, estar mais próxima da empresa! A empresa dar uma palestra específica para todos os professores do curso. Isso aconteceu em algum momento?

P-1: Comigo não!

Pesquisadora: Porque o curso ele também é formado pelos professores ! Aliás só existe porque tem os professores! E tem alguma coisa também para o professor ?Para os mentores conversarem com vocês...porque quando eu penso em integração é a integração.

P-1: Sim! Seu comentário foi bem colocado agora!

Pesquisadora: O que você pode me falar disso? Você sente falta disso? Seria bacana se tivesse? O que você poderia me falar a respeito disso?

P-1: Agora que vou... você fez eu pensar nesse assunto...É que chega um momento, que é o seguinte né! Eu trabalho no centro Paula Souza e trabalho na prefeitura de São Caetano. Às vezes é tão automático, que você nem percebe o que está acontecendo ! Então em relação a isso, pelo menos as vezes que eu participei. Lógico, eu participo quando eu tenho disponibilidade. Não tem isso, não tem! Até onde eu, Alessandro, estive ali com os alunos, participei com os alunos, tem bastante coisa direcionada para o aluno, isso tem. A mentoria é uma coisa interessante Você poder

pegar os profissionais da sua empresa, criar grupos e cada um ser mentor de um grupo, isso é uma ideia maravilhosa. E até para empresa também para colocar o funcionário dela sempre ativo, acompanhando. Porque é uma troca! Você está pegando ali uma molecada de 14,15 16 anos! Com ânsia de conhecimento, eles também vão trazer alguma coisa para você ! Então isso é muito interessante. Mas eu mesmo nunca conheci nenhum mentor.4.1.1.4 Eu só conhecia a menina que era intermediária entre a Empresa e a escola, e vamos dizer assim, por uma questão prática mesmo ! “Oh professor vocês têm que ir por esse lugar!” “Vocês têm que vir esse dia !” Então ali era tudo uma formalidade. Mas conhecer mesmo, esse tipo de integração que você está falando, ela não existe.5.1.3 Pelo menos até onde eu pude presenciar. Eu não sei agora a Inês e o Flávio eles foram em um. Confraternização. Teve um dia aí que os pais puderam participar na Empresa, esse foi muito interessante. Foram os pais dos alunos, foi o coordenador, foi o pedagógico. E participar de um momento na Empresa5.1.3, que é ofertado só para os funcionários! Então eles tiveram uma vivência ali que geralmente eles não teriam. Isso já foi uma mudança na postura da Empresa. Mas para nós direcionado pro professor, alguma coisa que fosse feita para gente, não sei, de repente, entender o processo e entender como funciona.5.1.3. Entender a empresa, até que seria uma coisa boa para eles também, isso nunca teve. Até onde eu pude participar eu nunca presenciei e nunca fui chamado! Eu nunca vi “Hoje vai ser um encontro do AMS para os professores e aí poderia ser para todos os professores AMS ou para todos os professores da escola.5.3.1. e 3.7 Porque também os professores mudam Ano a ano, de repente, o professor da parte comum ou mesmo professor da parte técnica, ele muda. Não é sempre o mesmo! Isso nunca teve, talvez seria uma coisa interessante sim. Pra gente se aproximar da empresa, ter um entendimento melhor. Até entender melhor o AMS também! Porque a gente faz é tendo como base o AMS O Jorge Street e pensando no mercado de trabalho. Mas esse é acolhimento, então essa palavra acolhimento, ai que não se encaixa mesmo. Porque eu nunca fui acolhido pela Empresa.

Pesquisadora: O porquê da sua fala, talvez se tivesse um acolhimento e um acesso à informação do que os alunos estão tendo, poderia se pensar até em projetos, em trazer os conhecimentos que eles estão tendo lá para dentro das suas aulas até.

P-1: Sim, sim poderia. Poderia sim! Na elaboração de projetos, você entender o processo numa empresa. Que eu imagino que o mentor, ele traz a sua vivência dentro da empresa e compartilha com os alunos2.1 ! e isso é o tipo de coisa que eu não tenho

acesso ! talvez se o aluno trouxesse isso para a escola, trouxesse isso para a ETEC teriam ganho sim. Falar “Olha, na Empresa estão fazendo assim! ” A gente está participando de mais um projeto ali, está acontecendo isso, isso, isso, isso!” “Dentro de uma de uma empresa igual a Empresa, acontece assim assim assim!” talvez seria interessante sim e você vê, aí já não entra só o meu curso! não entra só a tecnologia. Já entra administração. Você já consegue envolver outros cursos nesse processo. Então quer dizer, eu acho que o potencial é muito grande! Você tem inúmeras possibilidades. Ta vendo aqui, uma conversa aqui de 15 minutos, 20 minutos, eu consegui parar para pensar nisso, porque você não consegue pensar em nada durante a semana.

Pesquisadora: Verdade, a vida é muito corrida. A gente ministra aula em um monte de lugares, enfim. Você percebe ou você tem conhecimento melhor dizendo, dessas atividades de contextualização profissional, dessas 200 horas, que é feito na empresa. Você teve acesso a essa matriz dessas das atividades de contextualização? Você teve acesso a algum relatório de aluno?

P-1: Não.

Pesquisadora: De alguma apresentação?

P-1: Não, não tive! É que eu também os peguei no primeiro ano. Eu não sei se o pessoal do terceiro! Quem ministra o TCC. Ah não, minto, esse ano eu fiquei 6 meses com TCC no terceiro AMS. Então você vê, os projetos que eles fizeram comigo eles eram da escola, não era da Empresa. Não tinha ligação. Eles tiveram ideias direcionadas ao TCC Pra esse ano 2023 e os projetos que eles criaram comigo não tinha vínculo direto nem indireto com a Volkswagen. Agora eu lembrei disso, eu fiquei 6 meses nessa disciplina e eu tive que trocar com a Márcia. Então quer dizer, já é uma coisa que eu não consigo entender também. Se você está fazendo um curso, em parceria com uma empresa, você está fazendo um projeto que não tem nada a ver com a empresa? não teve influência nenhuma? ou mesmo pensando no segmento da empresa? ou até pensando em outras coisas! e os projetos que foram criados não tinha ligação nenhuma com a Empresa Então o terceiro AMS desse ano, eu nunca vi eles falando sobre relatório, nunca vi isso falando sobre o que estão fazendo. Eles sempre diziam “Oh nós vamos ter um evento na Empresa” “Nós temos que participar de uma palestra” enfim, mas eu nunca vi nada prático e eu também nunca tive acesso.

Pesquisadora: Não chegou para você nenhuma informação que você poderia falar “Nossa isso aqui é bacana eu posso usar, eu posso usar até o que eles tão aprendendo lá para as minhas atividades”?

P-1: Não, nunca chegou!

Pesquisadora: Criar um projeto...

P-1: Nem de maneira informal. Não estou nem falando de maneira formal vamos dizer assim “Oh, o institucionalizado é assim que funciona, nós vamos criar um padrão a partir de hoje então vai acontecer assim, assim, assim” Isso não existe! De maneira informal, numa conversa de cafezinho, uma conversa de sala dos professores, também nunca aconteceu nunca ouvi a Márcia falando, a Inês também. A Inês entrou agora, nunca aconteceu. É aí aqui está o negócio também. Não sei se nunca aconteceu porque não tem ou se nunca aconteceu por quê? Eu dou aula em dois lugares, a Márcia da aula em dois lugares. Então quer dizer, é tanta coisa para fazer, que você tenta focar no que está acontecendo naquele momento 4.4.1 ! Então talvez, teria que criar, teria até que formalizar um processo desse, para que os professores tivessem acesso mesmo. Que não é só a gente ! Da Base Nacional Comum também! Professor de português com professor de matemática.

Pesquisadora: É isso mesmo que eu ia te perguntar, se tem alguma integração dos professores da BNCC, com os técnicos e a empresa. Teve algum momento, que tivesse?

P-1: Não, não. Aliás, isso, eu posso até falar isso pra você. Aliás não tem nem outros cursos tá? Essa ligação entre nós e a Base Nacional Comum é complicada viu? Parece ser fácil, mas não é. 4.4 Talvez com um professor de português a gente consegue. Com a professora de artes a gente consegue também bastante coisa, mas não é todo o professor que está aberto a ter essa ligação. E não vou querer dizer também que o professor da parte técnica é fácil. Mas eu percebo que é mais fácil eu, da parte técnica, fazer uma integração com a Base Nacional Comum do que vice-versa porque tudo o que eles fazem se encaixam na minha disciplina. Eu consigo fazer de um jeito, que vai se encaixar em algum momento! Porque a tecnologia está ali pra ajudar, mas não vejo, não tem isso não viu?! Sinceramente aliás não tem isso de modo geral na escola inteira! a gente tenta mas a gente não consegue.

Pesquisadora: Eu achei interessante a sua fala! do professor...eu sou química ! e eu trabalhei no Liceu de artes e ofícios de São Paulo.

P-1: Ai que legal!

Pesquisadora: Cursos técnicos! Então eu trabalhava com edificações, eletrônica, informática estava começando. E eu lembro que eu buscava, dentro da habilitação, algo de química. “Então nas edificações, a composição do cimento, o por que das misturas”

P-1: Ai é legal verdade.

Pesquisadora: Na área de informática, eu falava, eu trabalhava em cima dos metais, porque você precisa dos componentes eletrônicos dentro do computador, que não pode oxidar. Eu penso que o professor do técnico, ele consegue dar um link com o professor da BNCC! As vezes o professor da BNCC, ele não tem esse conhecimento um pouco dessa área técnica e fica com dificuldade. Então eu, pela sua fala talvez, se conseguisse unir esses professores de uma reunião onde a empresa falasse “Vocês que são os professores desses alunos da parte técnica e com a BNCC talvez conseguissem criar algo que permeasse e o aluno até criasse um entendimento da ligação entre esses conhecimentos!

P-1: Sim, sim. Eu vou dizer uma coisa para você, que aí já é um sentimento como coordenador agora ! a melhor parte de você virar coordenador é você entender, quais liberdades eu posso tomar como professor sabe? É engraçado isso! Eu vejo às vezes que o professor, ele é muito inseguro em algumas coisas sabe?! Então se você não falar para ele, o que ele pode ou não pode fazer, ele não vai fazer. As vezes ele tem medo! algum ou outro ,ele já tem isso já tem, já está dentro dele. Ele vai pra cima, ele já pensa dessa maneira! Mas o professor ia ficar muito preocupado em entregar tudo no dia, e fazer tudo certinho. Então tem tanta coisa. Então ele não tem uma liberdade, ele não tem iniciativa, ele acaba não tendo a própria liberdade. Então quando você vira coordenador, você começa a perceber que existe essa liberdade e você pode fazer você pode usufrui-la ! Então eu como coordenador, quer dizer, eu virando coordenador, minha vida como professor melhorou muito. E tomo atitudes, eu tomo decisões que eu não tomaria como professor simplesmente. Então talvez até isso, de repente você tendo uma “Ah, então quer dizer o ano que vem, em março 2024, vai ter uma reunião da Empresa, um acolhimento dos professores, onde todos vão participar” . Eles têm que entender isso. “Oh pessoal, não é só a parte técnica, vocês também fazem parte”. Então quer dizer, se a gente começasse a fazer de alguma maneira, formalizar mesmo sabe?!Fazer aí, não é nem só pela palavra acolhimento. Vamos criar alguma coisa onde vai ter, sei lá, de maneira periódica, reuniões para Empresa, com os mentores, com os alunos, os professores e o professor saber que ele vai ter

que participar durante o ano dessas atividades. Eu acho que aí seria perfeito. A gente não pode ficar muito no improvisado “Oh, daqui uma semana vai ter uma palestra da Empresa e é pra todo mundo participar”. Não, o professor ele não, ele não gosta disso, agora não dá mas às vezes acontece. Mas o “cara” da parte técnica ele se adapta melhor. A gente está acostumado com isso. As vezes acontece e ainda mais no Centro Paula Souza. O pessoal tem que fazer o negócio pra daqui 2 dias, a gente se adapta. Mas o da Base Nacional Comum ele já fica “nervosinho”. Ele faz, mas ele já não gosta de fazer. Então se a gente colocar alguma coisa sei lá na reunião pedagógica, e criando dentro do nosso calendário, junto com a empresa parceira ! eu acho que aí seria legal. Eu acho que os professores iam começar a entender como funciona, entender qual é a participação deles em relação a isso. Porque eu acho que eles não sabem o que está acontecendo tá?! Se eu sou da parte técnica não sei, imagino os professores da Base Nacional Comum. Eu acho que isso seria interessante sim. É uma coisa que a gente pode até levar para frente.

Pesquisadora: Pela sua fala assim! eu falei “Falta a princípio o acolhimento, para o entendimento do que é e integração. Integrar as pessoas!”

P-1: Sim.

Pesquisadora: O aluno, o professor, porque na verdade quem passa o maior tempo com esses alunos são os professores da ETEC.

P-1: Sim.

Pesquisadora: São vocês. E se vocês tiverem o entendimento do todo! Com certeza o trabalho de vocês pode ficar até mais fácil.

P-1: Sim

Pesquisadora: Muitas vezes todo mundo fica fazendo a mesma coisa e outras coisas ficam sem serem desenvolvidas no aluno! E o ganho de conhecimento, acho que aí tem que ter um ganho de conhecimento para o professor.

Professor: Sim, claro.

Pesquisadora: Eu acho que a empresa parceira é... sei lá.. minicursos que podem ofertar para o professor. Eu acho, que precisaria pensar em algo que tivesse um bônus pra esse professor.

P-1: Sim, sim.

Pesquisadora: Nesse sentido! Eu acho que isso a gente poderia pensar mesmo. Até que possa ser sugerir! Porque de repente essas empresas são grandes, colocaria um curso on-line para o professor, um dia que os professores realmente fossem

convidados para ir à empresa. Todos eles tanto da parte técnica, quanto da Base Nacional Comum. Eles entenderem a empresa e trazerem para eles ! aquele conhecimento para eles desenvolverem ! E Assim, até a conversa com certeza a gente sabe que é difícil! O técnico conversar com o pessoal da BNCC. Mas é tão importante, que facilitaria o trabalho. Eu me lembro que quando eu unia o que eu fazia lá no Heliópolis quando eu fui diretora, quando eu conseguia juntar o professor do técnico com o professor da BNCC, saiu coisas maravilhosas. Chegaram a publicar um livro de nutrição.

P-1: Olha que legal!

Pesquisadora: E teve uma parte em inglês. Conseguimos né!? Aí o professor de Geografia entrou com uma parte dos vegetais da região Geograficamente Então isso o aluno dá significado para tudo o que ele está aprendendo.

P-1: sim concordo.

Pesquisadora: Eu acho que isso no AMS, que a gente tem uma empresa! Professores extremamente qualificados, tanto a parte técnica, quanto da BNCC, por que não integrar! Os mentores se apresentarem aos professores e os professores se apresentarem para os mentores. Porque a empresa também aprende com a gente.

P-1: Sim, claro. Isso seria interessante sim é eu acho que essa integração aí é algo que realmente na nossa conversa, acho que seria bem bacana.5.1.3 Porque quando você fala com o diretor, ele tem o olhar do diretor! da parte de gestão. Mas o que realmente eu me preocupo e eu entendo que é o mais importante é isso, é o trabalho da gente em sala de aula. O foco é esse! acho que é relevante, realmente aliás toda essa estrutura ela tem que funcionar para que aluno e professor sejam atendidos.

P-1: Isso mesmo.

Pesquisadora: O meu olhar para educação é esse. Eu falei “então a gente tem que fazer o melhor aqui para professor ter tranquilidade em sala de aula, ter o que ele precisa para poder ali junto com aluno desenvolver mesmo”. O que o professor tem de conhecimento da área e que o aluno consiga absorver o máximo de todas e todos os componentes para se formar e enquanto pessoa enquanto profissional.

P-1: Sim né, perfeito.

Pesquisadora: Então eu acho que essa sua fala me trouxe esse entendimento da nossa conversa

P-1: Aqui tá um negócio. Tudo é difícil no primeiro momento, mas porque você falou, se a gente conseguir unir todo mundo e dar significado. Aliás o significado não é só

do aluno! talvez até para o professor, mas tem um significado maior do trabalho que está realizando. Eu acho que seria interessante sim. Acho que para nós seria uma coisa perfeita. Claro, ali se a gente conseguir fazer isso, organizar, planejar, colocar no nosso calendário. Aliás, uma das coisas que eu tenho mais orgulho da ETEC é que o nosso calendário funciona perfeitamente e já fica pronto em dezembro. Você consegue você pegar o calendário em janeiro, você programa o seu ano inteirinho em cima do nosso calendário. Eu acho que se a gente colocar isso como algum tipo de evento! Foi que eu te falei, de tempos em tempos ali, a gente consegue sim alguma coisa. Talvez demore um pouquinho, mas a gente tem que começar de algum jeito !

Pesquisadora: É um processo.

P-1: É um processo sim. Mas a gente consegue sim.

Pesquisadora: Se não começar nunca vai acontecer. Eu sempre falo né, a educação ela é um processo. O pensar em educação, o construir a educação, que aí é a parte de gestão, tanto administrativa quanto acadêmica, de infraestrutura. E isso trabalhar toda essa estrutura, para se chegar no ponto principal, que é o processo de ensino aprendizagem.

P-1: Sim

Pesquisadora: Para transformar mesmo

P-1: Sim, sim

Pesquisadora: Tudo tem que ser pensado, porque o professor ele não vai lá naquele dia a dia dele conseguir fazer essa trajetória sentido contrário até chegar no diretor. É a gente aqui, que tem que pensar pra ir juntando as partes, para se criar o todo

P-1: Sim verdade.

Pesquisadora: Eu entendo que é esse o caminho e a sua fala me mostrou isso.

P-1: Olha que bom. Se estou ajudando tá bom. Então ajudou a gente também.

Pesquisadora: É então, mas a ideia é, eu sou também da área de indústria! Então a gente quer ter algo concreto.

P-1: Sim, claro!

Pesquisadora: Então eu falei "Eu não vou fazer o mestrado para não chegar em lugar nenhum. Eu não consigo.

P-1: Tá certo.

Pesquisadora: Então, porque eu quero depois montar a proposta, encaminhar para o professor Almério, pra gente colocar isso em prática. E eu estou percebendo que essa integração, a gente pode trabalhar nisso para propiciar esses momentos. Sabe, eu

acho que a instituição, ela tem até por obrigação isso, criar momentos! Para que esses professores, esses profissionais conversem entre si, para desenvolver um trabalho conjunto.

P-1: Sim, perfeito.

Pesquisadora: Alessandro, agora das relações interpessoais, o contato com FATEC. Se você já teve contato com professores da FATEC. Se vocês algum momento se sentaram para passar o que vocês desenvolveram com os alunos, para continuidade. Você teve acesso ao plano de curso, tanto de ETEC, quanto de FATEC, a relação de algum momento que talvez você tenha tido com a empresa, das relações mesmo. Você acha que elas fluem bem ou é tudo meio truncado. Enfim qual é a sua visão disso?

P-1: É aí já é outra coisa também. É aí que tá negócio. Não é a palavra, não seria a fofoca! seria acesso à informação. Então você vê, nós ficamos sabendo que, na outra ETEC, que tem o curso, os alunos têm aula na FATEC. O nosso aluno não tem aula na FATEC. Ele não vai na FATEC. Aliás eu não sei se ele tá ainda. 3.6 Pelo menos enquanto eu estava lá, ministrando aula, o nosso aluno, ele nunca vai na FATEC. Então eu acho que isso é uma coisa que se acontece com outro porque não acontece com a nossa?! Aí todo mundo fica sabendo, não tenho como. A ETEC é longe? não, mentira! As pessoas sabem que tá acontecendo na outra ETEC, para comparar com a nossa, enfim. E quem está mais envolvido com o projeto! geralmente o coordenador, que eu vi aqui, a Márcia, estava sempre bem informada em relação a isso. Então ela comparava ! Olha na outra ETEC os alunos estão tendo aula dentro da FATEC ! Então já imagino que sua luta dentro da FATEX, já tá, vamos assim conhecendo o ambiente. Não sei se ele está dentro da FATEC, já está tendo acesso aos professores da FATEC? Se é de uma maneira direta ou indireta? Coisa que nós não temos também. E não conheço a diretora. Sei quem é a diretora da FATEC ,mas eu não conheço ela pessoalmente, nesse ponto. Nunca tive acesso aos professores da FATEC, não conheço os professores da FATEC. Isso também não, essa integração também não existe, em um primeiro momento. É mais fácil dizer para você que eu encontro o professor da FATEC, almoçando dentro do Street, porque aparece quando eles ficam sem lanchonete, eles vem almoçar aqui na nossa escola. Uma vez ou outra que eu encontro alguém ali, almoçando no Street. Aliás esse ano não almocei mais. Como esse ano não almocei mais na escola eu não encontrei com nenhum deles! Então essa integração também não existe Pesquisadora, essa é verdade.

Pesquisadora: Oh outra coisa, poxa vida! É a mesma instituição! São professores da mesma instituição, então seria bacana um momento de troca aí.

P-1: Sim, seria bacana!! Seria bacana até para você dar continuidade ao que está acontecendo. Se nós montamos um projeto, onde o aluno vai pra um curso superior e nós criamos um currículo, que ele só precisa de 2 anos, para poder ter o mesmo diploma do aluno que fica 3 anos, você parte do princípio do que ele aprendeu no técnico. Faz toda a diferença no curso superior. Então essa integração seria muito mais importante do que a integração com a Empresa. E essa integração nós não temos também e no primeiro momento, parece ser mais fácil! porque é a mesma instituição, a nossa divisão ali é um muro, que tem até uma porta para nós ali.

Pesquisadora: É só uma cerca a verdade

P-1: Mas nem sendo só uma cerca isso não tem. Aí eu já não sei dizer se é por nossa parte, isso é por parte deles eu não sei se tem algum tipo de impedimento. Nesse ponto eu não posso opinar em relação a diferença entre as duas, é entre os dois níveis educação, gera essa indiferença. Não sei dizer tá?! Então talvez é uma coisa que a gente podia pensar também. Em algum momento, numa pedagógica ou então uma coisa separada só para os professores. Acho que deveria acontecer sim, mas não acontece, nesse momento eu nunca presenciei. Em um outro dia, a diretora da FATEC estava na escola. Ela e a Madalena conversam bastante, mas os professores nunca. Eu nunca nem vi a matriz do curso. Eu acho que eu já vi a matriz uma vez por interesse mesmo. Mas como eu sei que a continuidade do técnico para o superior é importante, eu acho que tinha que ter, com certeza. O professor tinha que saber o que está acontecendo no técnico, pra quando o aluno chegasse nele ali, ele dá continuidade da melhor maneira possível! É lógico que geralmente dá certo, mas a gente não pode deixar isso assim "Ah vai dar certo", a gente tem que planejar, tem que ser organizado.

Pesquisadora: Pra virar uma rotina!

P-1: Ou então até o professor, não sei, pensei nisso agora. O professor da FATEC, ele poderia estar dizendo para nós "Olha, tem um conteúdo que eu ministro aqui, que talvez seja importante o aluno saber, isso, isso, isso de maneira mais aprofundada por exemplo. Nada impede um professor da ETEC se adaptar. Eu acho que é uma coisa super simples de ser feita! Seria interessante sim esse tipo de integração, seria interessante sim!

Pesquisadora: A comunicação né Alessandro?!

P-1: É você não tem sala de professor entre FATEC e ETEC ! E parece que não mas a sala do professor ela tem uma função social!

Pesquisadora: Sem dúvidas.

P-1: Ali é a hora que você numa conversa, ali de cafezinho....

Pesquisadora: Você cria um projeto.

P-1: Essa informação é importante. Você cria um projeto verdade e nós não temos isso com o professor da FATEC e talvez a gente tem que ter então em algum momento. Ali tem que ter algum tipo de integração. Alguma sei lá, vamos fazer alguma, vai bimestralmente. O primeiro bimestre é na ETEC, o segundo bimestre é na FATEC e a gente poderia fazer alguma coisa nesse sentido sim, seria importante.

P-1: Nossa é bem bacana!! Mas não tem essa relação interpessoal. Pelo menos comigo inexistente eu nunca vi. E a Márcia é professora de FATEC e ela também nunca comentou nada. Se conhece alguém!

Pesquisadora: Então é integração mesmo, a comunicação mesmo.

P-1: A Márcia, a Simone são professoras de FATEC e eu nunca a ouvi dizendo pra mim assim “Ah, eu conheço um professor na FATEC São Caetano” porque elas conhecem os professores das Fatecs que elas ministram aula e a Simone se não me engano, ministra na FATEC de São Bernardo, a Lauro Gomes. Eles não tem contato com o pessoal da FATEC São Caetano! Ai que tá o negócio. Como eu não tô dentro desse “mundinho”, eu não sei se tem alguma coisa ali, se existiu uma coisa, que já vem de tempos em tempos, mas eu não vejo impedimento, mas não sei se existe.

Pesquisadora: Às vezes eu acho que é a falta das pessoas pensarem um pouco nisso. Acho que elas vão naquele movimento sabe?! Não tem interação, vê que é daquele jeito e as pessoas não param para refletir.

P-1: Indo no automático.

Pesquisadora: Aí eu entendo que a gestão é importante. Ter um olhar, falar vamos analisar isso para ver o como que a gente pode melhorar e criar pequenos momentos, ações para ir integrando!

P-1: Sim, sim.

Pesquisadora: Alessandro, se você fosse me dizer, um ponto positivo do curso, assim, que você fala olha eu até indiquei esse curso por conta disso. Pontos que você acha que são sensíveis, fracos, ruins que a gente pode melhorar. E um resumo ! da sua visão sobre essa modalidade de ensino, já que você ministra aula em outras ! E pode ser sincero “Oh isso aqui é muito ruim”, não tem problema, pode falar tá?!

P-1: Vamos lá, eu acho que ponto positivo é a continuidade! Foi que você falou, a verticalização. Eu acho que isso não dá para comparar com outra qualquer outra modalidade. É o aluno. Você levar essa segurança para o aluno. Porque o aluno é o seguinte, ele só passou por um processo que foi o Vestibulinho, que já deve ter sido cansativo, mesmo ele tendo foco, não é fácil. Eu tenho alunos, só pra se ter uma ideia: o ano passado, nosso Vestibulinho foi no dia do jogo do Brasil, se eu não me engano ! O nosso Vestibulinho geralmente tem 50 perguntas, aí só fizeram 40 para dar tempo do aluno ir embora para assistir o jogo, o aluno e a equipe que está aplicando. Eu tenho alunos meus, no primeiro DS da manhã que o “cara”, acertou 36 questões.

Pesquisadora: Nossa!

P-1: O “cara” acertou 36 e ele foi o 26°.

Pesquisadora: Caramba. O primeiro acertou todas.

P-1: Ali teve aluno que acertou 39. Então quer dizer, você vê o nível dos meninos. Quer dizer, o aluno se dedicou. Enfim né, de manhã ele não tem o AMS. Então, o “cara” que veio para o AMS, ele já entendeu que: “Pô, espera aí, eu já vou entrar aqui, mas eu já vou para a FATEC sem fazer o Vestibulinho, lá eu só vou me formar em 2 anos e o curso é 3. Então espera um pouquinho só, isso pra mim é maravilhoso! Vou ficar 5 anos aqui, se eu estudar direitinho, se eu tiver um foco, se eu me dedicar, eu vou conseguir”. Então quer dizer, eu acho que nesse aspecto ele é incomparável. Os alunos não estão entendendo como funciona. Porque não tem como. Eu agora que entendo, eu já vejo logo de cara que o melhor curso deveria ser o que deveria ser o melhor curso da nossa escola é o AMS. Não tem, em termos de possibilidades é o AMS e ele não tem a quantidade de alunos, que tem o curso da manhã. Também por ser de manhã o outro curso. Todo mundo dá preferência por estudar de manhã e já faz parte do cotidiano, não importa. Mas essa parte para mim é incomparável. O aluno, se ele entender o formato e ele se dedicar, “cara”, não tem curso parecido. Você vai estar, se você entrar com 14 anos no primeiro você vai se formar com 19 e no mais tardar 20 anos, em um curso superior E de qualidade. Você vai sair de lá, com ensino médio, vai sair pro técnico em informática, os momentos dos sistemas. Vai sair com curso superior em tecnologia. Você pode entrar no mercado de trabalho diretamente com 20 anos e aí dentro desse mundo aqui, você pode escolher o que você quiser!

Pesquisadora: Fazer até outras graduações, mestrado, doutorado PhD...

P-1: E você já vai ganhar dinheiro. Eu sempre falo isso “Pessoal, o objetivo aqui é vocês terem capacidade de arrumar o melhor emprego possível” não tenho muita, não

precisa ficar inventando moda para eles. “Pessoal, a proposta é, vocês entrarem no mercado de trabalho e ter um salário digno de acordo com as suas capacidades!” Eu sempre falo isso para eles, falo com outras palavras, mas o objetivo é esse. É você um dia entrar no mercado de trabalho, poder ter a sua própria renda, pra você poder ver sua vida e não tem muito segredo em relação a isso. Então o AMS oferece uma oportunidade que a única! Foi o que você falou, se você está pesquisando e você não achou nenhuma? Eu sem pesquisar já achei ela maravilhosa. Então acho que qual é o que falta ali é um aluno mesmo entender como funciona em termos de ponto positivo.

Ponto negativo aí você entra no que a gente conversou agora. Não tem integração. A empresa teria que se dedicar mais. Como parceira, ela tem que ofertar mais. Agora que você deu uma ideia de ofertar, de fazer algum tipo de atividade, relacionada aos professores “Cara” “Maravilha” “Você é a Empresa” “Uma das maiores empresas do mundo” . A IBM também, uma das maiores empresas do mundo, será que em algum momento você não consegue encaixar ali uma formação continuada, não sei! De repente, se criar um projeto, você consegue fazer de tempos em tempos ali, alguma coisa pra você que está formando os professores, aproximando os professores, aliás de uma maneira direta ou indireta, você também está vendendo a imagem da sua empresa! Qual é a imagem que você quer que as pessoas tenham da empresa de vocês? Da nossa empresa. Eu imagino que seja a melhor imagem possível e nada melhor do que o professor! tem a melhor imagem, porque nós vamos ser replicadores! Nós vamos falar a nossa experiência para o aluno. Que de vez em quando, contando uma história que aconteceu com você. Eu adoro contar histórias de alguma coisa aconteceu comigo e para mostrar pro aluno o que pode acontecer com ele. Então eu acho que, em termos de pontos negativos é essa integração. Tanto com a FATEC que eu percebo que não tem e é necessário e com a empresa parceira no nosso caso é a Empresa. Perfeito! Tem que ter alguma coisa na Empresa! Não sei se de repente poderia pensar alguma coisa como a IBM, que a IBM apesar de tudo é em São Paulo. É um lugar assim próximo e nada nos impede de levar o nosso aluno também pra fazer alguma coisa na IBM. Ou então, aliás a gente poderia fazer, já que a gente está pensando nisso de maneira aberta o que também nos impediria de fazer alguma coisa com a outra ETEC? Porque o nosso aluno não poderia fazer uma integração com a outra ETEC? os alunos se encontrarem para compartilhar experiências “O que vocês estão fazendo aí com a IBM?” “O que estão fazendo aí com a Empresa? Talvez

poderia também, de alguma maneira ali, planejar um encontro desse. Poderia ser alguma coisa, sei lá, em algum momento na ETEC, no Street, em outro momento na outra ETEC que eu não sei onde que é, mas de repente, poderia ser feito. Ou então lá não pode, nenhuma das duas? Faz alguma coisa no Centro Paula Souza que talvez tenha uma estrutura maior e todo mundo se reúna lá, enfim, possibilidades aí são inúmeras.

Pesquisadora: São inúmeras, ideia boa.

P-1: Em termos de parte negativa é isso e isso aí precisa para tudo. E no nosso curso, pelo menos comigo, ali não tem. Eu acho que é o que falta mesmo Em termos de resumo, do que eu vejo ali com eles, é difícil dizer porque é o negócio né? Ai que ta o negócio né pesquisador? eu falo isso, mas às vezes eu fico até com medo de falar, o perfil do nosso aluno da ETEC. Ele é diferente Ele já entra com a cabeça de, como é que eu vou dizer assim, pra mim é fácil dar aula na ETEC. Você acorda de manhã e você vai com prazer para dar aula para “os caras”, você compartilha, você conversa, o aluno conversa com você sabe?! Você troca ideia! Então quer dizer, é difícil para mim. Então em termos de resumo AMS o que está faltando ali é você ajustar, é isso mesmo. Porque o aluno, ele está lá porque ele quer, ele quer mais na empresa parceira, ele quer mais da FATEC, e infelizmente não depende dele. Não depende dele ir lá e falar “Oh, eu vim aqui porque eu sou aluno”, Não. Depende da gestão, depende da instituição, organizar esses momentos, não é uma coisa que ele sozinho, possa fazer. Ele não pode tomar essa decisão. Então acho que o que falta ali, você falou a palavra correta, é ajustar, é isso mesmo. Eu acho que o MAS tem tudo para dar certo independente do horário, se fosse de manhã, se fosse à tarde enfim, eu acho que podem vir outros também. Talvez, quando tiver outros AMS lá no Street, a gente pode unir os AMS para ver as experiências Essa parte de você compartilhar a experiência com as empresas, isso é muito rico. Já pensou de repente, o aluno fazer um TCC interdisciplinar. Então o AMS informática pega junto com o AMS de automação, eles vão fazer um projeto juntos. Então quer dizer, o céu é o limite fiquei até empolgado agora!!

Pesquisadora: Que bom!

P-1: Nunca tenho tempo de pensar nisso, mas o céu é o limite e tem tudo para dar certo. Foi o que você falou, como tudo é um processo. Tudo bem que num processo, talvez não seja tão rápido como a gente espera. Mas o AMS que já começou. Estamos indo aí pra 3,4 anos e eu só vejo coisas boas acontecendo e só melhora! Tá sempre

ajustando para melhorar eu não vejo piorar, eu só vejo melhorar. Então acho que o potencial é muito grande, eu acho que se você teve um acerto muito grande no seu mestrado, porque isso aí vai ser usado por outras pessoas depois porque vai ser a referência. Acho que vai ser importante sim. Acho que eu estou mais ou menos nessa.... às vezes eu sou muito intenso! então eu fico muito...o que o professor fala pra mim?” Você é muito apaixonado. Você não pode, tem coisas que você tem que tem que ser um pouquinho mais racional” porque a educação gera isso na gente! Até que nesse ponto tem tudo pra ofertar, pra trazer esse resultado para o nosso aluno! Que é a nossa busca é essa! O aluno poder... foi o que você falou, ter uma formação plena para poder entrar no mercado de trabalho e conseguir trabalhar, ganhar seu dinheiro e ser feliz! não tem muito segredo.

Pesquisadora: É juntar as duas coisas, além de ser um bom profissional técnico sim também ser um cidadão! Um conhecedor de seus direitos, dos seus deveres. Ter cultura! Eu acho que a gente tem tudo em nas nossas mãos. Que é a BNCC, professor de artes, vai falar de cultura. Professor de Geografia vai falar do mundo, os de química... então acho que se a gente conseguir formar um, por isso que eu falo da formação Politécnica, porque ele é técnico mas ele é cidadão e tendo todo esse conhecimento é melhorar mesmo, é melhorar a sociedade! você melhorando a formação do aluno o jovem vai melhorando! o mundo vai melhorando.

P-1: E temos histórias maravilhosas com alunos da ETEC. É um prazer, um orgulho total! Eu não preciso nem puxar o saco da ETEC. Eu não preciso fazer nada! E não preciso ser falso! Não preciso contar. A ETEC ela já se construiu. Estamos posicionados no estado de São Paulo e no Brasil. Então quer dizer, um “super” prazer de trabalhar, um orgulho. Eu acho que o AMS tem tudo para trazer um resultado muito melhor pra gente! Tudo bem, tem inúmeras dificuldades! enfim mas a gente consegue sim acho que vai ser bem legal acho que a gente consegue fazer bastante coisa.

Pesquisadora: Aí que bacana, nossa Alessandro! Você me deu várias idéias e sua fala foi superimportante. Porque a minha maior preocupação...acho que tudo começou o meu pensamento é assim... como o professor tá tendo! é o conhecimento dessa modalidade de ensino, qual o olhar dele, o que está faltando para ele e ficou muito claro para mim! o que que está faltando. E aí já vem as ideias de como poder melhorar essa situação!

P-1: Sim, sim, sim e é bem perfeito!

Pesquisadora: A realidade é uma só. A sua posição dentro do Centro Paula Souza, é a melhor forma possível para você falar e pensar em tudo isso! E se você trazer isso para nós, todo mundo vai fazer. Porque essa parte devíamos fazer isso, mas será que pode? será que não pode? Então talvez a supervisora Organizando, conversando, articulando com os diretores, é a pessoa mais certa para estar! Está vendo o que está faltando, os ajustes... você está no lugar certo, na hora certa pra gente estar fazendo a AMS crescer!

P-1: Sem “puxar o saco de ninguém”, mas eu acho que ta perfeito Pesquisadora. O caminho é esse porque a busca é a mesma !

Pesquisadora: A busca é essa, é fazer com que o professor e o aluno ali dentro da sala de aula tenha uma estrutura e que a gente junto! porque só conversando com as pessoas é que você vai tendo ideia para melhorar. Aí nós vamos aplicar essas ideias. Depois parou... isso deu certo.... isso não deu e aí vai melhorando. Eu entendo que a educação dessa maneira!

P-1: Sim, também! Nada, nada é absoluto!

Pesquisadora: Porque tudo é dinâmico.

P-1: A melhor parte de tudo que eu posso mudar a hora que eu quiser contanto que é pensando que está melhorando está ótimo! Não precisa ficar engessado em nada! Ela muda de turma para turma, eu mudo a minha aula de uma turma para outra, não tem problema!

Pesquisadora: Na área de informática aí então é muito doido isso! porque é muito dinâmica. E o que eu acho bacana é que a informática ela muda a vida dos outros, que nem eu, como química. A informática entrou dentro dos instrumentos da química, melhorou as nossas análises. Então acelerou os processos lentos tornando mais rápido e eu podendo ter uma visão melhor e mais específica dos resultados. Então você vê que existe integração aí em tudo!

P-1: Apesar de o que o que eu vou falar, tem gente que não gosta de ouvir. Mas na verdade é uma só, o “cara” de informática, ele é o técnico, quer dizer, às vezes a gente fala assim. A informática é importante, eu sei. A informática é superimportante, mas chega um ponto que é o seguinte, nós somos os técnicos. A gente está tentando. A gente tem a nossa maior função é oferecer a infraestrutura para as pessoas pensarem, para as pessoas tomarem decisão. Então o “cara” de informática não, eu não sou só isso, eu também penso! Nós somos o técnico, nós somos pessoas práticas! e no final a gente está tentando fazer com que a vida das pessoas melhorem mas vai haver

outras pessoas acima de nós que vão tomar as decisões, que vão ser mais criativos ! então é difícil ouvir isso, mas a verdade é essa. Então acho muito legal a minha arma é a melhor nesse ponto, a nossa área técnica lugar de certinho, curso técnico é perfeita.

Pesquisadora: É, eu acho que é informática, ela tem essa questão! do técnico. E eu entendo a informática como o alicerce para qualquer outra profissão nos dias de hoje. Nessa questão, eu acho que intelectual do entendimento, de criar as coisas ali dentro da informática e pensando nas outras carreiras. Então é um profissional que tem que ter uma visão, tem que ter um conhecimento muito grande. Porque tem que conhecer a parte de informática...então percebeu como química “olha eu quero um negócio assim, assim, assim para química” aí tem que entender o que eu quero dentro da química para poder desenvolver dentro da informática.

P-1: Isso, verdade.

Pesquisadora: É uma das profissões assim, bom...meu filho mais novo fez informática.

P-1: Aí que legal.

Pesquisadora: Ele tinha engenharia elétrica.

P-1: Aí que legal.

Pesquisadora: Ele conseguiu o emprego dele por conta do técnico em informática olha que legal também e ele juntou a informática com a eletrônica e eu falei “gente do céu” é muito doido mesmo.

P-1: É isso mesmo.

Pesquisadora: Mas é, eu o admiro demais. Alessandro eu já ocupei 1 hora do seu sábado. É bom conversar com as pessoas que gostam do que a gente gosta. Você é uma pessoa muito simpática também e eu agradeço muito. Você disponibilizar esse tempo aqui.

P-1: Sim, claro

Pesquisadora: Riquíssima nossa conversa! aí ao término eu vou encaminhar tudo para você. Você vai ter acesso.

P-1: Ai que bom!

Pesquisadora: E com certeza eu vou convencer o professor Almério pra gente aplicar aí, algumas coisas! pra melhorar o trabalho mesmo né.

P-1: Sim, claro.

Pesquisadora: Pra ouvir mais. E eu percebo que a gente precisa levar mais coisa para o professor.

P-1: Sim, sim

Pesquisadora: Eu to na angústia de uma maneira geral. As pessoas aqui estão falando, falando, mas o professor. Quem está ali é o professor, a gente precisa dar estrutura para ele.

P-1: Sim.

Pesquisadora: A gente precisa pensar em e tirar alguns pesos do professor

P-1: Sim

Pesquisadora: que a gente sabe que está difícil então a gente precisa tirar alguns pesos para dar espaço de criar e realmente fazer, que é exercer a função dele, que é ensinar.

P-1: Claro, perfeito.

Pesquisadora: Todo esse estudo é pra chegar nesse ponto.

P-1: Ta no caminho certo.

Pesquisadora: Eu quero agradecer mesmo!!!!

P-1: Gostei bastante

Pesquisadora: Sinta-se livre pra falar qualquer coisa, qualquer complemento, que a gente insere, enfim. Um ótimo sábado, e um ótimo final de sem

APÊNDICE D - ENTREVISTA PROFESSOR 2

M-Tec AMS: Ministrando aulas dos Componentes Curriculares na Base Nacional Comum (BNCC) na Modalidade de Ensino: Ensino Técnico de Nível Médio Articulado ao Ensino Superior em uma Etec na região do ABC.

UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU-PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

PROJETO DE PESQUISA: VERTICALIZAÇÃO DO ENSINO: IMPLEMENTAÇÃO DO PROGRAMA DE INTEGRAÇÃO ENTRE O ENSINO MÉDIO A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL ARTICULADO AO ENSINO SUPERIOR

Professor 2: Professor Licenciado, ministrando aulas nos componentes da BNCC modalidade de ensino Ensino Técnico de Nível Médio Articulado ao Ensino Superior em uma Etec na região do ABC.

Pesquisadora: A gente tá gravando, e as palavras já não saem da maneira correta. Em inglês então? Piorou Traduz do jeito que ele acha que é. Enfim, mas obrigada, viu, professor? Então, voltando, é a IBM, tem essa modalidade de ensino em 26 países e, mas o foco é outro, eles começam lá no nono ano, depois, o aluno ingressa na High School e no transcorrer do ensino médio deles, esses alunos realizam algumas disciplinas na Universidade e tem algumas atividades...na universidade e muitas atividades na empresa. E, quando ele termina, O, que seria o nosso ensino médio? Ele ingressa na universidade, usa essas disciplinas como créditos, e termina. Só que no caso deles lá é, eles não têm direito depois, de fazer um mestrado, um doutorado, porque eles têm a graduação específica para aquela habilitação, então não vale para a continuidade dos estudos, enfim, o que não acontece com os nossos alunos, eles.

P-2: Eu vi com eles que tem algumas matérias que eles acabam eliminando, o período, a duração do curso reduzido 1.1.1. Tem uma, tem uma série de coisas aí bem legais aí. Alguns aspectos aí que favorecem os alunos aí que eu achei, que eu não conhecia, estive conversando com eles recentemente, aí! Até que eles estavam falando sobre as outras opções que eles poderiam optar por prestar por outros concursos tal mas eu vi que a grande maioria tem interesse em ficar, não é? Eu achei.

Pesquisadora: Na FATEC.

P-2: É muito bom.

Pesquisadora: É porque o nosso aluno, ele acaba recebendo a certificação do ensino médio, do técnico e depois do tecnólogo que é a graduação! E se ele quiser fazer um mestrado, um doutorado, pós-graduação, MBA, ele tem direito, Ingressar em qualquer uma dessas outras, é qualquer Dessas formações de outros níveis de ensino, então é uma diferencial, Porque o nosso aluno tem muito mais possibilidades aí.

P-2: Certeza.

Pesquisadora: Então a proposta de estudo é em cima, dessa modalidade de ensino que é diferente, E a proposta é verificar, pelo entendimento do olhar, do olhar do diretor, do coordenador pedagógico, do coordenador de curso, do professor e do aluno.

P-2: É.

Pesquisadora: Para que cada uma enxerga

P-2: Bacana.

Pesquisadora: É. Eu conversei com Alessandro no sábado e a gente bateu um papo, de que eu falei, daqui a pouco nós passamos a manhã inteira junto, conversando.

P-2: O Professor X

Pesquisadora: É, ele é comunicativo também,

P-2: Ele é.

Pesquisadora: E foi muito boa, porque a gente acabou tendo ideias. e juntos, E foi bem bacana, porque é o olhar, não é? O olhar de cada ator desse processo, Então a proposta é essa. Então eu gostaria que o senhor me falasse. O nome completo, a sua formação e que expressasse aí o entendimento que o senhor tem dessa modalidade de ensino, você dá aulas para todos os cursos, praticamente Para todas as habilitações. Enfim, o se você percebe algum diferencial desse aluno para os outros alunos? O conhecimento mesmo, o acesso que você teve de informações do curso. Enfim, o seu olhar para esse processo aí de implementação dessa modalidade.

P-2: Legal, vamos lá, então meu nome é também tenho formação em pedagogia, fiz pós-graduação em treinamento desportivo. Hoje eu atuo aqui na ETEC, como professor BNCC E trabalho hoje, com o segundo e com o terceiro ano, do AMS E o que eu percebo, assim, que são turmas bem diferenciadas, A gente estava sentindo uma falta, durante o período da pandemia ,é de alunos bons O que que a gente entende como alunos bons alunos...interessados Que vão atrás, E aí é essa turma aí, “meio” que voltou ,eu acho que pelo fato da concorrência, Do

curso aí, que ele acabou trazendo alunos aí, com uma qualidade, que a gente já tinha anteriormente, antes da pandemia, E são alunos diferenciados. Às vezes a gente só precisa tomar um pouco de cuidado com peles, porque na verdade, eles são os alunos que a gente sempre teve aqui nas ETECs, principalmente antes do período da pandemia. Como a gente ficou nesse processo aí de pandemia, alunos ingressando aí com notas de histórico escolar, A gente percebeu que teve uma queda muito grande, e esses alunos, mesmo ingressando com teve uma turma, que acho que o terceiro do ano passado, que ingressou ainda nesse formato, mas mesmo ingressando nesse formato, com histórico escolar, era uma turma que era diferente, São alunos que você percebe que eles não ficam matando tanta aula .

Pesquisadora: É, então sou mais comprometido,

P-2: Não sei também dizer, se é pelo fato deles ficarem um período menor na escola porque eles não ficam. É diferente dos cursos que ficam manhã e tarde Eles ficam meio período, então talvez isso também seja um fator que favoreça, Mas eu vejo que eles são alunos assim que são participativos Normalmente eu tenho por costume assim, as turmas que são para área de tecnologia informática, serem alunos que não são muito habilidosos Que eu digo na minha disciplina, porque eu normalmente um aluno que eu, que eu é que opta, Por isso, esse tipo de curso, são alunos que têm, e acabam tendo uma influência através dos pais, Da mesma forma que eu me formei em educação física por causa dos meus pais, eles também têm um pouquinho desse despertar aí da família Então, normalmente os alunos de informática não são alunos, que tem um histórico esportivo, Então, normalmente na aula, fogem da aula de educação física, não querem fazer. Eu tenho grupinho da sua idade, das turmas, aí tem em média 17, 18 anos. Eu tenho 4,5 ali que não se enquadram, que fogem, igual ao Cascão foge do banho para fazer aula de educação física, mas, no geral, comparado a outras turmas, eles são alunos, que participam. Mesmo aqueles que têm dificuldade, eles vão atrás de fazer, as atividades físicas.

Pesquisadora: O senhor é coordenador da BNCC, então, o que o senhor percebe que essa parceria, ETEC, FATEC, empresas, chega até o professor da BNCC, Porque a gente sabe aquilo....professor do técnico já é meio que inerente, Porque ele tá ensinando ali...o trabalho, o desenvolvimento das competências técnicas, a e empresa também. Quer dizer, então a gente entende que o professor que ministra os componentes técnicos acaba já tendo aí uma facilidade. Agora, dentro dessa modalidade, o que vem para o professor da BNCC o professor da BNCC tem acesso

a matriz de referência das atividades de contextualização profissional.

P-2:

Sim.

Pesquisadora: Tem, assim um projeto ou que possa trabalhar aí com os componentes técnicos, a empresa. Então, qual é o olhar desse professor que é da BNCC, e você, enquanto coordenador da BNCC fazer essa ligação para formação mesmo, de um aluno...dar uma formação politécnica para esse aluno, para formar não só técnico, mas sim, a importância da BNCC, da cultura Do conhecimento da história, da Geografia, enfim, da Língua, Então eu queria que nesse colocasse um pouquinho a respeito da sua visão em relação a isso.

P-2: Eu converso bastante com os com os professores, durante o meu intervalo, procuro ficar lá ...porque eu acho, que é o horário que eu tenho lá para trocar figurinhas com eles, e eu vejo que eu sempre tenho muito elogio das turmas, Desse curso, Houve um período em que tinha uma integração maior, eu não sei porque motivos aí, acho que uma, de quando eu ingressei como coordenador de Base Nacional Comum. A Márcia estava saindo, foi um processo. Agora eu peguei mais tempo aí com a Inês, mas parece que teve um período aí. Não sei se foi alguma das empresas aí que acabou saindo. Eu sei que durante o processo aí, não sei se foi em virtude da pandemia, Tiveram algumas, tiveram alguns desencontros assim, de coisas que iriam acontecer. Na Empresa, que iam acontecer na IBM. 3.7 Mas que agora eu percebi que voltaram acontecer e eu percebi que esses professores elogiaram muito, Os momentos em que eles participavam, Porque estavam ocorrendo esses encontros aí, às vezes um tinha um passeio na Empresa tinha alguma coisa em alguma das empresas, os professores da Base Nacional Comum eram convidados para estar participando, 3.7 Então, bastante elogio por parte dos professores, assim, não só para a questão do convite, Mas pela parceria, pela qualidade,
Pesquisadora: É, talvez até para se pensar projetos.

P-2: Sim, sim.

Pesquisadora: Por exemplo, o professor de Geografia ou professor de química, de física,

P-2: Sim.

Pesquisadora: Quer dizer, às vezes na empresa falar, “Poxa, eu poderia trabalhar isso na minha disciplina, então, uma aproximação aí, talvez fosse interessante até para construção de projetos ou participar de projetos auxiliando os alunos de projetos que já existem,

P-2: Sim, sim, inclusive é inclusive pelo que eu vi, a coisa aqueceu novamente aí.

Pesquisadora: Aí que bom.

P-2: Parece assim, tem um novo que teve um novo parceiro...acho que já tinha um parceiro aí, agora não vou me recordar o nome...

Pesquisadora: É a empresa

P-2: Tava com problema de transporte, eu acho alguma coisa assim, Porque as vezes aconteciam...teriam uns encontros que poderiam acontecer, mas acho que por questões aí, financeiras, de transporte.3.5 Acho que agora, com esse parceiro aí, voltou aquecer aí o Essa, essa troca de informações dele, mas eu só tenho elogios dos professores da Base, Com relação a essas...quando tiveram esses encontros, Eu acho que foi bem...aliás, a Base, principalmente as disciplinas que são da Base Nacional, elas agregam muito, Quando tem essa parceria,

Pesquisadora: Então é importante?

P-2: Sim, sim.

Pesquisadora: O senhor entende como importante essa aproximação da BNCC com essa proposta.

P-2: Os conteúdos ficam, como que falam? Eles ficam mais palpáveis, Tanto para o aluno quanto para a professora, tem alguns conteúdos, que a gente precisa trabalhar, que fica difícil de fazer o vínculo com a vida real do aluno, No que ele vai utilizar e eu acho que esses encontros eles ajudam a favorecer, Tornarem as coisas mais palpável para aluno, Tem muita coisa que eles vêm aqui, eles falam "Nossa, mas isso não tem relação," Mas aí a hora que você junta com a empresa e se fala "Ta vendo aquilo que a gente conversou ali atrás, está vendo? Oh, onde ele se encaixa" E assim por diante. A que foram trocas aí, bem legais e estou vendo que elas vão voltar a acontecer com maior frequência.

Pesquisadora: Vão voltar. Os conteúdos vão passar a se conversar,

P-2: Sim.

Pesquisadora: Porque a partir do momento que os professores têm contato, os conteúdos vão se entrelaçando,

P-2: Sim.

Pesquisadora: E aí acaba dando um significado maior para o aluno. Pelo menos foi o que eu entendi aí da sua fala, é isso?

P-2: É. Recentemente, teve até um evento aqui na Quadra, que eles utilizaram uma dinâmica voltada à prática física de relacionamento. Porte como ferramenta para trabalhar isso então acho que isso é isso é muito bacana,

Pesquisadora: São as competências socioemocionais. Acho que é esse trabalho, e o trabalho corporal também, eu entendo que as empresas hoje As grandes empresas, se preocupam com a saúde do funcionário. Então eles têm atividades para relaxar, então isso é bem bacana.

P-2: Acontecem muitas situações assim, durante a aula que a gente tem que transferir. Olha o que acontece dentro de uma empresa existe a cooperação. E quando não as vezes a gente não conseguiu atingir um certo objetivo, que aquilo era um grupo, então quando está em grupo, você consegue distribuir essa falha. Quando é um suporte individual, que você consegue, que o cara tem que absorver aquilo “Ah o erro foi meu!” Então é bem legal essa troca, acho que veio agregar de uma forma assim bem legal. A única, a única coisa que às vezes me preocupa deles Pesquisadora, é que as vezes a gente elogia tanto eles que eles acabam...eu vejo que o terceiro ano, esse terceiro ano da tarde aí, é uma turma que a gente teve que dar uma brechada de elogiar eles, porque eles estavam, Se supervalorizando, Às vezes eles até prezavam assim, é uma turma muito boa, mas eu acho que a gente pecou às vezes por elogiar muito eles, então agora são outra de segundo ano aí eu fico mais, com um pé mais atrás tal com eles, mas são turmas muito boas, são alunos...

Pesquisadora: Muito boas. Essas atividades de contextualização profissional são aquelas 200 horas.

E o senhor enquanto coordenador, da BNCC, tem acesso, auxilia na avaliação pedagógica dessas atividades. Ou realmente isso fica só, pelo que eu entendo, a coordenação fica dividida: o professor da BNCC e o professor da parte técnica. Então vocês sentam juntos para ele passar o que está acontecendo...

P-2: Eu ainda não sentei ainda muito bem...eu já tive conversando com aCCque agora teve essa transição, mas eu vejo assim que puder, a coisa ainda poderia ser um pouquinho mais estreita, mas eu acho que a questão da, dinâmica, da coordenação ficou difícil com esse, com esse último pacote de, que a gente teve agora no ano passado, aquele plano de demissão.

Pesquisadora: Voluntária. PDI.

P-2: Voluntária. isso foi muito difícil. Assim, quebrou gente estava, as coisas estavam bem, as engrenagens estavam bem, organizadas Ela aconteceu num período, acho que meio, em um período aí, meio é que disse que não era para acontecer, que acho que foi em maio, junho.

Pesquisadora: É.

P-2: Então, a gente vem numa troca de professores que a gente, a coordenação, vejo que coordenação hoje ela está gastando mais tempo, tentando corrigir essas falhas do que propriamente coordenando,

Pesquisadora: Coordenando as atividades pensando em atividades,

P-2: Mas eu acho eu vejo que a coisa está melhorando,

Pesquisadora: Ta caminhando.

P-2: É, às vezes eu entro lá, quero às vezes conversar com a Inês, eu vejo que a Inês quer conversar comigo lá para a gente trocar algumas...mas eu acho que ainda poderia ser melhor. Eu acho que, como te falei, não estou jogando a culpa. A gente vem de um processo aí, que foi muito ruim. Desgastou de uma forma assim muito grande a coordenação.

Pesquisadora: É porque nós estávamos na pandemia, voltou da pandemia quando começou a engrenar, veio PDI, desestruturou a escola saiu, acho que mais de 20 professores aqui

Então isso desestrutura mesmo. E aí trocou a coordenação, então é... um novo caminhar,

P-2:

Sim

Pesquisadora: Então, é uma nova construção e que demanda tempo, até para as pessoas, terem é? Conhecer o trabalho do outro e integrar esse trabalho, a gente sabe que isso demanda o tempo e proximidade. E falando em proximidade, tenha. Vocês têm algum momento em que vocês podem se reunir, por exemplo? Coordenador da BNCC, com o coordenador da parte técnica, o coordenador pedagógico, para sentar-se, conversar, traçar metas ou isso, na verdade, fica naquele momento mais de resolver os problemas emergenciais. Tem conseguido fazer essa...

P-2: Eu ainda acho que a gente é insuficiente. Acho que a gente precisava, como eu te falei, a gente tem demandado muita questão burocrática de NSA, e aí a gente não tem se dedicado muito a isso. Eu acho que tem faltado tempo para se dedicar para essa troca aí entre, 4.4.1 Os coordenadores de área.

Pesquisadora: Talvez uma reunião, Ou já estar em calendário uma reunião para que todo mundo sente, no horário certo de trabalho e possa conversar,

P-2: Acho que a coisa teria que ser um pouco mais semanal aí, a gente tem se reunido quando tem um incêndio, Quando acontece um incêndio, a gente senta, conversa, e acho que não tem sido apropriado, Acho que nisso a gente ainda poderia melhorar.

Pesquisadora: As reuniões são para resolver problemas burocráticos e práticas de cotidiano, de atenção com aluno, de outro que faltou atestado. Não são momentos de discussão pedagógica mesmo.

P-2: Sim.

Pesquisadora: Olha, estão fazendo tal projeto eles vão para tal visita. Seria bacana, e mesmo com a empresa, o pessoal...os professores da BNCC, tem contato com a empresa ou não?

P-2: Eles estiveram tendo contato, apesar que os últimos encontros que tiveram com as empresas aí, ficou mais limitado com a Inês lá no auditório. Mas os professores têm, tem, tem tido alguns contatos, sim, com a empresa. Inclusive, recentemente teve uma visita técnica na Volks, mas calhou de ser no dia, acho que era o Dia da Família, que acontece na Empresa lá. Mas acho...não sei se foi num domingo. Foi uma data que foi um pouco difícil tal, não teve muita adesão, mas ele tem, mas eu, eu acho que ainda poderia ter mais.

Pesquisadora: É. Em algum momento, a empresa é se mostrou ou o coordenador é da empresa ou o mentor, propôs aí, uma formação para os professores da BNCC. Falou assim "Olha, a gente tem alguns cursos que que vocês poderiam estar fazendo também"! Em algum momento teve algum, né, alguma situação?

P-2: Não, pelo menos pra esse ano aqui, que eu tive na coordenação, a gente não teve. Não, não.

Pesquisadora: Você acharia interessante?

P-2: Sim, porque é eu vejo assim, que é como eu te falei, eu assumi a coordenação esse ano, mas eu percebi que o ano anterior aí, tinha uma proximidade maior, Eu recebia convites atuando como professor de educação física para participar mais, Dessas capacitações.3.7 Eu acho que seria fantástico, Que seria uma algo assim, que iria agregar muito aí pra Base Nacional. E você pode ter certeza de que os professores aí da Base estão abertos aí pra essa, pra essa?

Pesquisadora: Abertos, isso que ia perguntar. Se os professores estariam abertos para uma formação.

P-2: A gente tem pro outro aí que é mais, mais casca dura aí....

Pesquisadora: Isso faz parte.

P-2: O que eu vejo que escutavam só elogio naquela época. Eu vejo assim, que o pessoal elogia bastante quando tem evento aí,

Pesquisadora: E a relação com a FATEC? Qual sua visão? Porque é um ensino articulado ETEC e FATEC. Os nossos alunos têm 1 ano a menos, mas, enfim, o aluno é o mesmo, é um é uma única trajetória. e qual a relação dos professores da BNCC, é ou e mesmo Enquanto o coordenador da Base Nacional Comum Curricular, chegou a conversar com professores da FATEC ou algum momento juntos, porque, por exemplo, tem a questão do inglês, Eu não sei se o curso da FATEC tenha, mas com certeza deve ter um LTT. Enfim, se algum momento teve alguma conversa com o pessoal da FATEC e se vocês tiveram acesso ao plano de curso, tanto da ETEC quanto da FATEC.

P-2: O plano de curso a gente teve acesso, mas eu não vejo que teve muita troca de informação com o pessoal, pelo menos da Base Nacional Comum. Não sei te dizer pela Inês, porque a Inês que tem mais contato com o pessoal da FATEC, mas o pessoal da Base Comum não teve muito, não teve muito acesso.

Pesquisadora: E os alunos? Eles comentam que vão para FATEC? Enfim,

P-2: Durante as aulas, às vezes eu os vejo comentando que estariam participando de algum evento. Às vezes pedem, os professores acabaram cedendo, às vezes, um horário de aula pra eles estarem participando de alguma capacitação lá. Com os alunos eu vejo que existe,3.6 mas ainda eu acho que poderia ser maior esse contato aí, Já que eles vão estar ingressando futuramente lá Por ser um prédio vizinho assim É um muro, Parede.

Pesquisadora: É isso.

P-2: Poderia ser melhor.

Pesquisadora: É vizinho mesmo, não é nem dura cerca, e tem até um portãozinho na cerca, pra eles passarem para o lado de lá, Também, bem, o acesso na verdade seria bem fácil, não é?

P-2: É. Não é por falta de problema de logística, porque a coisa é prática,

Pesquisadora: É. Se você fosse falar de um, de um ponto que você entende que poderia melhorar bastante, dessa modalidade de ensino, eu olhando, eu acho, que penso, que a gente poderia melhorar nesse ponto! Ou de repente, não teria uma sugestão para melhorar aqui? Qual seria a sua, o seu olhar aí, o que que você fala

“Poxa vida, é isso, faz falta. Se a gente tivesse mais disso as coisas fluiriam melhor para os professores da BNCC”.

P-2: Eu acho que essa questão das capacitações que elas já estão voltando a acontecer dos professores estarem participando aí. Mas eu acho que realmente a relação com a FATEC, eu acho que ela poderia ser mais, um negócio mais estreito, 3.6A gente como, como a gente estava conversando, nós somos vizinhos aí, Eu acho que ainda tem uma certa resistência aí. Eu vejo até por parte dos professores, até fugindo um pouco, às vezes do assunto. Quando teve a greve, eu vejo que tem Uns certos professores da FATEC, Tem um olhar meio diferenciado. Eu sou uma pessoa bem tranquila assim, Eu não consigo. Às vezes as pessoas têm que falar “Nossa, ” Porque eu não tenho essa visão, por mais que seja FATEC. Eles tem uma remuneração diferenciada tal, mas eu não acho que cada um na sua, cada um atua, da das suas formas assim. Mas eu vejo que tem uma certa... que acho que a coisa podia ser mais próxima.

Pesquisadora: Mais integrado,

P-2: É, maia integrado Nesse novo plano de carreira que tem, Existe uma possibilidade aí, de estar alinhando as duas Eu acho que a gente tem tantas ferramentas aí, que a gente poderia tá agregando. Não só de lá para cá, como daqui para lá,

Pesquisadora: Sim.

P-2: A gente tem sempre professores, como eu sei que lá, também tem excelentes. É professores, e essa troca aí, podia, funcionar melhor3.6 A Márcia que trabalhou, a Márcia que foi coordenadora trabalha nos 2 órgãos, Ela trabalha aqui e trabalha lá. Talvez ela tivesse uma relação. A Marinês hoje, pelo que eu entendo, ela não trabalha lá, mas eu sei que ela tem, que ela tem uma relação com o pessoal lá, ela está sempre conversando, mas eu, como coordenador da Base, e vejo que falta essa só troca aí,

Pesquisadora: Talvez um momento em que estivessem todos,

P-2: Sim.

Pesquisadora: Todos os envolvidos ETEC, FATEC, empresa

P-2: É por eu nunca saí daqui e ir para lá, talvez conversar...”Olha, esses alunos estão ingressando. Aqui está faltando, eu acho que esse ponto aqui que a gente poderia trabalhar melhor, se que vocês acham, ” Já que eles acabam eliminando, Algumas disciplinas por ter,

Pesquisadora: Isso.

P-2: Precisa ver se realmente “Pô, tá chegando, tá chegando com as competências que realmente eram necessárias, ” Porque a gente tem acesso, Ao plano do curso, Pesquisadora: Plano de curso.

P-2: Mas e aí eles? Na verdade chegaram atingindo aqueles que tinha, o que a gente pode ajudar ou vice-versa? Acho que ia ser, ia ser bem interessante.

Pesquisadora: É, eu acho que seria enriquecedor para todos,

P-2: Sim.

Pesquisadora: Sim, sim. Até os professores a queriam, melhorar Em alguns aspectos e lá também tem. Tem você que tem professores aqui, que são muito competentes.

Pesquisadora: O coordenador do curso, dos alunos da FATEC nunca procurou vocês?

P-2: Pelo menos a mim da Base Nacional Comum, não.

Pesquisadora: Nunca procurou. Essa verticalização, a gente fala tanto. A gente fala para o aluno, mas a nossa nova proposta de carreira, ela vem também de encontro essa verticalização,

P-2: Sim, sim.

Pesquisadora: Que a federal já tem, essa verticalização, os professores ministram aula tanto para o pessoal da....

P-2: Deve ser muito legal.

Pesquisadora: Do ensino médio, quanto para o pessoal do curso superior. Tem alguns estudos já dessa verticalização, voltada para o professor Como se o professor, desenvolve suas atividades transitando entre os dois níveis de ensino. Cheguei a ler algumas coisas,

Mas acabei optando mesmo focada no aluno. Mas tem alguns estudos já, não é?

P-2: Você está conversando aí, porque eu lembro de ter visto nesse novo plano aí. Alguma coisa, eu lembro que teria alguma coisa que iria. Não só na questão de salário, Mas de poder, De alguma coisa de atuação, de trocas lá.

Pesquisadora: De integração, tem uma proposta assim, vamos ver se vai ser aprovado, mas tem, é um comecinho, mas tem que começar que começar de alguma forma, não é?

P-2: É uma luz no fim do túnel aí,

Pesquisadora: É sim. Sem dúvida. E o ponto que o senhor acha, assim, mais difícil, mais chato, mais complicado, pode ser sincero. Fala “Olha, isso aqui não funciona e

realmente acaba atrapalhando o trabalho”. Enfim, um ponto negativo mesmo, Dessa modalidade de ensino.

P-2: Então, hoje, hoje, o que eu tenho visto assim é a burocracia. Como eu te falei, eu acho que a coisa está muito burocrática, a gente está gastando muito tempo desenrolando reposição de aula. Eu acho que a nossa prática, que ela podia ser muito mais proveitosa do que ela tem sido, acho que em virtude, eu vejo assim. Por virtude da burocracia?

Pesquisadora: Da burocracia, certo? E o curso em si, olhando essa modalidade de ensino seria uma modalidade que você indicaria?

P-2: Sim.

Pesquisadora: Você indicaria para, enfim, por exemplo, um pai chega para perguntar, algum conhecido, você indicaria essa modalidade de ensino?

P-2: Sim e não nem pela questão, de ingressar, dele ter essa possibilidade de ingressar direto. Mas eu vejo pela qualidade mesmo da proposta, do curso. Eu vejo que são alunos assim... a quadra fica aberta às vezes durante as aulas, aí vem alunos que já estão lá na FATEC, que eram alunos nossos aí, eu procuro conversar com eles. Eu vejo que abre, eles continuam numa ascendente. Eu acho que isso é muito legal, não só a questão dele ter essa opção de estar ingressando numa faculdade Mas eu vejo pela qualidade, Do curso, O que a gente pode possibilitar para esse aluno? Os profissionais envolvidos, a gente tem gente de qualidade, Falta....não está difícil de melhorar mais, É só agora colocar as pecinhas para conversar...

Pesquisadora: Ajustar

P-2: Ajustar. Nossa, tem tudo! Eu vejo que, o pessoal, as vezes, sempre tô comentando. Às vezes, eu estou numa idade aí, que o que os filhos de amigos meus estão na idade de ingressar aqui, E aí eles “ Olha que curso que você indica, ” Aí eu falo, tem esse daqui da MAS, p AMS, eu acho muito bacana isso. Você vê que o olhinho dos pais lá brilham, mas brilham por causa dessa questão de ingressar, mas eu acho que é mais que isso,

Pesquisadora: É mais do que o fato de ele ingressar na FATEC. É a formação mesmo,

P-2: A formação eu vejo, que é essa é uma das coisas que ajuda o curso até a procura que tem, mas ele vai, vai muito a mais do que isso.2.1

Pesquisadora: Ah legal a sua fala, porque a minha pergunta, já justamente para entender qual seria a sua visão, e a sua visão é bem no sentido, assim, de uma

formação. É além do técnico e além do BNCC. Da parte, da Base. É realmente a formação de um jovem diferenciado aí. Aí, né, que é o que a gente fala, de uma formação Politécnica. Não só técnico, não só voltado para o cognitivo, da BNCC. Não é o propedêutico, ensino propedêutico, mas também o ensino técnico, na formação do cidadão. Então é, eu iniciei e você completou. Pelo meu entendimento, é justamente isso. É, além de só do fato de ingressar na FATEC. É toda uma formação diferenciada,

P-2: É. Porque se você parar pra ver, você tem professores do ensino médio que estão dando um conteúdo, que talvez ele fosse ter lá. Então, ele já está em um nível aqui no médio, de qualidade, Ele já está tendo um conhecimento que ele tá antecipando, O cara já ingressa lá, já com conteúdo, então isso eu acho que faz uma diferença, 1.1.3 Além dessa prática, Acho que isso é fantástico, fantástico, fantástico.

Pesquisadora: Que bacana. Dos professores, você queria colocar mais alguma coisa, mais alguma visão, mais alguma sugestão, alguma crítica, com relação essa modalidade de ensino ou alguma sugestão assim? “ Poxa, a gente poderia fazer tal coisa ou, enfim”. Acho que aqui a gente já levantou a questão da integração, de repente, cursos que a empresa poderia também propiciar para os professores da BNCC. Alguns momentos para poder conversar, Isso na sua fala, ficou claro aí, que que são momentos importantes, É agora que começou, Novamente, está se reorganizando, O grupo. Então, que que o senhor teria mais aí para tá falando?

P-2: Na verdade, minha, se até um elogio porque eu, fora essa questão toda, ainda Dessa integração das duas. Tem essa questão, do aluno já poder ingressar numa empresa, 3.7 A empresa ter acesso a esses alunos, Porque falta hoje, hoje, com certeza quantas empresas não têm espalhadas por aí, que estão procurando esse profissional e às vezes não tem como mensurar isso, E a nossa escola acaba facilitando, Nessa, nessa forma de mensurar, Que se uma empresa chegar e falar “Pô, eu preciso de um aluno...Pô olha, eu tenho os alunos desse curso aqui, então acho que isso é demais,

Pesquisadora: É muito bacana, é verdade.

P-2: E além de tudo isso, o cara tem a possibilidade da empresa. Porque uma coisa é você entrevistar uma pessoa. Você precisa de um fundo de alguém, você fazer uma entrevista, você tem uma ideia, De como essa pessoa pode ser, Mas quando a partir do momento, que você tem outras informações dele, de como ele é, no grupo, como ele trabalha, Com trabalho, como ele é pra isso, eu acho que isso demais. 3.7

Pesquisadora: Bacana mesmo.

P-2: Para a pensar, avaliar como tá esse processo, ele tem tudo para dar certo.2.1.2

Pesquisadora: É ajustes, acho que a gente tem que fazer. A minha proposta da pesquisa é realmente entender essa implementação e propor, algumas ações aí, para melhorar, Não digo nem para melhorar, para facilitar essa integração. Não é como enquanto instituição, enquanto supervisão, a gente pode, é atuar para unir mais, esses 3 pontos. Porque o aluno normalmente se forma no ensino médio e técnico, mas ele está separado do curso superior e da empresa. E nessa modalidade não, ele está tudo junto, É tudo junto Então como realmente é chegar no aluno, todas essas pontas, de uma maneira, como que eu posso dizer, de uma maneira mais ampla,

P-2: É.

Pesquisadora: Que envolva todos os conhecimentos, todas as competências de cada um deles e que todas cheguem para o aluno da melhor maneira possível,

P-2: Eu penso que ele vem num formato que ele agrada todo mundo, 1.1 Ele tem tudo para agradar, inclusive quem era o pai,

Pesquisadora: É então.

P-2: Tem tudo para dar certo,

Pesquisadora: Para dar certo. Eu acho que a ideia é essa, a instituição que ampliar. A gente está com 4000 vagas e vai para 12000 vagas. Eles querem realmente uma ampliação dessa modalidade de ensino e nada melhor do que a gente discutindo, para ir alinhando, para ficar cada vez melhor, para o professor, para o aluno, para a escola, para todo mundo Como bem o senhor falou, é um aluno diferenciado, então.

P-2: Até aquele que entra, meio um nível inferior, os outros puxam ele para cima 2.1.2

Pesquisadora: Puxam ele e isso é muito bacana,

P-2: Ele se sente na necessidade. Você vê que não é um negócio que ele fala “Não quero para passar” Você vê que ele esse...esse curso ele oferece...essa...

Pesquisadora: Essa integração.

P-2: Porque uma coisa palpável. Quando você fala que lá no fim do curso elel tenho a possibilidade de uma faculdade 1.1.1. e 1.1.2, eu tenho uma faculdade. Possibilidade de ingressar numa empresa 2.1.2 e o cara tá do meu lado, e o cara tá me vendo. É real é palpável, Isso daí faz isso faz, completa, faz a total diferença trabalhando com educação

Pesquisadora: Faz diferença.

P-2: Ela se torna real, Isso é muito bom.

Pesquisadora: Acho que para nós que somos professores, é perceber o quanto a educação pode transformar a vida de um jovem uma educação de qualidade. Acho que Na sua fala, ficou muito claro isso ficou, a todo momento,

P-2:

Pesquisadora: Estou retomando essa questão. Bom professor, era uma conversa com o senhor. Já estamos aqui há 45 minutos falando aqui. Se bobear vai horas porque professor gosta de falar e enfim, né, gostoso a gente conversar A gente que gosta de educação, então eu agradeço a sua participação, Quando terminar o projeto agora, já estou unindo, As informações, aí eu passo pro senhor o resultado. Pro senhor ter acesso, da proposta. Pode ficar tranquilo, não vai nome de ninguém, é realmente é sempre. Respeitando aí a todos e eu agradeço, sua participação, a disponibilidade do seu tempo para conversar comigo,

P-2: Se precisar de mais alguma coisa, estamos de portas abertas aí para a gente.

Pesquisadora: Muito obrigado.

P-2: Porque é tudo é vizinho aqui, ta fácil.

Pesquisadora: É, aqui a gente se encontra no corredor,

P-2: Sim.

Pesquisadora: É muito bom, isso é muito, isso é muito bom mesmo. Então eu agradeço professor, ter apurado disponibilidade do seu tempo e assim que tiver Vai demorar um pouquinho, porque eu estou entrevistando 16 pessoas e vou juntar tudo isso.

P-2: Bom.

Pesquisadora: E fazer análise de conteúdo, mas eu vou, é passar pro senhor, provavelmente no comecinho do ano que vem, já estou com tudo organizado,

P-2: Bacana.

Pesquisadora: E pensando em propostas para Em cima da fala de vocês, trazer coisas para a gente poder trabalhar aí e melhorar, O atendimento ao professor, que consequentemente, é o responsável aí, por todo, a qualidade do curso, E então acho que atendeu professor da melhor maneira possível, ser acolhido e instrumentalizado, com certeza as aulas vão fluir com mais tranquilidade para ele e todo mundo sai ganhando com isso, não é professor? Então, parabéns pelo seu trabalho e muito obrigada, viu pela atenção.

P-2: Obrigado, sucesso com sua pesquisa tá bom?

Pesquisadora: Obrigada, viu?

P-2: Boa tarde.

Pesquisadora: Boa tarde professor, tchau.

APÊNDICE E - ENTREVISTA COORDENADOR DE CURSO

CC-1- COORDENADOR DE CURSO na Modalidade de Ensino: Ensino Técnico de Nível Médio Articulado ao Ensino Superior em uma Etec na região do ABC.

UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL
 PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU-PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO
 Coordenador de Curso 1: Professor Licenciado, ministrando aulas nos componentes técnicos e coordenando o curso na modalidade de ensino Ensino Técnico de Nível Médio Articulado ao Ensino Superior em uma Etec na região da Baixada Santista

PROJETO DE PESQUISA: VERTICALIZAÇÃO DO ENSINO:IMPLEMENTAÇÃO DO PROGRAMA DE INTEGRAÇÃO ENTRE O ENSINO MÉDIO A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL ARTICULADO AO ENSINO SUPERIOR

Pesquisadora: É, então acho que acho que tá caminhando aqui que eu não estou conseguindo

CC-1:Ele tá meio lento pra mim aparece já!

Pesquisadora: Ah, aparece! Então tá “jóia”! Primeiro quero agradecer a sua participação. A gente conversou aquele dia em que estive na escola e eu fiquei muito feliz porque você já foi trazendo as coisas que está acontecendo, as suas ideias e isso é muito importante! Então eu quero agradecer! Eu quero que você se sinta à vontade. Caso você não queira responder alguma pergunta, pode falar,

CC-1:Não, tranquilo!

Pesquisadora: Não existe a necessidade de você responder. Se você se sentir incomodada e não quiser mais participar também, não tem problema nenhum.

CC-1:Não, eu quero ajudar Pesquisadora. Se a gente conseguisse melhorar a situação dos nossos alunos, que depois.... que estão ingressando agora na FATEC, já era o suficiente, porque assim eu não estou vendo o progresso nessa situação, entendeu? É se você pegar a quantidade de alunos que foram e que continuam, você vai ver que...é mínimo. Então é tanto trabalho que a gente, tanto trabalho...sei lá!

Pesquisadora: E então, justamente o objetivo é conversar para entender o que está acontecendo, para a gente poder atender melhor o nosso aluno, ! O objetivo, é sempre atender melhor o aluno.CC-1:Sim, porque ele já entra com essa expectativa, entendeu?

Pesquisadora: Sim, ele já entra com, na verdade, a escola já faz a proposta em cima, Dos 5 anos...enfim. Então tanto o aluno quanto a família, ! A família está ali e existe toda uma expectativa.

CC-1: E Pesquisadora, nós estamos no mesmo prédio e isso me preocupa demais, porque eles têm contato com os alunos que estão na FATEC hoje, entendeu? E eles demonstram a insatisfação, aos alunos que estão aqui e isso acaba desmotivando os nossos alunos, entendeu? “Ah pra que”

Pesquisadora: Mas antes da gente entrar “Mais a fundo” ...

CC-1:Vamos lá...vamos ao seu...

Pesquisadora: Eu quero seu nome completo, a sua formação, quando tempo você está na educação?

CC-1:É muita coisa...

Pesquisadora: Mas isso é ótimo!!!

CC-1:Vamos lá, meu nome, Fátima Aparecida Rocha e Silva.

Pesquisadora: Não tinha colocado o Silva.

CC-1:É Fátima Aparecida Rocha e Silva. Qual documento você quer? O RG.

Pesquisadora: Não, não precisa. Só sua formação mesmo.

CC-1:Vamos lá! Eu sou graduada em Ciências Contábeis desde 1990.

Tenho técnico em tem tanta coisa....tem a segunda graduação, que é do ano passado, de 2022, que é de Administração de Empresas. Sou mestre desde 2015 em Ecologia, com uma abordagem ao sequestro de carbono. Que mexe ADM e contabilidade.

Sou técnica em Secretariado, Técnica em Logística, não finalizei meu técnico em Administração porque eu ingressei aqui. Tenho Pós em Neurociência voltada para a educação, tem o Pós De Recursos Humanos. É só! Ah, não eu tenho Pós também em Logística.

Pesquisadora: Você tem esquema de licenciatura?

CC-1:Tenho! Aqueles sábados longos.

Pesquisadora: Esquema 1

CC-1:É, esquema eu tenho.

Pesquisadora: Quantos anos você tá na educação?

CC-1: (Conversa externa “Tá”!)...Uma aluna saiu e não voltou mais...Ficam passeando pelo prédio.

Pesquisadora: Hummm e aí é grande.

Fátima: Esses corredores! Esses andares vazios!

Pesquisadora: Você tá como coordenadora?

Fátima: Docente e Coordenadora da Ensino Médio Administração.

Pesquisadora: E na Educação?

Fátima: E desde 2009, aqui. Aí eu fiz CENEP, por mais 1 ano anterior, então, de 2008 para cá.

Pesquisadora: Nossa, 18, 15, 16 anos já. Já já ta fazendo aniversário, fazendo bodas. Docente e Coordenadora da Ensino Médio Administração e do AMS.

CC-1: Isso das duas, de manhã e à tarde.

Pesquisadora : AMS CC-1: No M-Tec e do AMS. Mas eu já fui coordenadora de outros cursos anteriormente.

Pesquisadora: Qual curso você foi?

CC-1: Da logística, da ADM. Já fui CCD da EE Bartolomeu de Gusmão e do curso Técnico de Portos que é um curso falido.

Pesquisadora: Precisa pensar nesse curso.

CC-1: É, eu tenho minhas opiniões a respeito, sei lá.

Pesquisadora: A gente precisa sentar uma hora depois, para conversar a respeito desse curso, e habilitação.

CC-1: É, precisa. Por que é uma dó É voltado as pessoas que estão trabalhando, e quando eles estão trabalhando, é trabalho de turno

Pesquisadora: É então...portos. Realmente fica bem mais difícil nesse sentido. Bom começando nosso "roteirinho". Como a gente estava conversando naquele dia. Eu gostaria que você falasse um pouco, da sua visão enquanto coordenadora do curso, tanto do aspecto do que você percebe nos alunos dessa modalidade de ensino comparando com a sua experiência em outras modalidades de ensino, então, com a sua experiência dá para ter essa, visão do aluno que faz o M-Tec, o antigo aluno que fez o ensino médio regular e os alunos do AMS. O que você percebe nesses alunos. Se tem uma diferença, se não tem.... enfim.

CC-1: Existe, sim, um pouquinho de diferença em relação ao cognitivo, tá?! Eu sinto que tem um pouquinho mais de dificuldade. Mas a boa vontade, e a vontade de aprender são iguais. Eles têm a mesma visão de futuro, de querer crescer, entrar no mercado de trabalho. Porém, eu não, não sei se foi o ano qual eles entraram, Que era através de notas, não era um Vestibulinho.

Pesquisadora: Ah eles entraram na análise de currículo.

CC-1:É análise de currículo, então assim, existe um diferencial, você sabe disso, né pesquisadora? Existe um pequeno “diferencialzinho” assim. Existe mais dificuldades em sala por conta disso, mas nada que a vontade deles querer serem seja de seja diferente, entendeu?

Pesquisadora: Eles....você tem aí primeiro, segundo.

CC-1:Primeiro, segundo e terceiro.

Pesquisadora: É a primeira turma de terceiro

CC-1:Não a segunda. É a segunda turma de terceiro.

Pesquisadora: Você tem primeiro, segundo e terceiro.

CC-1:Eu tenho contato com eles até hoje . Que eles estão aqui em cima ou aqui embaixo, no mesmo prédio).

Pesquisadora: Você tá com dois primeiros, dois segundos, e dois terceiros? De AMS aí?

CC-1:É o de logística, com a professora Márcia e administração comigo.

Pesquisadora: Administração é primeiro, segundo e terceiro, e ela também, primeiro, segundo, terceiro, certo?

CC-1: Ela também, já estamos na segunda turma, que já está indo para a FATEC.

Pesquisadora: Então tem primeiro, segundo, terceiro, quarto e quinto.

CC-1: É porque na verdade a gente não faz parte desse convívio dele dentro da FATEC .(3.1.2) Ele só vem para contar as coisas. “Ó professora, tudo o que a senhora deu a gente está aprendendo de novo”(4.1.1.). Porque assim, o que diferencia Pesquisadora...não tem como você diferenciar, não tem como você chegar, pegar um livro didático, por exemplo, de contabilidade, dá alguma coisa agora, não é diferente de uma faculdade, é a mesma coisa.

Pesquisadora: Entendi.

CC-1: Entendeu? O livro é o mesmo o que você dá no ensino técnico (4.1.1.)é, digamos assim, é um mais compacto Do que na faculdade. Mas tudo o que se aprende aqui se aprende na faculdade também não tem como diferenciar. (4.3)

Pesquisadora: O tema é o mesmo, mas a profundidade do tema que....

CC-1: Exato. Por conta do tempo que a gente tem, entendeu?

Pesquisadora: Que é mais curto, mas assim....eu explico muito...Gente, o que vocês estão fazendo aqui na faculdade, lá na frente, vocês vão estar bem das mesmas coisas, só que de uma maneira diferente, com mais tempo, né, mais aprofundado.

Então aqui vocês não estão saindo perdendo em nada, não tem como diferenciar o ensino. Desculpas não tem, não tem!

Pesquisadora: Você teve acesso ao currículo do quarto e quintas séries?

CC-1: Não, não. Eu só sei por eles (4.3), entendeu? Seria muito interessante a gente saber disso, viu?

Pesquisadora: É então por isso que eu estou perguntando se teve acesso ao plano de curso.

CC-1: Deles?

Pesquisadora: O seu.

CC-1: O meu sim. eu tenho. Tenho, mesmo por que eu tenho que ficar pegando no pé dos professores em relação a seguir o plano seguir essas orientações.

Pesquisadora: E o plano deles você nunca teve acesso?

CC-1: Não, não sei nem quais são os componentes que eles têm.(4.3)

Pesquisadora: Você acha que seria interessante?

CC-1: Sim. Seria interessante porque de repente eles estão dando as mesmas coisas que a gente está dando aqui(4.3). Não está agregando em nada.

Pesquisadora: É realmente porque dependendo do que eles tiverem no currículo deles, você pode abordar de uma maneira, às vezes mais simples no técnico e aprofundar em outras coisas que eles não, não vão ter lá(4.3)

CC-1: Não sei, seria bem interessante que nós tivéssemos contato com esse plano deles.(4.1.1.)

Pesquisadora: Certo, e a matriz de referência? A matriz curricular de referência da primeira, segunda e terceira série. Você chegou a ter acesso a matriz?

CC-1: Sim, está tudo aqui. Tudo que é referente ao AMS, nós temos acesso. Tudo aqui é muito claro. Você não sabe se você percebeu este trabalho realmente em equipe, Ainda mais agora, professor aqui entrou. Ela também está sendo orientada, tratada, está trabalhando em conjunto, mas o que a nossa falha maior, digamos, a nossa falta maior, é o que acontece depois que sai daqui. (4.3)

Pesquisadora: Parceria com a FATEC,

CC-1: A gente segura o aluno, a gente incentiva o aluno até o último ano, terceiro ano....Depois...Para nós, parece que a gente só colocou eles ao tempo. Foi para a FATEC. Se gostou, se não gostou, eles que descem ou sobem dependendo do andar que eles estejam, é para dar um beijo "Aí, professora. Eu não sei o que, aí eu não tenho aula, aí vou sair da FATEC", aquele assunto que eu te falei o horário deles é

um horário muito ingrato. Pelo fato de começar 3 e meia da tarde se eu não me engano. (3.3)

Então não dá tempo de eles fazerem um estágio, não dá tempo de fazer nada. E a idade que eles estão já estão querendo, Estar no mercado de trabalho.

Pesquisadora: Esses alunos...geralmente a gente faz o perfil da turma. É um perfil classe média? Qual o perfil classe?

CC-1: Esse último, digamos assim, classe média para baixo. Então, são pessoas, são crianças, digamos assim, pessoas que elas precisam trabalhar. Elas não estão aqui apenas para dizer “É o que estou fazendo!” Elas estão aqui com o objetivo de mercado.

Pesquisadora: De ingresso no mercado, de trabalho. E assim você que tem esse contato, com os alunos que já foram para FATEC eles têm ideia de fazer uma outra faculdade ou continuar os estudos. Algum fez algum comentário ou não tem?

CC-1: Tem? Tem sim, tem sim. Tem e tem mais. Tem gente, **muita gente querendo desistir do que estão fazendo por conta de horário e outras coisas mais para ingressar em outras faculdades.**

Pesquisadora: Em outras faculdades, então eles querem o curso superior?

CC-1: Querem posterior o problema está sendo realmente da maneira que é abordado, mas seria interessante, é? Sei lá, é conhecer e você também falar com eles.

Pesquisadora: Então, a ideia é ter esse conhecimento para também ter subsídios para fazer um link, Porque a sua fala toda assim, nunca ninguém da FATEC foi conversar com eles aí na ETEC ou.....

CC-1: Olha, quer saber? Ninguém nunca viu falar comigo (3.6). Ah não ser a professora AXX, que é um amor de pessoa, que ela me ajudou com os relatórios e tudo mais.

Pesquisadora: Que é professora deles, também, certo?

CC-1: Não sei se Adélia dá aula para eles, mas a professora Adélia, ela dá aula pra FATEC. Dá aula sobre artigos, a parte metodológica, sobre ABNT e tudo mais. E, ela que me ajudou muito na hora de dos relatórios

Pesquisadora: Ah daqueles relatórios que você me falou, que você me mostrou um pacotão de relatórios.

CC-1: Um pacotão que tenho que lançar essa semana.

Pesquisadora: Aqueles relatórios, já que chegamos nele, eles é. Eles estão vinculados às atividades ...

CC-1: A cada atividade contextualizada, então eles estão contextualizando todas as visitas que eles fazem nas empresas parceiras. (5.5) Tanto a Cesari, quanto APS (Autoridade corpórea de Santos).

Pesquisadora: Tá, me explica a trajetória para eu poder ter o entendimento de como você trabalha essas atividades de contextualização profissional.

CC-1: Bom, é tanto em Administração, você sabe...

Pesquisadora: Oh, desculpa interromper, porque assim é, tem um plano que a empresa encaminha para vocês?

CC-1: Um cronograma, um cronograma de trabalho do semestre. (5.1)

Pesquisadora: Isso, então eles mandam semestralmente o cronograma?

CC-1: É, tanto é que o de amanhã, por exemplo, nós tínhamos um e foi cancelado. Que seria conhecer toda a bacia de Santos, mas por ser uma empresa contratada, da APS, foi cancelado e foi remarcado para o próximo dia 26 de outubro.

Pesquisadora: Certo, então você recebe o cronograma e a partir dele, você criou toda uma trajetória, então eu quero que você me conte direitinho essa trajetória.

CC-1: Eu acompanho, por serem bom, vamos lá! Vamos desde o início, eu passo para eles as datas das nossas visitas. Dentro dessas visitas, automaticamente sou obrigada a ter autorização dos pais. Por não estarmos dentro da nossa escola e sim em um ambiente externo, eu tenho que ter uma autorização. Então tenho autorização dos pais, me encontro com eles ou eu ou algum outro professor, e a empresa em si faz toda a trajetória necessária de acordo com o cronograma. "Ah vou conhecer a área de sistemas!" Estou falando da Cesáre. Aa Cesáre, são várias empresas em uma só, então eles vão conhecendo, cada uma delas. E em cima disso, cada um elabora um relatório de seu entendimento sobre aquilo que foi explicado. (5.5)

Pesquisadora: Individual o relatório?

CC-1: Sim, individual. E aí que esteja tudo igual rs

Pesquisadora: Rs. Relatório é individual.

CC-1: Individual, até porque como ela é subjetiva, a caso, eu tenho que entender o que cada um tem a sua visão. É a visão de cada um, é exatamente.

Pesquisadora: Certo, aham muito bacana o entendimento da visita. É dentro, Desse cronograma que a empresa encaminha. E desses relatórios, eles conversam com a matriz de referência, ou a matriz regular? É aquela matriz que é justamente para...

Eles conversam?

CC-1: Os componentes do nosso currículo? Conversam. Porque assim, por exemplo, no curso de administração, eles veem uma parte de estoque e a mesma coisa no de logística que tem a parte de estoque. Então eles veem a parte da logística por exemplo, em si, de um de um carregamento de minério. A mesma coisa o curso de Administração que também aborda isso, parte de sistemas. Que mais que nós já vimos... Nossa, nós já vimos tanta coisa.

A parte administrativa, como ela é dividida, entendeu? A parte de RH que foi muito legal que eles aplicaram aqui as suas ferramentas, porque às vezes eles vêm para cá também porque é muito dinheiro você levar todos esses alunos. Eles são obrigados a dar alimentação (3.5) Você sabe disso.

Pesquisadora: Alimentação e transporte.

CC-1: Alimentação e transporte Pesquisadora: Ah eu pensei que era Santos.

CC-1: Não, é em Cubatão. Você não tem noção.

Pesquisadora: Não é tão perto assim.

CC-1: Não, não é. Uma das vezes, nós tivemos um pequeno acidente, entendeu? Um caminhão deu uma encostada...porque ali é muito caminhão. Então aí, mas foi assim, tudo bem e não aconteceu nada por nenhum dos alunos, mas assim, a gente fica ligado porque eu fico com WhatsApp, então todo mundo fica me chamando. "Olha professora," aí você tem que descer, porque tudo é tudo muito longe, tudo muito longe, então às vezes você não coloca um grupo de alunos aqui e acompanha outro grupo de alunos em outra empresa, dentro da própria Empresa do grupo da empresa Pesquisadora: Entendi. Então se formam grupos e os grupos visitam empresas diferentes.

CC-1: Dentro do grupo.

Pesquisadora: Dentro do grupo, nossa. Então eles dividem em grupos e vão em empresas distintas. Você entende essas atividades contribuem para a formação deles? Você entende que elas, hã?

CC-1: Contribuem, porque eles estão vendo na prática daquilo que eles aprendem em sala de aula. (2.1.4) Eu acho muito importante isso. É uma pena que nós só temos 2 empresas parceiras, nós tínhamos que ter mais empresas parceiras.

Pesquisadora: Ah você acha que tem que ter mais parceiras?

CC-1: Há, eu acho, porque assim você poderia ter outras contribuições é. Mas olha só, só pelo Porto do Porto é maravilhoso.

Pesquisadora: Deve ser mesmo.... você ter uma ideia...uma visão....

CC-1: É porque Santos é o Porto. Quando você fala de Santos, você remete onde? Ao Porto. Dificilmente você remete ao polo industrial de Cubatão. Dentro do Porto a gente pode estudar várias competências dos cursos de Administração, Logística. Contabilidade e Portos, entendeu? Então é um mundo, é um mundo, Pesquisadora é um mundo.

Pesquisadora: Eu imagino, É rico para o aluno é bem rico. Dentro dessas atividades de contextualização profissional, eles atenderam as essas competências socioemocionais ou só competências técnicas?

CC-1: Não com palestras, a última que nós tivemos foram com 3 empresas de RH, inclusive uma delas a empresa está inserida em outra empresa, que é ADM. Uma outra empresa que tem aqui em Santos, que é voltada a logística, várias outras coisas. Foi ótima, ótima nossa, as crianças ficaram alucinadas “quero entrar para o mercado”.

Pesquisadora: Então, são atividades que o aluno realmente tem aí, uma formação de competências, não só técnicas, mas como socioemocionais? Pela sua fala, não é?

CC-1: Olha, Pesquisadora eu vou ser bem franca com você. Eu gosto muito deste projeto.

!gosto mesmo de coração, mas assim eu acho que tem que ter começo, meio e fim.

E eu acho que está pecando aí em alguma coisa.

Pesquisadora: Então é....pelo que você pode, não é? Se não quiser responder, não precisa, mas.

A relação da escola com a empresa me parece que ela flui bem, e a relação entre a escola e a FATEC, é a que não tem....

CC-1: Porque, como é um, é não é um não, não somos integrados^{3.6}?

Pesquisadora: Sim, somos a mesma instituição.

CC-1: E onde o que quero chegar, porque assim, eles se formaram no terceiro ano.

Pronto, acabou. Não tenho mais aluno. Não tenho mais contato^{3.6}. Eu só tenho contato se eles virem me beijar aqui, me abraçar, só

Pesquisadora: Então falta...

CC-1: Então eu não sei o que acontece depois que eles ao sair do terceiro ano. Estou sendo muito franca com você.

Pesquisadora: Não, mas é isso mesmo que eu quero saber, é, é onde é que a gente pode? Não é trabalhar no sentido de aproximar mesmo, até para a permanência desse aluno no curso superior porque, veja bem, ele está ingressando sem o vestibular, que

já é um ganho para esse aluno. Tendo essas 200 horas de contextualização, que é, enriquece a formação desse aluno, e aí esse aluno não dá continuidade, ele vai com uma expectativa e não está sendo.

CC-1: Mas não é pelo aluno, viu Pesquisadora?

Pesquisadora: Entendi.

CC-1: Não é pelo aluno, e sim aquilo que eu falei para você é, eles saem daqui com expectativa de entrar no mercado de trabalho, ingressar eles já estão com uma idade, 17, 18 anos, terceiro ano.

Pesquisadora: É 18 anos a maioria.

CC-1:: Então assim, aí você tem que entrar na escola às 3:30 da tarde, 3.6 que horas você trabalha?

Pesquisadora: Não consegue.

CC-1: Não consegue e são pessoas que saem....se você vê a necessidade de que eles têm, eles financeiramente, entendeu? Quantas vezes alguns alunos não tinham dinheiro de passagem? Nossa APM através da Mila pagou. Entendeu? Para que eles não deixem de vir para a escola. Esse semestre mesmo, mês passado, sabe? Você vê as necessidades e a gente a sabe, abraça e depois? E depois?

Pesquisadora: Não teve nenhum não, coordenador do curso...nunca veio, hã, para fazer essa transição?

CC-1: Não, não, eu não só sinceridade, eu não sei nem quem é o coordenador de curso da FATEC que está tratando da MS.

Pesquisadora: Entendi.

CC-1: Nunca, nunca ninguém desceu aqui ou nós fomos convidados para sentar-se e conversar.3.6 É como se fosse distinto mesmo, tá?

Pesquisadora: Então, se você distinto, reuniões, De repente, algumas reuniões no transcorrer do ano deveriam acontecer,

CC-1: Sim, para saber como é que são os nossos alunos que vão ingressar, quais as necessidades deles, quais as dificuldades deles. Nada disso é colocado em pauta.3.6

Pesquisadora: Acho que realmente, a gente é vai conversando e tudo vai caminhando para esse ponto. Não é que é um, é um ponto, mesmo que que é muito gritante,

CC-1: Então você tem as estatísticas de conclusão dessa?

Pesquisadora: Não, porque é esse ano que vai formar a primeira turma daqui de quinto e daí também de quinta série vai ser esse primeiro ano também da FATEC de Santos,

CC-1: Ah eu? Eu nem sei.

Pesquisadora: É, então a gente não tem. É então, a gente não tem os dados ainda, a gente vai ter os dados esse ano. Não é porque eu não tenho acesso aos dados da FATEC,

CC-1: É porque eles saíram daqui ano passado e estão formando o quarto agora.

Pesquisadora: E aí eles vão fazer o quinto ano que vem. Do final desse já dá para ter uma ideia de quantos invadiram e aí o ano que vem a gente fecha o ciclo aí em Santos. Aqui na Jorge Street, fecha o ciclo esse ano eles estão na quinta série, porque fala primeiro, segundo terceiro, quarta, e quinta série, porque é dentro da proposta do plano de curso. É seriado.

CC-1: É, é porque os nossos estão na quarta.

Pesquisadora: É então, então se pela sua fala, vários já desistiram, então na quinta.

CC-1: Oh Pesquisadora eu estou falando aquilo que eles falam aqui.

Pesquisadora: Ah sim, não, tranquilo.

CC-1: Eu não tenho números, entendeu?

Pesquisadora: É, então eu vou atrás desses números. Vou ver se eu consigo.

CC-1: Eu não tenho esses números. De repente não é tudo isso que eles falam.

Pesquisadora: É que esses alunos também,

CC-1: Aquilo que eu te falei, a gente não tenho acesso, a gente não tem acesso.

Então assim é, não tenho acesso, não tenho acesso. Só quem está aí, quem não está, entendeu? Só isso, mais nada. Não tenho acesso, então eu não posso te dizer, olha, tanto os alunos estão indo, não tenho, não tenho. Eu tô te falando aquilo que chega para nós. Que eles vêm muito falam mesmo, não é em relação a isso, em relação aos horários, que é um horário muito difícil, eles falam dos sábados que ficam o sábado inteiro.

Pesquisadora: Sábado o dia todo na escola se você tivesse que dar uma definição para essa modalidade de ensino, Você indicaria essa modalidade de ensino para o jovem?

CC-1: Eu indicaria com certeza, tanto é que eu indico e estou trazendo, fazendo com que as minhas sobrinhas façam. Tanto é que nós vamos ter uma feira de ideias aqui, no dia 26 de outubro, se não me engano, onde nós vamos trazer pessoas de outras escolas, do ensino fundamental, para conhecer o nosso ensino médio, Através de todos os projetos que a gente elabora aqui na escola e um deles é mostrar AMS.

Pesquisadora: É bacana. Com relação aos registros mesmo, você faz esse relatório e

tem toda aquela documentação disponível para vocês acompanharem a carga horária do aluno.

CC-1: Olha como é que eu te explique, como é que é? Vamos lá. Não.

Pesquisadora: Eu quero que você me coloque se você...então assim...pensa que talvez exista uma outra maneira de se tornar mais fácil, ou, enfim, você tem alguma sugestão.

CC-1: O relatório precisa existir, o certificado ele precisa existir, então tudo isso fica no prontuário do aluno.5.5. Porque ele tem que ter um documento, qual comprove aquilo que foi feito dentro da AMS. Então assim, eu não estou tendo dificuldade alguma. A única coisa que eu faço é, eu dou um prazo para eles me entregarem, e por exemplo, nós vamos finalizar o semestre agora no final, no dia 30.

Então você viu aquele bolo de coisas, então, o qual eu agora tenho que lançar na plataforma Teams, no grupo da AMS. Você sabe que existe,

Pesquisadora: Sim, sim, no Teams eu tenho acesso.

CC-1: Então, então aí a gente lança ali tô o que foi feito dentro do bimestre.

Pesquisadora: Dessas atividades, quais que as que se destacam é mais visita, mais palestra, o que que você?

CC-1: Porque assim eu consegui colocar algumas palestras importantes, Com uma coisa muito importante como eles hoje em dia tudo é TikTok e Na Na Na, na, Na Na, então eles querem tirar foto de Porto, querem tirar foto de tudo, não pode, Não pode. Então eu trouxe uma pessoa para falar sobre a importância, da regulamentação audiovisual, que é para que eles tenham noção daquilo que eles estão fazendo em relação às empresas. Foi muito boa essa palestra também. É palestra voltada RH. voltados à tantas coisas, então assim...

Pesquisadora: Agora a empresa, eles costumam ofertar palestras, costumam ofertar... é visita.

CC-1: Não, a gente que escolhe.

Pesquisadora: Vocês é que escolhem...

CC-1: Porque assim o importante é eles conhecerem, aonde a empres. Por exemplo?

Então tá, então eu vou fazer 3 visitas e uma palestra... está a palestra vai ser voltada aqui...vamos fazer a palestra voltada à segurança do trabalho...vamos fazer a palestra sobre ISG, então, assim, então a gente escolhe de acordo.

Pesquisadora: Então você escolhe.

CC-1: É, é porque a gente faz uma reunião com a empresa.5.1

Pesquisadora: A escola tem autonomia para escolher o que ela entende que é mais adequado para os alunos.

CC-1: Porque a gente conhece a empresa em cima do que a empresa tem a ofertar aos alunos. A gente busca, e palestras voltadas a...

Pesquisadora: Esperta você!!rs Tá certa.

CC-1: Qual é o assunto de hoje, não é FG?. Então, o aluno tem que saber na prática. Entendeu? Não é a logística reversa? Então, o que que é feito dentro da empresa sobre logística reversa?

Pesquisadora: Nossa, bacana, então tem uma parceria boa com a empresa, não é porque vocês conseguem dialogar, conseguem escolher consegue, ver quais competências vão ser desenvolvidas, e isso é muito bacana.

CC-1: É, olha, Ana Paula é maravilhosa a nossa coordenadora e Tiago, então a gente se senta para discutir essas coisas, sabe? A hora a empresa x... tanto é que, hoje eu estava falando com a Axy, a respeito da do Porto, o Porto, nós estamos com tempo nublado, Então assim, aí eles vão conhecendo... não vamos dar mais para frente, não é? com o tempo bom..... porque aí eles conseguem visualizar, andar, fazer. Então, assim a gente começa a discutir essas coisas, porque não visando, o aluno, tá sim.

Pesquisadora: Ah então, é isso que eu queria saber, se porque às vezes a empresa fala "Tem que ser isso?" E não. E no caso aí tem a conversa, tem um diálogo, tem a escolha. Se vocês percebem que naquele momento não vai ser adequado, pode ter uma transferência.

CC-1: É, por exemplo, a empresa. A empresa nos procurou essa semana porque eles querem fazer uma palestra. Está beleza, o que que você vai falar na palestra? AH não esse tema nunca interessante, entendeu?

Nós queremos falar de sistemas, a gente falou assim "Não, a gente nem quer palestra, nós queremos que vocês apresentem todos os sistemas que existem dentro do grupo Cesari, tanto para logística, para transporte, para estoque, para que eles saibam como é que é" Porque eles têm um sistema muito bom lá, sabe?

Pesquisadora: É, é moderno, que a escola não consegue, E, na mesma velocidade, pra trazer esses programas para escola, então...

CC-1: É aí., como te falei, o custo é muito alto, e você sabe que a molecada come, Então tem fome rs...o almoço é bandejão, sabe?. Eles querem comer, comer, comer, comer e não pode, não pode, entendeu? Ai então eles dão uma cortada nessas visitas.

Pesquisadora: Ah entendi, mas é adolescente, não tão acostumado, acostumado com adulto que faz regime,

CC-1: Não, a moça falou assim, aí mandou mensagem para o TXX, “Tiago, tem como ser essa do sistema, aí em laboratório?” Aí o Tiago já manda a resposta “ Não, você sabe que nós vamos lá”...nós fomos conhecer, porque a proposta de parceria foi essa. Sim, eles ficam felizes.3.7

Pesquisadora: É bacana e está certo, porque a gente quer é propiciar para o nosso aluno melhor e é melhor ele ir até lá, naquele ambiente Bacana. Então Fátima....

CC-1: Aí.... eu me divirto....rs

Pesquisadora: Acompanhando sua fala, você curti bastante, E é bom para eles e bom para a gente também. Não é porque você vê resultados, E então, dentro da sua fala aqui para a gente ir encerrar. Quais pontos positivos você vê?

CC-1: Ah, os pontos positivos, são tantos.

Pesquisadora: Negativos e quais sugestões?

CC-1: Olha positivo, tem muita coisa sabe? O aprendizado, a vivência de mercado, tudo bem que é uma coisa temporária só para eles se conhecerem, mas saber como funciona, Levar eles na prática, mostrar....nossa! Quando eles viram os contêineres, quando eles viram as nossas, ficaram os selos e nada, mas é bem legal. No Porto, eles ficaram assim, porque nós acabamos saindo conhecer o museu, sabe? Maravilha, se estiver se você quiser te mandar as fotos depois.

Pesquisadora: Ah, manda sim!

CC-1: Ah lindo, lindo, lindo, as coisas antigas. Nossa, eles ficaram assim, maravilhados, então assim, a prática para eles é muito importante, sair do ambiente escolar, Saber como é que é a vida lá fora, saber que eles daqui algum tempo já estarão no mercado. Acho que assim não tem preço nessa felicidade deles. É cansativo, viu Pesquisadora? porque assim a gente fica a manhã inteira, depois não aqui em Santos. A gente fica a manhã inteira, aí eles vêm e já vão pra sala de aula. Então à tarde eles continuam em sala de aula. Entendeu? Agora quando a gente vai para Cubatão, aí é diferente. A gente vai logo de manhã, ficamos a manhã inteira e a gente sai de lá depois do almoço. Então aqui a gente costuma chegar por volta de 2, 3 horas da tarde, mas eles continuam na escola até às 6:30. Porque se não, não é...e aí, você concorda comigo, que se não, não é uma coisa articulada. Se não, eu estou perdendo um conteúdo de algum outro professor, entendeu? Então assim, então nós damos continuidade. É cansativo? é cansativo, mas vale a pena.

Pesquisadora: Ah, então, nossa, isso é muito bacana, não é? Quer dizer, realmente tem um comprometimento, da escola, da empresa. Vocês conversam, vocês articulam, então, alunos realmente tem toda a formação prevista no currículo e da melhor maneira possível, não é? Acho que a para além,

CC-1: Isso é. Nós temos grupos de WhatsApp tanto de uma empresa quanto de outra. Pra ir discutindo, é porque a gente, é o nome do centro Paula Souza, é o nome da escola que está envolvido, então eu acho que isso é muito importante, porque ele vai pro mercado de trabalho com o nosso nome,

Pesquisadora: Sim, sem dúvida, vai com o nome da escola e ele é referência para trazer novos alunos também, não é?

CC-1: Sim. Sim, sim.

Pesquisadora: Então é, e os negativos?

CC-1: Negativos é, é a gente não saber o que acontece com eles depois do terceiro ano.

Pesquisadora: Não saber o que acontece depois....

CC-1: Eu sinceridade, eu não sei o que acontece com os nossos alunos no quarto e no quinto ano.

Pesquisadora: E estando dentro do mesmo prédio

CC-1: Infelizmente, é assim mesmo que acontece.

Pesquisadora: E quais são as sugestões?

CC-1: Uma integração de acho que é uma integração, nome que se pode, ou então, sei lá, uma integração melhor entre a ETEC e FATEC, saber o que está sendo passado para ele ter como eu mesmo tirei, eu não sei nem o quais são, qual é o plano de curso deles?

Eu não sei.

Pesquisadora: Precitaria, de reuniões, talvez periódicas, para ter uma conversa, eles fazerem uma visita para esses alunos, Enfim, é descer um andar ou subir um andar. Acho que é subir um andar,

CC-1: Pra você ter uma ideia, a oficina que a Adele é fantástica....gente eu vou elogiar essa mulher, a minha vida inteira. A Adélia fez a oficina no auditório, que é compartilhado, ETEC e FATEC. Mas ao invés dela querer usar o nosso laboratório para fazer a prática da oficina, não. “Assim, Fátima, vamos fazer aqui no andar da FATEC só para eles terem outro Outro ar de escola?” “Sim, para mim está perfeito”.

Aí eu o coloquei dentro da FATEC para fazer essa oficina prática. Então, com ela, nós tivemos diálogo.

Pesquisadora: Então, se vocês tivessem mais oportunidade, seria melhor, é? Seria mais produtivo.

CC-1: Ah sim. Ai, vamos fazer uma aula magna, vamos lá, magma vai mostrar como é que é essa aula?

Pesquisadora: Participar de feiras ou até de palestras de repente na FATEC

CC-1: Ver e mostrar. Olha, vamos pegar uma aula sobre sei lá, eu não, não sei nem quais são os componentes dele. Vamos pegar uma aula e apresentar como é que é, sabe, sei lá ou até mesmo peguei apresentar todos os componentes os quais eles vão estudar no terceiro, no quarto ano e no quinto ano.

Pesquisadora: Sim, no quarto e quinto, uma apresentação,

CC-1: É, uma apresentação do que vai ser para eles o próximo ano. Eu acho que seria bem legal.

Pesquisadora: É, sempre também uma apresentação.

CC-1: Porque até então, ele já só sabe isso: "Nós vamos para a FATEC". E tem mais, a Administração, você não sai daqui, e vai para a FATEC para estudar administração. Não, é processos gerenciais, uma coisa assim .é, não é?

CC-1: Processos de gestão comercial e tem um gestão.....Ai tem um outro de gestão, fugiu o nome agora É...

CC-1: Então, eu nem sei qual que é.

Pesquisadora: É um curso correlato...ta vendo? Faltam informações.

CC-1: Sim, por que eles não estão saindo da Administração para Administração? Tá? Então, o qual é esse peso deste curso no mercado? Entendeu qual é esse peso? Vamos lá.

Pesquisadora: Então, seria uma conversa com eles mesmo, eles irem e conversarem com esses alunos, mostrar o vínculo, é.

CC-1: Pesquisadora, porque você sabe que muita gente é, vai, vai atrás de concurso público. E o concurso público, você sabe muito que tem o peso da tua graduação. Tá, essa graduação que eu estou fazendo na FATEC vai me servir pra quê? Entendeu?

Pesquisadora: Que é uma coisa que eles tinham que ir passando para os alunos desde.... na verdade, a partir do momento que eles já estão aí na ETEC, é dar continuidade nesse trabalho que vocês fazem conversando com vocês até para esse aluno entender, o que ele vai estudar e qual a empregabilidade do curso que ele vai

fazer na FATEC,

CC-1:É, eles sabem que da administração vai fazer algo de administração, de logística, vai fazer logística, a logística, missa, mas no resto? Entendeu? A gente tá tentando fazer um trabalho tão bonito,

Pesquisadora: Aham. E o trabalho, nossa, na hora que eu vi os relatórios e depois eu quero dar uma lida nos relatórios, você vai subir na plataforma, ou se você puder me enviar, se você de repente escanear para subir, se puder me encaminhar, eu acho, e eu gostaria de dar uma olhada.

CC-1: Eu vou pegar o de uma aluna, e vou te mandar tudo.

Pesquisadora: Ai manda, manda para eu ler, eu adoro ver, é bacana ver e ainda mais que a percepção deles. Daquela aula, daquela palestra, daquela visita. Então aí você tem o real entendimento da visão do aluno, com relação a isso e talvez eu até faça a entrevista com aluno. Aí de repente eu faço entrevista com um aluno, aí que você entende.

CC-1: E o que tem a visão do que a AMS

Pesquisadora: É do que a AMS. Aí, se você tiver uma aluna, eu te mando o termo, e aí eu faço entrevista com ela

CC-1: Está, eu posso até pegar algum, algum maior de idade. Porque eu tenho a maior de idade.

Pesquisadora: Ah você tem? Então você puder, eu mando o termo e aí eu converso, aí você pode estar junto, a gente conversa junto com ele, que acho que é bacana a gente tem o olhar do aluno também,

CC-1:É verdade, você tem razão.

Pesquisadora: O que ele enxerga disso? Qual a perspectiva que ele pensa que vai encontrar lá na FATEC?

CC-1: A gente podia pegar um positivo e um negativo,

Pesquisadora: Isso, ótima ideia, ótima ideia. Então você conseguiu um positivo e um negativo. Aí você me fala, a gente conversa,

CC-1: É um positivo e um negativo. Eu compro, eu consigo visualizar um positivo negativo em sala.

Pesquisadora: Consegue? Se der, ver se eles gostariam de participar, aí a gente agenda no Teams, o melhor dia e horário pra eles.

CC-1: Pra mim é sempre na segunda-feira.

Pesquisadora: Aí, então se eles puderem no nesse horário ou a noite. Se você puder conversar com eles, eu agradeço, porque aí fica bem bacana. A gente vai fazer toda a trajetória aí, Pra poder realmente pensar...

CC-1: Em melhorar na verdade

Pesquisadora: Contribuir para a melhoria dessa modalidade de ensino. Para que atenda vocês, atendam melhor os alunos.

CC-1: Olha, eu vou te dizer uma coisa em relação a nós aqui, eu acho que está tão tranquilo.

Pesquisadora: Aí, que bom. Fátima, é tão bom escutar isso.

CC-1: Não, mas eu acho que está tão tranquilo. A base comum, a técnica, se casam, entendeu? bem tranquilo mesmo (2.2.1). É, eu acho que a maior preocupação mesmo existe, é o depois. Como é que, como é que eles estão? Eu não sei.

Pesquisadora: É, a gente se preocupa com o nosso aluno egresso, ainda mais nesse caso, que já foi pensado no todo e você se sente assim que não realmente não terminou,

CC-1: Então, porque até então, como eu te falei, a gente não tem esse acesso, eles estão ali. Até então, eles chegaram aqui e falaram que iriam desistir. Será que eles desistiram? Mas como é que eles estão? Como é que, como é que estão as notas, a frequência e tudo mais?

Pesquisadora: É uma parceria mesmo, se tivesse uma parceria próxima, daria para conversar com vocês e até contribuírem, porque às vezes conhecemos os pais. Apesar de eles já estarem, com mais 18 anos.

CC-1: A gente fica assim oh...."Tô de olho".

Pesquisadora: Tá certo? É isso mesmo. Nossa, adorei conversar com você, viu Fátima? Aquele dia a gente já conversou, já falei, "Nossa, que bacana, que trabalho bacana que a Fátima faz no curso do AMS," E eu fiquei encantada com os relatórios, falei "Nossa, realmente ela Tem a preocupação em olhar e ter entendimento do olhar do aluno A parceria com a empresa, então nossa, muito né".

CC-1: É, mas eu acho que é muito importante porque, os alunos são os nossos clientes, Então você tem que colocar eles, fazer de tudo o que é de melhor, dar tudo de melhor para eles.

Pesquisadora: Tá certo, nossa, eu agradeço, você disponibilizar o seu horário aí para conversar comigo?

CC-1: Imagina, quando você precisar.

Pesquisadora: Anotei um monte de coisas e depois eu vou fazer a leitura da transcrição. Aí eu encaminho para você, para você ler, para não é para ver se está de acordo, porque às vezes transcrição saem umas palavras estranhas, aí a gente tira as palavras estranhas que aparecem

CC-1: Não é eu, às vezes eu faço isso, nossa, quanta coisa feia que aparece.

Pesquisadora: É, e parece coisas bem feias. E aí eu mando, encaminho para você por e-mail, vou mandar nesse e-mail que eu peguei hoje, E aí você dá uma “lidinha”. Aí depois se você quiser acrescentar alguma coisa, sinta-se livre Para a opinar mais, falar mais.

CC-1: Esse é um trabalho seu da faculdade que eu vi, não é isso? E isso vai colaborar também com a melhoria do nosso curso?

Pesquisadora: Isso. A ideia é essa. Inclusive a ideia de criar um guia de orientações, entendeu? Que facilitem aí e que deu um embasamento para as equipes gestoras até cobrarem algumas coisas, para gente alinhar. O que eu estou percebendo? Que parceria ETEC -empresa está caminhando bem, agora ETEC - FATEC não está assim tão que a gente pode aprimorar.

CC-1: Mas seria somente a nossa, ou em outras?

Pesquisadora: Não, eu fiz poucas entrevistas, mas eu tenho percebido, justamente, é não tem essa conexão ainda. A gente percebe a dificuldade, por exemplo, tem escolas que não é no mesmo prédio da FATEC. Então eu pensava, bom, talvez a distância acaba interferindo nessa relação. No caso de vocês, não é a distância, é um andar, então, percebe?

CC-1: É, ou para cima ou para baixo.

Pesquisadora: É o para cima ou para baixo? Então não é uma distância que é que está causando aí essa dificuldade de comunicação e informações importantes, por exemplo, o que eles vão estudar no quarto? Na quarta série, na quinta, é importante vocês terem.

CC-1: Essa falta de conhecimento é só minha ou de outras ETECs?

Pesquisadora: É de outras também, de outras unidades. Estão conversando, sabe? Eu percebo nas falas, depois vou fazer uma análise, vou fazer todas as entrevistas e vou pegar os pontos que convergem, Mas assim, passando em um olhar transversal, a fala está sendo a mesma,

CC-1: Aí, que triste, não é?

Pesquisadora: Está sendo é, está até agora, fala, tá sendo mesmo.

CC-1: Porque se fosse uma coisa pontual, seria muito mais fácil de ser resolvido,
Pesquisadora: É, então eu estou percebendo que não. Não está sendo tão pontual assim, está sendo meio que generalizada.

CC-1:É, isso é triste porque é muito mais difícil de ser resolvido.

Pesquisadora: É, então eu vou também fazer entrevista com o professor Almério e depois eu vou passar tudo para ele todas as informações, tudo e já com algumas propostas para ver se a gente consegue aí fazer um trabalho conjunto mesmo. Atender o nosso aluno e o fortalecimento dessa modalidade de ensino, que, dentro das metas do Centro Paula Souza, em 2027, eles querem estar com 12.000 alunos dessa modalidade de ensino. Então eles querem crescer e pra crescer a gente tem que.

CC-1: Temos que melhorar.

Pesquisadora: Temos que melhorar. Olha, eu agradeço muito a sua participação. A gente já conversou aquele dia, fiquei superanimada, hoje estou mais animada ainda com a nossa conversa.

CC-1: Pesquisadora, o que você precisa de mim eu estou à disposição.

Pesquisadora: Então, a gente já fica combinado de você ver os...

CC-1: Já vou ver os alunos, pontos positivo e negativo.

Pesquisadora: Isso, que aí a gente também tem o registro, que é super importante, porque a gente traça, uma do diretor, do coordenador pedagógico, coordenador de curso. Vou conversar com alguns professores e com o aluno,

CC-1:Mas você só vai ficar dentro da ETEC?

Pesquisadora: Dentro da ETEC. Então, eu vou ver se eu consigo dar um “passinho” a mais. Vamos ver se eu consigo. Se me permitem.

CC-1:Tá. Professor você vai precisar também.

Pesquisadora: É, se você tiver algum professor que...

CC-1: Vou pensar no professor bem legal para falar com você, que seja assim, despojado tal.

Pesquisadora: Ah legal. Bacana! Todas as informações são bem-vindas para a gente ter um olhar mais amplo para poder realmente melhorar o trabalho de todos nós, na verdade.

CC-1: É porque precisa, precisamos muito.

Pesquisadora: Eu agradeço muito.

CC-1: Imagina eu que agradeço por você me...

Pesquisadora: A Ana está por aí?

CC-1: Está, se está na sala dela. Você quer usar esse mesmo link da reunião pra ela? Eu mando pra ela. Eu mando pra ela entrar.

Pesquisadora: Eu mando o link Pra Ela entrar.

Pesquisadora: Acho que aí eu eu mando o link, apesar de que já ta gravando Poderia continuar, se ela puder.

Pesquisadora: Muito obrigada, viu e fico no aguardo aí da sua turminha, tá bom? Obrigadão.

APÊNDICE F- ENTREVISTA COORDENADOR DE CURSO

CC-2- COORDENADOR DE CURSO na Modalidade de Ensino: Ensino Técnico de Nível Médio Articulado ao Ensino Superior em uma Etec – São Paulo.

UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL
PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU-PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

PROJETO DE PESQUISA: VERTICALIZAÇÃO DO ENSINO:IMPLEMENTAÇÃO DO PROGRAMA DE INTEGRAÇÃO ENTRE O ENSINO MÉDIO A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL ARTICULADO AO ENSINO SUPERIOR

Coordenador de Curso 2: Professora Licenciado, ministrando aulas nos componentes técnicos e coordenando o curso na modalidade de ensino Ensino Técnico de Nível Médio Articulado ao Ensino Superior em uma Etec na região da Baixada Santista
Pesquisadora: Agradeço muito a sua disponibilidade e o aceite em participar da minha pesquisa. Quero reforçar que você tem toda liberdade de não querer responder alguma pergunta, ou em qualquer momento pode declinar de sua participação. Eu gostaria que você falasse de como ocorreu o processo de implementação da modalidade de ensino AMS na Escola.

CC-2: Bom, você sabe que a gente ainda não tem uma turma formada na FATEC. A gente tem o ensino médio completo, mas a primeira turma formada completando os 5 anos, só em 2024.

As dificuldades foram, assim como posso falar!!foi histórica. Foi muito, muito difícil, porque iniciamos a implementação e logo em seguida veio a pandemia. Então, as dificuldades foram, realizar a implementação (formatar) esse curso é nos adequarmos ao ensino remoto, logo no início. Outra questão foi a gestão escolar, professores e os alunos estavam tentando entender o curso, porque como você falou, o curso tem um formato diferente, quando eu recebi a proposta de ser a coordenadora de curso do AMS. O Diretor Edson e a Coordenadora Pedagógica Lúcia apresentaram o curso, e eu falei assim, pena que na minha época não tinha um desse, porque eu sempre acreditei muito nessa formação integrada (politécnica)Professora

CC-2: É uma formação acelerada.É, mas ela já engaja o aluno como profissional, ingressando muito cedo no mercado. A empresa parceira, ela é o diferencial. formação profissional pela empresa parceira, quando você tem uma empresa que se

preocupa, que tem esse programa, que queira colocar em prática, auxilia e dá todo os recursos, esse é o diferencial.

Ele(aluno) sai do cursos, realmente em condições de ingressar no mercado de trabalho, sai mais seguro (formação).Não, eu sei, eu sei o que o mercado quer.

Pesquisadora: Bacana.

CC-2:Porque a empresa traz para a gente a realidade dela. Coisa que nós não tínhamos.

Pesquisadora :Então, a parceria é uma parceria produtiva, segundo seu olhar ?.

CC-2:Sim. Ela que fala, não oh, não vai pra esse ponto, porque isso está ultrapassado. Eu preciso de um profissional que saia com esse perfil. É, vamos trabalhar em cima em cima disso, porque o aluno ali não precisa estar em cima de um livro, esse profissional, ele precisa ser pesquisador. A empresa me trouxe um olhar diferente.E Eu Acredito no curso, eu falo para os meninos, eu brigo muito com vocês. Eu luto muito pelo curso de vocês, porque eu acredito nesse curso, se não, não estaria como coordenadora, mesmo diante as dificuldades que nós tivemos, eu acredito no curso.

Pesquisadora: Quais foram as dificuldades?

CC-2::Primeiro recursos. Nós fomos para Fatec Ipiranga, foi um caos. Foi assim, mais experiência, muito boa, porque eu aprendi que quando não tenho mesmo olhar quando não tenho os mesmos ideais, não dá certo.E não é só direção, é mais complexo, tá.É quando a pessoa não está preparada para o ensino médio.

Não dá certo, então os próprios profissionais que estavam lá na Fatec Ipiranga, eles não tinham preparação para receber alunos oriundos do ensino fundamental. Receber aqueles alunos, nós não fomos acolhidos Pesquisadora.Pesquisadora, isso eu falo na cara da diretora da Fatec. Sim, eu desculpo, mas aqui, você fez a sua parte O que é importante para um aluno de 14 /15 anos que está chegando em um lugar desconhecido.Ele chega numa, num lugar que parece sombrio, todo mundo olha para eles como olhar, tipo, nossa professora está olhando para a gente como a gente fosse um uns estranhos, não .Nós somos estranhos aqui. Tá, nós somos estranhos, estamos na casa deles. Nós somos e adolescente tem suas características, e o curso tem em sua maioria alunos do gênero masculino. Eu era muito moleque, moleque. Que estavam preso com a mãe, em casa, até os 15 anos (ensino fundamental), aquela história de mães, de levarem e buscarem seus filhos na escola, daí chega num lugar que a segurança não fecha o portão.

Pesquisadora: Entendi.

CC-2: É, aí não tem sala, não tem recurso, não tem professor. Só tinha a nossa boa vontade. Estou com boa vontade de estar aqui. Pelo que entendi, faltam equipamentos, salas de aula, espaços de convivência, contratação de professores, pelo que eu estou entendendo, é isso? É nesse sentido, Sim, por exemplo, o professor queria usar um espaço. Ele queria fazer uma atividade diferente na biblioteca. Não podia, até isso era restrito.

Pesquisadora: São as relações interpessoais?

CC-2: Sim, aí o professor de educação física. Eu não tenho Quadra, não tem, então vamos fazer outra atividade. Ele tentava trazer jogos para gente sala, mas o adolescente, tem muita energia. Ele quer uma Quadra, entendeu. Quando o professor vinha com uma proposta diferente, ele queria sair daquele quadrado da sala de aula, e aí saía. Eles são barulhentos, aí vira um caos. Enfim, tivemos muitos problemas de infraestrutura, demorando muito para resolver, quando eu falei assim para o diretor da Etec, para utilizarmos os espaços da Etec, voltar para o espaço que é nosso. Os alunos ao retornarem para a Etec ficaram encantados, porque a estrutura Ceu é muito boa.

Pesquisadora: A estrutura é muito boa.

CC-2: Lá, a estrutura é boa, que eles viram que eles estavam num lugar bonito.

Tinha Quadra, tinham outros alunos, eu já estava com a turminha de jogos, e eu tinha apoio, principalmente na questão de disciplina. Na Etec tinham contato com o diretor, e lá não. Aqui a gente vê o diretor, os pais.

Por mais que a escola é aberta, eles falavam assim, mas aqui eu tenho segurança, os pais dos alunos se sentiram mais acolhidos e seguros. Então, essa mudança e a luta de se manter na Etec, foi um ponto positivo para formação dos alunos. Assim, agora a gente consegue trabalhar, e aí você sabe que quando chega aos 17, aos 18 anos, eles estão mais maduros para irem para a FATEC. E quando eles chegaram na Fatec hoje, eles são outros alunos, outras pessoas e eles mesmo. A turminha mesma fala, nossa, fomos para Fatec com aquele receio, porque olha só, ficou o trauma. Alunos falavam: Praticamente fomos expulsos da FATEC, e a gente fica com aquele receio de voltar. Mas aí entendi, professora, agora nós somos adultos, temos liberdade. A gente está aqui porque quer. Os professores da Fatec são diferentes. Eles comentam, e se um dia vier aquela molecada inteira vier para cá (Fatec), como será? Porque são mais de 100 alunos Eu

falei calma, gente, tudo tem seu tempo. Eu ainda falei assim, talvez eu vou precisar muito de vocês, quando chegar o momento de termos de retornar as atividades na Fatec, eu vou precisar muito de vocês. Mas eu falei para a Diretora, precisa de infraestrutura para os adolescentes, para os jovens, não têm.

Pesquisadora: Neste período que eles voltaram para Etec teve algum movimento da equipe de gestão da Fatec no sentido de uma aproximação entre as duas unidades, haja vista que é um curso articulado, médio e superior?

Pesquisadora: De eles estarem se envolvendo, até para quebrar um pouco a imagem desse início conturbado.

CC-2: A gente trabalha com pessoas. Pesquisadora, e quanto você tem uma equipe legal, as coisas funcionam. Quando entrou esse novo coordenador. Ele se propôs e ele se movimenta. Em quando estava a outra, ela falava, mas ela não se mexia. Entendeu? Então assim, eu falo que é trabalhar realmente com pessoas é você ter uma equipe que tem os mesmos ideais. Certo, isso é fundamental.

Pesquisadora: A proposta é um trabalho integrado, Etec, Fatec e Empresa, para uma formação ampla do nosso aluno. Vocês chegaram a ter alguns momentos dos três juntos?

CC-2: Sim, tivemos uma reunião para a formatação do curso. Quando chegou a que a nossa empresa parceira. Foi uma reunião até longa, pra gente formatar o curso. Quando fomos para para Etec, o diretor da empresa e os mentores, eles foram até Etec, conversaram com jovens, explicarão o porquê de eles terem que se habituar com o contato online, explicaram que a empresa é 100% digital, então não tem uma visita técnica presencial. A empresa vai ser um canto da casa deles, isso eu achei bacana, porque hoje o formato é esse, principalmente para quem trabalha na área de TI. Quem está na área de desenvolvimento, trabalhar híbrido hoje. Vai lá para umas reuniões, mas todo o seu trabalho fica na sua casa e você tem que ter o seu canto de trabalho. A partir desse contato mais próximo, começou a funcionar a parceria.

Pesquisadora: Bacana.

CC-2: Só que assim. Eu vejo que para essa integração Fatec e Etec, no nosso caso não é só a distância, Pesquisadora, porque a distância não quer dizer nada.

Pesquisadora: Entendi.

CC-2: Falta um pouco mais de força de vontade, que aí eu vou falar mesmo. Falta mais força de vontade, falta um pouco de criatividade e trazer. Sai da Fatec, vai para Etec fazer uma palestra. Isso não é atrativo para o jovem. Então eu falei para Diretora. Você

tem projetos sociais lá. Nós não temos, porque não engajar esses alunos nesses projetos ?

Pesquisadora: Uma integração maior,

CC-2: Exatamente.

Pesquisadora: São realizadas atividades conjuntas, uma integração entre as unidades? Entre Etec Fatec

CC-2: Não tem. Seria legal, né. Então é legal. Eles têm o sábado aberto da Fatec. Eles poderiam falar para os alunos irem participar para conhecer os trabalhos dos alunos da Fatec, criar uma relação mais próxima. Poderíamos participar de maneira ativa, era só perguntarem , o que vocês podem fazer lá, poderiam conversar comigo? A gente tem ideia, eu tenho a ideia surge. E pode deixar que eu vou lá, eu faço acontecer. Ficou, é você não tem o dia do AMS. Vocês tem o dia do AMS, você não tem a semana de tecnologia? Eu trago os meninos para cá (Fatec), mas precisa ter. Não tem integração para falar que tá lindo, não tá não.

Pesquisadora: E das atividades contextualização profissional. Como acontecem com a empresa parceira? Vocês estão conseguindo essa integração? Vocês conseguem acompanhar? Pensando nas questões pedagógicas mesmo. Como são desenvolvidas as bases tecnológicas e as Atividades de Contextualização Profissional? Como que vocês estão trabalhando essas atividades.

CC-2::Oh, já atribuídas de contextualização, são desenvolvidas através de projetos, que nós já tínhamos em andamento. Aí eu vejo o que o que eles aprenderam com a empresa parceira. A empresa, por enquanto não tenho muito que reclamar dela não, tá. Eles fazem pesquisa, eles colocam aquilo que o jovem quer, sempre alinhado com o que o mercado precisa. E o retorno dessa relação eu faço o diagnóstico quando eu desenvolvo os meus projetos (nos meus componentes), eu falo, gente, agora vocês precisam fazer tal coisa, vocês vão buscar informação. Olha professora, lá na lá no curso que fizemos pela empresa, já está falando isso.

Pesquisadora A então, eles fazem curso na plataforma que a empresa oferece? A empresa, ela coloca ali é para todos os alunos disponíveis cursos, aqueles de 40 horas, 20 horas ou custos mais longos?.

CC-2::São cursos de 60 horas, são temas que não são contemplados em nossa Que a grade do AMS por mais que a gente tenta atualizar, difícil É, eles têm as lives com profissionais da área. Assim que o que está na pauta das empresas para entender o que eles falam de formação, profissional, qual é a trilha a ser percorrida para os alunos

chegarem à onde eles estão. Então, bastante gente, trouxeram até profissionais que estão no Brasil trabalhando para empresa de fora do país, por conta do formato digital.

Pesquisadora Eles trabalham com algumas palestras voltadas para as questões socioemocionais ou comportamentais?

CC-2:As lives são mais voltadas para isso.

Pesquisadora, porque o comportamental é o responsável pelo grande número de demissões.A questão da da de como se se porta não só na questão é técnica, mas na questão mesmo de das relações interpessoais, do comprometimento.É a busca pelo jovem comprometido. E o jovem responsável. Vem aquela questão, família/educação.Muitas vezes, o jovem ele, educado na escola.

Pesquisadora Pensando então na formação cidadã, global e técnica, como você enxerga a relação entre a BNCC, formação técnica e cidadã, para esses jovens que escolheram a modalidade de ensino AMS?

CC-2: Oh, aí é outra outra parte que patina.Tá.

CC-2:Pesquisadora a equipe que eu tenho hoje, são profissionais que estão comigo a 10 anos.Então hoje a gente pode falar da experiência deles. É por isso que eu falo trabalhar tem que ser. São pessoas. Quando você tem uma equipe engajada, que sabe trabalhar, as coisas fluem, quando você não tem, fica difícil. Na parte da BNCC, eu tenho só tenho professores determinados. Começa um projeto e não termina. Porque acabou o contrato, aí sai. Então, assim, essa questão de falta de professor, que eu tenho tanto na parte técnica como na BNCC, impacta muito. E os professores indeterminados, não gostariam de ministrar essas aula?Não tem, não tem esse olhar, porque na visão deles é uma turma que dá muito trabalho. Mas quando tem um professor bacana que eu vejo que dá para integrar, aí a gente começa a integrar de novo. Meu primeiro ano, ele está diferente. Eles estão bem diferentes e o problema é realmente ainda a indisciplina dos alunos. Isso atrapalha bastante a questão. Eu não posso dizer que a gente tem um projeto que inclui a parte técnica, com a parte da BNCC, que vai dar um suporte para formação superior.Não, ainda não temos.

CC-2: Então não tem projeto interdisciplinar, onde o professor da BNCC pudesse integrar os seus conhecimentos com os conhecimentos técnicos, para uma formação politécnica? Eu falei para outro professor, vamos voltar os projetos que nós já temos e implantar no AMS, a Fábrica de Software. Se ele falar a respeito de fazer uma informatização num comércio. Uma casa do norte, ele precisa saber qual a cultura

dessa região. Poderia integrar a parte técnica com os professores de Geografia, filosofia, história, outros. Pesquisadora Você encaminha o aluno para a construção de integração entre a tecnologia e outros conhecimentos.

CC-2:Então assim eu encaminho pra esses professores, mas se sentar numa mesa é e falar com eles, não acontece.

Pesquisadora Então existe uma resistência aí,

CC-2::Isso mesmo. Agora a gente está na fase do vestibular e do Enem, não é o foco do AMS. Eu, gente, toma cuidado. Ai vem a parte da função de coordenadora, Eles já tem a vaga da faculdade garantida, fica até pouco cômodo para eles. Já tem uma vaga na faculdade. Ele já sabe que eles têm 2 anos superior. Eles não vão passar pelo vestibular, só se eles foram bem no Enem, sair do curso, buscar outra formação. Isso é ruim para a escola, que aí entra evasão. Aí eu falei assim, então deixa ele escolher.

Ele tem essa possibilidade de primeira decisão da vida deles e eles vão fazer a rematrícula na Fatec.

Isso eu falo para eles, gente, vocês vão chegar no momento que vocês vão ter que decidir, é isso que eu quero.

Vai, vai embora aí, professor, eu não quero porque eu me identifiquei, calma aí.

Então vamos pensar bem, você vai ficar quanto tempo tentando o que você não quer?

Eu falo 2 anos, passa rápido.

Eu falei assim.

O legal é que no AMS, o aluno cursará tecnologia a ADS, fala para eles, você pode entrar numa medicina e ter que trabalhar com eu, com tecnologia.

Começo com equipamentos que tá lá, um sistema funcionando, você vai para a área da automação, é robô.

Pesquisadora É verdade.

CC-2:Eu falo: Olha aqui, o seu projeto do seu projeto é de clínica odontológica, você vai ficar no papel, aí você formada, você vai pagar para uma empresa colocar um sistema, que você é capaz de implantar.

Pesquisadora: verdade

CC-2:A decisão é deles, mas eles pensam. Quando eu participei de um encontro com ex-alunos, que já estavam na Fatec, eu disse para eles que agora eu preciso que eles falem o que está diferente para eles, aí um já está trabalhando no Santander, o outro

já está trabalhando em outra empresa. Outro conseguiu, com 20 anos, abrir a própria empresa. Ele é um freelance, está na 4ª série

Eu tive que fazer um encontro com esses ex-alunos, gente, vamos nos encontrar.

Eu peguei o pessoal de primeiro.

Pesquisadora: para escutarem os egressos, que contaram um pouco das suas vidas.

CC-2: É então por isso que eu falo, trabalhar com pessoas.

Quando eu posso fazer uma visita técnica na Fatec, eu procuro. Porque se não os alunos do primeiro ano, nem onde é. Eu preciso passar uma tarde aí (Fatec)

Tem que levar o primeiro, segundo e o terceiro anos, todos precisam conhecer as possibilidades propostas pelo curso.

Foi o que eu falei para a diretora (Fatec), você não tem que trabalhar só com um terceiro, que é o que você vai receber. Você tem que trabalhar com o primeiro que você tem que plantar lá atrás. Exatamente.

Pesquisadora: É plantar a sementinha da vontade de ele estar lá, não é?

CC-2: Ela (Fatec) não tem o olhar para o ensino médio, ela acha que elas têm que trabalhar só com terceiros. Não, meu primeiro também precisa. Eu sempre levo o primeiro.

Pesquisadora: É importante levar as 3 séries. Se tivesse, disponibilidade.

CC-2: Quando eu cheguei lá com os nossos alunos, eu fui recebida pelos nosso ex-aluno mesmo o curso sendo no período da tarde, a gente consegue trabalhar a outra não. Abri minha empresa está aqui, formatado. Eu sou freelance, aí eu consigo estudar e trabalhar em qualquer lugar ainda. Eu trabalho que eu gosto, eu sou professora.

CC-2: Nossa é engraçado Pesquisadora, que nessa mesma semana, você deve lembrar do Santos? Eu estou com o irmão dele.

Irmão de Santos. Tá fazendo história que nem o irmão. Nessa mesma semana, saímos lá da Fatec. Foi muito legal, o pessoal de primeiro ano curtiu? Viu a estrutura, recebeu os alunos, um professor, entrou lá para se apresentar. O primeiro ano para eles, ficaram encantados, o terceiro está. Falei para Diretora, você está recebendo os melhores, os melhores alunos, porque quem não quer a gente já exclui da ali atrás. E aí ele chegou, Santos

Foi lá ajudar o irmão que o irmão está com dificuldade no curso.

Ele terminou educação física e olha que bacana, e acabou entrando de novo em ADS, na Fatec

Pesquisadora: Voltando um pouquinho nas atividades de contextualização. É feito algum acompanhamento do conteúdo mesmo, não só de horas? Você consegue fazer alguma análise? Enfim, é para ter um entendimento. Do que as empresas parceiras estão ofertando para o nosso aluno, o que você poderia me dizer a respeito disso?

CC-2: Olha da contextualização, eu tenho esse olhar nos projetos, nas apresentações dos projetos. A gente entra em pedagogia por projetos. Pesquisadora, eu sempre eu sempre defendi. Que pedagogia através de projetos dá certo. Então, quando chega nessa fase, no final do ano, quando acontecem as apresentações

Aí você tem o retorno, lógico. Saesp, Saeb, olimpíadas de matemática, toda essa parte Olimpíadas, torneios, isso também faz com que a gente tenha um olhar do que está acontecendo na sala de aula.

Acho que não sei se nas outras Etec é assim, mas lá a gente deixa. O professor trabalhava à vontade, não engessa ao você é obrigado a trabalhar isso. Eu vejo como um ponto positivo. Pena que alguns professores não entendem esse ponto positivo, ele tem Liberdade para trabalhar.

Por ser pequeno e todo mundo muito próximo, dá para trabalhar até intercurso. Interdisciplinaridade, os professores se encontram todos os dias aqui, eles têm tempo para discutir.

A semana de planejamento é curta, mas vocês têm aqui uns momentos que favorece, o que a coordenação puder auxiliá-la, vai auxiliar, a gestão e coordenação é bem aberta, mas eu só vejo quando tem projetos.

Se não tiver projeto. Não identifica. Então tivemos uma nota baixa no Saesp, português e matemática, então, aí você vai começar a analisar.

Sentei com a CP e pedi para me ensinar como é que analiso o Saesp. Então, matemática e português, estava assim olha só os cursos da tarde, eles estão sendo um pouco mais prejudicados, porque? São os determinados que ministram aulas.

Porque os indeterminados estão de manhã, porque eles querem trabalhar de manhã e ir embora. Agora os professores determinados, eles acabam aumentando sua carga à tarde Eu falei assim, os cursos da tarde, o aluno não vai trabalhar, ele não vai ajudar

o pai e a mãe. No meio do caminho, aí daqui a pouco muda professor, cada professor tem a sua didática, sua metodologia.

E quando entra no AMS, esse professor não conhece o curso.

Até ele entender, ele já está saindo.

Exatamente, eu estou sem professor de português estamos aí aguardando um próximo. Aí os professores da casa que estão auxiliando, mas a gente sabe que não. Não é como professor da turma direitinho.

Agora o professora de Geografia, por exemplo, poderia pensar no que eu posso contribuir para melhorar o curso do AMS ? Ele não se mostra receptivo.

Então, esse seria um ponto para se melhorar, a integração entre os professores.

Pesquisadora: Você indicaria esse curso?

CC-2: Sempre

Pesquisadora: O que você destacaria de ponto positivo?

CC-2: A formatação, essa modalidade de ensino médio, técnico e superior não tem outro lugar.

Pesquisadora Kullerkupp: E um ponto a ser melhorado.

CC-2: Melhorar realmente a integração, integração de tudo, tá Pesquisadora: Integração, das atividades de contextualização profissional, da empresa parceira, Fatec e Etec. Precisa o aluno tem a ideia que ele foi para Fatec e acabou a ETEC. E não é essa ideia.

Pesquisadora: É uma, continuação é a mesma instituição.

CC-2: Não, então isso eu vejo até na outra Etec, porque eu estou na Fatec próxima também, não é AMS

E quando eu entrei lá que eu já conheci o curso, Oh gente, eu conheço o curso da Etec, agora eu estou aqui na Fatec e integração de vocês? Os professores disseram que não vê mais ninguém de lá (Etec)

Pesquisadora: E o currículo?

CC-2: O currículo atualizado, o currículo plano de curso quando a gente recebe que eu leio bonitinho, né, que eu vejo, ainda mais agora que ele veio com as diretrizes.

Que a gente recebeu esse ano. discutimos bastante as diretrizes, e eu tenho os 2 cursos, eu tenho os jogos e AMS e eu vejo que tanto a parte da BNCC está mais integrada O que a BNCC vai contribuir para o para a sua formação

Quando eu falei para os professores, vai dar trabalho, porque quem quer colocar isso em prática, não é a mesma didática, terão trabalho par aplicar.

Pesquisadora Entendi, você tem acesso ao currículo da Fatec. Eu fui cara de pau e pedir, eu sei porque senão eu vou atropelar vocês.

CC-2: E atropeliei. Não tem, quem os planejamentos de aula têm. Aí eu falei, eu vou atropelar vocês e já estava atropelando mesmo, porque quando você implementa projeto, você atropela.

Pesquisadora: É verdade, porque o projeto ele te dá uma amplitude maior, do que vai ser trabalhado. Então por isso que seria importante quando se pensar no plano de curso já se pensar num plano de curso único, não é realmente um plano de curso integrado que tanto vocês tivessem acesso ao que eles estudariam no quarto quinto ano.

CC-2: Não tem, eu pedi, eu que li e eu que analisei, foi no início desse ano que eu falei, eu estou recebendo o jato, o pessoal está indo para lá.

Final do ano passado, eu já tinha pedido, não chegou na minha mão, E o esse ano, que a Diretora me deu, e eu entrei na Fatec, aí eu tive acesso ao plano decurso. Aí eu tive, e aí eu analisei, no que eu analisei, eu falei assim, atropeliei os cara, porque eles (alunos) vão chegar sabendo tudo isso, eles gostaram da minha turma. Eles chegaram com isso, isso, isso já chegaram com a ideia de formação de grupos. Eles já tinham, os alunos já sabiam, trabalhar com projeto com muita facilidade, porque a recuperação deles foi através de projetos. Eu trabalhei, não me deram antes. Na verdade, deveria ter acesso ao plano de curso já integrado (Etec/Fatec)

Pesquisadora: Então, é um outro ponto que a gente pode tentar melhorar aí para os, para os próximas implementações e para continuidade do curso.

CC-2: Eu acho que o desafio hoje é integração Pesquisadora.

Pesquisadora: Gostaria de falar mais alguma coisa.

Não, não, eu acho que é um curso que agora fundação Y apareceu, ela está colaborando bastante.

O documentário que vai sair aí eu estou até ansiosa porque animou, motivou bastante os meninos. Motivou mesmo porque eles se sentiram importantes, então, e eles foram lá gravar tudo.

Então, desde os preparativos da documentação que eu tive que buscá-lo no da Fatec,

Pesquisadora: O que precisa melhorar, então é a integração e comunicação?

CC-2: Olha, já tentaram colocar uma pessoa dentro da Fatec como um coordenador para ser-se integrador. É, tem os coordenadores de curso que dentro de todas as suas atividades tentam.

Pesquisadora: É, e os mentores, que seriam aqueles aquelas pessoas da da empresa como a empresa aí, no caso ela, ela é é digital, então não tem aquele contato do mentor ali, conversando, articulando.

CC-2: Não, ainda não, eles não, porque eles também quando eles entraram no curso, eles tomaram um susto, eles não estavam preparados pelo número de alunos, pela formatação do curso, porque quem passou a no aditamento foi o pessoal lá do centro Paula Souza.

Não é alguém que deu, foi um dele a dor, mas ele não estava. Ele não estava de frente com a realidade. Isso também foi outra coisa que quando a empresa chegou e viu como era ele, até eu lembro até hoje. Paula, eu preciso de um fim de semana. A gente precisa de uma semana para parar e entender tudo isso aqui, porque ele já tinha terminado todas as visitas. A última foi a nossa, e eles são mundos diferentes, realidades diferente.

E aí ele falou assim de o idealizador lá me falou outra coisa.

Hoje ela está fazendo a integração. Se ela tiver o ano que vem com essas propostas, talvez dá uma ideia, entra na cultura e aí eu sinto.

Depois vai verificar se esse investimento vai valer a pena ou não, porque eu sei que é investimento,

Pesquisadora Adorei conversar com você, não porque não é. Você tem toda uma visão aí bem técnica, e acompanhou o curso desde o começo,

Pesquisadora: Obrigada.

CC-2: Imagina beijo, tchau.

Pesquisadora: Beijo, tchau.

APÊNDICE G- ENTREVISTA COORDENADOR PEDAGÓGICO

CP-1 COORDENADOR PEDAGÓGICO DA UNIDADE ESCOLAR REGIÃO DO ABC.

UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL
PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU-PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

PROJETO DE PESQUISA: VERTICALIZAÇÃO DO ENSINO:IMPLEMENTAÇÃO DO PROGRAMA DE INTEGRAÇÃO ENTRE O ENSINO MÉDIO A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL ARTICULADO AO ENSINO SUPERIOR

Coordenadora Pedagógica 1: Professor Licenciado, ministrando aulas nos componentes técnicos e coordenando o curso na modalidade de ensino Ensino Técnico de Nível Médio Articulado ao Ensino Superior em uma Etec na região do ABC.

Pesquisadora: Eu vou explicar um pouquinho do que é a proposta. A proposta é ter um entendimento desse processo de implementação do AMS, nas unidades escolares, para assim, como é uma nova modalidade de ensino, ela não só é nova na nossa instituição, mas é nova é de uma maneira geral !

Eu fui, eu fiz uma pesquisa, não existe essa modalidade de ensino em lugar nenhum do mundo. E eu não sei se você teve conhecimento de como surgiu essa modalidade de ensino !

CP-1: Não.

Pesquisadora: Não teve o conhecimento? Então tá. Essa modalidade de ensino, ela surgiu de uma ideia, que a IBM, ela já tem essa modalidade, uma parte dessa modalidade de ensino, se é assim que a gente pode dizer. Uma parte dessa modalidade de ensino, em 26 países do mundo. Então o que a IBM fez? Eles empensaram Em formar jovens, para depois de ter a disponibilidade desses jovens, para trabalhar na empresa.

Então eles entraram em contato com as escolas, que para nós seria o ensino fundamental e o nono ano. Esses alunos já passaram a ter algumas palestras, mas assim, 100% voltado para o trabalho. Então a proposta deles era trabalhar, fazer mais

algumas atividades com esses jovens, que pra nós seria o nono ano e a partir do ensino médio esses jovens iriam para a empresa, ter algumas atividades dentro da empresa e também eles iriam para a Universidade. Então eles realizam atividades dentro da empresa, cumprem horas dentro da empresa. Eles também têm aulas na universidade, mas como crédito. E depois ao término disso eles poderiam ingressar no curso superior. Porém esses alunos, eles receberiam uma certificação da empresa. É uma certificação profissional só. Quando veio essa proposta para a professora Laura, em 2018, o professor Almério buscou essas informações e uniu ao que a gente tem da nossa educação. Porque nós já tínhamos a partir de 2012, a possibilidade do ensino médio integrado. O que é o integrado? É o médio integrado ao técnico que era o ETIM. Com o novo ensino médio em 2012, se abriu uma nova possibilidade não só o nível integrado e integral, como também o articulado. Ou seja, ele pode ser integrado dentro do mesmo nível de ensino, na horizontal e articulado ao nível superior, na vertical, por isso que a gente fala verticalização do ensino! A gente já viu isso historicamente. Eu fiz um estudo desde o Império, e você percebe! Esse movimento tanto nos níveis na horizontal quanto na vertical. Para quem já tá há muito tempo de educação e você com certeza, já deve ter ouvido falar, do exame de admissão que tinha

CP-1: Sim, eu lembro.

Pesquisadora: Lá atrás tinha exame de admissão, que era na verdade um exame para a ascensão de nível de ensino! Que seria aí uma verticalização também. Então o professor Almério, o que que ele fez? Ele pegou essas informações da IBM, uniu com a legislação da educação básica integrada à educação profissional e pensou aí nessa modalidade de ensino, então surgiu a partir disso! A gente até fala que o novo ensino médio prejudicou, mas deu outras possibilidades.

CP-1: Sem dúvidas.

Pesquisadora: E quando bem pensadas e realizadas elas propiciam oportunidades Ou não! Aí é o meu estudo, vem dentro disso! Dessas oportunidades ou não! Então é uma introdução da proposta do projeto. A pesquisa, ela consiste mais, nas questões das atividades de contextualização profissional! Porque o currículo, a gente sabe que é um currículo porque a gente já vem trabalhando com currículo integrado e já trabalhamos da década de 80 ! Depois voltamos a trabalhar em 2011, 2012, quando voltaram os ETIMs. E aí, o ETIM teve uma mudança virou AMS. por conta também da lei de 2017, enfim, então o foco da pesquisa é mais voltado para essa contextualização

profissional. Bom, eu quero deixar você bastante à vontade para expressar assim, tranquilamente o seu pensamento. Ele é sigiloso.

CP-1: Sim.

Pesquisadora: Eu estou gravando, mas eu vou transcrever tudo. Depois eu encaminho para você ler, se você concorda, se é o que você realmente disse! As informações, elas não vão ter o nome das pessoas na dissertação, por uma questão de ética.

CP-1: Certo.

Pesquisadora: Então pode ficar tranquilo, que tudo que for conversado, não vai ser pontuado, enfim, tal pessoa falou e deu determinada informação, enfim, e expor isso. E também deixar eu de lado no sentido de supervisão!

CP-1: Tá. Eu estou com uma pesquisadora.

Pesquisadora: E assim, qual é a ideia, a vontade? É ao fundo, no fundo, de auxiliar né?! É ter a informação para poder tornar o trabalho das pessoas melhor! Poderia instrumentalizar as pessoas, para que elas consigam realizar o trabalho delas da melhor maneira possível! Porque a gente sabe que dentro das unidades tem a parte teórica e tem a parte prática, que é o fazer então quais as dificuldades desse fazer que a gente pode enquanto pesquisador, pensar e auxiliar e ajudar! Então a ideia é essa tá Salomão? Se você não se sentir à vontade e não querer participar....

CP-1: Imagina!

Pesquisadora: Ou não gostar de alguma pergunta, você tem toda a liberdade de não responder, de não querer, de não falar, enfim.

CP-1: Deixa-me só me situar nesse papo. Pra você ter noção do quanto entrosado eu tô do assunto. Eu sabia que esse projeto veio da IBM e sabia que existia em outros países mas, não sabia que era do mesmo modelo que está sendo implementado aqui! Pra mim era um modelo similar. Tem duas coisas aí que aconteceram, que eu achei bem interessante.

Quando nós estávamos para criar o curso de mecatrônica, eu tava naquele projeto do Centro, mas acabou não dando certo. Mas, eu conversei com uma pessoa, que na época, eu não consigo lembrar o nome. Mas ele ficava, se não me engano, como vice superintendente, acredito. Ele tinha essa ideia de verticalização muito claro na cabeça dele. Em seguida, em seguida não, alguns anos depois, veio esse projeto da IBM. Eu achei até que era alguma coisa relacionada. E com relação aos ETIMs também. Eu não sei se você sabe, mas a Etecfoi um modelo para implantação em 2011, acho que

foi, mais ou menos. A gente montou aqui, foi uma batalha nossa. Uns 10 anos, a gente montou um plano de curso para voltar o ETIM de mecatrônica e nós estávamos com dificuldade em implantar isso.

Mas por sorte, vamos dizer assim, apareceu o Programa Brasil Profissionalizado e que o Governo Federal estava incentivando a colocação de ensino integrado estava disponibilizando uma verba grande para isso. Aí eles usaram o nosso plano piloto para poder voltar o ensino integrado. E no ano seguinte já apareceram, acho que, nesse primeiro ano foi só nossa escola que teve. Foi como piloto mesmo.

Pesquisadora: Foi o primeiro.

CP-1: Aí no ano seguinte apareceram mais umas 05 ou 07 escolas, colocando ensino integrado e aí voltaram todas praticamente.

Pesquisadora: Acho que todas

CP-1: Então, na realidade, esse assunto para mim, também é minha história na escola, meio que sem querer. Quando veio o pra cá. Eu fui um dos grandes entusiastas do Programa, porque eu achei a proposta fantástica, por essas duas questões principais. Uma pela verticalização que eu achei que era uma coisa legal, uma coisa muito coerente. A gente acompanha os nossos alunos da FATEC, por exemplo, e vemos que causa até um desânimo, eles verem na FATEC, mais ou menos a mesma coisa que eles viam aqui na ETEC. Entendeu? **Esse programa de verticalização do curso, voltado a esse público, que já tem uma preparação, que já tem uma base aqui. É pra eles, além de economizar tempo, acho que diminuiu um semestre. Eu não lembro.**

Pesquisadora: Isso. Alguns um semestre, alguns um ano. Depende da habilitação.

CP-1: Uma assim, uma objetividade maior. Eu não sei como que a FATEC está aproveitando isso, honestamente, eu não estou acompanhando. Mas deu uma objetividade maior ao curso da FATEC. Porque não precisa ficar recolocando conceitos, retrabalhando conceitos que os alunos tiveram, modéstia a parte, muito bem aqui na ETEC. Então isso é legal. E a questão da prática profissional também. **Dos pontos positivos da prática profissional, é uma coisa muito legal. O aluno ter essa vivência durante o período acadêmico, eu acho essencial.**

Quando a gente mudou...eu tô falando, falando e falando aqui e eu nem cheguei as suas perguntas ainda, mas a gente chega lá ta?!

Pesquisadora: Não, vai falando! Pode ficar tranquilo. Tô aprendendo aqui.

CP-1: Quando a gente retirou a obrigatoriedade de estágio, não sei se você sabe também. A gente foi e participou ativamente desse processo. A Ivone na época, chamou a gente da ETEC Jorge Street. Pra saber como era aquela vivência de fazer o projeto de formatura, que aqui a gente chamava de projeto de formatura, antes de surgir o TCC.

Pesquisadora: Ah, que legal.

CP-1: Na realidade, não é bem isso. Na verdade, ela chamou a gente para tentar resolver o problema do estágio. E nesse papo, a gente colocou, sobre o projeto de formatura. Aí veio a ideia de usar, de institucionalizar o TCC e fazer isso, entre aspas, uma equiparação com o estágio, entre aspas. Mas surgiu daqui também. O TCC acabou surgindo aqui da escola. Com isso o Centro Paula Souza ganhou, em termos de números, porque em termos de efetivação do curso. Porque, os alunos que não faziam estágio, eram tidos como evadidos, porque não concluíam o curso.

Pesquisadora: Isso mesmo.

CP-1: Na verdade, 100% dos alunos eram formados, mas a gente perdeu essa questão muito importante dessa vivência com a empresa! Que é fundamental.

Pesquisadora: Verdade.

CP-1: E com o ETIM então, como era em período integral, perdeu-se totalmente ! E aí não havia possibilidade do pessoal do ETIM, fazer de alguma forma o estágio. Com esse programa do AMS, abriu-se essa possibilidade e mais do que isso Meio que, institucionalizou. Colocou-se a necessidade de garantir. Acho que são 120 horas, não lembro direito. De prática profissional, que é essa ligação, mais firme, com o setor produtivo que, para os alunos eu acho essencial. Fora, as outras atividades que são interessantes.- Eu gosto muito desse programa. Eu acho assim, esse programa junto com a Bandtec A bandtech tem um programa fantástico. Não sei se você conhece?

Pesquisadora: Não, não conheço.

CP-1: Um dia a gente pode conversar sobre isso.

Pesquisadora: Ah, legal eu quero saber.

CP-1: Somos muito parceiros. A maioria dos alunos deles são nossos ex-alunos. A gente tem uma ligação muito legal e eles tem também um programa fantástico. Porque eles conseguiram garantir isso. Garantir a inserção do aluno no mercado de trabalho concomitante ao desenvolvimento das atividades acadêmicas e só tem vantagens para esse processo, só tem vantagens para todos os lados.

Pesquisadora: Com certeza. Então, essa proposta da Band Tech eu não conhecia ! Não tinha ideia e não sabia dessa trajetória toda que você me contou não !

Da questão do TCC! De juntar o projeto e certa maneira!

CP-1: Historicamente, a Jorge Street sempre foi assim, tida como, sei lá, como piloto para muitas coisas, até as aulas teórico-práticas. As aulas teórico-práticas, foi o Du. Em conversas, lá que a gente fazia, meio que sem... não formalizadas. Assim como foi o projeto de formatura que a gente fazia aqui, sem ter a disciplina do TCC. A gente fazia um TCC, sem ter formalmente um componente curricular pra isso. Então, várias coisas surgiram aqui como piloto, modelo inicial, para entrar no Centro como um todo.

Pesquisadora: Assim, quando foi implantado o [] você estava como coordenador pedagógico?

CP-1: Sim.

Pesquisadora: Quais foram os desafios, porque foi piloto. Então quais foram os desafios que você encontrou na implementação e que você observa que talvez continue ou não? Enfim, quais foram os desafios?

CP-1: Para nós, especificamente entramos no programa “de supetão”. Foi assim, de um dia para o outro, antes de abrir vestibulinho, e que a gente a entrada. Só pra você ter uma ideia. Porque apesar de estarmos no programa, o nosso programa é um pouco diferente. Começou um pouco diferente dos outros. Os outros estavam muito mais claros. O curso era na FATEC e tinha-se a IBM como empresa parceira. Quer dizer, a empresa que estava propondo o Programa, era a parceira. Então a coisa estava muito mais clara, muito mais estruturada. O nosso parceiro era outro, era a Empresa, que por questões até formais, demorou para se fazer o acordo e tal. E como eu disse, esse acordo aconteceu, um dia antes da abertura do site, da inscrição do vestibulinho e foi só aí que foi confirmada a nossa participação 3.1

Pesquisadora: Nossa, um dia antes....

CP-1: Quando nós iniciamos o Programa, a coisa não estava muito definida. Primeiro porque nós tínhamos que alocar esses alunos aqui na nossa unidade. Então era um curso novo, um curso a mais e não na FATEC. Porque a FATEC não disponibilizou espaço para isso lá, apesar de ser aqui do lado. A Empresa estava tão perdida quanto nós, entendeu

Pesquisadora: Imagino!

CP-1: Nós tivemos sorte, de encontrar uma pessoa lá, muito proativa e interessada no Programa, e a gente conseguiu assim, aos poucos, ir se entrosando, ir se

acertando, montando cronograma de atividades. Ela se assustou inicialmente com a imaturidade dos alunos. Acho que ela esperava os alunos, mais maduros. A pessoa lá, responsável pela Empresa. Aí nós fomos conversando com calma, e a coisa foi se acertando. Eles veem muito imaturos mesmo para a primeira série.

Pesquisadora: 14 anos 14, 15 anos.

CP-1: É impressionante como eles mudam em 1 ano, é impressionante. Eu acho que o ensino técnico, ele ajuda muito nisso também.

Pesquisadora: Você fala a mudança de amadurecimento mesmo!

CP-1: Isso. Ele ajuda muito nisso. Porque a gente já teve somente ensino médio aqui também e a gente notava que essa imaturidade persistia até o terceiro ano. A postura do aluno, que era do ensino médio era muito diferente da postura do ETIM. De alguma forma é mais evidenciado mesmo do que o ensino técnico.

Pesquisadora: Assim, a gente tem o ensino médio, o ETIM, o AMS. Do ETIM para o AMS, você conseguiu perceber a diferença? Porque do médio pro ETIM você já falando que o aluno, é ele é mais comprometido, mais maduro. E do ETIM para o AMS, você conseguiu?!

CP-1: Sim, essas diferenças são sutis, mas elas são relevantes. Eu senti assim, um AMS, um sentimento de pertencimento maior. Ele, se sentindo assim, como parte de um programa, entendeu?! Como tendo uma oportunidade que outros colegas não estavam tendo, entendeu?! E dando valor a essa oportunidade. O que eu achei que seria mais importante para ele, não sei se foi realmente, que é essa parte da articulação, da verticalização

Pesquisadora: As atividades de contextualização profissional

CP-1: As atividades de contextualização profissional, e assim, eles participaram da gente, pelo menos eu senti muito mais no início, quando eu estava participando mais ativamente do programa. “Tipo”, se esforçando para que desse certo. Você entendeu?! A gente estava se esforçando bastante para que isso desse certo. Para que desse certo o Programa. E a gente acreditava no programa, ! A Márcia, “entrou de cabeça”. A Márcia que era coordenadora do AMS, desde o início, ela entrou “de cabeça” nisso. O envolvimento dela” De cabeça”! E as respostas que a gente tinha dos alunos e da Empresa acabaram sendo muito positivas, durante o “desenvolver” do processo então, no primeiro ano, por exemplo, eu lembro bem, que quando nós fizemos o encerramento, nós trouxemos o pessoal da Empresa, veio o CEO da Volks,

todos os mentores. E os alunos fizeram uma apresentação toda em inglês, para o pessoal. E eles ficaram assim, superfelizes. Ficaram assim, encantados

Também Ficamos encantados. Principalmente em perceber que no prazo de um ano aqueles alunos...esqueci o nome dela, da pessoa que estava acompanhando, esqueci.

Pesquisadora: Não era Elisangela?

Professor: Elisangela? Não, acho que não.

Pesquisadora: Eu participei de uma reunião, depois vou procurar o nome dela.

CP-1: Ela ficou meio assustada, assim...meio que arrependida. Porque ela não conseguia fazer o pessoal ficar quieto. Era uma coisa assim. Foi uma dificuldade grande ela aprender a trabalhar com os adolescentes. empresa demorou para entender como trabalhar com esses alunos adolescentes, pois vale ressaltar que os alunos ingressam nessa modalidade de ensino com 14 ou 15 anos, portanto muito jovens 5.6 No início, e pra ver, o resultado, de um ano de trabalho assim. Ela se emocionou. Ela chorou na apresentação, foi bem legal mesmo. Porque a resposta dos alunos, foi algo, a altura da expectativa dos representantes das empresas". Ver o amadurecimento desses alunos, é um processo bem legal, bem legal mesmo.

Pesquisadora: Então, você falando do aluno. O aluno, ele tinha mais a visão de trabalho. Uma visão de que ele estava fazendo aquela modalidade de ensino, mas que ele ia continuar os estudos ou a junção das duas coisas?

CP-1: Eu acho que as duas coisas. A gente sabe que aluno é meio sem noção. Entra no ensino técnico meio que empurrado pelos pais. Então ele não tem a noção efetiva da oportunidade que ele está tendo A gente batalha com isso diariamente aqui. No AMS, eu senti isso um pouco diferente, entendeu. Eu acho que ele, como eu disse, eu consegui perceber esse sentimento de pertencimento ao Programa, Dele perceber que ele está tendo uma oportunidade Eu acho que essa diferenciação e até o que causou. Era uma turma diferente que tinha aqui. Era uma turma que constantemente ia até a Empresa, que tinha acompanhamento de mentores, e eles aqui no convívio, com outros alunos. Viam que esses outros alunos não tinham esse tipo de oportunidade, não tinha esse aprimoramento.

Pesquisadora: Entendi.

CP-1: Então, isso foi fortalecendo esse sentimento de pertencimento ao Programa. Se tem uma diferenciação entre o ETIM e o AMS acho que foi isso. Foram essas atividades diferenciadas que acabaram trazendo para o aluno, um entrosamento mais

rápido assim, com o Programa. E depois, uma outra coisa que achei fantástica, foi a ideia de trazer problemas reais da Empresa e, como tema de trabalho para o TCC dos alunos. Foi outra coisa assim, que a Empresa ficou espantada. Com a qualidade de soluções apresentadas pelos alunos e inclusive algumas delas se eu não me engano, foram efetivamente implementadas, entendeu? 2.1.2 Porque a resposta dos alunos, foi algo, a altura da expectativa que se tinha em relação ao processo como um todo.

Pesquisadora: E tão jovens

CP-1: O que ajudou muito é essa cultura que a gente já tem aqui de projeto, que é uma cultura, que ela foi implantada há anos. Então, o pessoal apesar de fazer parte de um programa especial, faz parte da nossa escola, 2.1 então eles estão dentro da cultura da nossa escola. Então o TCC aqui é uma coisa importante, é algo importante. E eles sentem essa vibe do local. Desse envolvimento, que a gente tem, a partir agora do segundo semestre, o TCC e tals. Depois quando ocorreu a pandemia, a coisa deu uma quebra. Eu acho que tudo.

Pesquisadora: Ah, sim.

Professore Salomão: Várias coisas assim E também complicou um pouco essa questão. O Programa também complicou um pouco esse trabalho com o projeto. Complicou um pouco a que acabou sendo virtual, mas aos poucos eu sinto que isso também tá retomando.

Mas o nosso piloto, a nossa primeira turma de ETEC, que foi aquela que eu acompanhei de mais perto. Só ficou a desejar, pra mim a participação da FATEC 3.6 Que ficou a desejar. Porque, pelo que eu entendi do programa, eles poderiam ter aproveitado mais o acompanhamento do processo deles aqui da ETEC, para se entrosar com todo o programa e não simplesmente ver a matriz curricular entendeu. Ver o que o aluno já teve, pra ver o que ele iria ter depois. Demoraram demais se eu não me engano para ter uma matriz do curso deles, para criar uma matriz para o curso deles. 4.4

Pesquisadora: Vocês não participaram da criação da matriz deles?

CP-1: Não, não. Eu senti meio assim...” meio blasé” o envolvimento deles com relação a isso e particularmente o envolvimento da FATEC, 3.6 de São Caetano, ! Eles teriam condições com certeza de ter nossos alunos lá, tá? Teriam condições!!

Pesquisadora: Eu sei.

CP-1: Então, não há desculpas para isso. Achei desagradável. Outra coisa também que eu achei que atrapalhou bastante, foi a intransigência de mudar o horário do

curso. Que deu vários problemas. Que impossibilitavam o aluno de fazer estágio ou qualquer coisa assim. Mas eu já não acompanhei muito essa parte.

Pesquisadora: Isso aí eu acompanhei. Eu acompanhei, eu acabei acompanhando mais e foi bem desgastante essa questão do horário. Era uma diferença. Não era um período tão longo, poderiam ter postergado um pouquinho mais a entrada, para dar possibilidade.

CP-1: O que eu acredito, é que foi conseguido nas outras unidades. As outras FATECs parecem que adequaram o horário.

Pesquisadora: Aham, sim.

CP-1: O que possibilitou, por exemplo, se eu não me engano, a inserção do pessoal em estágio lá nas outras unidades foi quase que total. Acho que a IBM absorveu uma boa parte dos alunos.2.1

Pesquisadora: Uma boa parte dos alunos.

CP-1: Bom, esse processo aqui pra gente foi um pouco complicado. Agora, o desenvolvimento do programa aqui, na época que acompanhei teve seus desafios. Como eu falei para você, porque a coisa não estava muito clara. Pra gente, pra Empresa. O Centro Paula Souza também teve as suas mudanças. Uma pessoa que estava acompanhando o grupo, que iniciou o processo, ele saiu no meio do processo, parece que para assumir um cargo lá no não lembro direito, a gente ficou meio que perdido. No início. e não sentíamos um apoio muito grande do Centro. Do tipo, que até chegou um ponto que a gente chegou à seguinte conclusão. Como a gente deve fazer? O que a gente acha que deve fazer. E depois a gente vê como que fica.

Pesquisadora: Sim. Vamos resolver aqui porque é necessário. O que que ia acontecer!

CP-1: Então acabamos. Tinha toda a preocupação da Empresa, claro, atender aos requisitos, tal, mas a preocupação maior era o de colocar aquilo para funcionar. Ele, esqueci o nome, mas acho que foi isso, o desafio maior foi esse. Foi a gente descobrir. Mas a gente tinha uns parceiros legais. Então isso. Tinha a Marcia, que era “ponta firme”, que “caiu de cabeça” no programa, como eu disse. E tinha da parte da Empresa também, uma colaboração bastante grande, né.

Pesquisadora: As atividades?

CP-1: A intenção de fazer a coisa certa mesmo.

Pesquisadora: Você chegou a acompanhar essas atividades? Eram palestras? Eram, enfim...

CP-1: Acompanhei várias. A integração com a responsável pelo programa na empresa foi muito boa, no que conferiu a construção de um programa de atividades pensadas e apropriadas para o desenvolvimento dos alunos e o cumprimento das 200 horas de contextualização profissional

Pesquisadora: E o que você pode contar disso?

CP-1: Foi bacana, tinha todo processo do adolescente tá fora da escola já, que é uma coisa legal. Até de ter um lanchinho oferecido pela Volks

Pesquisadora: isso é gostoso.

CP-1: Isso tudo faz parte de um “métier”, não sei se você me entende.

Pesquisadora: Sim, sim.

CP-1: E propicia Ele se sentir estando em um lugar diferente, fazendo uma coisa que é diferente, mas é complementar. Pra aquilo. Romper toda aquela dificuldade que o aluno tem inicialmente de comunicação. Esse contato com os mentores que eu também cheguei a acompanhar um pouco, também achava muito interessante e o resultado disso, dele enfrentar esse tipo de situação, é que trouxe esse amadurecimento e eu noto por exemplo, ainda hoje né.2.1 Eu peguei uma parte aí de acompanhamento do programa P- tech. Quando a Márcia saiu da coordenação, eu assumi momentaneamente a coordenação do AMS. Então eu acompanhei algumas reuniões e apesar dos alunos reclamarem de ter muitas palestras somente na parte do sócio emocional5.3, não tem palestras técnicas5.4, estava correndo um processo assim.Não sei qual era o problema que estava acontecendo também com a T-systems, que é a parceira da Empresa, que cuida da parte de informática. Mas quando nós iniciamos o programa, eles tinham bastante conteúdo técnico também nessas palestras e visita técnica também, da parte de informática lá, da T-systems E dessa vez, não sei por que dessa vez, eu peguei a coisa meio no caminho. Estava tendo muitos encontros, com palestras trabalhando as competências socioemocionais e nada, praticamente do ensino técnico.

Pesquisadora: Você chegou a ter acesso a um plano de atividades complementares? Da empresa, do começo do ano, entregar um plano, das palestras, um cronograma,

CP-1: Um programa.

Pesquisadora: Um programa? A empresa encaminhou pra escola.

CP-1: Encaminhou, que dizer, no primeiro semestre, estão falando especificamente deste ano. No início Pesquisadora, foi tudo muito atropelado.

Pesquisadora: Muito empírico

CP-1: A coisa foi se formando, foi se formando e realizando. Não houve tempo de planejamento prévio, entendeu

Pesquisadora: Entendi.

CP-1: Volto a te falar, a nossa entrada foi feita um dia antes da abertura da inscrição do vestibulinho, quer dizer, não houve tempo hábil de se planejar nada. É começar e fazer.

Pesquisadora: Aham!

CP-1: A coisa foi fazendo, acontecendo e se adequando. Depois do projeto já Pedagoga da empresa, acho que era o nome dela.

Pesquisadora: Ah isso mesmo Mariangela, é verdade eu achei que era Elisângela.....

CP-1: Aí já mais situada já. Ai sim, ela já passou pra gente, nos próximos anos, a programação praticamente anual. Quer dizer, não com todas as atividades definidas, mas com algumas delas já bem definidas e esse ano eu percebi também, quando eu entrei novamente, é que tinha-se a estrutura de encontros programada para o semestre inteiro.

Pesquisadora: Bacana.

CP-1: Já definida para o semestre inteiro.

Pesquisadora: Para o semestre todo. Isso é bacana. Quer dizer, daquele início, de construção e agora já tem um caminho.

CP-1: É, mas muita coisa ainda tá sendo formada. Te digo pelo seguinte. Um tempo depois de implantado, o Centro Paula Souza, implantou um sistema de controle Pra ver planilhas, documentos e ela teve que se adaptar do sistema do que a gente já tinha. Nem sei direito como que ficou isso, mas só sei que tinha uma série de exigências, documentos para comprovar a participação do aluno nas atividades. Tipo o aluno fazer um portfólio dele. Que foi passado depois do processo ter sido realizado.

Quer dizer, foi uma coisa insana aquilo. Foi uma coisa insana não sei que negociação que a Márcia fez na época. Acho que quem estava cuidando na época disso, era aquela, como que chama?

Pesquisadora: A Deise.

CP-1: A D, parece que entraram num acordo aí, sobre o que poderia ser colocado e ainda até hoje eu sinto isso, por exemplo. Um pouco antes de eu deixar a coordenação, eu estava com essa negociação com o responsável lá da Empresa, é sobre o controle das monitorias. Porque, o que estava sendo lançado, eram 10 horas de monitoria. Mas a gente não tinha o controle de quem estava participando, quando que estava

participando. E aí negociando com a Volks, eles iam fazer uma planilha de encontros de monitoria. O que ia ser acertado entre o monitor e os alunos, e pra gente ter o controle de que aluno estava participando, que dias que foram feitos esses encontros, quanto tempo duravam os encontros. O que a gente lançava na planilha, simplesmente uma quantidade, que garantia, que era se eu não me engano 10 horas bimestrais, alguma coisa assim, que teriam de encontros de monitoria.

Pesquisadora: Então na verdade você só tem a quantidade de horas? Não que efetivamente estava sendo feito?

CP-1: Não, não. Não tem e eu conversei com ela esqueci o nome da pessoa também, que ta assumindo o lugar da pessoa, que substituía a MA. A pessoa que está lá responsável pelo programa. Eu achava que eles deveriam ter esse controle do trabalho voluntário, lá do pessoal da Volks. De fazer essa monitoria e a gente deveria ter acesso a essa planilha de controle. Saber o dia que foi realizada a reunião, quem participou da reunião, quanto tempo durou essa reunião .bom, pelo menos isso a gente teria que ter, esse controle. Mas como eu disse, ainda hoje, tem coisa, que tão sendo estruturadas e repensadas para serem feitas, entendeu?!

Pesquisadora: Certo. Deixa-me dar uma olhadinha, porque eu fiz um roteiro pra mim.

CP-1: Eu devo ter quebrado todo o seu controle, porque eu to falando, falando.

Pesquisadora: Não, mas é importante, está aqui dentro da proposta. E algumas coisas a gente vai percebendo um olhar. Fica claro seu olhar. Que você olha no comum todo. Você olha pra ele não só como trabalho, mas você vê a questão do amadurecimento. Eu entendo que o amadurecimento é a questão do comprometimento, da postura.

CP-1: Já ia comentar com você, acabei esquecendo. Esse pouco tempo que fiquei como coordenador e que acompanhei esses encontros. Eu achava assim, a postura dos alunos irrepreensível. Achava, mesmo não tendo aquele conteúdo que eles estavam esperando ter, um conteúdo mais técnico. Vou ser honesto com você, eles reclamavam com a gente eles estavam de saco cheio de palestras de cunho sócio emocional. Eu falava que era importante, mas “pô”?

Pesquisadora: E a parte técnica?

CP-1: É queria a parte técnica. Sedentos por isso. Mesmo assim, a postura que eles tinham, as intervenções que eles faziam durante as palestras, o fato de agradecer no final o palestrante de dar um feedback, feedback real que eles realmente pensavam.22.

Pesquisadora: O pessoal da empresa dava o feedback?

CP-1: Não, os alunos.

Pesquisadora: Ah, o aluno.

CP-1: O pessoal perguntava quando pedia feedback. Eles falavam [45:13], esse tipo de questão, da solicitação de ter mais palestras técnicas. Eles colocavam direto isso, não ficava pra eles não!

Pesquisadora: Eles se manifestavam.

CP-1: Mas eu gostava muito. Dá assim, pra perceber a educação dos alunos nessa parte.

Pesquisadora: Entendi.

CP-1: Eu gostei de ver, a postura deles.

Pesquisadora: Oh Salomão! Os professores que ministravam as aulas na ETEC acompanhavam os alunos? O que você pode dizer dos professores?

CP-1: Inicialmente...

Pesquisadora: Os professores ficavam enciumados. Por que de repente falavam alguma coisa da palestra, e o aluno voltava questionando, o que você poderia falar disso?

CP-1: Inicialmente, esse entrosamento era muito maior teve também vários cursos, vários encontros com os professores, lá na IBM Para trabalhar não só a questão técnica, mas também pedagógica ! Então, eu lembro que eu fui em mais de um encontro da IBM para trabalhar a parte prática pedagógica E nós escolhemos, meio que “a dedo” Os professores para participar desse programa A gente sabe que não pode, mas tem como fazer isso Então há um grupo especial, vamos dizer assim, que a gente queria realmente que o programa desse certo. Na verdade, é isso. Então, a Márcia procurava revezar a participação do professor nesses pontos. Então cada encontro ia um professor diferente. Existe todo um problema logístico pra isso, você sabe muito bem.

Pesquisadora: Sim.

CP-1: Esses encontros são no contraturno, o professor tinha aula em outras turmas neste momento. 1.3. Então a gente não podia abusar muito disso, mas a gente procurava proporcionar isso. Tanto ao professor, como também para desafogar um pouco a Márcia Pra não ter que acompanhar todos.

Pesquisadora: Para acompanhar todos, por isso eu também estava curiosa. Porque coordenador não tem tantas horas assim pra poder ir em todas as atividades.

CP-1: Exatamente. Mas ela ia. Mas as vezes eu ia também. A Madalena também já foi em encontros. A gente procurou envolver todos. Inclusive os professores da turma. E esse sentimento de pertencimento que eu sentia dos alunos, eu sentia dos professores também.

Pesquisadora: Bacana.

Professore Salomão: Eles estavam gostando de participarem do programa, naquela roda viva de atribuição, de problemas aqui, de falta de professor, e que não dá, pra dar aquela atenção especial que a gente deu no início.

Pesquisadora: Entendi.

CP-1: A gente tem que, colocar lá a coisa pra rodar, entendeu?! Tem que colocar professor na sala de aula. Então não foi possível manter esse foco, manter o grupo mais entrosado. Houve um entrosamento muito bacana no início por conta desses encontros com a IBM. Isso foi bem legal.

Pesquisadora: É, acho que isso, os professores da parte técnica, da BNCC não?

CP-1: Também, juntos!!

Pesquisadora: Ah, também?! BNCC e parte técnica.

CP-1: Sim, nos encontros pedagógicos, eram todos tá?!

Pesquisadora: Pra todos. Isso é muito bacana. Acho que é um ganho. É um entendimento mesmo! É formar um olhar mais [49:48], para a formação desse aluno! Bem bacana, bem interessante. Eu não sabia que eles haviam participado também.

Deixa-me ver aqui. Bom! Então o professor, foi meio que escolhido, mas pelo visto os professores foram criativos e executavam os que lhe cabiam! E você já falou bastante da Marcia né, que era coordenadora do curso. Depois eu vou ver se converso com ela também. E, com relação a essa parceria, tem aí a escola, dentro da escola, são vários atores. É o pedagógico, é o coordenador de curso, o orientador educacional, e direção. Aí, a empresa que tem essa pessoa responsável! Que no caso era a M.A.mas tinha os mentores Também. E tem a FATEC. Que tá ali junto nesse triangulo aí: escola, FATEC e empresa. O que você entendeu como positivo e, FATEC você já até colocou algumas coisas de positivo e de não tão positivo. Quais foram as dificuldades e as coisas que realmente transitam e acontecem de maneira mais tranquila?

CP-1: Aqui na escola, o facilitador que tinha era a Madalena, também abraçou o projeto, também acredita no projeto. Então, quando a direção acredita no projeto, isso é um facilitador, sem dúvida A Marcia, fantástica. A atuação da Márcia foi importantíssima, porque como eu disse, ela “entrou de cabeça” mesmo no processo.

Então a gente tinha aqui, acho que uma condição muito favorável, com relação aos professores, também. Primeiro que os professores já viam de bom grado uma turma a mais. Já pensando por aí, mais aulas sem dúvida. Segundo que eu sentia realmente que eles gostavam de participar desse processo, do programa, pelo menos inicialmente falando. Eu acompanhei muito mais o início mesmo. Com relação a Volks, eu senti uma seriedade muito grande, um comprometimento muito grande em fazer a coisa dar certo também. Então, foi bem positivo isso. O negativo, aí foi um quarto ponto que você colocou que é o centro Paula Souza aí. Ele não contribuiu muito com o processo não. Talvez por questões circunstanciais, nesse meio tempo também o Hugo saiu. O Hugo era uma pessoa que, é, muito proativa, pelo menos eu sentia assim e que acreditava antes no programa, batalhando bastante pelo programa e também intermediava muito bem essas questões burocráticas, legais. Pra que a coisa fosse efetivada, no que a gente sabe né Pesquisadora?! No Centro, existe essa preocupação, e tem que ter essa preocupação eu sei! Da questão legal, da questão formal, essa preocupação tem que existir sem dúvida, mas tem que ter uma visão mais holística das coisas! Porque não é só aquilo que tem que funcionar, não é só papel que tem que tá com a coisa certa. Todo o processo tem que tá certo!

Pesquisadora: É, é uma engrenagem!

CP-1: Exato.

Pesquisadora: Todo mundo tem que estar em sintonia para que essa engrenagem realmente gere um movimento assertivo!

CP-1: Sem dúvida. Então, tem que ter essa sensibilidade sabe, a [54:40] tem que ter essa sensibilidade, porque tem que se colocar, tem que ter uma relação empática de se colocar também no lugar da outra unidade! A gente ficou a “ver navios” em determinados momentos porque não sabia como era pra fazer, se estava fazendo certo, se não tava. Eu não sentia honestamente um apoio grande, torcendo e uma tolerância também com relação a algumas coisas. E faltou isso, em perceber que a nossa situação, diferente das outras duas unidades que estavam implantando, por exemplo. Eu senti necessidade maior do Centro se impor em relação a Adriane, em colocar esse curso lá e pronto. Entendeu?! E simples assim. E acabou! Em colocar para a Adriane, “Você vai colocar esse curso aí e pronto!” “E acabou!” Não tem justificativa para não o fazer.

Pesquisadora: Concordo. Acho dois fatores e você pode falar se você concorda comigo ou não. Eles terem se apropriado dessa modalidade. Porque na verdade, não

houve uma apropriação da FATEC por isso, pelo programa né. E realmente você falar não, vai acontecer ne?! Obrigatoriamente dentro da FATEC, e se pensar na estrutura mesmo. Por exemplo, a FATEC ter um refeitório, precisa! O aluno precisa da alimentação. É ter a quadra. Então, isso vem da instituição E não da ETEC. Vem da instituição dar essa estrutura para que as coisas acontecessem da melhor maneira possível, que eu acho que essa é a sua fala! Nesse sentido.

CP-1: Exatamente. Eu sentia assim, a FATEC muito “blasé”, não sei se você me entende.

Pesquisadora: Entendo.

CP-1: Tanto faz, uma coisa ou outra. Para a FATEC, isso é um ganho tremendo. Porque praticamente, eles tem uma turma garantida, eles devem ter um problema de evasão sério.

Pesquisadora: Seríssimo.

CP-1: E acredito que com a turma do AMS, esse problema é minimizado e muito.

Pesquisadora: Com certeza.

CP-1: Mas eu sinto que pra eles, não deve ter problema não. Porque eles nem são penalizados por isso. Não são como a gente é penalizados por isso. Então senti eles meio “blasé” com isso, entendeu?!

Pesquisadora: Sim.

CP-1: Deixa as coisas [não dando a atenção que teria que ser dada.

Pesquisadora: Não teve nenhum coordenador, não teve nenhum professor que acompanhou a turma? Ou nesses 3 anos as palestras lá, convites...

CP-1: Por exemplo, quando tinha um evento, eles apareciam lá para falar ! Aparecia pra falar, pra tirar foto.

Pesquisadora: Eles vinham aqui na ETEC? Não chamavam? Eles chamavam os alunos aqui para participarem de eventos lá?

CP-1: Raro, raro. No caso chamavam sim, mas para completar, pessoas lá, pra ter número, entendeu?! Quando eles faziam lá com a tecnologia, eles viviam “pegando” aluno nosso, mas podia ser qualquer um viu?! Não precisa ser do P- tech não.

Pesquisadora: Ah tá, mas não era assim...

CP-1: Era pra preencher o espaço.

Pesquisadora: Não tinha um momento que eles faziam um “A gente vai trazer esses alunos para participarem juntos, para terem uma integração entre aluno ETEC e FATEC?

CP-1: Raríssimo. Acho que se teve foi uma vez. O que tem aí, que eu lembrava , de evento desse tipo, era com a tecnologia e aí eles querem nossos alunos pra () lá nas palestras.

CP-1: Você sabe que nesse tripé, quem ficou muito capenga foi a FATEC, eu senti.

Pesquisadora: Sim, nesse tripé, a falha, da FATEC.

CP-1: O povo daqui colaborou do jeito que pode. Acho que se superou até ! Pra poder dar certo. E, da Empresa eu também senti assim uma seriedade muito grande e uma intenção da coisa dar certo. Bem grande!

Pesquisadora: Se você fosse dar uma sugestão com relação ao programa! É um programa que você entende que é bom que que deve continuar. Que pode ser aprimorado? Ou você quer falar de alguma falha, enfim ! Sugestões de uma maneira geral e colocações.

CP-1: Acho que essas duas características principais do programa que seria, a verticalização e a prática profissional. Eu acho que são duas coisas, que são muito legais. Eu acho que tende a dar certo mesmo! E que criaram essa, essa condição que eu sinto hoje. Que na realidade, o AMS acaba sendo uma turma muito diferenciada eu não vou dizer em termos técnicos. Não tô dizendo em termos, da parte de competências socioemocionais mesmo. Acho que é o bastante nesse aspecto e que acaba até refletindo na parte técnica. Porque eu disse, o pessoal acabou ficando espantado com as soluções apresentadas pelo pessoal, pelos alunos no TCC. Porque eles utilizaram problemas reais para os alunos trabalharem e apresentarem soluções. Eles ficaram espantados porque acreditavam que o os alunos iam trabalhar mais nos conceitos, nas ideias, mas não, já chegaram a praticamente operacionalizar, a colocar sistemas, se não prontos, mas pelo menos....

Pesquisadora: Piloto.

CP-1: Encaminhados para resolução dos problemas então o nível de complexidade desses sistemas é que espantou o pessoal que estava avaliando os projetos. Que depois, a gente faz uma banca para apresentação especificamente para a Empresa. Eu acho que, o que poderia melhorar a IBM, ela poderia dar mais um suporte, maior, já que ela é a mentora do programa! Vamos dizer assim. É o tipo do suporte que ela deu no início. No início ela deu um suporte bem legal!

Pesquisadora: Na parte técnica.

CP-1: Principalmente na parte pedagógica, criando encontro com professores. Isso criou uma identidade maior sabe?! O pessoal com o programa, eu acho que isso tinha

que ser alguma coisa, meio que periódica. O que eu acho que aconteceu foi uma coisa só inicial, na entrada do programa. Para o pessoal conhecer o programa “tal”. E aí, proporcionar por enquanto a outros professores. Eu acho que é uma coisa que tinha que ter continuidade. Precisava ter uma reciclagem vamos dizer assim “De ano em ano, nós vamos fazer um encontro”.

Pesquisadora: Um cronograma da anual da Empresa junto com a IBM, alguns momentos de parada nem que seja um momento ou dois, no primeiro semestre. E um ou dois no segundo, para formação! Seria uma atividade de formação para o professor.

CP-1: Eu achei muito legal isso que aconteceu no início, e não vi acontecer depois. Eu acho, eu presumi, que foi só pra dar o start no programa! Eu presumi.

Pesquisadora: Certo

CP-1: Se tem alguma sugestão acho que seria essa. Uma coisa que eu senti, uma certa dificuldade, também faz isso. Eu não tenho como dizer de uma forma assertiva. É a burocratização de sistema entendeu o controle disso até hoje tá meio confuso para mim. O que o aluno tem que apresentar, esse portfólio do aluno, a gente precisava ter uma orientação melhor. Se planejar junto, uma forma melhor de apresentar esses resultados.

É o seguinte pesquisadora, eu sei que há necessidade de investir nisso, há necessidade de formalizar essa parte, mas você sabe muito bem como é que nosso dia a dia...

Pesquisadora: Sei, sei nossa e como sei!

CP-1: A gente tem que aprender a trabalhar de forma objetiva. Tem que aprender a trabalhar de forma objetiva, senão a gente não trabalha. Senão a gente só cumpre tarefas, a gente cumpre prazos, cumpre. “Ahh é para entregar isso, a gente entrega” Entende? É efetivamente a gente não trabalha o que precisava ser trabalhado. A gente tem que aprender isso. Eu sei que não é fácil e não existe solução mágica entendeu?! Mas é uma coisa que a gente tem que pensar, a gente não pode deixar para lá dizendo “Ah é assim mesmo”, “Ah não”.

Pesquisadora: Ah, eu adorei essa sua fala. Porque o meu mestrado, ele é mestrado profissional E, a minha proposta, é o que você acabou de falar. Eu tô montando um guia de orientações para poder realmente, saber o que está acontecendo nessas horas que você comentou, dos mentores. Do que está acontecendo ali e otimizar essas informações. Então eu estou, já comecei a montar inclusive! Antes de terminar

a pesquisa eu já estou montando “a pessoa ansiosa”. É que é pra assim, ter as informações de uma maneira que realmente a gente consiga fazer uma análise do desenvolvimento Dos alunos, tanto cognitivo quanto socioemocional e que seja fácil Algo que as pessoas já podem estar preenchendo ali “Olha, isso aconteceu assim, assim, assim” e sabe?! De fácil acesso

CP-1: Então você entende muito bem do que eu estou dizendo.

Pesquisadora: Então, a minha ideia...

CP-1: É uma dor que você sente.

Pesquisadora: Sim. É porque quando eu me deparei com todas aquelas planilhas isso também não está dizendo nada.

CP-1: E agora aceita tudo.

Pesquisadora: É entendeu?! Então, a minha proposta, ela é em cima mesmo dessa sua angústia! Então, vamos ver se é o que eu entendi. Essas atividades contextualizam, são profissional, elas realmente fazem a diferença nessa modalidade de ensino! E existe aí o pavor dos alunos por algo mais técnico e não tanto socioemocional

Professor Salomé: Sim.

Pesquisadora: Então. Eu acho que é o que é o bem o foco mesmo da minha se pesquisa Se realmente essas atividades de contextualização, propiciam algo diferente para esse aluno e que isso é conflui aí.. com as competências, habilidades necessárias para ingresso no ensino superior

CP-1: Sim.

Pesquisadora: Eu acho que uma das competências que são as sócias emocionais é de maturidade! Eu acho que isso é uma competência importante quando o aluno vai ingressar no ensino superior! Ele já ter uma base tecnológica aí! Pra dar continuidade aí no curso superior e assim, você cantou lá no meio da molecada, eles têm ideia por exemplo, depois, de continuar fazendo mestrado doutorado ou eles só mesmo falam do curso técnico?

CP-1: Eu não tive esse tipo de entrosamento com os alunos, porque o entrosamento maior era o da Márcia mesmo. Eu, como coordenador pedagógico, na época da implantação, o meu entrosamento era mais com os professores. Eu acompanhava os alunos, percebia essa questão do aluno porque eu gosto de perceber o aluno.

Pesquisadora: Por isso que eu pedi pra você. Que eu sei que você se envolve com a molecada.

APÊNDICE VIII- ENTREVISTA COORDENADOR PEDAGÓGICO

CP-2 COORDENADOR PEDAGÓGICO DA UNIDADE ESCOLAR REGIÃO DE SANTOS

UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL
PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU-PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

PROJETO DE PESQUISA: VERTICALIZAÇÃO DO ENSINO:IMPLEMENTAÇÃO DO PROGRAMA DE INTEGRAÇÃO ENTRE O ENSINO MÉDIO A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL ARTICULADO AO ENSINO SUPERIOR

Coordenadora de Pedagógica 2: Professor Licenciado, ministrando aulas nos componentes técnicos e coordenando o curso na modalidade de ensino Ensino Técnico de Nível Médio Articulado ao Ensino Superior em uma Etec na região da Baixada Santista

CP-2: Oi Pesquisadora.

Pesquisadora: Oi, tudo bom?

CP-2Tudo e você?

Pesquisadora: Tudo “jóia”, graças a Deus! Muito calor aí?

CP-2 Hoje está ótimo. Ontem fritamos aqui, gente!

Pesquisadora: Nossa! Ontem meu filho foi para a baixada e ele falou “mãe, tava muito calor”, mas está certo que vocês aí têm a brisa, né, do mar, nós aqui não temos nada, A gente tem aquele ar quente que vem e é terrível, terrível, mas enfim.

Bom CP-2: eu não quero tomar muito seu tempo, aquele dia eu mais ou menos, falei para vocês, Qual é a proposta então?

É Uma pesquisa do AMS que eu estou fazendo para o meu curso de Mestrado, e quero reforçar aqui, que, se você se sentir incomodada com alguma pergunta, você não precisa responder tá? Se você chegar no final, falar, “Eu não quero mais participar”, tudo bem! Também não tem problema nenhum,

Eu quero que você se sinta à vontade aí para estar. Enfim, colocando, o seu entendimento dessa modalidade de ensino que a proposta é realmente, pesquisar como é que está acontecendo essa implantação? Quais as dificuldades? O que está

dando certo? Enfim, a sua visão enquanto coordenadora pedagógica dessa nova modalidade de ensino, então quero que você se sinta à vontade,

As entrevistas, eu tô gravando, tá? Que a gente está continuando a mesma reunião que estava com a Fátima,

CP-2 Ah tá.

Pesquisadora: Eu tô gravando, depois eu vou encaminhar para você tudo o que estiver na transcrição. Óbvio que eu sempre dou uma lida, porque às vezes sai umas palavras estranhas, quando eu leio.

CP-2 Isso.

Pesquisadora: Essa transcrição...

CP-2 Isso aí acontece, às vezes.

Pesquisadora: E aí você dá uma lida, e vê se você concorda ou não. Ou se quiser alterar ou se quiser complementar com alguma informação. Por que as vezes “Ah, podia ter falado isso”.

CP-2 Verdade.

Pesquisadora: Então eu quero que você fique à vontade. E que o intuito mesmo é teu entendimento dessa nova modalidade de ensino, porque a instituição também, a proposta é ampliar as modalidades de ensino, Então nada melhor do que conversar com quem implantou...

CP-2 É

Pesquisadora: E com quem está ali...é suas primeiras turmas, então é onde... é na prática que acontecem os problemas,

CP-2 É verdade.

Pesquisadora: Então, a ideia é ter esse entendimento do que está acontecendo para poder depois estar auxiliando também . É uma pesquisa, mas a pesquisa é um Mestrado Profissional que visa ter um produto, enfim, é o movimento para que eu auxilie, As escolas que tenham em um produto que realmente atenda às necessidades da escola melhorando aí, Ou os registros ou as questões das relações interpessoais...ou...enfim... o que eu tiver como diagnóstico final aí da pesquisa tá?

CP-2 “Aham”! Certo.

Pesquisadora: Então eu quero começar a pesquisa. Seu nome é CP-2: Reiki.

CP-2CP-2: Paula Rec Martinez.

Pesquisadora: Vocês têm tudo nome comprido.

.

CP-2 Isso.

Pesquisadora: Você é coordenadora pedagógica?

CP-2 Certo.

Pesquisadora: Certo, eu queria que você falasse qual a sua formação e quanto tempo você está na área de educação?

CP-2 É...a primeira faculdade foi arquitetura e urbanismo. E tô há 24 anos na educação. Comecei no curso de edificações, na Etec, por onde eu sou concursado.

Pesquisadora: Você é de edificações.

CP-2 Isso.

Pesquisadora: é arquitetura e urbanismo,

CP-2 Aí depois fiz pedagogia. Fiz as especializações na área da educação.

Pesquisadora: Ah você fez pedagogia?

CP-2 Fiz pedagogia depois.

Pesquisadora: O esquema não? Fez pedagogia mesmo?

CP-2 Eu fiz o esquema e a pedagogia. Fiz os dois.

Pesquisadora: Fez os dois (esquema e pedagogia).

CP-2 Isso.

Pesquisadora: E 24 anos na área de educação?

CP-2 Na área de educação. Exato.

Pesquisadora: Ah tá. No centro Paula Souza?

CP-2 Também essa data.

Pesquisadora: Também é. Você sempre trabalhou na área de educação, trabalhou no Centro?

CP-2 É, já trabalhei no Senac também.

Pesquisadora: Ah tá.

CP-2 Mas foi junto com o Centro, começou no Centro Paulo Souza.

Pesquisadora: Ah então começou já faz tempo?

CP-2 Lá nos primórdios.

Pesquisadora: De pedagógico você tá há quanto tempo lá?

CP-2 Desde 2015.

Pesquisadora: Então....

CP-2 Aí eu fui CCD, fui diretora acadêmica.

Pesquisadora: Ahh foi CCD, diretora acadêmica..

CP-2 Coordenadora de curso,

Pesquisadora: Ah, isso que eu ia perguntar.

CP-2 Sim.

Pesquisadora: Ah acho que você foi coordenadora de curso também.

CP-2 Também (risos).

Pesquisadora: Então você tem aí é?

CP-2 Ah e foi um ano de orientadora educacional.

Pesquisadora: Nossa! É verdade, quando o Thiago entrou

CP-2 Isso. Exato.

Pesquisadora: Nossa. Então você tem a visão de tudo CP-2 É acaba tendo,

Pesquisadora: De professora, de coordenadora de curso, de coordenador de classe descentralizada, de coordenadora pedagógica, de orientadora educacional. Então você tem numa visão aí...

CP-2 Holística.

Pesquisadora: Holística mesmo...do atendimento ao aluno, de atendimento ao professor, então você tranquilamente transita aí.

CP-2 Certo.

Pesquisadora: Enfim, então essa é sua formação, CP-2:, com relação a modalidade ensina AMS tá?

CP-2 Certo.

Pesquisadora: Enquanto pedagógica, qual a visão que você tem dessa modalidade de ensino?

CP-2 Oh! O que eu sinto assim é, qual o primeiro? A nossa dificuldade? É que nós começamos com essa modalidade e veio o período remoto, então, quando nós estávamos descobrindo o que era a AMS, veio a pandemia e nós não tínhamos uma parceria, não tínhamos nenhuma empresa parceira, então essa foi a grande dificuldade. Por quê? Porque a gente não sabia por onde começar. O Centro deu orientação...aquele anexo gigantesco lá! Com tudo o que as empresas tinham, que preencher! Os quesitos que ela tinha que ter pra fazer parte, para fazer a parceria para o AMS e a gente simplesmente, como assim? Professores, coordenadores de ETEC, a gente não sabia onde começar.

E aí a gente pediu ajuda da FATEC. E a Fatec nos auxiliou. Foi assim realmente. Nos acolheu. Eles têm mais entrada nas empresas aqui da região do que nós, tem muito mais. Bateram na porta, levaram a gente aí, pelo braço. Apresentaram e aí a gente

conseguiu a primeira parceria, que foi a Cesari.
Pesquisadora: Certo.

CP-2 Que é uma empresa muito grande, uma empresa muito boa, que foi a nossa primeira empresa parceira, tá? Depois, eles também costuraram a parceria e a gente teve a nossa segunda empresa parceira e a Autoridade Portuária, então nós trabalhamos com essas duas empresas,

O que ocorre é... quando a gente vai...quando as atividades... antes das atividades iniciarem nós planejamos junto com a empresa, sempre junto com a empresa.

Pesquisadora: Aquelas atividades de contextualização profissional.

CP-2: Isso. Porque a empresa também fica perdida, ela não conhece a formação do nosso aluno e nós também vamos descobrir ali a atuação da empresa. Então tem que casar as duas coisas. Então a gente tem várias reuniões aí, de planejamento, longas reuniões, longas aí, presenciais, pelo Teams, para a gente poder planejar as ações (5.1.1), que acho que isso é o mais importante. E aí nesse caso, eu fico com essa experiência de planejamento, de formação, mas, o coordenador de curso, não o coordenador específico da área é muito importante. Porque ele precisa lhe dizer “Olha, essa atividade é pertinente! Esse assunto realmente é bom pra..(5.1.1).” Porque assim, como nós temos a administração e logística na AMS, muitos assuntos são incomuns, mas nem todos, alguns podem ser mais para administração, outros mais para logística. Aí chega um momento que a gente tem que dividir as turmas.

Pesquisadora: Então, tem momentos que eles estão juntos, ADM e logística.

CP-2 Tem momentos que eles estão juntos, tem momentos, tem assuntos, por exemplo, que as empresas vêm pra ETEC. Então eles usam o nosso auditório(5.1.3) e aí a gente pega esse assunto comum, que é tanto da administração como da logística e já faz essa atividade com as duas turmas.

Pesquisadora:Entendi....assuntos.

CP-2 Agora, quando eles vão a campo, quando eles vão à empresa, às vezes eles vão separados. Às vezes eles vão juntos também. Depende do assunto. Então por isso que a gente precisa desse coordenador de curso. É claro que depois de tantos anos trabalhando, você sabe disso, a gente acaba conhecendo o plano de curso tão bem quanto eles, mas é bom que eles validem isso. Não é para nós...

Pesquisadora: Sem dúvida.

CP-2 Porque eles são os especialistas,

Pesquisadora: Aham.

CP-2 De que esse assunto é determinado. Que determinado assunto é bom para essa área e determinado assunto vai mais para outra área.(4.1.1.3)

Pesquisadora: Certo.

CP-2: Então, no primeiro ano de parceria com a empresa , que a gente só tinha a Cesari naquele momento. Fizemos uma reunião com a empresa e tomamos uma decisão que, os trabalhos de conclusão de curso daquela turma iam ser problemas identificados na empresa e aí teríamos o suporte da empresa. Isso não deu muito certo.(4.1.1.3)

Pesquisadora: Ah.

CP-2 Por quê? Porque primeiro, que a empresa para eles terem esse contato esporádico com aluno, é marcado, planejado, OK. Mas aquela necessidade de orientação de um trabalho de conclusão de curso é diferente, então nem sempre eles estavam disponíveis (5.1.1. e 5.1.2). algumas informações, eles também, por protocolo da própria empresa, eles não tinham autorização para passar, Nem usar o nome, da empresa a gente pôde usar em nenhum dos trabalhos desse claro, Difícil a empresa que... você colocar a empresa A, empresa B, tal, nem isso a gente teve autorização, Dos trabalhos de conclusão.

Então a gente sentiu que o aluno ficou um pouco frustrado. Então, para esse ano a gente já não adotou mais isso.

Pesquisadora: Entendi.

CP-2:Então não tem mais isso. Então a gente vai convidá-los, eles pelo menos se comprometeram a vir assistir, a gente faz os trabalhos de conclusão de curso em formato de feira. Então os alunos ficam ali durante aquele período, expondo para qualquer grupo de pessoas que tiver ali presente e a gente vai convidar a empresa, já estão convidados, já estão sabendo, mas não vai ser....o problema não vai ser da empresa, não vai ter o suporte da empresa para o desenvolvimento, vai ser um trabalho feito aqui normalmente orientado pelo próprio professor.5.1.3.

Pesquisadora: Certo, é informação importante essa.

CP-2: Tá? Pesquisadora: Não terá ação da empresa, certo?

CP-2: É. E outras dificuldades assim, que apareceram, é também a necessidade da empresa de remarcar algumas coisas...eles têm, por exemplo, a gente tem, vou até falar especificamente de um problema que a gente está enfrentando... um problema não, mas é uma situação que a gente está enfrentando com a Cesari. Desde o começo do ano, lá desde fevereiro, que foi a primeira reunião deste ano que a gente fez com

a empresa, a gente lembrou. Pediu para a empresa dar a importância de trazer o SG (programa de computador) para os nossos alunos.

Pesquisadora: Certo.

CP-2: E a gente está desde então esperando e nunca trouxeram.

Pesquisadora: Não trouxeram.

CP-2: Por quê? Aí no final agora eles falaram, olha esse setor da empresa é terceirizada, mas eles não estão conseguindo trazer a empresa que eles terceirizam para falar conosco.

Pesquisadora: Esse SG é um programa,

CP-2: Isso, que assim está muito em voga, um profissional que tem esse conhecimento dentro da empresa está sendo bem vista e tudo mais, Mas a gente não está conseguindo. Eles falaram que trariam, tal, mas no final das contas eles acabaram não trazendo (3.4) Então, nem tudo o que a empresa combina conosco ela cumpre(3.3) porque a gente entende que elas tem a tem a outras demandas, É fundamentais ali, para o funcionamento Que às vezes ela não consegue. Ela desmarca, ela remarca, às vezes acaba ficando um programa mais curto do que aquele que foi combinado (3.3), A gente tem que ter algumas cartas na manga até para cumprir essas 200 horas.

Pesquisadora: Ah então, essa era uma pergunta.

CP-2: Isso.

Pesquisadora: Então essas 200 horas não estão sendo cumprida sem integralidade pela empresa. A escola também está buscando alguns outros...

CP-2: Isso

Pesquisadora: Algumas outras parcerias.

CP-2: Isso. Inclusive com a própria FATEC. A FATEC tem a coordenadora lá dos cursos, no AMS, no quarto e quinto ano do AMS que é uma professora...como a gente está aqui no mesmo prédio, é uma facilidade. E ela é uma pessoa muito acessível. E ela veio, a fez uma porção de treinamentos com os nossos alunos (4.3)

Para a escrita de relatórios, coisas que eles têm que fazer, que são complementares às ações junto às empresas. Então como é que vai ser? Como é que vai ser a avaliação? desse relatório? Então foi tudo definido com ela e ela fez uns treinamentos, então essas horas também estão sendo computadas nas 200 horas dos alunos.

Pesquisadora: Ela é professora?

CP-2: Da Fatec?

Pesquisadora: Ela é professora da Fatec. Ela faz isso...

CP-2: Voluntariamente isso.

Pesquisadora: Voluntariamente, ou ela tem uma função para acompanhar esse curso? Não.

CP-2: Não, não tem. A função dela na verdade, é lá na Fatec.

Pesquisadora: Entendi. Então é uma parceria voluntária,

CP-2: Isso. A gente, claro que emite um certificado, para ela, tudo mais.

Pesquisadora: Ela é professora. Já que você comentou da FATEC, Então, a empresa...existe um diálogo dessas atividades com a empresa,

CP-2:Isso.

Pesquisadora: Você consegue dialogar? Vocês têm poder de dizer “ Ah não, essa atividade não serve?” “Não, não atende as competências da matriz de referência”?, porque a gente tem a matriz de referência, dentro do plano de curso.

CP-2:É, a gente não tem....

Pesquisadora: E a matriz curricular e tem a matriz de referência.

CP-2:A gente não tem da FATEC, a gente tem a nossa.

Pesquisadora: A de vocês.

CP-2:Isso.

Pesquisadora: Então, essas atividades com a empresa. Essas atividades conversam com essa matriz de referência?

CP-2:Sem dúvida. As empresas a gente não tem tido assim... é zero problema...

Pesquisadora: Zero problema.

CP-2:De conversar e acertar as atividades,

Pesquisadora: Certo.

CP-2:Inclusive da Autoridade Portuária, é nosso presidente da Autoridade Portuária, veio receber os nossos alunos lá. Era uma atividade que até eu fui acompanhar nesse dia,

Pesquisadora: Que legal.

CP-2:E eles... nossa. Ele veio, ficou lá esperando, falou com os alunos, tal? Eles têm um orgulho muito grande de participar. E a Cesari igualmente.

Pesquisadora: Então, o diálogo com a empresa é tranquilo nessas questões pedagógicas mesmo,

CP-2:Sim.(5.3.1)

Pesquisadora: Vocês complementam alguma carga horária quando não tem alguma

atividade da empresa? E a conversa com a Fatec ficou mais por conta de uma professora...

CP-2: Isso

Pesquisadora: Que voluntariamente... não teve nenhuma conversa sua com a coordenadora de... uma coordenadora pedagógica da FATEC.

CP-2: Não.

Pesquisadora: Ou não tem nenhum coordenador de lá do curso, que é um curso correlato tenha conversado com você algum isso não?

CP-2: Não. O que a gente teve com ela e ela nos auxiliou. Mas não que tenha interferido no programa ou qualquer coisa assim, a gente pediu a ajuda dela, ela é uma pessoa muito solícita...

Pesquisadora: Sim.

CP-2: E ela veio dar essa formação para os alunos

Pesquisadora: E foi muito positivo

CP-2: Positivíssimo muito, muito. Ela é uma pessoa... ela é PhD nessas escritas e tal

Pesquisadora: BacCP-2

CP-2: Então ela é muito, uma pessoa muito capaz. Ela ajuda bastante. Agora, de resto, quanto ao desenvolvimento do quarto e quinto ano. Quando eles entram na FATEC a gente não tem mais, a gente perde o contato mesmo com essa formação do aluno. (1.1.3)

Pesquisadora: Perde o contato. Você enquanto pedagógica, teve acesso ao plano de curso da FATEC ou não?

CP-2: Não tenho.

Pesquisadora: Não tem?

CP-2: Não tem, não.

Pesquisadora: Só o nosso mesmo?

CP-2: Só o nosso.

Pesquisadora: Ou mesmo a ementa, que eles falam? No curso superior, eles falam muito da ementa, então você não teve acesso a ementa deles, certo?

CP-2: Não temos. O que nós sabemos é assim, por exemplo, aqui a gente tem... porque isso a gente acompanhou, até que nós recebemos uma documentação e a gente viu isso lá. Que é assim, nós por exemplo, o coordenador do AMS em logística, é o mesmo coordenador do AMS da formação profissional, do MAS e por acaso é do técnico em logística que poderia não ser, mas por acaso é a mesma pessoa,

Agora, lá na Fatec, não. Eles têm alguém só para cuidar do AMS, são 20 HAE Acho que são 20 horas para um curso e 20 horas para outro curso. Então talvez, nem sei se eu vou te falar, se a gente, no nosso caso, do nosso organograma crítico, a gente teria alguém disponível. Mas seria interessante, porque os coordenadores mesmo e até eu vou te falar, às vezes até o orientador pro senhor Michael, a gente vai voluntariamente. Porque todas essas ações são fora do período letivo, essas palestras aqui, as visitas das empresas, tem que ser tudo no contraturno para somar as 200 horas, além do currículo.

Pesquisadora: Isso.

CP-2: E são todas voluntárias, porque, se o coordenador não tiver no horário de coordenação dele, mas é o horário da disponibilidade da empresa, porque isso ocorre mesmo, Em separar a empresa, Parar um papel, mesmo a parte da empresa, não é toda hora que eles podem fazer isso,

Pesquisadora: Entendi.

CP-2: Então é voluntário. Se ele não está no horário de coordenação ali é voluntário porque não tem horas específicas de coordenação para o programa. São as horas de coordenação do curso, mas não para o programa. Diferente do que a gente recebeu ali. Não sei se está sendo feito assim, mas a gente recebeu que seria feito assim na FATEC. Teriam horas específicas para quem está cuidando do AMS.

Pesquisadora: Horas específicas até para essas atividades de contextualização,

CP-2: Isso. Exatamente para acompanhá-las, corrigir os relatórios porque eles fazem depois que eles vão as visitas. Eles têm que fazer os relatórios, então tudo isso acaba precisando de mais tempo. A empresa sempre emite um certificado e, são cobrados relatórios dos alunos, para evidenciar até a relação do que eles observaram na visita e o que eles aprendem, nas palestras voltadas para o técnico ou mesmo formação socioemocional.

Pesquisadora: É, demanda tempo.

CP-2: Sim demanda, porque as salas, de ensino médio, são cheias, com 30 e tantos, quase 40 alunos.

Pesquisadora: É realmente elas, não é? Tem um número limite de alunos e não desistem até por uma questão de ser da base nacional comum.

CP-2: É, não desistem.

Pesquisadora: Eles não desistem, certo. Então os pontos, mais difíceis aí, mais críticos fica mesmo com essa questão de distribuir o tempo. Ter um tempo para um professor estar acompanhando essas atividades.

CP-2: Isso.

Pesquisadora: Algumas atividades, a empresa não autoriza, que é o caso do TCC que não deu certo?

CP-2: Não deu certo.

Pesquisadora: Na unidade...O que eu queria perguntar dessas atividades de contextualização profissional. Elas atendem as competências sócioemocionais, ou atende a formação técnica?

CP-2:Não, tem as competências socioemocionais também, é minoria (5.3). É em menor número, mas também temos sim, principalmente com o componente URH. Nos dois cursos, tanto a administração como logística, então, tem um momento que até foi a Cesari que fez, que veio aqui e fez um treinamento voltado para isso, para essas competências sócio emocionais no mundo do trabalho.

Pesquisadora: O que você poderia me falar a respeito daquela documentação de acompanhamento das 200 horas, proposta pelo CPS onde devem ser registradas essas horas.

CP-2:A gente monta, é a gente montou, eles tem essas planilhas de controle(CPS). O que a gente está achando, assim, que está um pouco excessivo é que todas as ações tem que ir pro prontuário do aluno, então está bem excessivo.(5.5) Talvez não fosse necessário. Já bastam os documentos necessários que devem ser preenchidos para o acompanhamento do aluno.,não sei, só eles estão se exigindo que se comprove. Então cada uma dessas ações, ele, a empresa sempre emite um certificado(5.5) da visita, com o número de horas, Assinado por alguém. Aí tudo isso tem que ser impresso e colocado no prontuário do aluno, então também não sei se é hoje em dia você precisaria de tudo isso,

Pesquisadora: Aham.

CP-2:Ou poderia ser algo geral para turma com o nome dos alunos, mas eles estão fazendo aluno por aluno. Então cada aluno tem um certificado,

Pesquisadora: É, isso é vida acadêmica,

CP-2:Isso.

Pesquisadora: Então a gente tem que verificar com a vida acadêmica.

CP-2:E aí é quanto ao relatório (5.5), eu até uns dias é...A coordenadora de curso já

tinha sentado com Adélia que essa professora da Fatec tinha feito um esboço ali. Aí eu me sentei de novo com a coordenadora de curso, nossa aqui e a gente montou um outro. Então a gente... eles estão seguindo um padrão que nós montamos (5.5).

Pesquisadora: Ah, então vocês montaram.

CP-2: Que é um relatório da visita (5.5), a gente está orientando e ele está bem, bem tranquilo, Com todos os dados que a gente precisa ali para evidenciar até a relação do que eles observaram na visita e o que eles aprendem (5.5) Nos componentes dos cursos ou de administração ou de logística. Até essa relação, o aluno tem que fazer nesse relatório, que é interessante,

Pesquisadora: Sim, sim.

CP-2: Pra que ele fique atento, tal?

Pesquisadora: Você, enquanto pedagógica, consegue fazer um acompanhamento das propostas das competências que estão sendo trabalhadas.

CP-2: Sim.

Pesquisadora: Você consegue?

CP-2: Sim, bastante, consigo sim.

Pesquisadora: Consegue. E dentro dessas atividades, qual diagnóstico que você faz? Por exemplo, são mais palestras, são mais visitas? Você já falou de competência é socioemocionais ocorrem em um número menor, então, qual a sua percepção das atividades desenvolvidas?

CP-2: É mais pro técnico e mais palestra.

Pesquisadora: Ah tá. São mais palestras e voltadas para o técnico mesmo formação técnica,

CP-2: Isso. Formação técnica. Isso mesmo.

Pesquisadora: Formação técnica você falou das dificuldades, o que você entende que caminhou bem, continua caminhando bem, que é específico dentro dessa modalidade de ensino?

CP-2: Eu achei que fosse ter uma alguma resistência dos alunos, porque você imagina que é sempre contra turno essas atividades. Mas você acredita que não há! Eles são muito motivados, muito motivados mesmo. Isso é surpreendente, porque é um curso vespertino.

Pesquisadora: Ocorre a tarde?

CP-2: Pois é, e assim está sendo... eles estão bem-motivados sim, bem, nossa, o dia

que eu os acompanhei na Autoridade Portuária estavam todos animados, estávamos com 70 e poucos adolescentes lá.

Pesquisadora: Nossa.

CP-2: Eles estavam muito motivados, eles vão, se comportam super bem, nossa, não tenho mais pra falar deles. Tem uma postura. Parece que amadureceram.

Pesquisadora: Isso que ia perguntar.

CP-2: Interessantíssimo

Pesquisadora: Com relação a amadurecimento desse jovem...

CP-2: Isso.

Pesquisadora: Eles, em relação ao M-Tec, por exemplo?

CP-2: Pois é, é muito... eles têm uma postura já mais profissional. (2.1) Assim, a gente vai com eles às empresas com muita tranquilidade.

Pesquisadora: Ah, então eles já desde a primeira série, já demonstram isso?

CP-2: É, então. Uma outra coisa que eu ia falar. O número de atividades das empresas não é tão grande, então a gente não consegue, por exemplo, na primeira série iniciar. A gente oferece para segundo e terceiro porque, por exemplo, numa visita, a empresa não admite mais do que 40. Então a gente tem que fazer várias idas. (3.1)

Pesquisadora: Entendi.

CP-2: A Cesari, por exemplo, a Autoridade Portuária até permite que duas séries a visitem ao mesmo tempo. A Cesari já não permite. Então assim, a gente não está conseguindo oferecer de maneira que eles comecem na primeira série, o que a gente sente muito pra gente já queria desde a primeira série. Então assim, talvez se tivesse mais empresas parceiras, a gente poderia dividir mais. (3.2)

Pesquisadora: Entendi, agora eu entendo por que demais empresas parceiras.

CP-2: Isso.

Pesquisadora: É porque também demanda tempo deles sempre tem que alguém acompanhando.

CP-2: Sim. Exato

Pesquisadora: Preparam alguém para acompanhar? Porque tem os monitores.

CP-2: Na Cesari, por exemplo, quando a gente vai, eles colocam a 3, 4 setores, então você imagina a quantidade de gente que não para naquele momento para receber os alunos.

Pesquisadora: Para receber, e tem os monitores?

CP-2: Sim, tem.

Pesquisadora: Os mentores?

CP-2: Isso. Assim, eles são mais... eles têm mais contato com a gente do que com os alunos, então eles vão mediando ali. A gente tem até um grupo de WhatsApp com os mentores dessas empresas e aí eles vão direcionando as atividades. Conosco, vão dizendo até reagendando, às vezes organizando. A gente vai trocando as informações ali, mais do que com os alunos. Essa parte de mentoria com os alunos também foi algo proposto, mas que ainda não realizou.

Pesquisadora: A mentoria ainda não deslanchou.

CP-2: Não deslanchou.

CP-2: Então, talvez assim, não estou nem falando que seja culpa da empresa.

Pesquisadora: Não, não.

CP-2: Acho que é sempre uma parceria, mas ainda não deu. Ainda não aconteceu.

Pesquisadora: É porque é um processo de implantação.

CP-2: Isso.

Pesquisadora: É, a gente sabe das dificuldades e do tempo, tanto da escola quanto da empresa, no sentido de colocar tudo em prática. Então você vai colocando por etapas as coisas em práticas. (3.1) Aí uma coisa começa a caminhar já de maneira mais tranquila e você vai implantando o outro e assim sucessivamente, Até se chegar aí, num ideal, Que a gente é

CP-2: Isso

Pesquisadora: É o atendimento. Voltando para esses alunos da primeira série... na primeira série, eles têm alguma palestra na escola pela empresa ou não? Ou não tem nenhuma atividade da empresa com eles, da primeira série.

CP-2: Não.

Pesquisadora: Na primeira série, então não tem atividades da empresa. (4.1)

CP-2: Quando a empresa vem, a gente consegue colocar o terceiro e o segundo.

Pesquisadora: Entendi.

CP-2: Que é o que cabe. No primeiro já não cabe

Pesquisadora: Entendi.

CP-2: Aí eles acabam esperando chegar a vez deles. Mas o ideal é que fossem. **Que houvesse mais parcerias para a gente poder já começar.** (3.3) Porque o ideal é que o programa comece na primeira série, não é?

Pesquisadora: Sim, na primeira série.

CP-2: Para formação deles. Eu como pedagógico, eu sinto isso que eles tinham que começar na primeira série já! Ter esse contato com a empresa e já ir absorvendo toda essa conduta, como é a vida profissional (2.4.1) como é que é trabalhar numa grande empresa. Como eles devem se preparar para estarem lá.
Pesquisadora: É realmente.

CP-2: Mas ainda não deu.
Pesquisadora: De repente mais uma empresa contribua aí para atender essa demanda das primeiras séries.

CP-2: Isso.
Pesquisadora: Você tem logística e ADM, certo?

CP-2: É.
Pesquisadora: Você tem duas habilitações, portanto, o dobro da demanda, duas empresas atendem os dois cursos.

CP-2: Isso.
Pesquisadora: Talvez se você só tivesse uma habilitação na modalidade AMS, conseguiria atender a primeira série!

CP-2: A gente já estaria atendendo.
Pesquisadora: Como você tem duas, dobra, e você ainda tem que dividir em grupos para que a empresa consiga atender os 70 alunos, (3.5) por exemplo.

CP-2: É, não.
Pesquisadora: Não dá para entrar 70 alunos dentro de um setor da empresa. Então, tem essas divisões também. Se eu estou entendendo bem o que você está colocando.

CP-2: É, é isso mesmo. A Cesari, por exemplo, ela era gigantesca. Na Autoridade Portuária quando a gente vai lá, a gente vai pra um setor específico. A Cesari não. Ela é em Cubatão. já é o município de Santos. Aí eles mandam um ônibus, que tem 40 lugares, não tem nem como e aí eles levam 40 alunos. Chega lá, eles vão para ônibus separados, porque eles vão para outros setores. É uma empresa...ela é gigante. Era muito expandida, então, assim, colocar 80, eles fogem ao controle, não tem como.

Pesquisadora: Porque você precisa de professores também, para acompanhar, não é?

CP-2: Também. Tudo dentro desse voluntariado que eu te falei. Porque a gente não tem essas HAE para esse programa.

Pesquisadora: Então acho que, poderia ser uma sugestão, HAE específica para o

acompanhamento dessas atividades de contextualização profissional?

CP-2: Ah eu acho, viu Pesquisadora?

Pesquisadora:

CP-2:Eu acho, porque assim, a maior agora a gente está contando com esse voluntariado e uma hora que a gente não tiver mais. (3.5)

Pesquisadora: É, e a demanda aumenta, Sempre aumenta

CP-2:Isso.

Pesquisadora: Agora aqui, vocês tão primeiro segundo e terceiro. Foi uma turma para o para a quarta série na FATEC já

CP-2:Já.

Pesquisadora: Mas aí você já tem aí no mínimo 240 alunos, são 6 turmas, certo?

CP-2:Exato.

Pesquisadora: Então quando você pensa na empresa, atender 240 alunos, divididos em blocos de 20 alunos demanda logística.

CP-2:O que é muito é plausível, porque há muitas empresas que só recebem a gente em visitas técnicas. Muitas vezes tem que dividir as turmas, porque eles só aceitam 20 alunos

Pesquisadora. É

CP-2: Terminais portuários. Veja só, 20 eles falam, só aceitamos 20.

Pesquisadora: Então, se a gente for pensar dessas 6, seriam 12 turmas, né.

CP-2:Isso.

Pesquisadora: 12 turmas para se distribuir aí... essas atividades e cada aluno têm que cumprir 200 horas. Então, quando você pensa em uma habilitação, 3 turminhas, você ainda fala "Bom, mas conforme vão aumentando. As habilitações é e com uma única empresa ou só duas, então realmente vocês precisariam de uma terceira, terceira ou quarta para conseguir atender os alunos desde a primeira série.

CP-2:Que seria o ideal.

Pesquisadora: Que a ideia seria atender 60 horas, 65 na primeira, mas 60, 65 na segunda, 70, ou Entre 60 e 70, no mínimo. Se tivesse mais, e tivesse alguém que pudesse acompanhar esses alunos, é que as empresas não conseguem atender todos os alunos ao mesmo tempo, precisa dividir esses alunos em grupos e, portanto, a necessidade de mais professores para acompanhar esses alunos. Seria...acho que talvez um coordenador aí para atender as atividades de contextualização profissional do curso que nem vocês, que tem aí. Essa quantidade de turmas de x horas para isso

Uma coisa que eu que eu quando conversar com o chefe lá vou falar, viu? Vou falar.

CP-2:Então, porque assim, a Fatec recebeu essas horas. (3.5) Você vê?, eles receberam.

Pesquisadora: É, então. Porque assim é o que eu percebo. Quando você fala, ele sempre perguntava, mas será que precisa? E com a fala de vocês eu tenho como embasar “Oh precisa, por quê? Porque a empresa, ela atende tantos por vez, então precisa de mais professores para poder acompanhar, tem que ter alguém que organize todo esse cronograma, ”(3.4)

CP-2:Olha, desde fazer as autorizações que a gente acaba fazendo, porque a gente não vai deixar um aluno menor sair daqui sem uma autorização,

Pesquisadora: De jeito nenhum.

CP-2: A empresa, ela atende um número fixo de por vez, então precisa de mais professores para poder acompanhar esses alunos , tem que ter alguém que organize todo esse cronograma. É o lanche...é tudo. Porque eles vão ficar o dia inteiro.(3.4).

Eles vão chegar às 8 da manhã às 17:30 e vão voltar pra casa deles às 7.

Pesquisadora: É

CP-2:Então, assim tem condução, almoço. A empresa, vai fornecer tudo, ou não ?

Então tem que ser combinado antes, planejado, Porque senão, não dá certo.

Pesquisadora: É, e aí tem todos os relatórios que eles fazem individualmente.

CP-2:Todos os relatórios, isso.

Pesquisadora: Depois tem a emissão dos certificados. A organização desses certificados então demanda bastante trabalho. Fora o acompanhamento da carga horária de cada aluno, que é o que vocês já fazem para saber se vai atingir. E tem aí a questão da menção, vocês atribuem menções(5.1)

CP-2:Não.

Pesquisadora: Não se fala em menções.

CP-2:Fala se o seu relatório veio ruim, sendo solicitada a correção do relatório. Mas não menção, não têm uma menção, então é assim... realizou de acordo ou não realizou de acordo. Não, não têm uma menção para essas atividades. E são computadas as horas, (5.1)apenas isso, o acompanhamento das atividades de contextualização profissional se dá através de certificados de horas de palestras técnicas, emitidos pela empresa

Pesquisadora: São computadas as horas. E você, enquanto pedagógica, acho que deveria ter uma menção ou não?

CP-2: Ah eu acho que não. Acho que não.

Pesquisadora: Que não? Tá.

CP-2: Não, vejo uma necessidade disso.

Pesquisadora: Certo. Eu tô perguntando por que o pedagógico tem esse olhar. Então acho que é meu pensamento. Bom. Mais alguma questão, que você entende que é positiva, que deu certo ou se lembrou de alguma que não deu certo?

CP-2:.. Eu vejo essa relação, tanto a aceitar... aceitabilidade, A da empresa, com essas visitas, eu acho positiva.

Pesquisadora: Certo.

CP-2: Tanto como o entusiasmo dos alunos. Eu acho que isso daí é muito positivo, muito positivo (2.1.3, 2.1.4) e isso faz, Provocou uma transformação, neles na postura deles. Eles são turmas ótimas. Agora, se você falasse em 3 mg 2 e 3, ma 2, são os 2 terceiros. Não eram, viu? Não eram. E hoje em dia todos os professores falam “Nossa, como é bom trabalhar com eles, ”

Pesquisadora: Então tem diferença entre eles e os M-Techs, por exemplo? Tem?

CP-2: É, eles estão bem motivados e organizados.

Pesquisadora: Eles se destacam, se destacam um pouco mais do que os outros. É, e o você percebe esses alunos, eles falam que eles vão ir para a FATEC, mas depois eles vão fazer outra faculdade ou vão fazer mestrado ou vão fazer doutorado. Enfim, o que vocês, que têm contato aí com esses jovens?

CP-2: A maioria vai para FATEC, viu? A maioria, assim, quase 100% dizem que quer Fatec. Quer ir para a FATEC mesmo.

Pesquisadora: Quer ir pra Fatec? Então isso é...bacana

CP-2: Mas isso é muito positivo, é muito. Sinal que eles gostaram da área, Eles estão entusiasmados,

Pesquisadora: E eles continuam com as mesmas empresas parceiras,

CP-2: Então, Pesquisadora, Eu Acredito que sim, mas assim falar que eu certeza, certeza a gente não tem.

Pesquisadora: Não tem informação nenhuma. Sem informações, tá certo.

CP-2: Se eles estão com alguma atividade lá, o que estão fazendo? A gente não sabe, até gostaria de saber, mas..(4.3).

Pesquisadora: Na verdade, é continuidade, porque quando você pensa, que nós Da educação básica, a gente tem isso do acolher, Eles são Mils

CP-2: Isso.

Pesquisadora: E o que que vai acontecer? E a gente acompanha o aluno egresso, A gente tem já esse hábito, né, de acompanhar.

CP-2: Nossa demais. Ainda mais que está aqui, eles estão aqui. A gente está tão pertinho.

Pesquisadora: É um andar, é um andar, então está muito pertinho. A Fátima falou “Ah as vezes eles, passam aqui e falam um oi para a gente, ” Então isso é muito gostoso, E com relação aos professores que ministram aulas no curso? Eles gostam da modalidade? Eles entendem que o que você pode dizer, ou das aulas, o que? Qual é a visão que você tem?

CP-2: Então, é. Eu acho que eles talvez ainda não tirem o proveito que precisariam (4.3)... que poderiam, Então assim, de fazer... Mas alguns, eu vejo que buscam as informações que eles adquirem nessa formação, Aí, extra. Mas muitos ainda ficam ali só atentos ali ao plano de curso. Ainda não, não sei. Talvez seja um trabalho que a gente precisa fazer. Agora você falando até me despertar algumas coisas que a gente poderia fazer, para que ampliar essa zona proximal aí deles

Pesquisadora: É. Por que eu pensei se vem um cronograma, você tem o conhecimento da atividade, quais competências vão ser desenvolvidas e os professores que estão na escola? Eles têm acesso a essa informação? De repente, será que não seria interessante porque também são competências que eles vão estar trabalhando,

CP-2: É, eu acho que também esbarra agora você falou até raciocinando isso agora, tá? Não tinha elaborado isso até então. Mas assim, essas visitas você vê a dificuldade de não ter as horas, Tudo vai alinhando, vai se costurando. Mas assim, quando essas atividades aí são propostas, quem fica? Fica a coordenação de curso. Fica às vezes eu, o professor até o próprio Diretor Então assim, eles acabam não se envolvendo “Ah não tem tempo”. Ele está em aula, em outro curso, em outra escola, Aí talvez se eles pudessem se envolver mais nisso nessas atividades, eles conseguiriam aproveitar mais, enriquecer mais as próprias aulas,

Pesquisadora: A empresa deu alguma formação para os professores?

CP-2: Não.

Pesquisadora:

Não?

CP-2:Não, só a reunião com os coordenadores, só.
Pesquisadora: Talvez também seria interessante de repente, se a empresa...

CP-2:Interessantíssimo.

Pesquisadora: Conseguisse dar algumas palestras para formação desses professores, Os professores também têm acesso, de repente algum curso? Seria bacCP-2:. Então acho que é uma dica que a gente pode de repente, quando fecha a parceria, já...

CP-2:Excelente Pesquisadora.

Pesquisadora: Já viu uma ideia de fazer uma formação para envolver, Mais esses professores, dentro dessa modalidade, dentro dessas 200 horas. Até para que eles possam palpitar, mesmo no sentido de “ Olha, quem sabe, a empresa não poderia desenvolver tal competência aqui dentro da escola, com os laboratórios que a gente tem? A gente não tem acesso a determinados softwares, de repente, até o professor que não têm acesso aquele software pode ter o acesso para poder passar para outros alunos até do M-Tech, Quer dizer, para que o professor também se sinta valorizado,

CP-2:É essa ótima ideia, você está dando ótima ideia aí pra gente.

Pesquisadora: A ideia dessas conversas e ter ideias pra ajudar todo mundo. Então é uma ideia aí que a gente de repente pode pôr em prática aí para o ano que vem,

CP-2:Pra Cesari inclusive, a gente marcou uma visita desse ano, ainda esse ano , ó para eles mostrarem os sistemas que eles utilizam nas diversas áreas da empresa.

Oh que legal se pudesse levar os professores aí?

Pesquisadora: Então, seria bem bacCP-2:. O se não dá para levar todos levar alguns, depois é fazer uma socialização, não tem elas formações que você faz com o professor e tal, de repente, um professor que foi, ele volta para a escola e forma os outros professores que também anima, Acho que aí também as pessoas se envolvem. Então como diz a molecada, fica a dica,

CP-2:Fica a dica

Pesquisadora: E quais foram...acho que você já até falou alguma coisa, mas quais foram os desafios? Que você...

CP-2:O desafio é esse. Às vezes essa agenda que a gente organiza com eles, manter com as empresas (3.3)porque eles remarcam mesmo por problemas internos, Demandas internas. Alguns temas também que a gente combina com eles, depois eles acabam não conseguindo cumprir (3.3). E conseguir sempre aos professores para acompanhar esses alunos, então acaba ficando sempre as mesmas pessoas,

porque como é no contra turno, eles estão com outra, Eles estão com outras demandas, acabam não conseguindo.

Até que a gente está com coordenadores de curso agora, que super apoiam e comparecem em todas as oportunidades, mas assim, a gente já teve mais, dificuldade nisso. Do coordenador falar que não podia e que não ia. E não conseguiria naquele momento.

Pesquisadora: Às vezes no contra turno está em outro trabalho,então.

CP-2:Está em outro trabalho e a gente não conseguia. E fica, que até vai ao encontro do que você falou que assim, fica faltando, Porque se não vai ninguém da formação técnica ali para receber aquela informação, para depois poder multiplicar. Fica um gap, Nessa formação,

Pesquisadora: Isso. é fica. Eles foram lá, tiveram, Aquela atividade da empresa e?

CP-2:Como é que eu vou usar isso,

Pesquisadora: Acho que seria bacCP-2: o professor ter acesso, enfim, a gente pensar alguma coisa para envolver aí o professor, inclusive o professor da BNCC,

CP-2:Sim, sim.

Pesquisadora: Eu acho que a gente é. Sei lá, de alguma maneira, também contribuir, quando você pensa em competência sócio emocionais, por exemplo, professor de português, é mais fácil, porque a questão dos relatórios disso você acaba conseguindo trazer esses professores.

CP-2:Isso.

Pesquisadora: Talvez ele auxiliar, ou professor de inglês, que de repente o aluno fazer uma pequena apresentação em inglês. Agora, alguns outros componentes, aí é uma questão mesmo da gente pensarem possibilidades.

CP-2:Até teve. Porque você pega a Autoridade Portuária, teve um momento lá que ele leu, os alunos foram apenas, conversar com as empresas que fazem, por exemplo, CETESB, que faz a parte do controle de toda a poluição do mar, de resíduos, que é a parte de biologia, entrou um monte de coisas ali.

Pesquisadora: Biologia, química, física.

CP-2:Sim, um monte, monte da BNCC ali, nossa. Foi fantástico assim,

Pesquisadora: Nossa, eu imagino.

CP-2:Uma Autoridade da área Portuária nisso conversando lá.

Pesquisadora: Imagina o professor de biologia ali junto, o professor de química ali.

CP-2:Não. Eles deslocaram, sem brincadeira, Autoridade Portuária, os melhores

profissionais que eles têm lá para atender os alunos.

Pesquisadora: Esse “Autoridades Portuárias”

CP-2:Antiga CODESP, que era companhia Docas do Estado de São Paulo, que agora chama Autoridade Portuária de Santos.

Pesquisadora: Ah, agora!!

CP-2:Era Santos Port Authority. Aí agora eles traduziram, agora chama Autoridade Portuária de Santos.

Pesquisadora: Então eu falei, gente, se é um outro órgão,

CP-2:Mudou.

Pesquisadora: Não mudou o nome agora sim, É, deixa eu ver aqui se eu não. Bom, as dificuldades você colocou, os pontos positivos também, os apêndices, você também, já falou...a relação empresa, escola, universidade também, Colocou.

CP-2:Assim, apesar dessas remarcações que eles fazem, essas mudanças, mas eles são supertranquilos, a relação com eles, assim também a gente mantém uma ótima relação com as duas empresas parceiras, não tem?

Pesquisadora: É, a gente sabe que cronograma pra muitas vezes acaba tendo que ter algumas adequações por movimentos da própria empresa, de mercado, enfim.

CP-2:É sim. São empresas muito grandes.

Pesquisadora: É que tem aí, às vezes a pessoa que iria acompanhar não vai poder porque surgiu uma reunião de última hora,

CP-2:Isso.

Pesquisadora: Então isso a gente entende. Bom, você indicaria esse curso?

CP-2:Sim, muito, muito, muito, com certeza. Eu espero que a FATEC esteja fazendo um trabalho legal de continuidade, porque eu acho que é uma formação muito interessante. Eu acho que assim, que eles, essa experiência numa grande empresa, é muito raro da gente conseguir. Porque eles vão ter, eles vão fazer estágio, eles têm várias oportunidades, mas numa empresa grande, com diversos processos, eu acho que isso, isso é difícil.

Pesquisadora: O real,

CP-2:E aí, uma vivência única. Isso.

Pesquisadora: É o real. Está acontecendo ali aquelas pessoas que estão ali, elas trabalham ali,

CP-2:É, e isso.

Pesquisadora: Então, suas demandas do dia a dia do profissional.

CP-2:: E aí, o impacto que isso causa eu acho bem legal, acho bem importante.

Pesquisadora: É você? Gostaria de falar alguma outra coisa?

CP-2: Olha só, a minha preocupação é que já me falaram, que queriam aumentar essas 200 horas, pelo amor de Deus, não dá. Complicou. Por causa disso,

Pesquisadora: É. Primeiro precisa se solidificar,

CP-2: Isso.

Pesquisadora: Organizar para que realmente seja uma atividade consolidada não é nem solidificar, consolidar, para que aí se pense futuramente, Mas acho que a gente precisa ainda é ter alguns links De envolvimento dos professores Com essas atividades. A gente precisa ter algumas engrenagens que não estão conversando,

CP-2: Isso.

Pesquisadora: Que não estão bem alinhadas.

CP-2: Exatamente.

Pesquisadora: Para um movimento, que aproveite todas essas informações que estão chegando,

CP-2: Isso.

Pesquisadora: Então acho que a gente ainda precisa alinhar essas atividades para que a gente consolide e fortaleça, Essas relações, aí a partir daí, não é?

CP-2:: Ter mais empresas Tudo isso.

Pesquisadora: É, acho que é por isso que é construção mesmo. A implementação das escolas... estão implementando a gente. Como que tá caminhando? E como que a gente pode enquanto Instituição, ir melhorando esse processo para chegar num ponto em que Essas atividades, elas estão transcorram de uma maneira mais fluida e que os professores da BNCC, do técnico, quer dizer, que exista sim um movimento. De todos e em torno dessas atividades, aí a gente pode pensar em ampliar. Mas eu acho que essas 200.

CP-2: Agora não dá, porque a gente não consegue.

Pesquisadora: Não tem perna. Não tem perna para isso,

CP-2: Agora não dá porque a gente não consegue envolver a primeira série, por exemplo, nisso aí não tem a HE do professor, a gente não consegue, Dificuldade para conseguir pessoas para irem acompanharem nas atividades e precisa, Precisa de sempre, de gente acompanhando, Então a gente precisa ainda acertar isso, para depois pensar em ampliar. Agora não dá.

Pesquisadora: Aí CP-2:, obrigada, viu?

CP-2: Imagina, que isso.

Pesquisadora: Pela sua atenção, de ter disponibilizado o seu tempo, para me atender. Agradeço muito e fico à disposição do que você precisar. Depois eu vou transcrever tudo, aí eu mando para você. Você concorda? Se não concorda. Aí se você lembrar de mais alguma coisa “Ah eu lembrei disso aqui quero que você coloque, ” Que eu coloco sem problema algum, E eu agradeço muito, depois vou agradecer, eu vou conversar com Tiago, agradecer e também disponibilizar, A Fátima, você... Você e a Fátima, vão ver dois alunos para conversar comigo, vai ver um professor,

CP-2: Ah legal.

Pesquisadora: Porque acho que é bacCP-2: a gente escutar toda mundo.

CP-2: Super importante

Pesquisadora: Escutar todos os lados para realmente atender a todos pensar num produto aí ,que atenda a todos vocês aí. E depois, o resultado final da pesquisa eu vou passar para vocês. enfim, A ideia é trabalhar mesmo para... é uma pesquisa, mas é uma pesquisa voltada para auxiliar o trabalho

CP-2: Legal.

Pesquisadora: De vocês e nós também enquanto supervisão, para ter esse entendimento de como acontece, se envolver mais nisso também, Que a gente também é tanta correria que acaba passando,

CP-2: Sim.

Pesquisadora: Então, essas conversas são importantes para a gente também tem entendimento pedagógico mesmo do que está acontecendo. Como que é esse processo no que a gente pode contribuir

CP-2: Ou até ampliar

Pesquisadora: Como ampliar, como passar informações para vocês, para que vocês consigam

articular dentro da equipe de uma maneira mais fácil mesmo um movimento mais rápido para também não ficar muito trabalho para alguns. Então acho...

CP-2: Acaba ficando né

Pesquisadora: Acaba ficando, acaba concentrando. A gente sabe que é um coordenador pedagógico para a escola inteira e tem, cada curso, cada modalidade, tem uma peculiaridade que têm que ser atendida, então como facilitar esse movimento, Essa é a proposta lá do final do produto.

Pesquisadora: Tá? Então CP-2: muito obrigada, viu? Pela sua atenção, tá? Estou à disposição do que você precisar. (Oi, tudo bom, Michael?)

É bom conversar com vocês. A gente sai animada.

CP-2:Que bom, a gente está disposição, viu que você precisar, tá bom? Obrigada você, querida.

Pesquisadora: Tá bom. Muito obrigada, viu CP-2:? Eu vou transcrever todas essas horas aí e depois eu encaminho por e-mail, tá bom?

CP-2:Ta boa querida, muito obrigada.

Pesquisadora: A gente vai se falando, muito obrigado para você também. Uma ótima

CP-2:Pra você também. Tchau, tchau.

Pesquisadora: Tchau

APÊNDICE I- ENTREVISTA DIRETOR

DIRETOR DA UNIDADE ESCOLAR REGIÃO -SÃO PAULO

UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL
PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU-PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

PROJETO DE PESQUISA: VERTICALIZAÇÃO DO ENSINO:IMPLEMENTAÇÃO DO
PROGRAMA DE INTEGRAÇÃO ENTRE O ENSINO MÉDIO A EDUCAÇÃO
PROFISSIONAL ARTICULADO AO ENSINO SUPERIOR

Diretor de Etec 1: Professor Licenciado, atuando a mais de quinze anos no Ceeteps, sendo que a mais de 4 anos na função de Diretor

D-1:Amplitude realmente é para lá de relevante, é?

Foi a primeira ação que eu fiz, não é? O nosso curso na Fatec onde começamos a enfrentar alguns alguns problemas, Eles não tinham a experiência de, na tratativa com alunos daquela faixa etária, foi o primeiro impacto que eles tiveram,

Então, assim, é é compreender o adolescente.

O jovem não é são jovens de 14, 15 anos, então eles promove, falam alto tal e nós tivemos várias reuniões aí com a coordenadora local sobre essas questões,

Eles não aceitavam de forma alguma que falassem.

Até aí surgiu os primeiros impactos negativos, com relação a primeira classe.

Nessa implantação, a falta de laboratórios foi uma questão importante quando eles passaram para o segundo ano, aí não teve, não teve jeito.

Pesquisadora é porque no na matriz curricular tem a disciplina, tem um componente educação física

Essas aulas fossem ministradas no auditório ou no terreno que fica ao lado.

Falei de forma alguma,

Nós vamos, podemos colocar em risco, não é?

É um terreno de esburacado, não tinha como ministrar uma aula de educação física.

Lá, o professor, apesar de todo seu esforço, foi lá dar aula no auditório.

Não é a mesma coisa que o que uma Quadra.

E aí começava as insatisfações.

Eu me reuni várias vezes com a Diretora da Fatec no propósito de levantarmos uma possibilidade de de construir uma Quadra. Nós tivemos contato com todos os departamentos, mas sem sucesso.

E aí os problemas começaram a se agravar, não

É outra questão, inicialmente é os professores daqui,

Da base nacional curricular se deslocavam para lá sem problema algum, Você terminava a aula que pegava um Uber, compartilhava um Uber, 2 ou 3 professores e até assim os valores não eram tão altos assim.

Deu para contornar.

Muito bem, só que não é com com com a questão da inflação, do, do aumento de custos, de tudo.

Aí passou, passou a ser inviável, o deslocamento.

É, então, surgiu várias problemáticas.

Professor, aluno insatisfeito, eles insatisfeitos com a gente, sem falar no comportamento.

Enfim, vários problemas aí que culminaram com a decisão.

Porque implicaria trazê-los pra cá,

Daí eu reportei a você, foi toda aquela discussão tal, mas aí eu pensei, poxa vida, Nós temos que tomar uma decisão.

Qual o melhor benefício para o aluno Nessa, é o meu critério de avaliação.

Melhor benefício pedagógico é mantê-los aqui?(Fatec)

Claro que isso teve efeitos, tá?

Então 80% dos alunos concordaram, 70% dos pais concordou, desses 30%, teve um pai, Pesquisadora do céu, verdade, ele estava a ponto de denunciar,

O curso foi elaborado dessa forma, eu entendo mas o pai não.

Nós entendemos toda essa problemática é, entretanto, existe um prejuízo pedagógico porque não tem laboratório à disposição deles.

Eles impediam a entrada dos nossos alunos na biblioteca. O uso da biblioteca também era restrito, não tem como ministrar aulas de educação física.

Os professores, os nossos da base nacional estavam insatisfeitos devido ao aos altos custos.

Eu conversei com a, principalmente com a Coordenadora Pedagógica

Eu tomei a decisão, eles voltaram para cá. Nós tinham disponibilidade aqui de classes tal. Conversei muito com a Coordenadora do Curso Ela falou, não tem salas de aulas, professores estão aqui mesmo tal. Conversei com a Diretora Administrativa, enfim, todo mundo era contra a vinda deles pra cá, mas falei, não, não tem como. Não tem laboratório, E era uma época de reposição. Pesquisadora, então, e o fato do professor estará aqui. Facilita, não tem deslocamento, não tem nada disso. Então isso facilitou em muito a progressividade das reposições. Só que, claro, nós enfrentamos assim, alguns pais que foram. Foi algo pesado, realmente um deles veio aqui. Xingou realmente, eu falei, eu entendo. A proposta era eles estarem num ambiente universitário, porém, mas não adiantou Queria que voltássemos lá tal. Nós fizemos uma pequena tentativa de retorno. Não sei se você lembra, eles ficaram 23 dias e aí voltaram os mesmos problemas. É nesse intervalo, acho que foi no final. Eu falei, pcom o responsável pala Fatec, infelizmente eles vão ficar aqui. Ele queria realmente que as turmas voltassem lá para, pra, pra Fatec Ipiranga. Diretora não comentou muita coisa, mas eu falei, professor Rafael, infelizmente eles ficarão aqui por uma questão pedagógica, não tem um não tem o que se discutir. Eu fui um pouquinho ríspido com ele e tal aí a Ponto Final, o professor não tem o que fazer, A profissão Pesquisadora dos previsão está sabendo e os alunos estão aqui, felizes, tem laboratório, tem aí depois entrou a merenda, a alimentação escolar, né. Aí piorou a situação, Então não tem nem comida pronta ainda, Então, vários fatores contribuíram para que eles era mane c 100 aqui. Claro que alguns professores, principalmente da área de gestão, não gostaram a essa turma que é e não sei o que. São bagunceiros, são crianças, são adolescentes como todos que nós temos aqui, Não são diferentes, mas claro que significa mais 3 classes, mais trabalho. Mas falei, não esse cara. Uma que, por uma questão pedagógica, enfrentei muitos problemas com os pais.

D-1 Como eu falei, não é?

E o descontentamento do professor Rafael depois de da dessa reunião, nunca, ele não mandou mais um e-mail, não conversamos mais sobre o assunto, não Então ele falou, elabora um projeto, porque não é.

D-1 Eles não podem ir para lá.

D-1 Eu falei, professor, as evidências são claras, **Não tem Quadra. Não, não tem laboratório suficiente, é**

Pesquisadora: É infraestrutura,

D-1 Você sabe nessa, não tem até mesmo.

D-1: **E acolhimento na não há,** Então, hoje ele fica difícil, realmente aqui eles estão, Com os pares aí da mesma idade tem outros outros cursos aqui, então isso facilita a integração deles e tal.

E um ponto positivo do do EMS Pesquisadora é a empresa que ela me surpreendeu. .

Pesquisadora :As atividades de 200 horas foram cumpridas?

D-1: Foram bem além daquele, lembra quando nós estávamos no finalzinho, nós não tínhamos aí talentos ainda.

D-1: E aí ficou naquele desespero, será que a gente vai conseguir cumprir as 200 horas?

D-1 Não é que o pessoal cumpriu,

D-1 Explicamos a necessidade da qualificação para o mercado de trabalho. ,

D-1: É, logo logo estarão lá na Fatec.

D-1: Isso foi bastante positivo. Nós tivemos muito apoio da da empresa parceira,

D-1 Ela contribuiu muito para para disponibilizar, disponibilizar a plataforma e a CC foi muito boa,

Nessa questão, ela contabilizou todas as horas lá conseguimos além das 200 horas. Então, isso é. É, foi muito bom, foi excelente.

E a produtividade que nós tivemos com relação ao cumprimento das 200 horas

Pesquisadora: Sim, sem dúvida.

D-1: Eu fico, fiquei contente, fiquei muito feliz, As vezes eu ligo pra lá.

É, converso com ex-alunos lá.

Pesquisadora: Bom.

D-1 Eles estão felizes, correspondem a performance deles na Fatec.

Como eles tiveram uma base bem consistente, bem robusta aqui, eles não enfrentam nenhuma dificuldade.

Pelo contrário, Pesquisadora, eles dão um show lá em termos de desempenho acadêmico,

Pesquisadora: Bacana.

D-1: Foi muito bom aí, antes disso, o.

O coordenador esqueceu Marcos Matos, número ele.

Ele esteve, conversou bastante comigo com relação ao horário, né, que nós poderíamos oferecer para eles,

Então eles têm muito.

É um híbrido, Tem aulas online de algumas disciplinas lá, mas eles entram 3 e meia, então é perfeito para que ele possa ou trabalhar na parte da manhã ou fazer um estágio, não é?

Então isso foi acertado antes da primeira turma seguir para Fatec,

0:10:36.440

-->

0:10:45.590

D-1 Então isso foi acordado entre nós, já avisamos eles Na Na Na finalzinho do do do do terceiro ano, como indicamos ele.

Falei, olha, pessoal, tá Fatec. E elaborou um estudo,

D-1: Já fez um horário bem adequado para vocês,

Então eles entram 3 e meia same, acho que 7 e meia da noite,

Tem um horário que foi construído, foi elaborado pensando nessa questão do do, da empregabilidade ou ele tem estágio ou ele tem trabalho mesmo,

Então eles ficaram super animados, E assim a performance deles enquanto feedback. Foi muito bom, está sendo muito bom.

D-1:Então a gente fica muito contente com com com isso.

Pesquisadora:Teve um momento de integração da equipe de gestão dos diretores.

Pesquisadora:Entre o Diretor Etec Fatec e da Empresa.

D-1:Diretora , nesse contexto, sim, nós fizemos algumas reuniões. A CP participou, ela é sincera, mas isoladas Etec não lembro, mas ela participou também.

D-1: Nós estudamos a matriz, tal está adequado? Nesse contexto?

Nunca tivemos nenhum problema de relacionamento e tal, ela contribui.

É, ela me auxilia muito e ela compreendeu, A questão de trazer os alunos para cá, Eu pensei desde o início, achei que ela não iam gostar dessa, dessa, dessa decisão e tal, mas foi tranquilo, não?

D-1: Ela falou, tudo bem, tá realmente eu reconheço, não temos estrutura para para suportar o curso, não é?

D-1 Não é nada contra Fatec, nada contra a direção, nada disso, mas é uma questão de melhor benefício para o nosso aluno.

D-1: Então essa. Esse é o critério, se a gente adotou esse critério, ele deve.

Ele deve devereão voltar para para nossa escola.

0:12:46.930

-->

0:12:49.380

D-1 Enfrentamos, sim, foi pesado. O senhor, teve, um rapaz aqui, o pai de um menino que acabou tirando o aluno lá do curso. Ele ameaçou várias vezes ir ao Ministério público. Outros pais também reclamaram, mas não é.

Pesquisadora: Aham.

Explicamos para ele, mas nem todos compreenderam, Nós tivemos perdas de alunos também, mas o aluno compreendeu. É.

0:13:15.680

-->

0:13:19.720

Pesquisadora: Esse aluno que está agora ele já tem esse entendimento.

D-1- Já ele, ele compreendeu a necessidade de ficarmos aqui. É esse terceiro que vai para Fatec o ano que vem.

Eles passaram pelo por esse vai e volta, Então eles compreendem bem a situação, eles se sentem melhor aqui, Se sentem mais acolhidos aqui e tal.

E aí lá só tinha o professor, como coordenador de prédio, a Neide e tal, então, eles ficaram realmente meio isolados lá, Estou aqui tem vários professores. Nós, na gestão tal, então o aluno se sentiu mais mais acolhedor, mas com a Diretora e CP, o Professor lá da condenação local é assim o existe um bom sincronismo, uma boa parceria.

Comunicação eu sempre falo com ela pelo WhatsApp e tal,

Pesquisadora: Boa comunicação, importante.

D-1: Eu acho que por enquanto,

Por enquanto, eu creio que tanto é que no vestibular e eu olhei assim, aonde é que está o endereço desse curso,

Está aqui conosco, tá na sede, está até 7 então.

Pesquisadora: É o que que o senhor deve de positivo nessa modalidade de ensino?

D-1: A ele é extremamente relevante. Gente, não é porque ele propicia a celeridade do ingresso do nosso jovem.

Mercado de trabalho é, enquanto em termos caráter institucional. É maravilhoso, não é, Pesquisadora?

Ele tem a garantia do acesso AA universidade já,

Se ele quiser complementar, fazer um complementação para se tornar bacharel já é uma outra história, mas ele já tem a condição de tecnólogo,

Então é fantástico,

É em média, aí 19 anos ele já tem,

A formação técnica, mas o tecnólogo não é.

D-1 Isso propicia para um campo que faltam profissionais,

O apoio de uma empresa que disponibiliza a plataforma a essa essa análise dessa empresa é verificar se se a matriz está adequada, está alinhada ao mercado. Também

é importante, Como é que eles trabalham?

Pesquisadora: A então teve esse momento.

D-1

E vi. Existe realmente o alinhamento O que nós estamos passando em sala de aula é adequada? Está alinhado ao mercado, então isso foi importante também. E eles sempre elogiam o trabalho da Neide, que o Marcos não é porque está bem alinhado. E a plataforma também complementa essas questões, principalmente as questões comportamentais do do do no mercado Então acho bastante positivo,

Nós passamos a parte técnica. Claro que nós colamos na parte da qualidade pessoal, E eu, principalmente, falo sobre isso em toda reunião, pai, eles mesmos e na aí talents.

Eu dei uma olhada na plataforma tal, dei uma verificada.

Ele também trabalha com essa questão,

Então, a parte qualitativa, profissional, corporativo, ela está construída e a parte técnica, ela.

D-1: Ela está bem alinhada ao mercado de trabalho, tá? São 2 situações assim.

Pesquisadora: E eles trabalham as questões das competências sócio emocionais, não?

D-1 Sim, sim, também trabalho, lá. E até tem uma parceria com a USCS dos psicólogos, alguns alunos estão sendo atendidos..

D-1: É, acho que temos 34 alunos lá que estão sendo atendidos,

Pesquisadora: Quais sugestões que do senhor gostaria de apresentar para melhorar o curso?

D-1:Acho que o modelo está bem construído, bem elaborado, Eu ampliaria, O problema é a questão do do da empresa parceira, É um pouco complicado essa questão porque a gente quase agora que nós temos é a chegada essa semana.

:

D-1:Então, o que a gente propõe seria exatamente isso, agora nós podemos ir a correr atrás, parcerias, talvez uma parceria mais uma inds, quem sabe uma turma noite?

Eu não sei, eu acho bem interessante o grande problema hoje, acho que em termos institucionais todas as Etec estão enfrentando essa problemática,

Que a demanda que caiu drasticamente,

Uns modulares e tal, tanto é que a gente tá procurando aí.

Pesquisadora: E com relação as Atividades de Contextualização Profissional, o que o Senhor poderia falar?

D-1É, eu sempre converso com a CC, eu falo para ela, não é primeiro a obrigação, depois a gente faz a festinha. Só o cumprimento das 200 horas.

Isso é monitorado e ela cumpre muito bem essa questão. A princípio, os alunos são meio, difíceis, não vou entrar, não vai entrar sim,

D-1 A CC pega pesado mesmo no bom sentido. Para que isso seja realmente cumprido e a partir do momento que ele percebe a importância, a relevância dessas 200 horas envolvendo todas as dimensões aí, né, de formação qualitativa, de cidadania, de fortalecimento socioemocional, isso é muito bom.

Empreendedorismo é falado também, legislação, então é um são várias Vertentes aí que ele acaba percebendo, poxa, é bacana assim, do próprio aluno. No finalzinho, ele percebe que que é importante para o processo de formação deles aí.

D-1: A cerejinha do bolo é que a gente costuma fazer, Gente, troca ideia a questão, poxa vida, será que é interessante mudar.

Não sei o quê tal a matriz curricular, o que você acha e tal, ele sempre no nos tem dado apoio nesse nesse aspecto, não é não por enquanto.

D-1:Por enquanto está adequado, já que a própria plataforma plataforma já complementa, essa é esse processo de formação, então a gente por enquanto,

D-1:Estamos tranquilos com relação ao que é ministrado na plataforma em sala de aula.

Pesquisadora:O senhor indicaria esse curso?

D-1: Com certeza, com Certeza. Eu creio que ele personifica a nossa instituição, porque Etec com Fatec isso eu acho muito bom,

Muito interessante porque as a maioria dos o senso comum diz que são instituições separadas, não são, Elas têm que ser se complementar,

Ele tem essa capacidade de articular as duas. Eu acho isso muito interessante.

D-1:É, é assim, a personificação da do centro Paula Souza.

Pesquisadora: Se o senhor tivesse que indicar um ponto, esse ponto tem que mudar.

Pesquisadora::Ou enquanto gestor, qual seria o ponto?

D-1:Pesquisadora é, então eu acho que nesse nesse aspecto, eu vou voltar naquela questão, quando quando nós ofertamos o curso, como ele foi divulgar, olha, o aluno vai estudar na Fatec, embora ele seja aluno da Etec, ele estará alocado nas um ambiente universitário da Fatec,

A Fatec, infelizmente, no nosso caso, não estava preparado,

Isso causa uma certa frustração tanto para nós e principalmente para o aluno. Ele achando que está lá tal a minha ideia era de que os professores de lá falassem e com mais propriedade.

D-1:Eles estão em nível superior, tal explicassem as tendências da da informática, algo que pudesse realmente causou é criar atratividade para o curso. Eu acho que o ponto que que realmente é, não, não está adequado é a Fatec. Não está preparado, se não está preparada, não pode sumir.um projeto dessa dimensão. Eu acho que esse é o ponto chave, porque quando.

D-1: Nós falamos, olha, o curso vai ser ministrado na Fatec e olha, no primeiro momento nós tivemos várias desistências,

Porque, Oh, você falou uma coisa, está acontecendo, outra é, então não fica realmente muito desagradável essa essa questão,

Pesquisadora: Sim, sem dúvida.

D-1:Daí surgiram vários atritos que, principalmente com relação aos pais, Então isso não é bom.

Pesquisadora::E um ponto positivo, não?

D-1:O poder de articular com a Fatec a gente ter é um em relacionamento com eles e principalmente, para o aluno, não é a celeridade que dá. Essa articulação Etec Fatec Em 5 anos ele tem, Uma formação bem sólida,

D-1:Em termos de qualificação profissional, então esse eu acho competitivo, muito positivo e também pela celeridade, pela rapidez com que esse processo é feito,

D-1: Então isso é muito interessante., com 19 anos, e ele pode, avançar para o mercado de trabalho. Está lá preparado, preparadíssimo para para o mercado de trabalho. Esse eu acho um ponto bastante positivo.

Pesquisadora:Então a professor muito obrigada viu de disponibilizar o seu tempo

D-1:Imagina, se precisar mais informações, lembrar da pergunta aí estou a disposição.

Pesquisadora: Muito obrigada Professor.

D-1:Disposição, eu posso chamar o aluno, ele fica aqui na minha sala, tá,

APÊNDICE J- ENTREVISTA DIRETOR

Diretor de Etec 2: Professor Licenciado, atuando a mais de 18 anos no Ceeteps, sendo que a mais de 4 anos na função de Diretor

UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU-PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

PROJETO DE PESQUISA: VERTICALIZAÇÃO DO ENSINO:IMPLEMENTAÇÃO DO PROGRAMA DE INTEGRAÇÃO ENTRE O ENSINO MÉDIO A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL ARTICULADO AO ENSINO SUPERIOR

Coordenador do Ensino Médio Técnico: Unidade do Ensino Médio e Técnico, dentro da estrutura organizacional do Centro Paula Souza, responde pelos cursos técnicos e ensino médio oferecidos nas diferentes modalidades presenciais e à distância. A Coordenadoria dessa unidade (Cetec) se organiza em Grupos de trabalho voltados à:

- Educação à Distância
- Formulação e Análises Curriculares
- Supervisão Educacional
- Capacitação Técnica
- Pedagógica e de Gestão

Pesquisadora: Eu estou fazendo mestrado profissional em educação, na universidade de São Caetano do sul. Além da própria pesquisa eu tenho que apresentar um produto dessa pesquisa, algo que, seja aplicável. A área de estudo que eu escolhi, foi a transição de níveis de ensino, verticalização do ensino, mais precisamente na articulação entre os níveis de ensino médio e superior do CPS. Articulação entre o ensino médio integrado ao técnico articulado ao superior. A proposta da pesquisa, é ter o entendimento e os olhares de todos os envolvidos no processo de implementação AMS. O senhor foi o mentor e idealizador da proposta dessa nova modalidade de ensino, e eu gostaria que o senhor falasse sobre como surgiu a ideia, o processo para viabilizar a implantação dessa modalidade denominada Articulação Médio Superior (AMS)?

CTEM: Olha, uma longa, longa história.

Porque eu tenho até hoje um ofício de 1988, emitido pela professora H, da Pós-graduação, nós fazíamos parte de uma comissão, algo assim, para discutir a verticalização já naquela época. Foi uma portaria que criou a comissão e eu não tenho, não consegui até hoje pelo menos recuperar essa portaria do Superintendente.

Criando uma comissão para discutir a questão da verticalização. Veja como esse assunto é antigo. Eu cheguei a ir com a professora H., até para a Universidade Brasília isso em 1989, eu não me lembro bem, em 1990 para um evento que tinha uma das mesas, era sobre nós apresentarmos, é o que nós tínhamos até então, desenvolvido em relação a verticalização curricular.

E não havia muito interesse, era uma plateia, sei lá, eu de 8 pessoas, 10 era uma coisa, era um assunto totalmente desinteressante na época. Foi feito mais uma roda de conversa ali. Eu lembro dessa história e a coisa não rodou, teve uma pequena experiência em Ourinhos, uma Fatec de Ourinhos, e na época, eu acho que nem era Fatec, era uma espécie de extensão da Fatec São Paulo. Coisa que depois não prosperou e virou a Fatec mesmo de fato de Ourinhos, o professor LC ele selecionava alunos de 4 ou 3 Etecs próximas para fazer um curso superior. Não me lembro qual era o curso, era da área de TI. É possível que esse curso fosse é processamento de dados, como chamava na época. E o técnico também foi uma experiência que não foi bem aceita pelos pares. Na época, só tinham 6 Fatecs, algo assim, e não prosperou, mas era uma tentativa de verticalização.

Seria mais um aproveitamento de estudos, não era uma integração como nós estamos fazendo agora, um projeto pedagógico único. Não sei, eu não vou entrar nessa história porque faz muito tempo, e eu não acompanhei muito de perto. Bom, isso foi provavelmente nos anos, começo dos anos 90, algo final dos anos 80, isso foi o que se pode considerar como uma experiência verticalização curricular

Bom, isso ficou por aí. Eu fiz algumas tentativas, sempre que mudava o coordenador das Fatecs eu puxava esse assunto. Ainda numa conversa dentro do parâmetro do aproveitamento de competência. Não querendo fazer um projeto único, mas que as Fatecs, os professores, de determinado curso é que recebesse um certo percentual de alunos que já tinham a formação técnica. Pois esses alunos não partem do branco, do zero, então, inevitavelmente vai ter um sombreamento curricular

Várias disciplinas não são exatamente iguais, mas elas vão repetir conhecimentos e habilidades que o aluno já traz da sua formação de nível médio, seja dentro de uma Etec, ou pode ser também originário do instituto federal, ou mesmo de uma escola particular, também, ou do Senai, do Senac. Mas nunca houve, pelo menos de forma significativa, uma generosidade, ou uma capacidade também de fazer essas avaliações. Nunca foi algo que esteve dentro do projeto das Fatecs fazer contemplar isso.

Porque eu não sei, teria que perguntar aos diretores de Fatec, eu não sei por que, porque eu estou falando isso, porque isso ao longo do tempo fez com que os alunos de Etec perdessem o interesse em fazer a Fatec, ficavam falando olha, você chega lá X por cento dos cursos é muito parecido.

E depois aqueles que ingressavam também chegavam e se sentiam. É pouco desestimulado.

Porque suas competências não eram contempladas. Isso é muito comum na língua inglesa, geralmente você tem uma política de aproveitamento de estudos, ou seja, se o aluno já sabe inglês, ele é dispensado, é reconhecida a habilidade dele no inglês, mas isso nunca se expandiu para outros componentes curriculares.

Não é do ensino superior, agora que parece que há uma política de avaliação do ingressante e há um aproveitamento desses conhecimentos e habilidades na língua inglesa ou espanhola também. Agora, isso nunca foi, nunca contaminou as disciplinas técnicas ou tecnológicas, então eu sempre cheguei para os coordenadores, conversávamos, mas eles diziam que iriam conversar com a congregação. Tinha uma conversa, e a coisa ia sendo empurrada, esse problema se arrastou por décadas

Porque existem ensino técnico e tecnológico dentro do Paula Souza desde 1982. Então estamos falando de 40 anos de convivência do ensino técnico tecnológico e só agora conseguimos colocar de pé uma experiência concreta significativa a partir de 2019.

É uma discussão de 2018, então foram 35 anos, que ficamos discutindo o assunto, mas nunca conseguimos, implementar, e isso sempre para mim foi um incômodo. Você dentro da mesma instituição, você não fazer essa discussão que ficou engasgada desde que foi criada essa comissão, em 1988.

Veja só, não é. É assustador você falar isso não é bom, mas o que interessa é Por que que começou em 2019? Qual foi o fator? Existe uma lei na física que diz, é que você só muda o estado de movimento, a inércia de um corpo a partir de uma força externa. Estou falando de corpo inanimado, é ele precisa de uma força que impulsiona, se não, ele fica na inércia, ficar parado ou só em movimento.

Pesquisadora: é sim.

CTEM: É aí nessa aquela pedra só se movimenta se você empurrar, aplicar uma força sobre ela

No jogo de futebol é o mesmo, você só muda a direção ou a velocidade da bola. Se você chutar ou cabecear bola, entendeu?

Pesquisadora: Sim

CTEM: Qual foi esse fator externo? Que mexeu com esse assunto emperrado 35 anos.

A proposta do PTECH, que foi trazida pela IBM.

CTEM: A IBM, é uma parceira nossa das discussões curriculares, de capacitação, há muitos anos que a gente faz laboratório de currículo na área de TI, com o apoio da IBM, é um débito que nós temos com a IBM e compensamos formando os bons técnicos nessa área.

CTEM: A IBM Trouxe, numa reunião, creio que em 2018. Onde a IBM de Nova Iorque dos Estados Unidos apresentou a experiência do AMS, que quero uma experiência singela. De você estimular o aluno de redes públicas a continuar, o seu estudo.

CTEM: Qual foi a estratégia do PTECH, era solicitar que essa ou aquela faculdade abrisse as suas portas para que o aluno concluinte, o aluno do ensino médio secundário americano, fizesse uma experiência de cursar uma mais disciplina dentro da faculdade

CTEM: Pra ele sentir que ele tinha capacidade de fazer um curso superior, era algo singelo, simples e fazer o aproveitamento deste componente, se ele ingressasse efetivamente naquela faculdade, queria esse crédito também era um alunos, provavelmente de classe social, como se fala hoje, bem baixa. Que eu nem sei se é o termo adequado, Mas enfim, e quando eles contaram essa experiência, eu falei, nós podemos fazer algo muito melhor que isso. Não, porque era uma vaidade minha, mas pela circunstância do Paula Souza ter Etecs e Fatecs.

CTEM: Eu não precisava, reivindicar a uma instituição fora, que aceitasse o aluno nosso lá era a mesma instituição, então tinha essa vantagem.

Pesquisadora Kullerkupp: Sim, sem dúvida.

CTEM: Eu falei para eles, em tese, nós poderíamos aproveitar essa vantagem, implantar um projeto mais complexo e não falei isso, obviamente, mas muito melhor, claro, é e cumprindo todas as legislações, etc,

CTEM: Claro que naquela época, eu contei com o apoio da Superintendência. Obviamente, não é, mas também da CESU, que eu acho que na época, não me lembro quem estava na coordenação do assessor. Eu acho que era aí, na prática, o apoio maior apoiador foi a vice- superintendência, que na época estava com o professor LT, e ele, de certa forma representava o ensino Tecnológico.

CTEM: Ele tinha sido diretor da Fatec. Então, houve uma compreensão que era fundamental para que nós, juntamente com pessoas da IBM, mantermos as características do PTECH, que é a parceria com uma empresa da área do curso e daí imediatamente a IBM se dispôs a apadrinhar.

CTEM: Implementação em dois lugares, que era Campinas, que depois virou Americana e aqui em São Paulo, que terminou sendo a Etec zona leste, é da ZL e depois, daí conseguimos incorporar a na Etec Fatec de São Caetano do sul.

Pesquisadora : na Etec Jorge Street.

CTEM: Quer dizer, foi mais ou menos, mas foram visitadas a eu acho que a Fatec de Campinas não teve interesse por isso, e terminou migrando a à experiência para americano. Porque aí em Americano nós tivemos o apoio do professor Rafael já desenvolvia um processo de integração com a Etecs próximas lá de Americana.

CTEM: Não era, não tinha nada a ver. Era um processo de integração entre professores e alunos. Visitas mais um estímulo. Para que o aluno das Etecs fossem para Fatec, mas sem discutir currículo, não tinha nada a ver com isso.

CTEM: Era mais uma, vamos dizer assim, uma atitude empreendedora da Fatec de Americana, que entendeu que na época foi muito útil porque o CT CESU abraçou a experiência.

Era um avanço em relação a experiência que ele já desenvolvia, então nós tivemos o apoio de 3 diretores de Fatec, 3 diretores de Etec.

CTEM: Eu digo apoio. Porque você colocar o aluno de Etec. E você sabe muito bem dentro de uma Fatec, obrigaria a Fatec a reformular o seu currículo daquele curso.

CTEM: Como os alunos tinham na faixa de 14 anos, ela passava a ter uma responsabilidade sobre alunos menores.

CTEM: Ela tinha que resolver o problema da educação física do espaço, Ela tinha que ver a questão da alimentação escolar, que é uma obrigação para o nível médio nosso.

CTEM: Tinha que ver biblioteca e laboratório, biblioteca, biblioteca do o aluno não é relativo ao curso médio, técnico e laboratório de ciências.

CTEM: Então tinha que ter um abraço da Fatec efetivo, para nós, entraríamos com o Ensino Médio Técnico, era nossa responsabilidade garantir o professor de fazer a intermediação para garantir a questão da merenda, ou seja, era um pela primeira vez uma parceria Etec e Fatec.

CTEM: Produtiva, intensa não é uma mera cessão de espaços, era um envolvimento no processo pedagógico inteiro que o aluno estava lá na Fatec majoritariamente

CTEM: E isso criava uma possibilidade dos professores da Fatec daquele curso, saber exatamente quem eram aqueles alunos para construir o seu projeto de ensino.

CTEM: É para uma coisa que na hora que você fez a supressão de alguns conteúdos, bastantes conteúdos, é banco de dados, o aluno já vem com o banco de dados, esse banco de dados na Fatec já não é mais o mesmo.

CTEM: E assim aconteceu com 8 disciplina, 9 ou 7, disciplinas e teve um impacto significativo que obrigou, o professor da Fatec a reestruturar não só o conteúdo que iria desenvolver a partir desse patamar, como também em termos de metodologia, iria mudar porque ele iria receber uma turma com 1200 horas de formação técnica naquela área.

Então as relações professor, aluno e o conjunto da escola também, ia mudar em relação aqueles meninos e meninas, mudava, mudava a cara não da plateia.

CTEM: E aquela empresa onde os alunos iam receber uma formação, teria que ter um projeto de 200 horas da empresa. Isso preocupava a mim também. Porque era um projeto que, de no mínimo 5 anos no Brasil, falar 5 anos é uma eternidade.

CTEM: É um país, imediatista. É um projeto longo, complexo e num país em que tudo é muito imediatista, Todas as pessoas querem as coisas para amanhã tal falar em 5 anos. O cara acha que não vai dar certo, é muito longo,

CTEM: E havia uma apreensão, eu tinha uma estimativa, porque um dos objetivos era que o aluno continuasse a formação superior no mesmo este tecnológico Ele faria uma formação densa. Formação densa não é muito complexa, não só porque partia de um curso que integrava a formação geral com técnico, como também IA integrar essa formação geral.

CTEM: Essa formação técnica com a formação superior era algo que exigia um olhar

pedagógico mais intenso para que não fosse simplesmente uma soma de pedaços ou se algo efetivamente integrado. Se não iria continuar da mesma maneira. Para cada um, faz o pedaço, cada um na sua disciplina, cada um no seu laboratório, etc.

CTEM: Eu tinha uma estimativa que hoje, na média, a presença de alunos com formação técnica, oriundos de Etec, nas Fatecs, a média era assustadoramente baixa. Era de 12 a 15% por cento e para nós, não é que temos Etec, Fatec. Era constrangedor, para mim, era constrangedor. Um nível de adesão tão baixa

Pesquisadora Kullerkupp: Verdade

CTEM: Onde beirava o desinteresse do aluno. Parecia um desinteresse, claro, pelas causas que eu já falei aqui no início, não é. Então eu pensava que se esse aluno fosse para Fatec nós ampliaríamos, a minha expectativa era que o total dos concluintes do M-Tec, do ensino médio técnico, 50% prosseguissem.

CTEM: Era uma estimativa positiva, que eu mais que triplicaria o número dos nossos alunos naquela Fatec, e a coisa foi, teve a pandemia, eu falei há com a pandemia, vai ser mais difícil, etc.

CTEM: Mas, para surpresa geral, uma boa surpresa de passagem, é que daquela turma, dos 90% que concluíram o ensino médio, cerca de 80% prosseguiram no curso na Fatec.

CTEM: Foi uma coisa deslumbrante, não é uma coisa, mas eu cautelosamente disse.

CTEM: Bom, mas são tão 3. É um piloto de 3 escolas.

CTEM: O único curso, não vamos sair, ascendendo 1000 foguetes e sair para a rua gritando eureka, não é momento para isso, ainda não é.

CTEM: Foram 3 escolas mais antigas. Deu muita sinergia e a coisa aconteceu, mas como as turmas seguintes foram multiplicadas quase por 10, nós pulamos de 3 turma para umas mais de 20 é mais umas 30, quase foi um aumento enorme. Triplicou, né não!

CTEM: Implantamos e implementamos, a partir daí ampliamos de um curso para 4 cursos ou 3 cursos.

CTEM: Eu falei, aí eu vou medir melhor a aceitação. Percebi que as Fatecs perceberam, que era também um bom momento para inovar, porque se você olha, você tem na Fatec, um único padrão, são todos os cursos, com aquele mesmo padrão de carga horária, et cetera, com 3 anos de duração, é um modelo.

CTEM: Como as universidades são há 345 anos e dependendo da área de formação, então foi uma mudança muito grande. Eles passaram a fazer parte de um projeto e 5 anos em turmas homogêneas, coisa que nunca tinha acontecido.

CTEM: E pelo jeito, Pelo provavelmente a chamada rádio pião,

Pesquisadora: SIM

CTEM: Foi muito positiva, que essas três escolas devem ter passado uma imagem muito positiva do convívio desses alunos, por isso que foi importante o piloto.

CTEM: Os alunos foram fundamentais na relação professor, aluno e o aluno com a escola, com todos os ambientes da escola, para que, de repente, de 3 turmas, nós fôssemos para quase 30 turmas, foi um Salto tremendo, entendeu?

Aí eu já fiquei mais animado, falei, poxa,

Eu acho que a coisa vai, entendeu?

Mas sempre com aquela cautela,

CTEM: Esperar, foi do primeira pro segundo ano e, principalmente, qual era a quantidade percentual de alunos que ia da terceira série do ensino médio técnico para aquele quarto ano dentro da Fatec

CTE: Surpreendeu porque tem sido uma média muito alta, algo em torno de 80%.

Como a conclusão é também na faixa de 90%, então 80%, isso era muito bom.

Essa faixa muito alta de permanência e ingresso na Fatec, o novo desafio agora é da Fatec , de permanência desse aluno na FATEC.

CTEM: Porque esse aluno é um aluno diferente. Que existe toda essa mudança de relação, et cetera, então esse é um projeto ainda está formando, esse ano ainda são 3 turmas , mas eu já tenho uma quantidade de alunos na quarta série, muito significativo, o processo anda enquanto a gente espera. Quanto desses aqueles alunos que entraram em 2020 Quantos estariam indo para ao quarto ano em 2023,

CTEM:O primeiro ano do curso superior. Isso vai ser algo fundamental para dizer se deu ou não deu certo.

CTEM: Deu certo e aí confesso a você que vou pensar em outras coisas. E a verticalização deixa de ser um assunto.

Pesquisadora: Deixou de ser um desafio, não é, professor? O senhor já concretizou, não é?

CTEM: É, passa a ser o desafio de manter ao longo do tempo. O Estadão se interessou em fazer uma matéria a respeito. O jornal Valor Econômico fez uma matéria grande.

Pesquisadora : Eu lia do valor econômico, eu li a matéria, é a respeito.

CTEM: É, fez uma matéria boa, eu já tive, no Senac nacional passando a nossa experiência,

estão muito interessados. Eu estive no Senac de Pernambuco, num evento Internacional que eles fizeram. Eles me chamaram também pra eu apresentar para a plateia lá deles.

CTEM: Eu tive aqui também em Santa Cruz de la Serra, aqui na Bolívia, num evento de uma organização Internacional. Eles pediram pra eu falar de certificação de competência e aí eu aproveitei para dizer que o AMS é também uma certificação de competência no momento em que ela se antecipa e evita que o aluno peça para ser avaliado, para poder pedir dispensa de disciplina, que isso não funciona rigorosamente.

CTEM: Não funciona, o aluno bate na Secretaria, aí mandam ele falar com o professor tal. Ou seja, ele termina indo embora, entendeu? Então eu conversei com ele e disse, olha, O AMS é uma forma de certificação, de competência do médio no superior foi muito interessante a conversa lá em Santa Cruz, aqui na Bolívia.

CTEM: Enfim, é uma experiência, que a experiência começa a deixar de ser. Quer dizer aquele filho que tem chegou nos 18 , 20 anos e ganha vida própria. Eu acho que nós estamos nesse quase, nesse momento com o AMS

CTEM: Estamos num movimento dessa essa experiência se tornar um patrimônio Pedagógico, isso se afirmar com a ida de outras instituições. É isso.

Pesquisadora : Quando o senhor falou do PTECH, eu fiz uma pesquisa, ele acontece em 26 países, com a IBM, mas em nenhum deles a configuração é a que o senhor propôs n. É isso ?Então é algo realmente inovador no mundo.

Pesquisadora: E eu posso dizer enquanto fui Diretora, agora, enquanto Supervisora e com contato com as escolas, e o quanto essa ideia do Senhor é inovadora . E a sua expertise em viabilizar legalmente essa junção.

Pesquisadora: Tem é sido muito bem recebida e eu já conversei com alguns alunos. Eles são unânimes em dizer que é um diferencial.

Pesquisadora: Essa integração entre a educação básica, formação técnica, empresa e a Fatec e as atividades de contextualização profissional, forma um conjunto, onde professores comentam que esses alunos são muito mais maduros.

Pesquisadora: Não é uma formação só profissional, mas, formação cidadã. Aí a gente pensa, na formação, Politécnica, que pode ser complementada com as Atividades de Contextualização Profissional apresentadas na Matriz de Referência. O Senhor poderia falar um pouco a respeito disso?

CTEM: Hum. É outra história.

CTEM: Essa matriz, viu!

CTEM: Nós temos ainda uma cultura, às vezes meio colonizado, né!

CTEM: Então quando veio, o PTECH, havia um interesse de ficar chamando o programa de AMS. Eu tive que intervir e pedir, pois não era o PTECH, que a gente estava se apropriando de algo e fazendo outro, não era, não que a IBM achasse ruim, não, mas eu achava que não fazia sentido. Aí eu criei a expressão articulação médio superior à AMS.

CTEM: Já tinha escola fazendo camiseta com o PTECH, os cartazes também. Somos colonizados aí pelos americanos, não é.

Eu achei, claro, o PTECH que era uma sigla, mas eu tinha que dar a dimensão certa, o PTECH, que é uma inspiração no que nós estamos fazendo aqui é algo diferente. Se é melhor ou pior, só uns 500 anos para saber, rsrsr. Mas é algo diferente.

CTEM: Aí tínhamos a questão, bom, em relação ao papel da empresa, aí você tem também outra história que não é das melhores.

CTEM: Você sabe que o estágio no Brasil nem sempre é levado muito a sério, desde o estágio nos cursos superior, inclusive na licenciatura.

CTEM: Todos nós fizemos estágio para os o nível médio. Geralmente você não tem um acompanhamento efetivo, nem se sabe porque ele(estágios) não é avaliado.

CTEM: Qual é o delta de contribuição do estágio em termos de conhecimentos e habilidades para formação daquele jovem ou daquela jovem? Entendeu! Nunca!

CTEM: E isso é uma certa displicência das instituições. Nos não fazemos isso.

CTEM: O que que aconteceu então. Nós ficamos aguardando que as empresas apresentassem 200 horas de atividades deles, vamos dizer assim, mas aí eu fui percebendo que eles não tinham, que também a experiência deles em relação à escola era aquelas tradicionais visitas técnicas.

CTEM: Não falo que não era legal. Se era uma empresa de alimentos, ele ganhava lá O panetone o pacotinho. Um pacotinho com os docinhos do que fabricava, mas não era curricular, vamos dizer assim, entendeu?

Pesquisadora : Não, não tem um contexto pedagógico.

CTEM: A minha formação, é muito em cima da questão do currículo., eu desenvolvo isso há 40 anos, então eu fiquei pensando, falei não, eu vou precisar chegar num consenso com eles, apresentando uma proposta a partir da qual eles possam fazer um plano de trabalho e nos dar um retorno disso.

CTEM: Eu percebi que eles precisavam dessa contribuição, aí o que que eu fiz. Eu fiquei pensando na empresa, ele não vai avaliar se o aluno domina a física, matemática, nem se o aluno sabe ligar aquela máquina.

CTEM: Não é esse o papel, eles vão ter aqueles grupos de 30 a 40 jovens de 15, 16, 17 anos, e eles podem observar, entendeu, a parte comportamental, as chamadas competências sócio emocionais, me pareceu que isso era razoável.

CTEM: Aí eu peguei dentro do curso, Habilitação de Desenvolvimento de Sistemas, quais seriam essas competências, já que o nosso currículo já tem as competências socioemocionais.

CTEM: Então, o que que seria? Seria aquelas competências e mais algumas relacionadas a vivência numa empresa, onde a empresa poderia avaliar a responsabilidade do aluno a atuação dele. Enfim, eu consegui na época, depois pedi para o professor H, que tem acompanhado isso mais intensamente.

CTEM: Não sei se você já conversou com ele. É, aí eu pedi pro pessoal e o H da área de TI também, para que listassem. Pois faríamos uma matriz de competência a partir da qual a empresa construiria as atividades. Onde o aluno poderia revelar e empresa poderia ter evidências de que aquele aluno estava desenvolvendo aquelas 8 ,10 competências sócio emocionais ou competência associado. Algumas práticas gerais dentro daquela área de tecnologia da informação.

CTEM: Não é ter um certo trabalho. Mas foi algo que a gente conseguiu incluir, é que tudo isso seria algo complementar, extra curricular. A gente não teve segurança para enfiar isso dentro do currículo. Por que a gente não sabia, era um projeto de 5 anos, E tem uma dinâmica principalmente nas empresas mudam, as chefias, mudam, os diretores, etc., são empresas privadas.

CTEM: Então, apesar de ter um termo de cooperação redigido com a matriz, nós também colocamos esse diferencial e pensando na questão dos fatores para que o aluno não precisasse fazer o vestibular.

CTEM: Dentro dos espaços da Fatec já teria um acompanhamento do coordenador do curso.

Ele faria na Fatec, participando também. E teria também essa contextualização a partir de competência.

CTEM: Não aquela história culturalmente dos estágios aqui no Brasil não é, ou pelo menos São Paulo, que é onde a gente conhece, mas não deve ser muito diferente no resto do país. Mas não vou falar, vou falar de São Paulo, que é onde se cinge a nossa experiência, tem que funcionou bem.

CTEM: Apesar da pandemia, deu uns tropeços aí, mas nós conseguimos. E a Supervisão acompanhou se está sendo cumprido. É o projeto Pesquisadora de muitas mãos.

CTEM: A ideia é aquela, mas quando você vai lá desenvolver e aplicar. Depende aí das relações do aluno com a Fatec. Depende dos dois diretores.

CTEM: O projeto é uma soma de uma intenção de uma decisão dos dois diretores Etec e Fatec, que tem que garantir todo essa estrutura que eu falei, tem que garantir que a empresa tenha acesso à escola, organizar 40 alunos para ir na IBM, porque não é fácil você

tem que ter autorizações de informações que são menores, entendeu a responsabilidade e

tem todo um trâmite burocrático que tem e que deve ser seguido.

CTEM: E sim, a Supervisão acompanhando, tem que ter uma capacitação que as empresas podem estar fazendo porque participaram. Dessas empresas tem um envolvimento com a Etec Fatec, com a construção dos currículos. É a realmente esse projeto, não é a soma da BNCC.

Itinerário técnico itinerário superior.

CTEM: Não é um todo, é muito difícil entender isso, entendeu?

CTEM: É uma simbiose Pesquisadora, uma integração mesmo, no sentido de que tem que ter um movimento sincronizado entre todos.

CTEM: Constante e contínuo

CTEM: Sim, é aquele professor que vai dar aula para esse aluno daqui a 2 anos. Olha, tá interessado em saber se ele sabe, qual é o conhecimento dele de matemática, ou o

conhecimento técnico naquela área profissional, quer dizer, se o professor não tiver essa leitura completa, você cai num projeto cartesiano, cada um com a sua disciplina, o pedaço de formação geral, o pedaço.

CTEM: Não tem que ser algo a mais, difícil, não sei se a gente cumpriu isso em 100%, sempre tem os avançamos na questão da interdisciplinaridade envolvendo esse três conjuntos, formação geral, técnica e tecnológica é uma interdisciplinaridade mais complexa.

Pesquisadora: Então, realmente é algo complexo e de construção contínua, não é?

CTEM: Não estou dizendo isso sozinho, aquele professor da Fatec que recebia o aluno do Vestibular não sabia qual era a formação desse aluno, a turma era heterogêneo, em faixa etária, em conhecimento e ele dava disciplina dele, tentando dentro da disciplina superar as deficiências do aluno. Agora não, ele já sabe quais são, é continuidade mesmo.

Pesquisadora: Eu fiz técnico em química e depois fiz graduação em química industrial.

O meu primeiro ano da graduação eu já tinha visto todo conteúdo no técnico.

CTEM: Então eu escuto isso há 30, 40 anos, a integração essa articulação realmente é por conta desse motivo. O aluno dar continuidade no estudo, porque ele não vai ficar assistindo as mesmas aulas.

CTEM: O que eu percebo nas conversas que já tive, o professor também tem que sair daquela zona de conforto. O professor da Fatec também porque ele está recebendo um aluno que já tem um conhecimento e, vão querer um aprofundamento maior e, a possibilidade desse professor da Fatec realmente aprofundar os conhecimentos. E de certa forma, as circunstâncias ajudaram.

Pesquisadora: E, a princípio, eu também chamava AMS professor, mas eu achava tão americanizado.

CTEM: Não era. Articulação Médio Superior é mais claro, mais explícito. Porque também viu Pesquisadora tem um ganho aí.

CTEM: Sabe o que é o ganho de você otimizar a estrutura física das Fatecs, que têm uma alta ociosidade, como todos, o ensino superior no período vespertino, foi também uma forma de dar uma resposta ao investimento público.

CTEM: Você disse, caramba, eu tenho aquela Fatec de manhã com 50% de ocupação, com zero ocupação, a tarde, então você precisa também ter uma responsabilidade

pública como um e de público como dirigente e ver aquilo e ficar preocupado. Então, havia também esse lance e nós estamos otimizando também esses espaços.

CTEM: E essa estrutura tecnológica que ficava ociosa no período da tarde, então você está criando uma Fatec, uma Fatec, que só tem alunos que vende até que uma Fatec diurna. Porquê você corria o risco de repente, o ensino tecnológico passa-se a ser algo noturno apenas, e estamos caminhando para isso mesmo.

CTEM: Aí estavam caminhando e algumas Fatec já eram isso, entendeu. Então, eu acho também que é uma resposta a uma dirigente do trato público, de otimizar, fazendo com que ao mesmo tempo, você expanda o ensino técnico e tecnológico na idade ideal Pesquisadora que e a idade dos 14 aos 20, 21 anos.

CTEM: Essa coisa do nosso ensino superior ser no noturno, isso é um horror, é um absurdo.

Isso é uma jabuticaba? Isso é uma coisa brasileira. Se você tem hoje o provavelmente o ensino superior nosso, não sei qual é o percentual, mas provavelmente ele é majoritariamente noturno, E caminhando muitas vezes pro noturno ou então online, então é um desafio.

CTEM:Há uma reclamação sobre a qualidade do ensino nosso no Brasil, uma preocupação com a questão da competitividade dos nossos serviços e produtos, particularmente em São Paulo, que é um estado exportador competitivo.

CTEM: E você ter uma educação que não evolui. Que não melhora, é comprometedora para o estado e, conseqüentemente, para o país,

CTEM: Então esse modelo, ele, de certa forma pode ser um novo caminho para a construção de um ensino superior tecnológico diurno e que, ainda mais, com uma formação de 3000-4000 horas, dependendo do eixo tecnológico. Aliás de 5000-6000.

CTEM: Você tem uma formação, profissional, densa e de alta qualidade. Isso vai se nós, mas se ficarmos esse modelo, nós vamos impactar a qualidade da mão de obra no estado de São Paulo.

Pesquisadora: certeza.

CTEM: Essa lá no final da história é isso. É pensamento de políticas públicas mesmo.

Pesquisadora; Da gestão pública

CTEM: E aquela instituição ali não é minha, ela é pública e eu tenho que pensar isso. Novas possibilidades de manhã, de tarde, de noite, principalmente de dia onde existem esses vazios.

Pesquisadora: Até porque não é professor, a gente tem muitos jovens que estão sem estudar nessa faixa etária, sabe-se que tem aí um problema da permanência do aluno na rede estadual de ensino, nessas outras redes, eu penso que o AMS vem para ampliar a permanência e a transposição de nível educacional.

CTEM: Claro, e não ficar batendo no peito que tem, 10, 20 candidatos por vaga, que significa uma baita de uma exclusão e uma falta de sensibilidade.

Pesquisadora: Então aí a gente cai na estratificação social da escola.

CTEM: Você mede a qualidade pela exclusão. Ficar orgulhoso porque tem 30 candidatos vaga. A gente tem que atender todos e, se eu tenho espaço para isso dentro das Etecs e Fatecs, por que não? Caramba, é louco.

Pesquisadora: Luta pela educação pública de qualidade para atender a todos.

CTEM: Todos, pois todos que queiram dizer assim., não é todos que queiram isso mesmo.

Pesquisadora: Nossa, muito obrigada mesmo, de coração. Fiquei muito feliz com a nossa conversa.

CTEM: De nada.

Pesquisadora: Muito obrigado, um bom almoço para o senhor.

CTEM: Para nós, tchau, e tudo de bom.

ANEXO A

Registro de Consentimento Livre e Esclarecido

REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa. O título da pesquisa é “Verticalização do Ensino: Implementação do Programa de Integração entre o Ensino Médio a Educação Profissional Articulada ao Ensino Superior”. O objetivo desta pesquisa é analisar a implantação e implementação do programa “Articulação Médio Superior” (AMS), no Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CEETEPS). Para tanto, existe a necessidade de conhecer os processos e procedimentos pedagógicos realizados no cotidiano escolar pelo Diretor, Coordenador Pedagógico, Coordenador de Curso, Coordenador Técnico, Professor e Aluno, com o propósito de atingir esse objetivo optou-se por realizar entrevistas com a equipe de gestão pedagógica, professores e alunos de maneira presencial, individual, visando conhecer suas concepções no fazer das ações do cotidiano escolar, no desenvolvimento dos processos e procedimentos pedagógicos e administrativos na implementação desse programa. O pesquisador responsável por essa pesquisa é o Prof. Dr. Nonato Assis de Miranda, ele é Professor, do Programa de Pós-graduação em Educação, Campus Conceição, da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS).

Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa, e lhe asseguro que o seu nome não será divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que permitam identificá-lo(a)

As informações serão obtidas da seguinte forma:

Etapa 1: O entrevistador apresentará a proposta da pesquisa, explanando sobre a justificativas e objetivos, será entregue a você um formulário socioeconômico para responder.

Etapa 2: O tempo de duração da entrevista (30 a 60 min) e será realizada individualmente, para que sua identidade e as informações prestadas por você durante a pesquisa sejam mantidas em sigilo.

Etapa 3: A transcrição das informações será realizada no momento da entrevista, essas informações serão lidas para você ao final da entrevista para sua ciência e acordo.

Etapa 4: A transcrição das informações prestadas será digitada (documento word) e armazenadas em notebook pessoal (entrevistador), para garantir o sigilo de sua identidade, bem como serão utilizados códigos e não seu nome na transcrição das informações, ressaltando que esses códigos só serão de conhecimento do entrevistador, que se compromete em manter sigilo absoluto.

Etapa 5: Os tópicos que serão abordados nas entrevistas serão:

- dados pessoais, formação acadêmica, trajetória no Centro Paula Souza;
- quais são suas projeções para o seu futuro profissional;
- sua experiência profissional; “sucessos” e “desilusões” ao longo de sua carreira profissional;(expectativas)
- qual foi a sua motivação para participar da implementação da modalidade de ensino verticalizado;
- quais foram os desafios para a implementação do currículo verticalizado no desenvolvimento das atividades pedagógicas e administrativas;
- qual a sua percepção no que concerne a parceria Escola, Universidade e Empresa;
- qual a sua percepção sobre as atividades propostas pela empresa parceira:
- quais foram os desafios para a execução das atividades propostas pela empresa parceira;
- quais foram os maiores obstáculos para a implementação da modalidade de ensino AMS e quais as sugestões para melhorar o processo;
- o que você mudaria para melhorar ou agilizar processo de implementação do currículo verticalizado e das ações da equipe de gestão.
- qual a sua percepção sobre essa modalidade de ensino após ter sido implementada;

Etapa 6: Caso você não se sinta à vontade para responder um ou mais desses tópicos, poderá solicitar ao entrevistador que exclua o item.

Etapa 7: Você receberá o TCLE para dar o aceite de participação na entrevista, o entrevistador fará uma explicação referente ao TCLE e irá dirimir as possíveis dúvidas que você possa ter sobre o documento. Também, será entregue a você um formulário socioeconômico para responder.

Etapa 8: Você poderá deixar de responder a qualquer questionamento do entrevistador, bem como se assim desejar deixar de participar da entrevista a qualquer momento, ainda podendo solicitar ao final da entrevista que as informações prestadas ao entrevistador não sejam utilizadas.

Etapa 9: Durante a entrevista o entrevistador se compromete a manter um diálogo tranquilo e acolhedor, com o intuito de manter o entrevistado tranquilo e confortável para expressar suas opiniões.

Etapa 10: Ao término da entrevista, a transcrição das informações será lida para sua ciência, onde você poderá solicitar o acréscimo ou exclusão de qualquer informação, ou ainda solicitar esclarecimentos de dúvidas que possam existir.

Vale ressaltar que o entrevistado não terá que arcar com nenhum custo, sendo de responsabilidade do entrevistador custear possíveis deslocamentos e lanche para o entrevistado.

Sua participação pode envolver os seguintes riscos:

- desconforto ou constrangimento por parte do participante em algum momento da entrevista, caso ocorra, poderá solicitar o encerramento do processo sem terminá-lo, sem ônus ao participante;
- apesar de ter se manifestado favorável para participar da entrevista acaba não tendo disponibilidade de tempo, ou por motivos de doença ou questões particulares poderá deixar de participar, sem ônus ao participante
- participar da entrevista e depois não se sentir confortável com a utilização das informações prestadas ao entrevistador, você poderá solicitar ao entrevistador que não sejam utilizadas na pesquisa, sem ônus ao participante.

Sua participação pode ajudar o pesquisador a entender melhor o processo de implementação de uma nova modalidade de ensino, que poderá contribuir para a promoção da melhoria dos procedimentos e atividades do seu cotidiano escolar, corroborando com a melhoria do desenvolvimento do seu trabalho pedagógico e com a qualidade do ensino ofertado aos alunos.

Assim, você está sendo consultado sobre seu interesse e disponibilidade de participar dessa pesquisa. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não acarretará nenhuma penalidade.

Você não receberá pagamentos por ser participante. Se houver gastos com transporte ou alimentação, eles serão ressarcidos pelo(a) pesquisador(a) responsável. Todas as informações obtidas por meio de sua participação serão de uso exclusivo para esta pesquisa e ficarão sob a guarda do(a) pesquisador(a) responsável. Caso a pesquisa resulte em dano pessoal, o ressarcimento e indenizações previstos em lei poderão ser requeridos pelo participante. Os pesquisadores poderão contar para você os resultados da pesquisa quando ela terminar, se você quiser saber.

Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você pode entrar em contato com o(a) pesquisador(a) através do telefone (11) 94464-2504 pelo e-mail soraya.contro@etec.sp.gov.br

Este estudo foi analisado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Municipal de São Caetano do Sul. O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos, visando garantir a dignidade, os direitos e a segurança de participantes de pesquisa. Caso você tenha dúvidas

e/ou perguntas sobre seus direitos como participante deste estudo, ou se estiver insatisfeito com a maneira como o estudo está sendo realizado, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (CEP-USCS), situado na Rua Santo Antônio, 50, 2º andar, São Caetano do Sul, CEP 09521-160, telefone (11) 4239-3282, de segunda a sexta das 14h às 16h, ou pelo e-mail cep@online.uscs.edu.br.

No caso de aceitar fazer parte como participante, você e o pesquisador devem rubricar todas as páginas e também assinar as duas vias desse documento. Uma via é sua. A outra via ficará com o(a) pesquisador(a).

Consentimento do participante²

Eu, abaixo assinado, entendi como é a pesquisa, tirei dúvidas com o(a) pesquisador(a) e aceito participar, sabendo que posso desistir em qualquer momento, durante e depois de participar. Autorizo a divulgação dos dados obtidos neste estudo mantendo em sigilo minha identidade informo que recebi uma via deste documento com todas as páginas rubricadas e assinadas por mim e pelo(a) Pesquisador(a) Responsável.

Nome _____ do(a)

participante: _____

Assinatura: _____ local _____ e

data: _____

Declaração do pesquisador

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária, o Consentimento Livre e Esclarecido deste participante (ou representante legal) para a participação neste estudo. Declaro ainda que me comprometo a cumprir todos os termos aqui descritos.

Nome _____ do(a) _____ Pesquisador(a):

Assinatura: _____

Local/data: _____

Nome do auxiliar de pesquisa (Se houver): _____

Assinatura: _____

Local/data: _____

ANEXO B

Termo de anuência de pesquisa CETEC/Gse



SÃO PAULO
GOVERNO DO ESTADO

Gestão Pedagógica – CETEC/GSE

Assunto: autorização de pesquisa

Número de Referência: 139/2023 - GSE/Geped

Prezada Profa. Soraya Kullerkupp Contro,

A área da Gestão Pedagógica (Geped) do Grupo de Supervisão Educacional realizou análise da documentação, enviada por e-mail, referente ao pedido de autorização de pesquisa de Mestrado do Programa de Pós Graduação em Educação Escolar da Universidade Municipal de São Caetano do Sul, com o título do trabalho “Verticalização do Ensino: Implementação do Programa de Integração entre o Ensino Médio a Educação Profissional Articulado ao Ensino Superior (AMS)” sob a responsabilidade da Profa. Soraya Kullerkupp Contro, Supervisora escolar do Núcleo Regional Grande São Paulo Sul e Baixada Santista da Cetec.

De acordo com a documentação, a investigação direciona-se para: “compreender como os elementos constitutivos da articulação do ensino médio com o superior podem contribuir para a consolidação da verticalização do ensino na Educação Profissional, bem como sua contribuição na transposição de nível de ensino pelos alunos e seus possíveis impactos na redução da estratificação educacional em nosso país”.

O objetivo primário da pesquisa é adquirir conhecimento das práticas da equipe de gestão escolar no acompanhamento da implementação do ensino verticalizado, mais precisamente da modalidade de ensino Articulação Médio Superior (AMS).

A docente acrescentou o "Termo de Consentimento Livre e Esclarecido", datado de 09/11/2023, bem como documento sobre pesquisa da “Plataforma Brasil”, de 20/10/2023. Após análise da solicitação da Profa. Soraya Kullerkupp Contro, a Área de Gestão Pedagógica do Grupo de Supervisão Escolar manifesta-se **favoravelmente** à realização da pesquisa e entrevistas junto aos diretores, Coordenadores Pedagógicos, Coordenadores de Curso, docentes e discentes das unidades de ensino que participam do Programa AMS, no Centro Paula Souza.

É o Parecer.

São Paulo, 22 de dezembro de

2023. Atenciosamente,

AMNERIS RIBEIRO CACIATORI
Gestora de Supervisão Educacional
Área Pedagógica

ANEXO C

Termo de anuência pesquisa de mestrado



Governo do Estado de São Paulo

Centro Paula Souza

Gabinete do Diretor Superintendente

TERMO

Nº do Processo: 136.00119769/2024-69

Interessado: Soraya Kullerkupp Contro

Assunto: Termo de anuência - Projeto de pesquisa intitulado “Verticalização do Ensino: Implementação do Programa de Integração entre o Ensino Médio a Educação Profissional Articulado ao Ensino Superior (AMS)”

Eu, **Vahan Agopyan**, representante legal da Secretaria da Ciência, Tecnologia e Inovação, estou de acordo com a execução do projeto de pesquisa intitulado “Verticalização do Ensino: Implementação do Programa de Integração entre o Ensino Médio a Educação Profissional Articulado ao Ensino Superior (AMS)”, coordenado pela pesquisadora Soraya Kullerkupp Contro, portadora do CPF Nº 088.924.038-85 desenvolvido na Universidade Municipal de São Caetano do Sul-SP.

Declaramos ciência e autorizamos a realização da pesquisa,
como determinam as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a 466/12 e suas complementares.

São Paulo, na data da assinatura digital.

Vahan Agopyan

Secretário de Estado



Documento assinado eletronicamente por Vahan Agopyan, Secretário, em 11/07/2024, às 18:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no [Decreto Estadual nº 67.641, de 10 de abril de 2023](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.sp.gov.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, infor